

# CARTAS AOS CORÍNTIOS

1Coríntios

COMENTÁRIO ESPERANÇA

autor

Werner de Boor

Editora Evangélica Esperança

Copyright © 2004, Editora Evangélica Esperança

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados pela:

Editora Evangélica Esperança  
Rua Aviador Vicente Wolski, 353  
82510-420 Curitiba-PR

E-mail: [eee@esperanca-editora.com.br](mailto:eee@esperanca-editora.com.br)  
Internet: [www.esperanca-editora.com.br](http://www.esperanca-editora.com.br)

Editora afiliada à ASEC e a CBL

Título do original em alemão: *Der erste Brief des Paulus an die Korinter*

Copyright © 1983 R. Brockhaus Verlag, Wuppertal, Alemanha

**Todos os direitos reservados.**

**É proibida a reprodução total ou parcial sem permissão escrita dos editores.**

**Tradução:** Werner Fuchs

**Citações bíblicas:** O texto bíblico utilizado, com a devida autorização, é a versão Almeida Revista e Atualizada (RA) 2ª edição, da Sociedade Bíblica do Brasil, São Paulo, 1993.

**Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)**  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Boor, Werner de, 1899-1976

Cartas aos Coríntios / Werner de Boor; tradução Werner Fuchs -- Curitiba, PR : Editora Evangélica Esperança, 2004.

Título original: *Der erste Brief des Paulus an die Korinter*

Bibliografia.

ISBN 85-86249-68-8 Brochura

ISBN 85-86249-69-6 Capa dura

1. Bíblia. N.T. Coríntios - Comentários I.Título.

03-7404 CDD-227.207

# *Sumário*

ORIENTAÇÕES PARA O USUÁRIO DA SÉRIE DE COMENTÁRIOS

ÍNDICE DE ABREVIATURAS

PREFÁCIO DO AUTOR

## **QUESTÕES INTRODUTÓRIAS**

1. O escrito de Paulo como verdadeira carta
2. A cidade de Corinto
3. O surgimento da igreja em Corinto
4. As dificuldades na igreja
5. O motivo da primeira carta aos Coríntios
6. Peculiaridade e unidade da carta
7. A integridade e boa conservação da carta
8. Local e época da redação
9. A transmissão manuscrita da carta

## **COMENTÁRIO**

A saudação inicial, 1.1-3

A gratidão pela igreja, 1.4-9

As dissensões na igreja, 1.10-17

A palavra da cruz, 1.18-25

À palavra da cruz corresponde a imagem da igreja, 1.26-31

À palavra da cruz corresponde também a atitude do emissário verdadeiro, 2.1-5

A sabedoria do Espírito Santo, 2.6-16

O papel dos mensageiros no trabalho da igreja, 3.1-9

O juízo sobre a colaboração nodesenvolvimento da igreja, 3.10-17

A igreja e os mensageiros, 3.18-23

Não se precipitar no julgamento dos mensageiros, 4.1-5

Vida apostólica, 4.6-13

O envio de Timóteo a Corinto e anúncio da visita pessoal, 4.14-21

O juízo sobre o homem que secasou com a madrasta, 5.1-5

A necessária purificação da igreja, 5.6-13

Demandas legais na igreja, 6.1-11

Por que pureza sexual?, 6.12-20

Ser casado e solteiro na igreja de Jesus, 7.1-7

A questão do divórcio, 7.8-16

Permanença em sua condição!, 7.17-24

Não se casar – algo também para as moças da igreja?, 7.25-40

“Conhecimento” e “amor” na questão do consumo de carne sacrificada a ídolos, 8.1-13

O direito dos mensageiros de obter sustento, 9.1-14

A “liberdade” de Paulo na dedicação integral a seu serviço, 9.15-23

O desportista como imagem do cristão, 9.24-27

O exemplo admoestador do povo de Israel, 10.1-13

Nova advertência diante da oferta a ídolos, 10.14-22

E o consumo de carne nas demais circunstâncias?, 10.23–11.1

Será que a mulher deve cobrir a cabeça?, 11.2-16

A ameaça à ceia do senhor na igreja, 11.17-34

Acerca dos efeitos do Espírito Santo

1. As características da atuação do Espírito, 12.1-11
2. A igreja como “corpo de Cristo”, 12.12-31a
3. O essencial agora e na eternidade é o amor, 12.31b–13.13
4. Do “falar em línguas” e do “falar profético”, 14.1-19
5. O efeito dos dois dons do Espírito sobre os incrédulos, 14.20-25
6. Instruções para as reuniões da igreja, 14.26-33a

As mulheres devem se calar na reunião da igreja, 14.33b-36

Uma palavra de síntese sobre os dons espirituais, 14.37-40

O cerne fundamental do evangelho, 15.1-11

As consequências de negar a ressurreição de Jesus, 15.12-19

A importância universal da ressurreição de Jesus, 15.20-28

A importância da ressurreição para a atitude pessoal na vida, 15.29-34

O corpo espiritual, 15.35-49

O evento da ressurreição dos mortos, 15.50-58

Instruções sobre a arrecadação de dinheiro para Jerusalém, 16.1-4

O plano de viagem do apóstolo e a visita de Timóteo, 16.5-12

O reconhecimento de colaboradores engajados, 16.13-18

Saudações finais, 16.19-24

Indicações bibliográficas

## *ORIENTAÇÕES PARA O USUÁRIO DA SÉRIE DE COMENTÁRIOS*

### **Com referência ao texto bíblico:**

O texto de 1Coríntios está impresso em negrito. Repetições do trecho que está sendo tratado também estão impressas em negrito. O itálico só foi usado para esclarecer dando ênfase.

### **Com referência aos textos paralelos:**

A citação abundante de textos bíblicos paralelos é intencional. Para o seu registro foi reservada uma coluna à margem.

### Com referência aos manuscritos:

Para as variantes mais importantes do texto, geralmente identificadas nas notas, foram usados os sinais abaixo, que carecem de explicação:

**TM** O texto hebraico do Antigo Testamento (o assim-chamado “Texto Massorético”). A transmissão exata do texto do Antigo Testamento era muito importante para os estudiosos judaicos. A partir do século II ela tornou-se uma ciência específica nas assim-chamadas “escolas massoréticas” (massora = transmissão). Originalmente o texto hebraico consistia só de consoantes; a partir do século VI os massoretas acrescentaram sinais vocálicos na forma de pontos e traços debaixo da palavra.

Manuscritos importantes do texto massorético:

Manuscrito: redigido em: pela escola de:

*Códice do Cairo* (C) 895 Moisés ben Asher

*Códice da sinagoga de Aleppo* depois de 900 Moisés ben Asher

(provavelmente destruído por um incêndio)

*Códice de São Petersburgo* 1008 Moisés ben Asher

*Códice nº 3 de Erfurt* século XI Ben Naftali

*Códice de Reuchlin* 1105 Ben Naftali

**Qumran** Os textos de Qumran. Os manuscritos encontrados em Qumran, em sua maioria, datam de antes de Cristo, portanto, são mais ou menos 1.000 anos mais antigos que os mencionados acima. Não existem entre eles textos completos do **AT**. Manuscritos importantes são:

- O texto de Isaías
- O comentário de Habacuque

**Sam** O Pentateuco samaritano. Os samaritanos preservaram os cinco livros da lei, em hebraico antigo. Seus manuscritos remontam a um texto muito antigo.

**Targum** A tradução oral do texto hebraico da Bíblia para o aramaico, no culto na sinagoga (dado que muitos judeus já não entendiam mais hebraico), levou no século III ao registro escrito no assim-chamado Targum (= tradução). Estas traduções são, muitas vezes, bastante livres e precisam ser usadas com cuidado.

**LXX** A tradução mais antiga do **AT** para o grego é chamada de “Septuaginta” (**LXX** = setenta), por causa da história tradicional da sua origem. Diz a história que ela foi traduzida por 72 estudiosos judeus por ordem do rei Ptolomeu Filadelfo, em 200 a.C., em Alexandria. A **LXX** é uma coletânea de traduções. Os trechos mais antigos, que incluem o Pentateuco, datam do século III a.C., provavelmente do Egito. Como esta tradução remonta a um texto hebraico anterior ao dos massoretas, ela é um auxílio importante para todos os trabalhos no texto do **AT**.

**Outras** Ocasionalmente recorre-se a outras traduções do **AT**. Estas têm menos valor para a pesquisa de texto, por serem ou traduções do grego (provavelmente da **LXX**), ou pelo menos fortemente influenciadas por ela (o que é o caso da Vulgata):

- Latina antiga por volta do ano 150
- Vulgata (tradução latina de Jerônimo) a partir do ano 390
- Copta séculos III-IV
- Etíope século IV

## ÍNDICE DE ABREVIATURAS

### I. Abreviaturas gerais

AT Antigo Testamento

cf confira

col coluna

gr	Grego
hbr	Hebraico
km	Quilômetros
lat	Latim
LXX	Septuaginta
NT	Novo Testamento
opr	Observações preliminares
par	Texto paralelo
p. ex.	por exemplo
pág.	página(s)
qi	Questões introdutórias
TM	Texto massorético
v	versículo(s)

## II. Abreviaturas de livros

Bl-De	<i>Grammatik des ntst Griechisch</i> , 9ª edição, 1954. Citado pelo número do parágrafo
CE	<i>Comentário Esperança</i>
Ki-ThW	Kittel: <i>Theologisches Wörterbuch</i>
NTD	<i>Das Neue Testament Deutsch</i>
Radm	<i>Neutestl. Grammatik</i> , 1925, 2ª edição, Rademacher
St-B	<i>Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrasch</i> , vol. I-IV, H. L. Strack, P. Billerbeck
W-B	<i>Griechisch-deutsches Wörterbuch zu den Schriften des Neuen Testaments und der frühchristlichen Literatur</i> , Walter Bauer, editado por Kurt e Barbara Aland

## III. Abreviaturas das versões bíblicas usadas

O texto adotado neste comentário é a tradução de João Ferreira de Almeida, Revista e Atualizada no Brasil, 2ª ed. (RA), SBB, São Paulo, 1997. Quando se fez uso de outras versões, elas são assim identificadas:

BLH	Bíblia na Linguagem de Hoje (1998)
BJ	Bíblia de Jerusalém (1987)
BV	Bíblia Viva (1981)
NVI	Nova Versão Internacional (1994)
RC	Almeida, Revista e Corrigida (1998)
TEB	Tradução Ecumênica da Bíblia (1995)
VFL	Versão Fácil de Ler (1999)

## IV. Abreviaturas dos livros da Bíblia

### ANTIGO TESTAMENTO

Gn	Gênesis
Êx	Êxodo
Lv	Levítico
Nm	Números
Dt	Deuteronômio
Js	Josué
Jz	Juizes
Rt	Rute
1Sm	1Samuel
2Sm	2Samuel
1Rs	1Reis
2Rs	2Reis
1Cr	1Crônicas
2Cr	2Crônicas

Ed Esdras  
Ne Neemias  
Et Ester  
Jó Jó  
Sl Salmos  
Pv Provérbios  
Ec Eclesiastes  
Ct Cântico dos Cânticos  
Is Isaías  
Jr Jeremias  
Lm Lamentações de Jeremias  
Ez Ezequiel  
Dn Daniel  
Os Oséias  
Jl Joel  
Am Amós  
Ob Obadias  
Jn Jonas  
Mq Miquéias  
Na Naum  
Hc Habacuque  
Sf Sofonias  
Ag Ageu  
Zc Zacarias  
Ml Malaquias

*NOVO TESTAMENTO*

Mt Mateus  
Mc Marcos  
Lc Lucas  
Jo João  
At Atos  
Rm Romanos  
1Co 1Coríntios  
2Co 2Coríntios  
Gl Gálatas  
Ef Efésios  
Fp Filipenses  
Cl Colossenses  
1Te 1Tessalonicenses  
2Te 2Tessalonicenses  
1Tm 1Timóteo  
2Tm 2Timóteo  
Tt Tito  
Fm Filemom  
Hb Hebreus  
Tg Tiago  
1Pe 1Pedro  
2Pe 2Pedro  
1Jo 1João  
2Jo 2João  
3Jo 3João

### *PREFÁCIO DO AUTOR*

A primeira epístola aos Coríntios não é um tratado teológico, escrito por alguém no sossego do escritório. Ela se insere no âmago de uma história movimentada, sim, ela própria é uma parte da “história”, um acontecimento vivo entre a igreja de Corinto e seu apóstolo.

Em vista disso, quem desejar compreender esta carta precisa lê-la como sendo “histórica”. Nesse empreendimento se deparará com aspectos que para nós pertencem ao passado. Entre nós não existem mais “escravos” da maneira como acontecia na Antigüidade. Desconhecemos a “carne sacrificada a ídolos”. Nenhuma mulher usa “véu”, como no tempo dos apóstolos. E nenhum de nós considerará uma “vergonha” que uma mulher fale em público.

Não obstante, o milagre da Bíblia é que a primeira carta aos Coríntios não representa um mero documento árido daquela época, que interessa somente aos aficionados pela História, mas que esse escrito condicionado à época, enviado por Paulo a uma determinada igreja histórica, se evidencia como palavra de Deus presente, viva, eloquente e eficaz até hoje, em todo o mundo e sob as mais diversas condições imagináveis.

Obviamente ela não aborda – com exceção do capítulo 13 – problemas de conhecimento e doutrina que nos interessam de forma peculiar. Pelo contrário, a carta está repleta de questões a respeito da construção da igreja e da vida comunitária. Nós, porém, nem sequer temos mais noção do que vem a ser “igreja de Deus”. Diante dos nossos olhos está o indivíduo humano, que precisa ser despertado e convertido pela proclamação, e depois incentivado na vida cristã pessoal. Conseqüentemente, ao contrário das cartas aos Romanos e aos Gálatas, a primeira epístola aos Coríntios permaneceu estranha a nós precisamente por causa de sua simplicidade. Rendia muito pouco para a “edificação” pessoal, porque sua ênfase total reside na “construção” da igreja. Mas justamente por isso é tão necessário que hoje voltemos a conhecer essa carta de fato, permitindo que ela nos diga como surge a igreja de Jesus e como ela vive na fé e no amor.

É a esse propósito que este comentário visa servir. Seu alvo será alcançado quando a própria carta se tornar viva para o leitor, falando a ele com sua autoridade inerente.

Schwerin, 24 de outubro de 1967

*Werner de Boor*

# **QUESTÕES INTRODUTÓRIAS**

## **1. O escrito de Paulo como verdadeira carta**

Se quisermos ler e compreender bem a primeira epístola aos Coríntios precisaremos considerar em primeiro lugar que se trata de uma verdadeira “carta”. Na realidade, ela está entre os “escritos didáticos” do NT, e há uma boa razão para isso. Como autêntico “professor”, o apóstolo Paulo tenta, por meio dela, conduzir a igreja em Corinto a um entendimento claro de numerosas questões. Apesar disso, a carta não é um tratado teológico que aborda básica e amplamente assuntos quaisquer. Uma carta se dirige a pessoas determinadas numa situação concreta. Aborda suas perguntas, conecta-se com o raciocínio delas. Ressalta os aspectos de um assunto que no momento são importantes para elas. Outros aspectos, que talvez sejam muito interessantes para nós, ela nem sequer menciona. Afinal, uma carta precisa ser breve. Tão somente consegue aludir a numerosos pontos. Por essa razão, a compreensão de uma carta também depende de que tenhamos uma certa imagem das pessoas a que ela se dirige em suas elaborações. Se não formos capazes de obter uma imagem clara, ou pelo menos suficientemente clara, estaremos diante de uma barreira intransponível para o entendimento.

Ocorre, porém, que com relação a essa carta nos encontramos na contingência difícil de não dispor de outras fontes para conhecer a igreja de Corinto, à qual Paulo escreve. É unicamente a partir dessa carta que podemos tentar inferir qual era a situação dos destinatários da carta. Não conseguimos nos livrar de um determinado “ciclo”: a interpretação precisa pressupor aquilo que somente somos capazes de depreender da leitura e interpretação da própria carta. Por isso é inevitável que assim muitos aspectos permaneçam incertos. Contudo, será útil para o leitor, à medida em que avança na leitura da carta, ter de antemão determinada noção dos destinatários da carta e sua situação exterior e interior. Essa noção terá de ser corroborada e consolidada pela própria interpretação.

## **2. A cidade de Corinto**

A cidade de Corinto, à qual Paulo chegou no outono do ano de 50 d.C., como mensageiro de Jesus, não era mais a antiga Corinto da era clássica. Essa Corinto antiga fora completamente destruída no ano de 146 a.C. quando a Grécia foi conquistada pelos romanos, e jazera em ruínas durante um século. Somente Júlio César ordenou a reconstrução no ano de 44 a.C. Agora se formara uma cidade completamente nova, que experimentara um florescimento exterior rápido e atraía pessoas de todos os países. Em virtude de sua localização, Corinto era uma cidade especialmente apropriada para a navegação e o comércio nas condições da época. Ligada ao restante da Grécia por meio de uma estreita faixa terrestre, o “istmo de Corinto”, ela tinha dois portos, tanto a norte quando a sul desta faixa. O porto setentrional Lequéia ficava localizado no golfo de Corinto e acolhia a navegação do lado ocidental do Mar Mediterrâneo. A cidade portuária ao sul, Cencréia, no golfo de Egina, estava aberto para as embarcações que viajavam pelo setor leste do Mar Mediterrâneo, até a Ásia Menor, a Palestina e o Egito. Conseqüentemente, Corinto se tornou o mais importante local de cabotagem do comércio entre o Ocidente e o Oriente do mundo mediterrâneo. Não era nenhum milagre que a cidade progredisse e se tornasse celeremente uma grande e rica cidade comercial. Sobretudo em vista da ausência de uma população autóctone tradicional, isso levou a uma vida luxuosa e desregrada que se tornou praticamente proverbial. “Corintizar”, ou seja, “viver como um coríntio”, significava levar uma vida de prazeres desenfreados. Ao lado da rica elite de Corinto, porém, havia grandes multidões de escravos e grupos populacionais humildes. Por essa razão eram grandes as diferenças sociais em Corinto.

A vida sexual era amplamente corrompida no final da Antigüidade, e muito mais ainda em Corinto. Já na era clássica grega o grande orador Demóstenes declarara: “Temos amantes para nos regozijarmos com elas, depois escravas compradas, para cuidarem de nossos corpos, e finalmente esposas, que devem conceder-nos filhos legítimos e estão encarregadas de supervisionar todos os nossos misteres domiciliares.” Qual não deve ter sido a situação quando o senso oriental havia perpassado o Ocidente em épocas posteriores. Agora a “prostituição sacra” também se tornou conhecida na Grécia. Em Corinto havia o grande templo de Afrodite, a “deusa do amor”. Em pequenas casas adornadas de rosas ao redor deste templo viviam mil sacerdotisas da divindade, que se entregavam a cada visitante no culto à ela. Para o sentimento da época, freqüentar essas casas não tinha nada de escandaloso.

No aspecto religioso Corinto deve ter ostentado a mesma imagem conturbada que se constata em todos os lugares daquele tempo. O culto aos deuses antigos era preservado naturalmente como peça indispensável da vida estatal e civil. Contudo, em ampla medida deixara de ter um significado realmente religioso. Quando havia um anseio interior nas pessoas, elas buscavam satisfação nos ensinamentos e conceitos filosóficos ou se voltavam aos “mistérios”, cujas cerimônias enigmáticas prometiam aos iniciados vida divina e superação da morte. Contudo, também os cultos de divindades orientais, especialmente egípcias, conquistavam uma crescente influência.

Corinto também hospedava um contingente de judeus que tinham como centro vital uma sinagoga. Ela também influenciava seu contexto, transformando numerosos gregos em “prosélitos”. A antiquíssima origem da revelação do AT, a mensagem nítida do Deus único, Criador do céu e da terra, a milagrosa história de Israel, a clara organização da vida humana pelos mandamentos de Deus, tudo forçosamente exercia uma atração justamente sobre as pessoas sérias em uma época de incerteza e confusão interior. No entanto, nem mesmo em Corinto faltava o “anti-semitismo” que perpassava todo o Império Romano. Esse anti-semitismo expressou-se de maneira significativa quando os judeus acusaram Paulo perante o recém-nomeado procônsul Gálio por meio da rejeição da queixa e do comportamento dos presentes ao tribunal (At 18.12-17).

### 3. O surgimento da igreja em Corinto

Paulo viera de Atenas para Corinto. Não sabemos se o fez por terra, viajando pelo istmo, ou por navio. Tinha realizado aquele grande e emocionante itinerário em que, contra suas intenções originais (At 16.6s), o Espírito o dirigiu de forma especial, até mesmo por meio de uma visão noturna, da Ásia para a Europa. Na Macedônia, sua evangelização em Filipos e Tessalônica levava à fundação de igrejas. Contudo, depois de pouco tempo eventos tumultuados o forçaram a sair de ambas as cidades. Em Atenas, depois de diversos diálogos com filósofos, conseguiu conquistar alguns ouvintes para o evangelho através de um único discurso no Areópago (At 17). Não chegou ao ponto de batizar e organizar uma igreja. Porém Paulo não estava desanimado. Sempre se empenhava em atingir as cidades importantes, a partir das quais a mensagem de Jesus se irradiaria para as terras adjacentes tão logo estivesse enraizada na cidade em si. Por isso seu olhar se voltou de Atenas para Corinto, que não ficava muito distante.

Entretanto, será que essa metrópole, com sua vida mal-afamada, poderia ser um campo missionário apropriado? Será que aqui Paulo poderia ter alguma esperança de sucesso para o evangelho? De forma alguma Paulo deve ter feito esta pergunta. Ele era incumbido por seu Senhor, ele “tinha de” evangelizar (1Co 9.16). O “sucesso” não era com ele. Mas ele contava com a “demonstração do Espírito e de poder” (1Co 2.4) até mesmo numa cidade como Corinto, e acabou tendo razão. O milagre aconteceu. Foi precisamente em Corinto que surgiu uma igreja de Deus singularmente grande e viva.

O surgimento é relatado em Atos dos Apóstolos 18.1-11. A princípio Paulo chegou a Corinto sozinho. Na metrópole estranha encontrou trabalho e alojamento com o casal Áquila e Priscila, que – tendo chegado há pouco de Roma – havia estabelecido em Corinto seu empreendimento artesanal. É provável que o casal já abraçara a fé em



Cristo em Roma. Como em todos os lugares, também em Corinto Paulo começou sua proclamação na sinagoga. Depois de desincumbirem-se de sua tarefa na Macedônia ([At 17.14](#); [1Ts 3.1s](#)), Silvano e Timóteo tornaram a unir-se a Paulo. Foi então que começou aquele “trabalho em equipe” sobre o qual Paulo lança um grato retrospecto em [2Co 1.19](#). Contudo, também nesse caso os judeus como grupo tomaram uma decisão negativa, em vista da qual Paulo foi obrigado a alugar um recinto próprio para seu evangelho, situado bem ao lado da sinagoga ([At 18.6s](#)). O intuito era deixar claro que Israel continuava sendo chamado para seu Rei e Redentor. Isso de fato não foi em vão. O presidente da sinagoga, Crespo, aceitou a fé e foi batizado pessoalmente por Paulo ([1Co 1.14](#)). Não deve ter sido o único judeu que reconheceu em Jesus o Messias. Contudo, a igreja que passou a ser formada era essencialmente de gentios cristãos.

Não é admissível elaborar uma imagem unilateral da igreja a partir de [1Co 1.26ss](#). Sem dúvida também podiam ser encontrados nela escravos, aos quais Paulo se dirige de maneira especial em [1Co 7.20-22](#). Porém a parte principal do cap. 7 fornece instruções para o matrimônio e o divórcio, para casar ou deixar solteiras as filhas, o que somente podia ser feito por pessoas “livres”. Conseqüentemente, um grande contingente da igreja deve ter sido formado por “livres”. [1Co 11.21](#) evidencia que também pessoas abastadas pertenciam à igreja. E não devem ter sido em pequeno número, uma vez que se tornava necessário abordar exaustivamente a questão da participação em banquetes festivos em templos e casas particulares ([1Co 8 e 10](#)). Igualmente não eram escravos e pessoas pobres que abriam processos sobre propriedades diante de tribunais seculares. Os fortes contrastes sociais da cidade penetravam na igreja e ameaçavam sua unidade. Nas refeições comunitárias alguns passam fome, e outros se fartam.

Depois de um trabalho de um ano e meio ([At 18.11](#)) – que tempo curto para a edificação de uma igreja! – também em Corinto os judeus tentaram expulsar Paulo com auxílio dos órgãos estatais romanos. A tentativa fracassou diante da atitude do procônsul romano Gálio. Irmão do conhecido filósofo romano Sêneca, Gálio nem sequer acolheu as queixas e observou com indiferença enquanto o presidente da sinagoga Sóstenes era açoitado diante de seus olhos. Por isso Paulo conseguiu permanecer mais algum tempo em Corinto, mas depois retornou até Antioquia via Éfeso ([At 18.18-22](#)).

Breve tempo depois – dados cronológicos exatos não são possíveis por causa das notícias esparsas – Apolo chegou a Corinto, continuando com êxito a evangelização ([At 18.27s](#)). Ele fortaleceu e aprofundou a vida de fé e era valorizado por toda a igreja, como comprova um novo convite, evidentemente oficial, para que torne a visitar Corinto ([1Co 16.17](#)). Ele atuou de modo especial no meio da população judaica. Reuniu em torno de si um grupo de pessoas que eram cristãs graças a ele ([1Co 1.12](#)). Em [1Co 3.5](#) Paulo fala de membros da igreja que chegaram à fé por intermédio de Apolo.

A igreja tornou a crescer quando chegaram cristãos do Oriente que consideravam Cefas (Pedro) o homem destacado do primeiro cristianismo ([1Co 1.12](#); cf. também [2Co 11.5](#)). Dificilmente podemos supor que o próprio Pedro tenha vindo a Corinto e evangelizado ali.

Portanto havia acontecido em Corinto um trabalho de múltiplas facetas, e – diferentemente de Filipos e Tessalônica – surgiu uma igreja heterogênea. Suas características e forças naturais “gregas”, ou melhor, “helenistas” levaram a uma vida eclesial rica e ativa, porém em breve também constituíram pontos especiais de perigo.

## 4. As dificuldades na igreja

“Quando os ventos de Deus sopram do trono da glória e perpassam a terra, então é tempo abençoado.” Esse “tempo abençoado” com certeza também ocorreu inicialmente em Corinto, quando ressoou o júbilo dos salvos, e uma igreja de Deus no meio dessa metrópole começou a viver uma vida nova. Contudo, mais cedo ou mais tarde cada pessoa convertida percebe que essa vida nova não continua se desenvolvendo sem dificuldades. Nossa velha natureza não foi simplesmente despida por meio do renascimento, mas se manifesta vigorosamente de acordo com nosso modo de ser. E onde um grande número de pessoas precisa viver uma vida em comum, manifestam-se muitas dificuldades e aflições que ameaçam a convivência a partir de nosso ser natural. Justamente numa igreja que ficou sem a pressão de tribulações externas, elas em breve apareceram. O velho ser egoísta (a “carne”, como a Bíblia costuma dizer) se desenvolveu, manifestando em Corinto características tipicamente “gregas”.

A partir de nossas concepções costumeiras pensamos imediatamente em “heresias” quando ouvimos a respeito de dificuldades e cisões numa igreja cristã. Por isso, a pesquisa também tentou repetidamente elaborar um quadro das “heresias” em Corinto. Contudo, não é disso que se trata. Tampouco ocorre, como na Galácia ou em Colossos, a irrupção de um pensamento “legalista” e de uma devoção “legalista”, mediante o entusiasmo para realizações e práticas especiais. Pelo contrário, uma parcela da igreja está repleta de exultação pela “liberdade”. O mote é “tudo me é lícito”. A vida concreta neste mundo é indiferente. Manifesta-se a alegria grega em “conhecer”, na “sabedoria” e no discurso belo e arrebatador. Se a vida da igreja tem abundância disso, se além disso surgem os misteriosos poderes divinos no falar em línguas e em outros “dons”, que então ainda importa minha vida diária? Por que não deveria eu satisfazer minhas necessidades sexuais, assim como também como e bebo? Por que não deveria eu participar de banquetes em templos dos gentios, uma vez que “sei” que os deuses ali adorados nem sequer existem? Por que não deveria eu pleitear meu “direito” contra outros membros da igreja diante de juízes gentios? Sim, não é necessário que

explicitemos com a maior clareza nossa liberdade e superioridade cristãs? Não seria um selo alvissareiro dessa liberdade o fato de alguém ter a coragem de casar-se com sua própria madrasta, desprezando toda a “moral”? Será que as mulheres na igreja não têm razão quando tiravam o “véu”, sinal da submissão ao marido, participando ao lado dos homens nas orações e profecias, indistintamente? Se outros membros da igreja permanecem “medrosos” e “fechados”, eles precisam ser arrastados pelo audacioso exemplo dos “livres”. Desse modo perdia-se cada vez mais a visão da profundidade do pecado e da gravidade da perdição, da qual o ser humano precisa ser resgatado. A cruz de Cristo perdeu a importância. Outros temas eram mais interessantes. No fluxo desse desenvolvimento cresceu entre muitos uma insatisfação com Paulo. Na verdade, ele trouxera o evangelho da liberdade da lei; no entanto, será que de certo modo não permanecera preso a uma certa estreiteza e unilateralidade? De forma alguma ele era um orador brilhante. Também o conteúdo de suas palestras era precário. Sempre giravam apenas em torno da cruz. As indagações modernas, os pensamentos audaciosos e profundos de outros mestres, também de alguém como Apolo, não eram do seu feitio. Será que Paulo não refreava o desenvolvimento da igreja? E constantemente chegavam notícias sobre aflições e sofrimentos do apóstolo. Era essa a aparência de um emissário autêntico do Rei supremo? Outros pregadores itinerantes da época não tinham uma apresentação bem diferente? Em vários círculos até se dizia que ele não era um verdadeiro apóstolo; será que havia alguma verdade nisso? É claro, uma parte da igreja confessava uma firme fidelidade a ele. “Eu sou de Paulo”, exclamava-se nesse grupo. Outros, porém, contrapunham: “Pois bem, então me declaro adepto de Apolo!” Ainda outros deixavam valer somente Pedro, e outros “tais apóstolos” (2Co 11.5), enquanto diversos enveredavam por caminhos completamente novos, pretendendo pertencer unicamente “a Cristo”, numa liberdade total de quaisquer vínculos humanos.

## 5. O motivo da primeira carta aos Coríntios

Conseqüentemente, Paulo em breve se deparou com angústias e dificuldades justamente na igreja em Corinto. No primeiro momento tentou ajudar através de uma carta que não nos foi preservada. 1Co 5.9-13 mostra que nessa carta não estavam realmente em questão os problemas doutrinários, mas a prática da vida eclesial. A igreja tolerava em seu seio “irmãos” que viviam em flagrantes e crassos pecados, sobretudo no desregramento sexual. O fato de que a exortação de Paulo de terminar a comunhão com tais pessoas ter sido mal-entendida e rejeitada como demanda impossível deixa claro quanta desconfiança e resistência contra Paulo já existiam na igreja. É verdade que a igreja como um todo ainda se sentia vinculada a seu pai espiritual. Por meio de seus amigos Paulo ouve muitas coisas a respeito da igreja, que lhe causam profunda preocupação. Finalmente a igreja também enviou homens de sua parte para Éfeso – entre os quais estava Estêvão, aliado de Paulo desde o começo, o “primícias da Grécia”, a fim de expor ao apóstolo perguntas escritas (e involuntariamente também orais). Novamente é evidente que essas perguntas não se referem a doutrinas teológicas ou diferenças dogmáticas, mas a questões práticas da vida cristã. Por sua vez, Paulo incumbiu Timóteo de fazer uma visita a Corinto após uma viagem pela Macedônia, a fim de, como representante interino do apóstolo, esclarecer à igreja a posição de Paulo diante das aflições e dificuldades da vida comunitária. Agora, porém, depois da pergunta direta da igreja e depois de obter novas notícias preocupantes de Corinto, Paulo escreve à igreja uma carta detalhada, nossa primeira epístola aos Coríntios. Ele mesmo consegue visitar a igreja apenas mais tarde, igualmente no caminho através da Macedônia, visto que não apenas deseja vê-la brevemente, mas realizar uma visita longa e exaustiva, passando ali o inverno.

## 6. Peculiaridade e unidade da carta

A primeira carta aos Coríntios é, portanto, de modo muito singular, uma verdadeira “carta”, que aborda uma após a outra as condições e aflições concretas dessa igreja específica. Por isso ele não traz, como a carta aos Romanos, um tema predominante, não investe, como a carta aos Gálatas, ardorosamente contra uma deturpação do próprio evangelho por meio de uma nova instituição da “lei”, e não versa sobre questões isoladas da doutrina cristã como as cartas aos Efésios, aos Colossenses e a segunda carta aos Tessalonicenses. Até mesmo em 1Co 15 Paulo não se defronta com uma certa heresia na questão da ressurreição, mas com uma indisposição resultante da atitude geral dos coríntios, de não crer de fato na mensagem da ressurreição e levá-la a sério em todas as suas conseqüências. Não obstante, é possível reconhecer uma unidade da presente carta, alicerçada sobre a causa em si, e não na sistematização de uma determinada teologia. 1Co 13 constitui o centro e o ápice da carta. Todas as aflições na vida da igreja em Corinto resultam em última análise da falta do verdadeiro amor, o “ágape”. Se o amor preenchesse os corações, não haveria partidos, discórdias, inveja (1Co 1-4); a igreja ficaria de luto por um caso de pecado grave em seu meio (1Co 5); ficariam impossíveis os processos entre irmãos diante de juízes seculares (1Co 6); o ordenamento da vida sexual e o uso correto do corpo se estabeleceriam sem “lei”, e as perguntas em torno do matrimônio e do celibato obteriam uma resposta viva (1Co 6 e 7). A partir do amor ao Senhor e às pessoas seria solucionado o problema da “carne sacrificada a ídolos” (1Co 8 e 10) e cresceria entre os coríntios a compreensão pela vida cheia de sofrimentos e sacrifícios de seu apóstolo, que não quer aceitar pagamento deles (1Co 4 e 9). A mulher continuaria usando tranqüilamente o “véu”, de acordo com o costume da época (1Co 11), a maléfica degradação da ceia comunitária do Senhor se tornaria impossível

(1Co 11), e a valoração dos dons espirituais obteria um critério claro (1Co 12 e 14). Por que falta esse amor em Corinto? Por que, apesar de seu conhecimento e apesar da plenitude de seus dons espirituais, os membros da igreja permanecem tão “carnais”, tão “infantis”, governados por seu próprio eu? Tirara “a palavra da cruz” do centro, em favor de uma série de “sabedorias”! Somente aprendemos o “amor” debaixo da cruz. Aqui Deus se tornou “tolo” e “fraco” para salvar a nós perdidos, desenvolvendo precisamente nisso sua sabedoria oculta para a nossa glória. É aqui que recebemos esse Espírito de Deus e o “sentimento de Cristo” que nos torna pessoas novas e amorosas (1Co 1 e 2). A partir desse ponto constrói-se sobre o fundamento lançado pelo próprio Deus – no Cristo crucificado – a igreja, de “ouro, prata, pedras preciosas” (1Co 3). Essa igreja vive na expectativa da realidade nova e totalmente diferente, que já irrompeu pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos e que alcançará a vitória impregnada em tudo na parusia do Senhor (1Co 15). Pelo fato de o amor estar em jogo em toda a carta, é pronunciado no final, depois de comunicações e exortações específicas, o “anátema” (a “maldição”) sobre aqueles que não amam o Senhor Jesus (1Co 16).

## 7. A integridade e boa conservação da carta

Diante da peculiaridade da carta, houve muitas razões para duvidar de sua integridade. Depois das exposições no cap. 8, a questão da “carne sacrificada a ídolos” é abordada outra vez e de forma muito mais intensa em 1Co 10.14-11.1. O capítulo de 1Co 9 é intercalado sem qualquer correlação real. Será que partes da primeira carta perdida ou também da terceira carta, não preservada, a “epístola das lágrimas” (2Co 2.4), foram acolhidas na primeira e segunda carta aos Coríntios, uma vez que a igreja considerava essas partes importantes, mas por diversas razões não desejava conservar as cartas inteiras? Contudo, essas suposições não deixam de ser muito incertas. E a característica do presente escrito, que dá os motivos para essas conjeturas, ao mesmo tempo lhes solapa o poder de demonstração: uma carta que se refere de forma tão livre às múltiplas carências práticas da vida comunitária em Corinto pode ser cheia de “saltos”, pode retomar uma questão e complementá-la ou aguçá-la em determinadas direções. A própria exegese precisa evidenciar se de fato há na carta incongruências tão fortes que seria impossível avançar sem supor inclusões. De acordo com nossa avaliação, isso acontece tão somente com o breve trecho de 1Co 14.33b-36 em comparação com 1Co 11.2,16.

## 8. Local e época da redação

O local da redação citado é Éfeso, em 1Co 16.8: “Ficarei, porém, em Éfeso até ao Pentecostes.” Ao lermos a carta devemos recordar que ela não foi escrita em sossego tranquilo, mas no meio de acalorado trabalho, ao qual o próprio Paulo alude em 1Co 16.9. Também isso fornece uma explicação simples para as irregularidades e tensões na carta. Como as preocupações com Corinto devem ter sido tormentosas para o apóstolo face à abundância de tarefas em Éfeso, como deve ter sido ofensiva toda a desconfiança contra aquele que se desgastava no serviço a Jesus!

Se em 1Co 16.8 Paulo está contemplando o Pentecostes como prazo seguinte, ele não pode ter escrito a carta antes do começo do ano. Porém, a menção do Cordeiro pascal<sup>1</sup> sem motivação aparente em 1Co 4.6ss é um forte indício de que Paulo ditou a carta somente na época da Páscoa. Porém de que ano? Com base em 1Co 16.8 sempre se supôs como óbvio que a carta tenha sido redigida no final da atuação em Éfeso. Nesse caso estaríamos na primavera do ano 55. Contudo, isso seria tão certo? Será que apenas no final do trabalho de vários anos em Éfeso abriu-se uma “porta grande e oportuna” para o apóstolo? E, nesse caso, não seria muito breve a prorrogação de sua permanência por sete a oito semanas, comparado com os anos de sua atuação anterior? As observações sucintas em 1Co 16.8s poderiam ser muito mais compreensíveis se caíssem no começo da temporada em Éfeso. Nesse caso, seria nova, tanto para Paulo como para os coríntios, a experiência de que se abre para ele uma grande atividade em Éfeso, e que ao mesmo tempo se levanta uma forte resistência contra ela. E se agora ele imagina que precisa permanecer mais tempo, alongando sua estadia além da Páscoa até Pentecostes, isso significaria um acréscimo consideravelmente grande de tempo após uma primeira atuação breve.

Verdade é que nesse Pentecostes Paulo não teria conseguido liberar-se de Éfeso, mas teria permanecido pelo menos mais um ano, para somente então executar seu plano de viagem de acordo com 1Co 16.3-9. Nessa hipótese, porém, entramos em conflito com o relato de At 19.21s. Aqui o plano de viagem do apóstolo e o envio de Timóteo são apresentados em exata correspondência a 1Co 16.3-9, mas posicionados nitidamente no final da atuação em Éfeso. E em At 20.1s é relatada a correspondente realização do plano de viagem. Também a presente missiva aponta para uma época já passada de trabalhos e lutas em Éfeso, por meio da menção da “luta com feras” em Éfeso, em 1Co 15.32. Portanto, apesar de tudo, será necessário fixar a data da carta na época pascal do ano 55. Também nesse caso se evidencia novamente que não podemos permitir que o entendimento de passagens da carta seja determinado pelas nossas concepções e idéias. Sabemos muito pouco do que há por trás das frases de uma carta, que nos dão motivo para uma série de suposições. As referências claras de Atos dos Apóstolos são determinantes.

## 9. A transmissão manuscrita da carta

Na tradição manuscrita da primeira epístola aos Coríntios apresentam-se quase sempre apenas divergências insignificantes para a compreensão do texto. No próprio comentário faremos menção dos casos em que o grupo de manuscritos “Koiné” (cf. a breve descrição dos manuscritos nas “Orientações para o usuário da série de comentários”) aplaina de modo marcante passagens difíceis.

# COMENTÁRIO

### A saudação inicial, 1.1-3

- <sup>1</sup> Paulo, chamado pela vontade de Deus para ser apóstolo de Jesus Cristo, e o irmão Sóstenes,  
<sup>2</sup> à igreja de Deus que está em Corinto, aos santificados em Cristo Jesus, chamados para ser santos, com todos os que em todo lugar invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso:  
<sup>3</sup> graça a vós outros e paz, da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo.

Paulo tinha suficiente grandeza para não visar peculiaridades pessoais no formato de suas cartas, seguindo simplesmente o costume da época. O início da carta típica da Antigüidade cita o remetente e o destinatário, ligando os dois com uma saudação. Isso pode ser formulado da forma sucinta mostrada em [At 23.26](#), na carta de Cláudio Lísias ao procurador Félix. No entanto, o remetente e o destinatário também podem ser caracterizados com mais detalhes e as palavras de saudação propriamente ditas podem ser ampliadas. Paulo fez uso diversificado dessas possibilidades. Já a elaboração dos cabeçalhos de suas cartas mostra como ele está ocupado com aqueles aos quais escreve, permitindo depreender claramente o que o move no tocante a eles.

- 1** É o que ocorre também na presente carta. Em Corinto se questiona a autoridade apostólica de Paulo. Por essa razão Paulo imediatamente confirma essa autoridade, de forma enfática, por meio das primeiras palavras de sua missiva. Quem escreve não é um cristão qualquer de nome Paulo, mas um **“apóstolo do Cristo Jesus”**. O ouvido grego depreende o envio e a autorização da palavra **“apóstolo”**. Cabe compreender a palavra a partir do direito estatal e internacional. O “emissário autorizado” de um país fala e age com autoridade máxima. Por trás dele estão toda a vontade e o poder do país que o enviou. A formulação “apóstolo do Cristo Jesus” nos lembra de que “Cristo” não é um nome próprio, e sim um título, o título real de Jesus. Paulo é “emissário autorizado do Rei Jesus”. Por meio dessa autorização, a palavra de Jesus vale também com plena seriedade para Paulo: “Quem vos der ouvidos ouve-me a mim; e quem vos rejeitar a mim me rejeita” ([Lc 10.16](#)). Também a nós, leitores atuais, cabe considerar a presente carta não apenas como documento interessante de um homem importante da Antigüidade. Deparamo-nos aqui com uma palavra, que também para nós possui autoridade suprema, uma palavra que o próprio Senhor nos comunica por intermédio de seu enviado. Com quanto cuidado temos de lê-la!

Paulo salienta sua autoridade por meio de dois acréscimos. Ele não podia nomear-se pessoalmente emissário do Rei, mas precisava ser **“chamado”** para isso. Esse chamado, porém, aconteceu de modo bem diferente do que quando um rei terreno chama alguém para um cargo elevado e de grande responsabilidade. O soberano terreno escolhe para isso a pessoa mais apta, competente e proeminente. Paulo, no entanto, ao olhar em retrospecto para sua conversão e seu envio, apenas conseguia constatar uma misericórdia incompreensível no fato de que justamente ele, esse “aborto”, esse “blasfemo, perseguidor e violento” fora convocado para apóstolo ([1Co 15.8](#); [2Co 4.1](#); [1Tm 1.13](#) [[TEB](#)]). O motivo da vocação não reside nele pessoalmente, não em suas qualidades, mas unicamente na soberana decisão da **“vontade de Deus”**, daquele Deus maravilhoso “que vivifica os mortos e chama à existência as coisas que não existem” ([Rm 4.17](#)). Foi isso que Paulo salientou em [2Co 3.5s](#).

Mesmo como **“apóstolo chamado”** Paulo não pretende apresentar-se perante a igreja sozinho em seu escrito, mas coloca também nesta epístola (cf. [2Co 1.1](#); [Gl 1.2](#); [Fp 1.1](#); [Cl 1.1](#); [1](#) e [2Ts 1.1](#)) uma segunda pessoa a seu lado no cabeçalho da carta. A participação de um “co-remetente” numa carta podia ser muito diversa. Em [1Ts](#) o uso freqüente do “nós” faz com que os três mensageiros de Jesus de fato falem à igreja em conjunto. Na presente carta, Paulo consistentemente fala apenas na primeira pessoa do singular. Porém **“Sóstenes, o irmão”** compartilha a responsabilidade pela carta diante dos coríntios. O conteúdo da carta foi discutido entre Paulo e ele. Sóstenes também ouve enquanto a carta é ditada. Por meio de sua citação no início da epístola ele



demonstra sua concordância expressa com o que Paulo diz aos coríntios. Estão sendo simplesmente confrontados com a pessoa Paulo.

Nesse caso **Sóstenes** precisava ser alguém que conhecia muito bem a situação em Corinto e também gozava de respeito e confiança na igreja. Por isso, repetidamente se pensa no Sóstenes que aparece em [At 18.17](#) como o presidente da sinagoga e o seguidor do Crespo que abraçou a fé ([At 18.8](#)) e defende as acusações judaicas contra Paulo perante Gálio. Talvez ele tenha sido conquistado para Jesus por Apolo, durante a atuação deste em Corinto (cf. [At 18.24-28](#)). Neste caso, para os coríntios o fato de ele assinar ao lado de Paulo (de acordo com o costume da época, a assinatura era no alto, não embaixo do documento) daria um enorme peso a tudo o que Paulo tinha a explicitar em relação aos muitos problemas e questionamentos. Obviamente não é possível comprovar que o “irmão Sóstenes” era idêntico ao Sóstenes de [At 18.17](#). O nome não era raro naquela época. Também é possível que tenha havido outro membro importante da igreja em Corinto com esse nome.

É compreensível que Paulo não solicite a Timóteo que este se co-responsabilize pela carta, como em [2Co 1.1](#). Em sua visita pessoal, Timóteo devia defender os interesses de Paulo em Corinto ([1Co 4.17](#)). De acordo com [At 19.22](#), na época da redação da carta ele já havia partido de Éfeso, de modo que nem sequer podia ser chamado para ajudar na carta. Por que Paulo não pediu ao próprio Apolo, que se encontrava em Éfeso, que escrevesse a carta em conjunto com ele? Paulo se relaciona com ele de maneira transparente e boa, como precisamente esta carta evidencia, em [1Co 3.4-8](#). Os próprios coríntios também sabem disso, tanto que haviam dirigido a Paulo o pedido de convencer Apolo a tornar a visitar Corinto ([1Co 16.12](#)). Nessa questão, porém, revela-se que Apolo era e queria continuar sendo um evangelista versátil, não mais podendo vincular-se por um tempo maior a uma igreja só. Assim, ele não era homem que pudesse opinar e exortar responsabilmente em todas as dificuldades da vida da igreja.

- 2 A carta dirige-se à “**igreja de Deus que está em Corinto**”. Com plena convicção Paulo se considera o “pai” dos cristãos coríntios ([1Co 4.14s](#)). Não obstante, está fora de qualquer possibilidade chamá-la de “sua igreja”. Uma “igreja” pertence a Deus, e exclusivamente a ele, que a comprou com o próprio sangue ([At 20.28](#)). É nesse fato que se baseiam toda a autonomia e a liberdade da igreja, que Paulo respeita com seriedade e zelo ao longo das duas cartas.

A partir dessa verdade, porém, todas as “exortações” ganham gravidade e força. Pelo fato de os coríntios serem “igreja de Deus” as coisas de forma alguma podem continuar como estão no momento.

Quando Paulo não escreve simplesmente: “à igreja de Deus em Corinto”, mas “**à igreja de Deus que está [persiste] em Corinto**”, essa formulação enfatiza o milagre dessa igreja. Nessa cidade portuária sem tradições e mal-afamada, com toda a decadência moral, existe “igreja de Deus”! E essa igreja “**persiste**”. Em Corinto não acontecera apenas uma efervescência efêmera sob a proclamação da mensagem inaudita de Jesus. Ela formara uma igreja que preservava uma constituição sólida num contexto como aquele.

Paulo acrescenta: “**aos santificados em Cristo Jesus, chamados [para ser] santos**”. Também nisso seu olhar se dirige para aquilo que em seguida terá de ser tratado com os coríntios. Enquanto perante os gálatas Paulo tinha de destacar a irrenunciável “liberdade”, “para a qual Cristo os libertou” ([Gl 5.1](#)), o perigo em Corinto é a fatídica compreensão equivocada dessa liberdade. “Todas as coisas me são lícitas” era um mote destacado em Corinto ([1Co 6.12](#); [10.23](#)).

Por essa razão Paulo lembra os coríntios logo na abertura da carta: sois “**santificados**”, sois “**santos chamados**”, pertenceis a Deus, e não mais a vós mesmos e a vossos próprios desejos e concupiscências. Deus vos “chamou” do mesmo modo como a mim para ser propriedade dele. Em todo o [NT](#) os “santos” não são pessoas especialmente devotas e perfeitas no âmbito da igreja, mas “santos”, ou seja, pertencentes a Deus; consagrados a Deus são de fato todos aqueles que fazem parte da igreja de Deus. Eles não são “santos” em si mesmos. Pelo contrário: são “**santificados em Cristo Jesus**”, porque ele os salvou da corrupção, da perdição total e os remiu para si pelo preço de seu sangue e de sua vida. Essa redenção chegou a Corinto como um “chamado”, quando a mensagem de Jesus foi proclamada ali. Esse chamado atingiu pessoas que em si mesmas eram tão corrompidas e imprestáveis para Deus como Saulo de Tarso. Como é grandioso e maravilhoso que agora elas sejam são “santas”! A partir desse fundamento Paulo mostrará aos coríntios, em muitas questões do pensamento e da vida deles, como do “ser santificado” resulta a “santificação” da vida pessoal e da vida eclesial. Não é por meio de nossos esforços de santificação que nos tornamos santificados; mas por sermos santificados em Cristo Jesus podemos e devemos nos empenhar pela santificação.

Paulo e Sóstenes, porém, escrevem não apenas “à igreja de Deus que persiste em Corinto”. Ao mesmo tempo dirigem sua carta a “**todos os que invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo em todo lugar, no deles e no nosso**” [tradução do autor]. Fica claro que essas palavras se dirigem a cristãos que não pertencem diretamente à igreja de Corinto, mas vivem a vida cristã em outro “lugar”. Seu ser cristão se caracteriza pelo fato de que “**invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo**”. Orar a Jesus é a diferença mais simples entre os cristãos e todas as demais pessoas, devotas ou não.

Com base no **AT**, “invocar o nome do Senhor” era algo importante para Paulo. Não se trata apenas de uma “invocação” a Deus ocasional, em algumas aflições, por mais amavelmente que Deus pudesse responder. Para Paulo – como para Pedro no dia de Pentecostes – é importante sobretudo a palavra de Joel (**Jl 2.32**), citada por ele em **Rm 10.13** num contexto decisivo: “Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.” Isso significa fundamentalmente buscar socorro junto de Deus em vista do iminente juízo quando a soberania divina irromper. É uma invocação escatológica, assim como toda a existência da igreja precisa ser compreendida em relação ao fim dos tempos. O “nome do Senhor” que pode ser invocado desse jeito, trazendo a salvação como consequência, é inequivocamente claro na Nova Aliança: ele é **“o nome de nosso Senhor Jesus Cristo”**. Uma ênfase maior recai sobre a palavra “Senhor”. Na ressurreição e na exaltação à direita de Deus Jesus foi feito “kyrios”, “Senhor” (**At 2.36**), em cujas mãos repousa nosso destino eterno. Como “Senhor” ele, e somente ele, é capaz de redimir da perdição e nos conceder participação no reino de Deus. Quem “invoca” a Jesus nesse sentido é um “cristão”.

Entretanto, onde devemos localizar esses cristãos? **“Em todo lugar, no deles e no nosso.”** Houve intérpretes que não quiseram ligar as expressões “no deles e no nosso” ao “lugar”, mas as remeteram ao “Senhor Jesus Cristo”, que desse modo estaria sendo designado como Senhor “deles e nosso”. Paulo teria falado de “nosso Senhor”, cujo nome invocam, acrescentando agora expressamente que Jesus não seria apenas “nosso”, mas também Senhor “deles”. Contudo, será que um acréscimo assim era realmente necessário? Em termos lingüísticos, será que essa leitura é viável? Sobretudo, nesse caso Paulo teria de antemão endereçado a carta ao cristianismo no mundo inteiro, porque a designação “em todo lugar” ficaria sem uma definição mais precisa e restritiva. Isso, porém, é inverossímil justamente em relação à presente carta, que se debruça de forma tão concreta sobre as aflições específicas em Corinto. **“Junto com”** os coríntios somente podem ser citados os cristãos que vivem em torno de Corinto sem ter constituído uma igreja própria e aos quais Paulo concede participação na carta com maior prazer, pelo fato de que para eles a igreja em Corinto deve ter sido um ponto de agregação. Esses cristãos poderiam considerar-se expressamente citados quando a carta fosse lida em Corinto. Conheciam pessoalmente as circunstâncias em Corinto, de modo que podiam compreender o que Paulo e Sóstenes tinham a dizer.

Por que, porém, os “lugares” em que esses cristãos residem são chamados de **“o deles e o nosso”**? Nesse contexto, a partícula “e” deve ter um sentido de ligação e adição. Nesse caso os autores da carta procuram dizer: vocês não estão apenas vivendo ali no lugar “de vocês”, por conta própria. Não, o lugar “de vocês” é também “nosso” lugar, nós incluímos vocês integralmente e também nos sentimos responsáveis por vocês.

- 3 Na sequência é proferida a conhecida saudação, que não é apenas um “desejo devoto”, mas um “anúncio” real, uma bênção consciente: **“Graça a vós e paz.”** Esses termos não se referem a dádivas específicas da salvação, mas à redenção em sua totalidade e plenitude. A palavra charis tem som semelhante a chairein, com a qual o grego gostava de saudar, a fim de desejar aos outros bem-estar e uma vida feliz. E shalom (“paz”) representava para o israelita a quintessência de tudo o que podia ser proporcionado a todo o povo de Deus e a cada membro dele individualmente em termos de “integridade”, “felicidade” e “salvação”. Agora ambas as coisas se tornaram reais no evangelho, porque o Deus vivo as concede como “nosso Pai”, porque Jesus Cristo como “Senhor” as adquiriu mediante sua morte, e no-las outorga como Ressuscitado e presente no Espírito Santo. Por essa razão, Paulo também não manifestou simplesmente um desejo, um “seja convosco”, mas expressou no singelo **“graça a vós e paz”** que graça e paz estão disponíveis para vocês, ainda que seja preciso abordar na carta questões difíceis e penosas.

## A gratidão pela igreja, 1.4-9

- 4 Sempre dou graças a (meu) Deus a vosso respeito, a propósito da sua graça, que vos foi dada em  
Cristo Jesus;  
5 porque, em tudo, fostes enriquecidos nele, em toda a palavra e em todo o conhecimento;  
6 assim como o testemunho de Cristo tem sido confirmado em vós,  
7 de maneira que não vos falte nenhum dom, aguardando vós a revelação de nosso Senhor Jesus  
Cristo,  
8 o qual também vos confirmará até ao fim, para serdes irrepreensíveis no Dia de nosso Senhor Jesus  
Cristo.  
9 Fiel é Deus, pelo qual fostes chamados à comunhão de seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor.

- 4 Paulo se lembra de Corinto com enormes preocupações. Na carta ele falará dos graves danos na vida eclesial, precisando dizer muitas palavras duras. Não obstante, ele inicia a carta com gratidão: **“Sempre dou graças a Deus por vós”** [tradução do autor]. Será que isso é apenas uma concessão aos bons costumes dos devotos em Israel, que começavam tudo o que faziam com um louvor a Deus? Será um traço diplomático, a fim de, por

meio de um certo elogio, obter atenção por parte dessa igreja difícil e desconfiada contra Paulo? Porém Paulo não louva os coríntios, mas a Deus! E de imediato cita o verdadeiro motivo que ele tem para agradecer: **“pela graça de Deus que vos foi dada em Jesus Cristo”** [RC]. Não importa qual seja a situação em Corinto, a existência da igreja como tal é obra da gloriosa “graça de Deus em Cristo Jesus”. Será que algum dia alguém teria imaginado que em Corinto, essa cidade do dinheiro e da imoralidade, seria possível existir uma “igreja de Deus”, de “chamados para ser santos”? Contudo, a graça redentora e transformadora de Deus realizou o milagre em Corinto através de Jesus. Não foi preparado por nada, nem merecido por nada. Era graça soberana, e por isso somente pode ser admirada com gratidão. Além do mais, tanto aqui como de modo geral na carta, Paulo fala na primeira pessoa: **“dou graças”** – uma prova de que devemos levar a sério o “nós” que ocorre em outras cartas. Sóstenes não participou pessoalmente no trabalho de fundação em Corinto. De sua parte também poderá recordar-se com gratidão dos coríntios. Porém Paulo é consciencioso demais em suas afirmações para escrever “Nós agradecemos a Deus sempre por vocês”, o que não corresponde integralmente aos fatos.

Todas as dificuldades, falhas e carências não anulam essa gratidão. Por essa razão Paulo também a coloca no começo da carta. Por mais que Paulo tenha a criticar e exortar, a igreja pode estar ciente de que seu apóstolo se lembra dela constantemente cheio de gratidão.

- 5 Em que se mostra essa graça de Deus “dada” aos coríntios “em Cristo Jesus”? Eles **“foram em tudo enriquecidos nele”**. A graça presenteia, a graça de Deus torna maravilhosamente rico. Paulo o reconhece com júbilo, ainda que muitas coisas em Corinto não estejam em ordem.

A riqueza presenteada por Deus é abrangente. Paulo escreve audaciosamente “enriquecidos em tudo”. Na seqüência, porém, ele define melhor esse “tudo”, a fim de mostrar concretamente em que essa riqueza divina se revela justamente em Corinto. Os coríntios são ricos **“em toda a palavra e em todo o conhecimento”**. Essas palavras mencionam duas coisas que a princípio correspondiam à característica natural dos gregos. O grego possuía a eloqüência e a alegria de discursar. O “orador” era tido em alta consideração em todas as cidades gregas. Importância igual tinha para os gregos o poeta, que sabia manejar a palavra e descrever com a palavra o acontecimento, o pensar e o sentir humanos. Até hoje conhecemos e admiramos os grandes poetas gregos, como Homero e Sófocles. Paulo reconhecia todo o perigo dessa característica justamente entre seus coríntios. Por isso negava-se categoricamente a ser pessoalmente um “orador” e conquistar pessoas por meio da oratória (1Co 1.17; 2.1; 2Co 11.6). Contudo, a grandeza de Paulo é justamente que, não obstante, tem consciência de como a “palavra” é imprescindível para nossa convivência, também para a vida numa igreja de Deus. Deus também é capaz de santificar essa dádiva natural e engajá-la a seu serviço. Para tanto ele pode conceder a “palavra de sabedoria” e a “palavra do conhecimento”, a palavra da profecia e a palavra da gratidão e do louvor como dom especial de seu Espírito (1Co 12.8; 14.15s; 14.3; 14.24s). Os coríntios são ricos em todas essas “palavras”, com suas múltiplas formas. Quando se reúnem na igreja, não ficam calados e constrangidos. Não precisam esperar até que um orador incumbido abra a boca ou que um livro lhes comunique hinos e orações. São um grupo vivaz, no qual “cada um” tem algo a dizer (1Co 14.26). Isso é uma riqueza da igreja e motivo de gratidão.

A peculiaridade do desenvolvimento grego favoreceu muito o anseio por conhecimento. Não é por acaso que na Grécia estão as raízes do que chamamos de “filosofia”. Foi ali que surgiram pela primeira vez “visões de mundo” propriamente ditas. Paulo percebe todo o perigo do “conhecimento”, que pode deixar as pessoas soberbas (1Co 8.1). Ele sabe também que essa busca por conhecimento deixa de atingir justamente a única coisa que seria capaz de responder às indagações extremas do ser humano: o verdadeiro conhecimento de Deus (1Co 1.21). Por essa razão, ele declara justamente aos coríntios, com toda a rudeza e contundência, que somente a loucura da mensagem salva, e que a salvação reside exclusivamente em crer na tola mensagem da cruz (1Co 1.21). Praticamente convida a nos tornarmos “estultos” na presente era (1Co 3.18). Isso, porém, não tem nada a ver com burrice, ignorância e preguiça mental. A partir da salvação existe na fé o conhecimento frutífero e imprescindível. Existe a “palavra de sabedoria” e a “palavra do conhecimento” (1Co 12.8) concedidas pelo Espírito de Deus. Através do Espírito Santo existe um lídimo saber sobre Deus e seus grandes planos, uma “sabedoria” genuína, da qual os poderes determinantes desse éon não fazem nenhuma idéia (1Co 2.6-16).

A frase de Paulo, muitas vezes usada, “não quero que ignoreis” evidencia como era grande o interesse do próprio Paulo que as igrejas tivessem um entendimento lúcido e penetrante de todas as questões da fé e da vida. Como, então, não haveria de agradecer por uma igreja que em se tornava rica em **“todo o conhecimento”**? Aqui, como em tantas outras ocasiões nos escritos de Paulo, a palavra “todo” não deve ser compreendida em termos estatísticos. É óbvio que Paulo não quer dizer que os coríntios soubessem tudo o que é possível saber. Quantos conhecimentos ele tem de desvendar para eles justamente na presente carta! Contudo, os coríntios de fato possuem não apenas vislumbres isolados e precários da verdade divina, mas reconheceram de modo múltiplo e abrangente o que a mensagem diz.

- 6 Os coríntios podem ter a palavra com toda sua multiforme riqueza e o conhecimento com crescente vivacidade, não simplesmente porque são “gregos” com propensão natural para isso, mas **“porque o**

**testemunho do Cristo foi firmado em vós**” [tradução do autor]. O “testemunho do Cristo” é inicialmente o testemunho sobre Cristo que seus mensageiros trouxeram até Corinto. Contudo, em última análise é o testemunho que o próprio Cristo presta através de seus mensageiros acerca da verdade julgadora e redentora de Deus. Jesus é a verdadeira “testemunha fiel” (Ap 1.5). Esse testemunho foi **“firmado em vós”**. A palavra “firmar” constitui um termo técnico da linguagem judicial. A declaração de uma testemunha pode ser rejeitada e debilitada pelo juiz, ou confirmada por ele e colocada em vigor. Para os coríntios, o testemunho do Cristo havia obtido validade e eficácia, tanto no coração de cada um quanto na igreja como um todo. A partir desse momento, todo o conhecimento havia sido concedido em Corinto com grande abundância, e a palavra estava à disposição da igreja com viva copiosidade.

- 7 Apesar dessa riqueza os coríntios estavam insatisfeitos com a atuação de Paulo entre eles, pensando que estavam “em desvantagem” em relação a outras igrejas. Porventura outros cristãos, com mestres melhores e apóstolos maiores, não possuíam mais do que eles? Da ingratidão pelo recebido brotam a insatisfação e a inveja. Por essa razão Paulo acrescenta: **“de maneira que não estais em desvantagem com nenhum dom da graça”** [tradução do autor]. Essa igreja era singularmente rica em “dons de serviço do Espírito Santo” (cf. 1Co 12 e 14). Isso se evidencia rapidamente quando colocamos Rm 12.3-8 ao lado de 1Co 12.7-11. Quantas coisas “faltavam” em Roma, mas existiam em Corinto. Se formos dirigir o olhar – em si questionável, porque facilmente egoísta – para as nossas “propriedades”, então os coríntios podiam estar satisfeitos. Não se encontravam em nenhuma desvantagem em relação a qualquer igreja.

Por intermédio da estreita correlação entre “palavra”, “conhecimento” e “dom da graça” torna-se evidente para nós que Paulo de forma alguma imaginava “palavra” como uma mera eloquência e “conhecimento” como uma visão de mundo ou uma teologia teórica. Conhecimento que deriva do testemunho do Cristo é uma familiaridade viva com a realidade de Deus, que leva imediatamente à capacitação com dons e poderes divinos. E disso resulta uma “palavra” autorizada e benéfica para a construção da igreja e a conquista de outras pessoas.

Paulo agradece de coração pelo que viu que fora concedido à igreja em Corinto. Será que quando a carta foi lida aos coríntios eles se alegraram simplesmente por essa sua riqueza, ou será que notaram como a gratidão de seu apóstolo era estranhamente restrita? Com certeza o próprio Paulo tinha consciência da dolorosa limitação de sua gratidão. Entre os tessalonicenses ele pôde salientar sobretudo “fé” e “amor” como aquilo que a igreja possuía em medida crescente (1Ts 1.2s; 2Ts 1.3). Paulo não pode dizer nada a este respeito com vistas a Corinto. Ali ele via o profundo dano subjacente a todas as dificuldades e estragos da vida da igreja em Corinto. Por isso o capítulo de 1Co 13 há de tornar-se o poderoso auge da carta, para o qual praticamente tudo se volta. Pelo fato, porém, de que o próprio Paulo possui amor, ele é capaz de, com um olhar grato, ver e destacar no começo da carta aquilo que os coríntios realmente possuíam.

Por mais rica que tenha sido a vida eclesial em Corinto, por mais gratamente que Paulo a considerasse e os próprios coríntios a quisessem considerar, nunca deve ser esquecido que ela é apenas uma dádiva de “primícias” (Rm 8.23), que justamente por isso dirige os anseios e as buscas para frente, rumo à obra do Cristo que a tudo consumará. Paulo se alegra pelo fato de que os coríntios vivem **“aguardando”**. É uma característica essencial de todas as igrejas dos tempos apostólicos: ela espera **“a revelação de nosso Senhor Jesus Cristo”** (cf. 1Ts 1.10; Rm 13.11-14; Gl 5.5; Fp 3.20s). Pois o evangelho como tal é de antemão e substancialmente a mensagem do reino vindouro. A “escatologia” não constituía um capítulo separado, ainda que importante, do ensino apostólico, mas na realidade tudo o que um apóstolo tinha para anunciar e ensinar era “escatológico”, apontava para as “últimas coisas”, para o futuro. Precisamente também a “justificação” do ser humano perdido por intermédio da redenção realizada na cruz estava relacionada da forma mais incisiva com o dia de Deus, que é um dia de juízo e de ira (Rm 2.5; 5.9; Gl 5.5; 1Ts 1.10). A “redenção” leva à participação na glória vindoura (Rm 8.17; 2Co 4.17s; Cl 3.4).

Paulo, porém não fala da “volta” de Jesus. O NT não conhece essa palavra tão corrente entre nós. Em contrapartida, no NT a palavra “revelação”, que entre nós se refere integralmente ao passado, muitas vezes é usada para os eventos futuros: Rm 2.5; 8.19; 2Ts 1.7; 1Pe 1.7; 4.13; Ap 1.1. Conseqüentemente, também os coríntios aguardam **“a revelação de nosso Senhor Jesus Cristo”**. Por mais eficaz que Jesus seja agora no testemunho de seus mensageiros e no Espírito Santo e seus dons gratuitos, ele ainda assim não deixa de ser agora o invisível e oculto. Isso é difícil de suportar. Por isso nossa expectativa se volta com anseios e desejos necessários e ardentes para um novo aparecimento e uma manifestação de Jesus como o “Senhor”.

É preciso que venha esse grande “dia” que clareará tudo, que acabará definitivamente com todas as coisas sombrias e malignas, que anulará a morte como último inimigo e que fará com que Jesus se torne visível com verdade plena como o kyrios, como o soberano mundial para honra de Deus o Pai (1Co 15.23ss). Esse “dia” é, por isso, **“o dia de nosso Senhor Jesus”**.

- 8 No entanto, será que nós mesmos subsistiremos nesse dia terrível? A resposta de Paulo a essa pergunta é característica para aquilo que todo o NT entende por “fé”. Nela a primeira e decisiva palavra não é “nós”, e sim **“Ele”**: **“Ele também vos firmará até o alvo final”** [tradução do autor]. Onde o testemunho do Cristo foi



“firmado” nas pessoas, ali o próprio Cristo agora “firma” essas pessoas. Ele o faz até o “alvo final”. O termo grego telos engloba ambas as coisas: refere-se ao “fim”, mas não como “término” ou “cessar”, mas como “alvo”. Por isso a expressão “até o alvo final” também tem uma conotação de “definitivo” e “completo”.

Ele há de “firmar” os coríntios de tal maneira que sejam **“irrepreensíveis no dia de nosso Senhor Jesus”**. Isso não elimina a seriedade daquele dia, do qual Paulo falará em **1Co 3.11-15**. Muitas coisas da construção da nossa obra de vida poderão queimar no fogo daquele dia, porém nós mesmos não seremos atingidos por nenhuma condenação, nenhuma “repreensão”. Por que não? Porque então se tornará explícito que a “justiça alheia de Cristo”, que nós agarramos e preservamos pela fé, de fato é a justiça perante Deus que nos pertence e que é eternamente válida. “Quem intentará acusação contra os eleitos de Deus? É Deus quem os justifica!” (**Rm 8.33**). Nessa fé somos “firmados” por aquele que criou em nós a fé através de seu testemunho.

- 9 Entretanto, não cabe a nós pelo menos ser “fiéis”? Novamente o olhar da fé se distancia imediatamente de nós mesmos. “Fiéis” não somos nós. Paulo não pode se alicerçar sobre a fidelidade dos coríntios. Mas **“fiel é Deus”**. A fidelidade de Deus visa ter, e terá, a última palavra sobre nossa vida! (Cf. também **1Co 10.13**). Ele “chamou” os coríntios e também a nós **“à participação em seu Filho Jesus Cristo”** [tradução do autor]. Estamos acostumados com a tradução: “Chamados à comunhão de seu Filho Jesus Cristo.” Contudo, o termo koinonia ainda expressa um aspecto diferente do que nossa palavra “comunhão”. A comunhão pressupõe parceiros com igualdade de direitos. Em relação ao Filho de Deus nós, pecadores, não temos a menor parcela de direito. O amor incompreensível de Deus se expressa no fato de que ele nos concede a **“participação”** em seu Filho. Desse modo, porém, se caracteriza também que ser cristão se refere a algo muito maior e mais vivo do que apenas aquilo que nós em geral compreendemos por “fé em Jesus Cristo”. Não permanecemos separados de Jesus, para contar com ele e seu agir apenas de longe. Pelo contrário, assim como o sócio de um estabelecimento comercial está envolvido com toda a vida deste e participa de seus ganhos, assim nós estamos incluídos na vida e atuação de Jesus. A nós também pertence tudo o que Jesus possui! Jesus reparte conosco toda a sua riqueza. Paulo há de concretizar isso na ceia do Senhor, que nos “concede a participação no corpo e sangue do Senhor” (**1Co 10.16**). No entanto, ele mostrará também pela imagem da igreja como “corpo de Cristo” que nós realmente somos partes do Cristo, de sorte que nossos corpos são “membros de Cristo” e nós mesmos somos “um só Espírito com ele” (**1Co 6.15,17; 12.27**). Por isso Cristo é “nossa vida” (**Fp 1.21; Cl 3.3**). Por isso fomos crucificados, sepultados e mortos “junto com ele” (**Rm 6.3-6; Cl 2.12; 3.3**) e ressuscitados junto com ele e colocados na sua existência celestial (**Ef 2.6**). Por essa razão agora fazemos tudo “em Cristo”, “no Senhor”. Tudo isso faz parte da **“participação de seu Filho”**, à qual Deus nos chamou.

Uma vez, porém, que Deus nos concede essa “participação”, esse “entrelaçamento” com Cristo (**Rm 6.5**), sua fidelidade também nos manterá firmes até que a unificação com seu Filho for realidade exclusiva de nossa vida, não mais ameaçada por nenhuma tribulação. Deus não pode e não há de tolerar que pessoas que uma vez estiveram tão existencialmente unidas com seu Filho afundem na morte eterna.

No retrospecto ainda precisamos observar que os nove primeiros versículos da carta citam nove vezes com ênfase Jesus Cristo, o kyrios, o “Senhor”. Toda a ação da graça de Deus, todo o seu presentear acontece através de Jesus. Quem não apreende a Deus por meio de Jesus desvia-se da realidade de Deus e de sua graça. O cristão não tem nada em si mesmo, como parecem pensar aqueles em Corinto que pretendiam ser pessoas importantes. O cristão tem tudo unicamente em Cristo. Isso nos torna verdadeiramente humildes, mas também profundamente gratos e alegres, unindo-nos firmemente uns com os outros.

## As dissensões na igreja, **1.10-17**

- 10 **Rogo-vos, irmãos, pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que faleis todos a mesma coisa e que não haja entre vós divisões; antes, sejais inteiramente unidos, na mesma disposição mental e no mesmo parecer.**
- 11 **Pois a vosso respeito, meus irmãos, fui informado, pelos (membros da casa) de Cloe, de que há contendas entre vós.**
- 12 **Refiro-me ao fato de cada um de vós dizer: Eu sou de Paulo, e eu, de Apolo, e eu, de Cefas, e eu, de Cristo.**
- 13 **Acaso, Cristo está dividido? Foi Paulo crucificado em favor de vós ou fostes, porventura, batizados em nome de Paulo?**
- 14 **Dou graças (a Deus) porque a nenhum de vós batizei, exceto Crispo e Gaio;**
- 15 **para que ninguém diga que fostes batizados em meu nome.**
- 16 **Batizei também a casa de Estéfanos; além destes, não me lembro se batizei algum outro.**
- 17 **Porque não me enviou Cristo para batizar, mas para pregar o evangelho; não com sabedoria de palavra, para que se não anule a cruz de Cristo.**

Os problemas que Paulo via em Corinto não diminuíram sua gratidão; mas sua sincera gratidão por tudo o que a igreja havia recebido de Deus tampouco impedia a visão clara para as graves distorções na vida da igreja dos coríntios. Pelo contrário! Quanto mais a igreja recebia de Deus, tanto mais dolorosos eram todos os males que ameaçavam tornar essa riqueza ineficaz.

Como a carta mostra na seqüência (1Co 1.5,9; 7.1,25; 8.1; 12.1), por meio dos três emissários, Estéfanos, Fortunato e Acaico (1Co 16.17), a igreja havia levado a seu apóstolo uma série de perguntas, pedindo que se posicionasse em relação a elas. Porém Paulo não as aborda de imediato. Está preocupado com notícias sobre os coríntios que recebera independentemente dessa delegação oficial, através do pessoal de Cloe e talvez apenas naquela hora. A unidade da igreja estava ameaçada. É sobre isso que ele precisa falar primeiro.

- 10 **“Mas eu vos exorto, irmãos, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo”** [TEB]. Paulo precisa tocar em feridas abertas da vida da igreja e sabe quanta sensibilidade estará ferindo. Por essa razão ele declara à igreja que ele não o faz a partir de si mesmo, não a partir de pensamentos e sentimentos pessoais. O próprio Jesus o insta a agir assim. Pois o “Senhor Jesus Cristo”, mencionado em cada frase no intróito da carta, é o fundamento inabalável da unidade da igreja e deseja a unidade dela. Qualquer cisão numa igreja “esfacelaria” este fundamento e ao mesmo tempo refutaria o seu “nome” (v. 13). Nas exposições subsequentes Paulo mostrará aos coríntios com vigor e profundidade o quanto esse Senhor e seu “nome”, ou seja, a vigência de seu ser e de sua vontade, sobretudo de sua cruz, estão em jogo em face diante de todos os males em Corinto.

Paulo exorta para **“que não haja entre vós divisões”**. Essas divisões revelam-se no falar. Por isso Paulo se empenha para **“que faleis todos a mesma coisa”**. Naturalmente isso não significa uma monotonia enfadonha ou uma uniformização artificial. Para Paulo, um defensor da liberdade e da autenticidade, isso seria absolutamente impensável. Contudo, os coríntios podem e devem ter **“a mesma disposição mental”** e **“o mesmo parecer”**, ou seja, a concordância interior a despeito da grande diversidade nos jeitos pessoais e nas respectivas experiências de vida. Essa unidade séria se expressa no fato de que a palavra infinitamente rica e viva continua sendo “a mesma” em todos. Desse modo uma igreja estará **“inteiramente consertada”** [tradução do autor], “colocada na devida condição”. Uma igreja em que as opiniões mais diversas ressoam da maneira mais confusa, na qual predomina uma mentalidade inteiramente diferente, não está “na devida condição”, e por essa razão tampouco está em condições de cumprir sua incumbência.

É plausível que nessa exortação Paulo já tivesse em mente aquilo que mais tarde seria abordado detalhadamente com os coríntios. Nessas questões concretas da vida da igreja é decisivo que todos os membros da igreja **“falem a mesma coisa”**, assumam a mesma atitude, tomem a mesma decisão e por isso também ajam do mesmo modo. Todos deveriam rejeitar os processos perante juízes seculares (1Co 6.1-11), viver uma vida pura (1Co 6.12-20), concordar nas questões matrimoniais (1Co 7), permanecer longe das refeições do templo (1Co 8 e 10), avaliar os dons espirituais sob o aspecto da edificação da igreja (1Co 12 e 14), reconhecer no amor o caminho mais sublime (1Co 13) e ter plena clareza e certeza na questão da ressurreição (1Co 15). Tão concreto era o desejo insistente de Paulo de **“que faleis todos a mesma coisa”**!

- 11 Na seqüência Paulo declara aos coríntios por que está tão preocupado com eles. É verdade que ainda não aconteceram “divisões”, porém há **“contendas”** que rapidamente poderão levar a verdadeiras “cisões” (cf. 1Co 11.18). **“Pois a vosso respeito, meus irmãos, fui informado pelos (membros da casa) de Cloe, de que há contendas entre vós.”** Não sabemos quem é Cloe. No entanto, é evidente que os coríntios a conhecem. O nome Cloe (“a loira”) era comum entre escravas. Será que Cloe era uma “alforriada”, que havia conquistado posses e fama? Será que vivia na própria Corinto ou em Éfeso? Será que filhos ou escravos haviam vindo da casa dela em Corinto até Paulo? Ou será que obtiveram notícias em Éfeso, acerca de Corinto? Ignoramos tudo isso. Não é decisivo. Importante para nós é apenas a abertura com que Paulo cita a fonte de suas informações. Não deixa nada oculto ou indefinido. Essa atitude parecia muito necessária para Paulo pelo fato de que a própria igreja, por quaisquer que tenham sido os motivos, não havia comunicado essas dificuldades ao apóstolo. O termo grego “delóo”, traduzido por “fui informado”, refere-se à revelação de algo oculto. Nessa formulação reside algo como uma repreensão: por que vocês, a igreja, não me informaram disso abertamente? Ao mesmo tempo Paulo está agradecido porque o pessoal de Cloe teve coragem de lhe comunicar o que não devia permanecer oculto a ele, o pai da congregação.
- 12 De imediato Paulo caracteriza melhor as **“contendas”** sobre as quais foi informado. A princípio são causadas por um processo perfeitamente natural. Depois que a igreja em Corinto foi fundada por Paulo (e seus colaboradores Silas e Timóteo), a atuação de Apolo trouxe um novo crescimento em Corinto. Era plenamente compreensível que as pessoas se apegassem com gratidão especial àquele por meio de quem haviam recebido o melhor de sua vida. Da mesma forma, outros membros da igreja consideram Cefas como a pessoa que lhes trouxe o acesso a Jesus. Diversos intérpretes opinam que nesse caso Pedro também deve ter estado em Corinto, assim como Paulo e Apolo, tendo ali conquistado pessoas para Jesus. Porém não temos nenhuma notícia a este respeito. No entanto, tampouco saberíamos da visita de Pedro a Antioquia se Paulo não tivesse narrado um episódio dessa visita em Gl 2.1ss. Por outro lado, também pode tratar-se de cristãos israelitas que se converteram no leste, por intermédio de Pedro, e depois se mudaram para Corinto. Talvez eles, por sua vez,

tenham encaminhado membros da sinagoga em Corinto para Jesus, de modo que esse grupo agora considerava Pedro como o verdadeiro e legítimo apóstolo de Jesus. Seja como for, agora **“cada um”** em Corinto **“diz”** a que mensageiro de Jesus está especialmente apegado. **“Eu sou de Paulo, e eu, de Apolo, e eu, de Cefas.”** Uma declaração desse tipo pode ser feita com gratidão alegre e satisfeita. O perigo começou apenas quando essa gratidão passou a ter um peso errado e os mensageiros de Jesus se tornaram mais importantes que o próprio Jesus. Agora não estavam mais unidos em Jesus e não mais “falavam todos a mesma coisa”, mas contendiam uns com os outros sobre a magnitude e importância dos mensageiros. A palavra de amor e apreço agradecidos tornou-se uma ciumenta exclamação de luta que ameaçava dividir a igreja.

Nesse caso, porém, será que o quarto grupo, que se distanciava completamente de Paulo, Apolo e Cefas e simplesmente declarava: **“Eu sou de Cristo”**, não estava com a razão? Será que Paulo não deveria ter-se alegrado, uma vez que ele próprio fala da mesma maneira em **1Co 3.23**: “E vós sois de Cristo”? Justamente nesse ponto, porém, transparece a profunda diferença. Com essa expressão Paulo se refere indistintamente à igreja toda. Aquelas “pessoas de Cristo”, porém, formam conscientemente um “grupo” oposto aos demais. Aqui acontece o pior possível: o próprio “Cristo” se torna nome de partido. Talvez o ponto de partida ainda tenha sido autêntico. Não queriam apegar-se a quaisquer pessoas, mas queriam pertencer a Cristo. Porém em **2Co 10.7** fica muito claro que isso evoluiu para uma arrogante posição distinta, que atribuía somente a si mesmo esse “Eu pertença a Cristo”, negando-o aos outros.

Aflorava ao mesmo tempo uma questão bem fundamental: existe a possibilidade de pertencer a Jesus diretamente, sem a palavra apostólica? É possível pertencer a Jesus, e ao mesmo deixar Cefas e Paulo de lado, considerando-os insignificantes? Nesse caso, “Cristo” não é transformado numa imagem arbitrária de meus pensamentos? Será que posso conhecer o Jesus Cristo verdadeiro de outro modo que não pela palavra de seus mensageiros autorizados?

Essa é a verdadeira pergunta, sempre tão importante da história da igreja: há um relacionamento com Jesus Cristo ao lado ou além da Escritura, quer por intermédio do “Espírito”, quer por meio de um “magistério” infalível que estabelece dogmas que não possuem base na Escritura? De forma biblicamente correta, a Reforma decidiu-se pelo princípio “unicamente pela Escritura!”, unicamente por meio da palavra apostólica.

Paulo indica um caminho claro entre a perigosa supervalorização e o igualmente questionável menosprezo do apóstolo. De modo enfático, ele adianta, no começo da carta: “Chamado para ser apóstolo do Cristo Jesus pela resolução da vontade de Deus.” Cumpra-lhe dizer à igreja a palavra decisiva do Cristo Jesus como seu mensageiro autorizado, e à igreja cumpra ouvi-la. Contudo, ele se volta com profunda seriedade exatamente àqueles em Corinto que se exaltavam de forma errônea por ele (ou por Apolo ou Cefas).

- 13** Qual é o resultado dos partidos? É a insuportável constatação: **“O Cristo está dividido!”** No texto grego não há pontuação. Por meio de traduções (como a de Lutero, Almeida, **NVI** etc.) estamos acostumados à forma interrogativa desta frase. Porém, tem pouco sentido perguntar se o Cristo está dividido. A pergunta deveria ser: será que é possível ou permitido dividir o Cristo? Por essa razão a frase deve ser melhor entendida como uma exclamação de pavor: **“O Cristo está dividido!”** A esse ponto chegastes em Corinto: que o Cristo, o Senhor único, superior a todos, está sendo praticamente dilacerado, porque cada partido quer apoderar-se dele e tirá-lo dos outros. Será que vocês também não se assustarão com isso?

Na sequência, de forma delicada e exemplar, Paulo se dirige justamente a “seu grupo”, demonstrando a partir deste toda a obcecação representada pela falsa adesão a um mensageiro de Jesus. **“Foi Paulo crucificado em favor de vós?”** Por mais importante e espiritualmente poderosa e avivada que possa ser uma testemunha de Jesus, por mais que realize coisas maravilhosas e exerça uma influência profunda, a obra redentora na cruz, ou seja, a única coisa que realmente importa, ela não consumou. Esta foi realizada apenas por um só, Jesus, o Filho puro e santo de Deus. Por isso ninguém mais além dele pode ter significado essencial na minha vida. Toda exaltação errada de personalidades cristãs culmina na pergunta: “Acaso foi ele, ou ela, crucificado por nós?” Nesse momento torna-se real: “Não viram a ninguém senão Jesus” [**Mt 17.8**].

Paulo acrescenta: **“Ou fostes, porventura, batizados em nome de Paulo?”** “Ser batizado em nome de alguém” possui a conotação de uma expressão corriqueira daquele tempo, do contexto comercial: “registrar em nome de alguém, pôr na conta de alguém.” O batismo é uma mudança de propriedade: o novo proprietário é aquele em cujo nome a pessoa é batizada. “Eu pertença a Paulo” – será que isso confere? Realmente pertences a ele? Porventura foste entregue à propriedade dele pelo batismo?

- 14,15** Em vista da situação em Corinto, Paulo está agradecido porque **“a nenhum de vós batizei, exceto Crispo e Gaio”**. Assim como hoje é fácil atribuírmos um papel equivocado a uma pessoa pelo fato de termos abraçado a fé por meio dela (na verdade, porém, por meio de Cristo!), assim naquele tempo era possível que se visse incorretamente a importância daquele que batizava uma pessoa. “Pertença integralmente a Paulo, pois ele me batizou, e então me anotou em sua conta”. Por isso Paulo está contente por ter batizado apenas alguns poucos membros da igreja em Corinto, **“para que ninguém diga que fostes batizados em meu nome”**.

Nessa afirmação a confissão “sou de Paulo”, humanamente ainda suportável, foi intensificada para a declaração fundamental de que todos os batizados por Paulo por isso também lhe pertencem. Não sabemos se

alguns partidários de Paulo de fato chegavam a afirmar isso ou se Paulo apenas temia essa possibilidade como consequência extrema de um pensamento errado.

Inicialmente Paulo cita como batizados por ele apenas “Crispo e Gaio”. Mas ele sabe que está escrevendo a uma igreja em que já existe muita desconfiança em relação a ele. Com que facilidade seria possível declarar que Paulo oculta a verdade, pois de fato ainda teria batizado outros!

**16** Por essa razão Paulo reflete e se corrige: **“Batizei também a casa de Estéfanos”, acrescentando: “Além destes, não me lembro se batizei algum outro”.**

**17** Por que Paulo batizou tão poucos em Corinto? Nessa e em todas as suas demais ações e omissões Paulo não é determinado por suas próprias opiniões e inclinações, mas pela incumbência de seu Senhor. **“Porque não me enviou Cristo para batizar, mas para evangelizar.”** Isso não é um menosprezo ao batismo em si. Estaríamos interpretando mal essa palavra de Paulo se a explicássemos e avaliássemos dessa maneira. O homem que escreveu **Rm 6** não considerava o batismo de pouco valor. Mas é verdade que precisava primeiro ser criada a premissa para o batismo, sem a qual ele nem sequer seria possível. Somente poderia ser entregue ao domínio de Jesus aquele que o conhecia e que reconhecia nele o Salvador indispensável ao qual desejava pertencer de todo coração. Por isso “evangelizar” de fato era a primeira e mais necessária obra, que consumia todo o tempo e todas as energias de Paulo. Quando acontecesse o fato extraordinário, quando os olhos das pessoas fossem abertos para que se convertessem das trevas para a luz, e do poder de Satanás para Deus (**At 26.18**), então outros poderiam e deveriam realizar o batismo desses convertidos.

Paulo acrescenta uma palavra acerca de sua postura como evangelista: **“não com sabedoria de discurso, para que não seja esvaziada a cruz do Cristo”** [tradução do autor]. Essa é uma palavra de impactante profundidade. Por meio dela Paulo ataca a segunda dificuldade em Corinto, a causa nefasta que subsistia por trás da dificuldade flagrante dos partidos. “Gregos buscam sabedoria” (v. 22). O termo grego para sabedoria, “sophia”, é conhecido a partir da palavra “filosofia”. Profundamente arraigado na natureza da pessoa desvincilhada de Deus e solitária no mundo está o anseio de obter uma “visão” abrangente deste mundo (“visão de mundo”), de superar e dominar intelectualmente o mundo e a vida, de solucionar as grandes perguntas da vida pela força e razão próprias. Então até mesmo “Deus” pode aparecer como objeto do pensamento humano nessa visão de mundo. Esse anseio humano geral por “sabedoria” era singularmente desenvolvido entre os gregos. Como o “orador” e o “poeta”, o “filósofo” era tido em alto conceito entre eles. Quem trazia “sabedoria” e tinha uma palavra repleta e moldada de sabedoria era admirado e respeitado. Era dessa **“sabedoria de discurso”** que as pessoas em Corinto sentiam falta em Paulo, motivo pelo qual muitos não o consideravam um grande apóstolo. Será que Paulo não possuía dons suficientes para atender ao anseio dos coríntios? Será que ele não havia adquirido suficiente sabedoria para si mesmo? Não, responde Paulo. De uma forma muito consciente e plenamente intencional, minha evangelização não traz “sabedoria”. Por que não? **“Para que não seja esvaziada a cruz do Cristo.”** O sacrifício de sangue do Filho de Deus para a salvação do ser humano perdido é o maior contraste imaginável à autoglorificação humana que pretende dar conta de tudo, até de Deus, a partir de si mesmo. Conseqüentemente, a mensagem da cruz e o discurso de sabedoria são inconciliáveis entre si. Sempre que a “sabedoria” determina a palavra, sempre que as pessoas são conduzidas para um domínio mental das coisas divinas de acordo com seus desejos, a cruz de Jesus se torna “vazia”, insignificante e ineficaz. É marginalizada, sim, por fim ela desaparece debaixo dos elevados raciocínios com que o ser humano se apodera de Deus. A evangelização de Paulo, porém, tinha precisamente essa cruz como centro, motivo pelo qual tinha de rejeitar toda a “sabedoria”. Essas palavras introduzem o grande tema sobre o qual Paulo agora precisa falar aos coríntios.

## A palavra da cruz, 1.18-25

**18** Certamente, a palavra da cruz é loucura para os que se perdem, mas para nós, que somos salvos, poder de Deus.

**19** Pois está escrito: Destruirei a sabedoria dos sábios e aniquilarei a inteligência dos instruídos.

**20** Onde está o sábio? Onde, o escriba? Onde, o inquiridor deste século? Porventura, não tornou Deus louca a sabedoria do mundo?

**21** Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria, aprouve a Deus salvar os que crêem pela loucura da pregação.

**22** Porque tanto os judeus pedem sinais, como os gregos buscam sabedoria;

**23** mas nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios;

**24** mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, pregamos a Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus.

**25** Porque a loucura de Deus é mais sábia do que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens.



Mais uma vez Paulo assevera: a palavra proclamada por ele é **“a palavra da cruz”**. Sua mensagem encontra seu verdadeiro conteúdo na “cruz”, ou seja, no fato de que o Messias, o Filho de Deus, acabou no “madeiro”, no lugar de maldição. Paulo se “decidiu nada saber senão a Jesus Cristo, e a esse como crucificado” (1Co 2.2). Nesse posicionamento Paulo estava sendo determinado por sua própria história de vida. Era a cruz de Jesus que lhe havia causado o maior escândalo.

- 18 Também para ele havia sido um “escândalo” (v. 23) que um criminoso supliciado fosse o Messias de Israel. Com a mais sincera revolta ele se tornara adversário determinado daqueles que afirmavam uma loucura tão blasfema. Precisam ser trazidos à razão pelo chicote, ou então aniquilados (At 26.10s). Então, porém, diante de Damasco, esse Jesus viera a seu encontro como o Ressuscitado e Exaltado pelo próprio Deus. Confrontou-se com o fato inconcebível de que o Crucificado é o Messias. Disso resultou obrigatoriamente a candente pergunta por que o Messias teve de tornar-se o Crucificado, por que o santo Filho de Deus teve de tornar-se uma maldição? Em breve Paulo nos fornecerá a resposta a essa pergunta. De qualquer forma, porém, a realidade de que o Senhor da glória acabou e “precisou” acabar desse modo é tão assombrosa que ela necessariamente tinha de tornar-se o centro de todo o pensamento sobre Deus e o ser humano, tão logo ela fosse captada pelo olhar. Toda a palavra de proclamação tornou-se **“palavra da cruz”**.

Essa palavra da cruz derruba subitamente toda a “sabedoria”, todo o pensamento das pessoas sobre si mesmas, sobre o mundo e Deus. O ser humano que tenta dominar todas as coisas com seu pensamento é seguro de si. Acredita estar em ordem e por isso ser capaz de solucionar todos os problemas a partir de si mesmo, também a questão de Deus. Em lugar de toda a sabedoria, a palavra da cruz, porém, lhe oferece “redenção” como a única coisa necessária, dizendo-lhe com isso que ele é um “perdido”. O ser humano não carece de sabedoria, nem de “filosofia da religião”, nem de pensamentos profundos sobre Deus, nem da solução para seus problemas lógicos, mas da redenção. Isso obviamente lança por terra todo o pensamento anterior, sim, toda a existência anterior da pessoa. A **“palavra da cruz”** representa para o ser humano o desafio extremo, porque o torna um pecador perdido que precisa de salvação. Por isso, não é de admirar que para a pessoa segura de si essa palavra seja ao mesmo tempo **“loucura”**, incompreensível, desprezível e revoltante. E justamente nessa reação ela se evidencia como aquela que **“se perde”**. A cegueira para sua perdição justamente a documenta com profundidade total. Nessa cegueira o ser humano rejeita a palavra da cruz também como palavra de sua salvação, selando assim seu caminho de perdição. É esse o sentido da afirmação de Paulo: **“A palavra da cruz obviamente é loucura para os que se perdem”**.

A salvação, porém, começa quando os olhos da pessoa se abrem para sua perdição. O ser humano nunca consegue romper o profundo equívoco sobre si mesmo, no qual ele vive como pessoa caída e perdida. Tampouco outro ser humano, nem mesmo um pregador ou conselheiro, pode abrir-lhe os olhos e convencê-lo de seu pecado e de sua perdição. Unicamente o maravilhoso poder de Deus é capaz de realizar isso por meio da palavra da cruz. Então, como perdida, a pessoa agarra a salvação na cruz. O sinal seguro de que isso aconteceu na vida de uma pessoa pode ser verificado no fato de que a pessoa agora não constata e enaltece mais nada em si mesma, mas apenas exalta com gratidão e adoração o poder redentor de Deus na cruz de Jesus Cristo. Por essa razão Paulo escreve: **“Mas para os que estão sendo salvos, para nós, ela é poder de Deus”** [TEB].

Nessa frase sobre os salvos Paulo intercalou um **“para nós”**. Isso é importante. Não se pode falar de forma objetiva e neutra a respeito da redenção. A salvação somente é conhecida por aquele que a experimentou pessoalmente. O testemunho pessoal desse “para nós” ou “nós”, portanto, não é “orgulho”, “farisaísmo”, “falsa segurança”. Esse é o pensamento precisamente daqueles que, por causa de seu orgulho natural, rejeitam a mensagem da salvação. O testemunho pessoal agradecido, pelo contrário, faz parte da própria questão. Pessoas resgatadas pelo poder de Deus não são pessoas indefinidas, mas somos “nós” que de fato vivenciamos essa redenção. Isso exclui todo o “farisaísmo”. A maravilhosa salvação de alguém totalmente perdido não é motivo para nenhuma forma de orgulho.

A formulação da frase toda é surpreendentemente ilógica e justamente por isso apropriada para a questão. Se a palavra da cruz é “loucura” para os perdidos, ela deveria ser “sabedoria” para os salvos. Porém não é isso que Paulo escreve. Pois a “salvação” não acontece através de “sabedoria”, mas pelo emprego de “poder”. O que “nos” salva da perdição eterna é **“poder de Deus”**. Por isso a **“palavra da cruz”** é algo diferente da “doutrina sobre a cruz”. Em toda a “teologia da cruz” há o perigo de explicar e tornar a cruz compreensível, privando-a desse modo de sua “loucura” escandalizadora e inadvertidamente permitindo que ela se torne uma nova “sabedoria” que seja convincente e aprazível para as pessoas. Desse modo, porém, “a cruz do Cristo” é “esvaziada” (v. 17), é justamente assim que ela perde o poder salvador. É preciso que a igreja e cada pregador suportem que a mensagem da cruz **“obviamente aos que se perdem”** é e continua sendo **“loucura”**. Somente quando o ser humano se scandaliza com essa mensagem inconcebível e revoltante existe a perspectiva de que ela permaneça cravada em seu coração como um ferrão que não o solta mais, vencendo-o finalmente apesar de tudo, no poder de Deus. Uma doutrina lógica da cruz poderá parecer interessante para a pessoa, e conseguir sua concordância intelectual; mas jamais a “salvará”.

Paulo empregou na frase o tempo verbal do presente e falou daqueles **“que se perdem”** e daqueles **“que estão sendo salvos”**, pois ainda não se concluiu a história de nenhuma pessoa. Como ainda leremos mais particularmente em **1Co 14.24s**, Paulo conta decididamente com a possibilidade de que também o “incrédulo”, i. é, o que conscientemente rejeita a fé, possa ser atingido e vencido pela palavra. Contudo, também nós, “que estamos sendo salvos”, “somos” definitivamente salvos somente quando comparecermos irrepreensíveis diante do Juiz no dia do Senhor Jesus Cristo (**1Co 1.8**). Essa constatação, porém, não altera em nada a profunda gravidade da frase. Portanto, de acordo com o testemunho de Paulo, existem somente duas espécies de pessoas: perdidas e redimidas.

- 19** Toda a “sabedoria”, todo o pensamento e opinião autônomos sobre Deus fecham o coração e os olhos para o fato julgador e redentor da cruz. Por essa razão, Deus está pessoalmente empenhado em despedaçar esse empecilho para a mensagem da cruz. Com vistas ao anseio por “sabedoria” na igreja de Corinto, é importante para Paulo encontrar esta determinação de Deus expressa na “Escritura”, ou seja, no **AT**: **“Pois está escrito: Destruirei a sabedoria dos sábios e aniquilarei a inteligência dos instruídos.”** O **AT** registra inúmeras vezes (**Is 29.14; Sl 33.10; Is 19.11ss; 33.18; 44.25; Jó 12.17**) que toda a sabedoria humana se coloca entre a pessoa e Deus, tanto no caso dos povos quanto de Israel. O “Egito”, com sua antiquíssima “sabedoria” e suas artes ocultistas (**Is 19.11 e 14**), é um exemplo especial disso. Mas também em Israel a luta de Deus por meio dos profetas é para que a revelação de Deus não seja substituída por sabedoria própria, e a salvação das aflições não seja buscada na força e inteligência próprias. Paulo pressupõe que também numa igreja de Jesus gentia cristã a Escritura, o Antigo Testamento, possui autoridade plena.
- 20** **“Onde está um sábio? Onde um doutor da lei? Onde um disputador do presente éon?”** [tradução do autor]. “Na realidade essas frases curtas não são encontradas desta forma literal em lugar algum do **AT**. Porém elas representam reminiscências do livro de Isaías, do qual já havia sido tirado o v. **19**. Paulo as acolheu, acrescentando assim à palavra de promessa de **Is 29.14** essas perguntas que prenunciam a vitória iminente de Deus, como uma expressão nova daquilo que Deus planeja realizar com os poderosos deste mundo. Paulo encontra nessas indagações triunfantes do espírito profético a determinação de Deus de descartar cabalmente as grandezas intelectuais deste mundo. Por meio das interrogações ele complementa a comprovação pela Escritura que já havia acrescentado a seu pensamento principal por meio do v. **19**”. Paulo não está querendo dizer que não haja homens dessa espécie. Eles existem em grande número. Paulo os encontrava a cada instante entre judeus e gregos. Porém, onde eles “estarão” se o próprio Deus entrar em cena com seu poder redentor na cruz? **“Porventura Deus não evidenciou a sabedoria do mundo como loucura?”** Ele já o fez na Antiga Aliança, quando “conselhos que haviam sido deliberados por seus criadores como sabedoria suprema, pelo desenrolar real dos fatos ordenados por Deus se evidenciaram como aquilo que já eram desde o começo, mas não aparentavam sê-lo: como equivocados e como loucura”. Foi isso que Deus explicitou em **Is 19.11-15**. E o que desde sempre aconteceu da parte de Deus vem a consumir-se agora na ação de Deus na cruz de Jesus. Por isso Paulo constata com razão que nas frases do **AT** está exposto o que Deus realiza hoje pela palavra da cruz, tanto no mundo judaico quanto no helenista. Onde a cruz do Cristo se torna poderosa sucumbe toda a sabedoria anterior das pessoas. “Sábios, doutores da lei e disputadores deste éon” perderam a vez. Não são capazes de proporcionar redenção a ninguém. Não são capazes de mostrar o verdadeiro Deus vivo. Toda a sua “sabedoria”, por mais cheia de argúcia que possa parecer e por mais brilhantemente que seja apresentada, é apenas “sabedoria do mundo” e por isso “loucura” que leva ao descaminho com vistas à única coisa que verdadeiramente merece ser conhecida, Deus. Por essa razão Paulo constata com grande preocupação que a igreja em Corinto começa a menosprezar os autênticos mensageiros da cruz e se abre à influência de homens que trazem a sua sabedoria em lugar da mensagem da cruz.
- 21** Na seqüência Paulo fornece a verdadeira justificativa para suas declarações sucintas. Confronta-nos com uma realidade inabalável: **“O mundo não reconheceu a Deus mediante a sabedoria”** [tradução do autor]. A “filosofia”, a busca por “sabedoria”, certamente não é nada desprezível. Faz parte da magnitude do ser humano não ser capaz de viver sem indagações como todas as demais criaturas, mas precisar perguntar por si mesmo, por sua verdadeira natureza, pelo sentido de sua vida e, por isso, também pelo fundamento e rumo do mundo e, em tudo isso, por “Deus”. É comovente constatar como o ser humano de todas as raças e povos, em mitos e lendas, em concepções religiosas e sistemas filosóficos, luta por respostas para suas perguntas. Contudo, é muito impressionante ter de admitir que ele não é capaz de encontrar o que busca com tanto ardor. O grande número e variedade de “visões de mundo”, de religiões e imagens de Deus já são prova disso. Quando uma pergunta obtém cem respostas diferentes, na verdade não obteve resposta. Por essa razão também falta a todas as pessoas uma certeza real e definitiva.
- Qual é o motivo disso? Será Deus culpado disso? Será ele o “enigmático irreconhecível”, de modo que somente podemos venerá-lo em silêncio, como o inescrutável? Não, Deus deveria ter sido encontrado por nós **“em sua sabedoria”**, cuja profundidade Paulo adora em **Rm 11.23**. Na realidade, porém, **“na sabedoria de Deus o mundo não reconheceu Deus mediante a sabedoria”**.

Nesse ponto torna-se explícita nossa separação de Deus, que representa nossa morte e nos torna pessoas perdidas. Por meio da queda do pecado, por nos desvencilhar de Deus estamos naquela situação que Paulo coloca perante os efésios: “não tendo esperança e sem Deus no mundo” (Ef 2.12). Nessa situação também foi incluída toda a nossa razão e todo o nosso pensamento. Não apenas a nossa vontade, também nosso pensamento foi deturpado pela queda, obscurecido e cego para Deus. Nossa razão não é uma força autônoma existente de forma isolada, mas está entrelaçada com nosso ser e é determinada por toda a nossa natureza. O ser humano distanciado de Deus e hostil contra Deus no mais profundo âmago – afinal, é isso que a expressão bíblica “mundo” pretende dizer – não consegue mais reconhecer a Deus na sabedoria de Deus. Nessa situação todas as religiões, até mesmo a mais nobre e sublime, todas as filosofias, até mesmo a mais metódica e profunda, em vista de Deus necessariamente levam ao descaminho.

Todos os caminhos da sabedoria humana não levaram a Deus. Por isso Deus abre um caminho completamente diferente e **“decidiu salvar pela loucura da proclamação os que crêm”** [tradução do autor]. Essa é a inversão total de todo o relacionamento anterior entre Deus e o ser humano. Até aqui era o ser humano que agia pela religião e filosofia, que “procurava por Deus”, que tentava alcançar o objeto “Deus”. Agora, porém, toda a atividade acontece da parte de Deus: Deus age e busca o ser humano perdido. Até aqui os humanos se consideravam basicamente em ordem, apenas Deus era algo muito questionável e duvidoso; Deus tinha de se justificar perante o tribunal do ser humano. Agora é o ser humano que está perdido e condenado perante o juízo de Deus, que carece de somente uma coisa: salvação! Até aqui, nas religiões, nos mitos, nas filosofias estava em jogo a “sabedoria”, que deveria ser plausível ao ser humano, parecer-lhe profunda e bela. Agora Deus emite uma mensagem, que para redimir as pessoas obcecadas e perdidas precisa ser tão desafiadora e arrasadora que ela a princípio não pode ser outra coisa que somente “loucura” ou “escândalo”. Uma mensagem assim somente pode ser rejeitada com indignação ou “crida”. Quem “crê” no chamado de Deus, quem, assustado com esse chamado, percebe sua perdição e se lança nos braços do Cristo crucificado por ele, desse momento em diante faz parte do “nós”, dos “salvos”. Deus não se interessa por “sábios” que o “compreendem” em pensamentos profundos, Deus se interessa por aqueles **“que crêm”**, que dão razão ao juízo e à graça em contraposição a todo pensamento e opinião próprios.

- 22 Nesse “crer” se restabelece o verdadeiro relacionamento entre Deus e o ser humano. Por meio da queda do pecado ele havia sido pervertido de um modo terrível e blasfemo. O ser humano caído apresenta-se perante Deus como alguém que exige. A pessoa apresenta suas reivindicações a Deus, e o Deus santo e vivo deve satisfazer essas demandas do ser humano. Os **“judeus pedem sinais”**. Deus deve identificar-se perante as pessoas por meio de feitos maravilhosos. E se alguém quiser ser o “Messias”, o Rei e Auxiliador enviado por Deus, terá de solidificar ainda mais sua reivindicação por meio de “sinais do céu” (Lc 11.16) antes que se “creia” nele. Um Messias e Filho de Deus, porém, que acaba impotente e abandonado como um criminoso no madeiro, é simplesmente **“um escândalo para judeus”**.

O “grego” se posiciona de forma igualmente exigente diante de Deus. Ele **“busca sabedoria”**. Deus não precisa se comprovar a ele por meio de milagres, mas se demonstrar ao raciocínio dele. Deus tem de caber em nosso sistema intelectual e explicitar sua existência como “logicamente necessária” dentro desse sistema intelectual, dentro de nossa ciência e nossa visão de mundo. Um “Filho de Deus” que tenha de fato vindo da parte de Deus precisa fornecer essa prova de Deus, precisa responder todas as perguntas e solucionar todos os problemas. Se o fizer, também eu aderirei a ele. Um suposto Filho de Deus, porém, que não apresenta absolutamente nada excelente, que “encerrou uma vida precária com uma morte miserável” (como diz Celsus, filósofo grego e antagonista dos cristãos, por volta de 177-180 d.C.), é uma “loucura”, sobre a qual apenas podemos menear a cabeça e sorrir ironicamente. E por trás desse sorriso arrogante ou da indignada rejeição está o orgulho do ser humano que rejeita energicamente o fato de que outra pessoa teve de sangrar e morrer para salvá-lo.

- 23 **“Nós, porém, anunciamos Cristo como Crucificado”**, proclamamos um “Messias crucificado”. Ainda que se agite a indignação dos “judeus” contra esse “escândalo” e a zombaria de rejeição dos “gentios” sobre essa “loucura” ressoe de modo grosseiro ou refinado – quantas vezes Paulo experimentou ambas as reações! – persistiremos nesse serviço de arautos. Pois esse Cristo crucificado é **“poder de Deus e sabedoria de Deus”**. Aqui a maravilhosa sabedoria de Deus encontrou o caminho para alcançar a humanidade decaída que vagueia em suas próprias “sabedorias”. Aqui o poder de Deus é eficaz para salvar perdidos e transformar pecadores merecedores da maldição em filhos amados de Deus. Por isso é preciso trazer essa mensagem sob quaisquer circunstâncias a um mundo em vias de corrupção. Paulo e todos os demais mensageiros de Jesus – Paulo escreve “nós”, o que possui um peso especial diante do “eu” geralmente utilizado na carta – são impelidos a levar incansavelmente, mediante sacrifícios, sofrimentos e privações, essa palavra do Redentor crucificado às pessoas perdidas. Que se rebelassem ou rissem, zombassem ou perseguissem, essa palavra tinha de ser dita a eles. E nessa proclamação os mensageiros também experimentam o oposto: essa palavra abre corações.

- 24 Houve pessoas que se deixaram chamar, e **“os próprios chamados, judeus como também gregos”**, captaram e experimentaram esse **“Cristo como poder de Deus e sabedoria de Deus”**. Assim travaram

conhecimento com o verdadeiro Deus vivo, ao qual nenhuma sabedoria humana foi capaz de alcançar. Tanto “judeus” como “gregos” participam dessa experiência.

Nessas frases torna-se evidente que não é “a cruz” que salva, ou seja, não um objeto ou um processo a ser explicado e justificado, mas uma pessoa. Jesus Cristo em pessoa é o Salvador. Em sua trajetória de obediência até a cruz, ao se deixar transformar, embora sem pecados, em pecado (2Co 5.21), embora santo, em maldição (Gl 3.13), ele tem[adquiriu, no caso da versão corrigida] o pleno poder de salvar os perdidos, revelando nisso o poder e a sabedoria de Deus. Por essa razão a ressurreição de Jesus faz parte integrante da “palavra da cruz” (1Co 15.4; Rm 4.25). Por intermédio da ressurreição o Cristo crucificado é o Salvador presente, ao qual posso realmente chegar hoje e aqui, a fim de experimentar a redenção agora.

**25 “Porque a loucura de Deus é mais sábia do que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens.”** Na cruz Deus de fato é “louco”, de acordo com nossos parâmetros humanos. É tolo quem abre mão de seus direitos, quem entrega sua honra, e tudo isso nem mesmo em favor de pessoas justas e boas, mas de culpados e maculados. Contudo, o Senhor e Rei do universo o fez na cruz de maneira extrema em favor de inimigos e rebeldes. Que “tolice” de Deus! Na cruz Deus de fato é tão “fraco” quanto se pode imaginar. Completamente impotente e indefeso, ele permite que façam de tudo consigo. Privado das roupas, pregado nas mãos e nos pés, escarnecido, sedento, moribundo, como está “fraco” aqui o Deus onipotente! Mas a palavra dessa cruz foi capaz de realizar até hoje o que nenhuma sabedoria de todos os sábios do mundo conseguiu e o que nem sequer a onipotência arrasadora de Deus teria conseguido: convencer pessoas de seu pecado e sua perdição, vencer pecadores obstinados de modo profundo, levar à bendita adoração os mais argutos negadores de Deus, transformar pessoas legitimamente malditas em filhos amados de Deus. Em verdade, **“a loucura de Deus é mais sábia do que os homens, e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens”**.

Nessas frases Paulo não falou do “amor” de Deus. Parece que tinha um certo receio dessa palavra, porque podia ser mal-compreendida e distorcida com tanta facilidade que praticamente se tornava uma palavra perigosa. Como na epístola aos Romanos, também na presente carta ele apenas cita o amor mais tarde (1Co 8.1; 13). Mas aqui o amor está sendo proclamado em sua substância, com toda a sua verdade e glória. Por que o Messias morre na estaca? Por que Deus é tão “fraco” e tão “tolo”? Por causa de um amor insondável e incompreensível por um mundo perdido que o odeia e despreza. Por outro lado, é somente na estaca do Cristo que se pode reconhecer o que é verdadeiramente “amor”, o amor com a máxima e sagrada seriedade, separada por universos de distância de toda a bondade, cordialidade e sentimentalidade que nós confundimos com amor. O “amor” de Deus não significa que Deus faz pouco caso de nosso pecado. O amor de Deus considera nosso pecado com seriedade tão fatal que não lhe resta outra saída para nos salvar do que assumi-lo sobre si mesmo com todo seu ônus e condenação, tornando-se na cruz tão “fraco” e tão “louco”.

Paulo há de nos mostrar nos trechos subseqüentes que conseqüências a “palavra da cruz” precisa ter para a vida da igreja e para o serviço dos pregadores. Afinal, a “palavra da cruz” não é uma teoria que possa ser proclamada objetivamente em si mesma como “doutrina pura”. A própria igreja e seus mensageiros precisam ter a coragem de viver em contraposição resoluta ao ser do mundo, na “fraqueza” e “loucura” que eles reconheceram no próprio Deus na cruz do Cristo. A cruz precisa cunhar a natureza da igreja. A igreja será vitoriosa unicamente no risco da fraqueza e vida sem defesa, do amor sofrido por um mundo perdido que responde a esse amor com escárnio, rejeição e ódio. E toda a proclamação precisa permanecer na “loucura da mensagem” que o próprio Deus escolheu para único caminho para a salvação das pessoas. Sempre há o perigo de que, apesar de tudo, a igreja volte a tentar evangelizar com sabedoria, oratória ou quaisquer outros métodos atraentes e imponentes. Ela poderá ser capaz de atrair e entusiasmar grandes multidões de pessoas, mas apenas conseguirá salvar de fato a poucos. Autoridade para evangelizar possuem somente os mensageiros da igreja que arriscam realmente tudo com a fraqueza e loucura de Deus.

Finalmente ainda daremos atenção ao fato de que na presente carta temos o paralelo “grego” às exposições de cunho “israelita” da carta aos Romanos. Na epístola aos Romanos é a “justiça” que está em jogo. Com os coríntios Paulo fala sobre a “sabedoria”. Contudo, em ambos os campos tão distintos a causa é a mesma. O “israelita” busca “a justiça que vale perante Deus”, acreditando que a alcançará em seu próprio agir pelo cumprimento da lei. O “grego” busca a “sabedoria” que abrange a Deus com o conhecimento, esperando encontrá-la em sua própria sabedoria. Porém ambos se enganam radicalmente. Ambos desconhecem a verdadeira condição do ser humano perante Deus, sua perdição total. Ambos carecem do “poder de Deus para a salvação” (Rm 1.16 e 1Co 1.18). Para ambos esse poder redentor de Deus apenas pode ser apreendido na “fé”. O “judeu” precisa crer na “justiça alheia de Cristo” para que de fato se torne justo perante Deus. O “grego” precisa crer na “loucura da proclamação” para que alcance o verdadeiro conhecimento de Deus. No mundo moderno, porém, o “judeu” e o “grego” atuam simultaneamente no coração humano. Por isso necessitamos tanto da carta aos Romanos quanto da aos Coríntios, e somos imensamente gratos a Deus por nos ter presenteado com ambas como fundamento para nossa fé e nossa proclamação.



## À palavra da cruz corresponde a imagem da igreja, 1.26-31

- <sup>26</sup> Irmãos, reparai, pois, na vossa vocação; visto que não (foram chamados) muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento;
- <sup>27</sup> pelo contrário, Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes;
- <sup>28</sup> e Deus escolheu as coisas humildes do mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são;
- <sup>29</sup> a fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus.
- <sup>30</sup> Mas vós sois dele, em Cristo Jesus, o qual se nos tornou, da parte de Deus, sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção,
- <sup>31</sup> para que, como está escrito: Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor.

**26** O que Paulo expôs aos coríntios como um princípio pode ser visto refletido na configuração peculiar apresentada por sua igreja. **“Pois estais vendo vossa vocação”** [tradução do autor]. A igreja não se formou por resoluções pessoais, mas foi “chamada” à existência. Ela é formada por pessoas “chamadas para ser santas” (v. 2). Contudo, que aspecto curioso ela possui: **“Não muitos sábios, não muitos fortes, não muitos de origem nobre”** [tradução do autor] podiam ser encontrados nela.

Essa composição da igreja não corresponde a desejos e interesses humanos. Quem não preferiria pertencer a uma igreja magnífica e imponente, na qual se pode apontar para uma série de pessoas famosas?

**27,28** O “chamado de Deus”, porém, realizou uma “seleção” muito diferente e estranha. O Deus, cuja loucura e fraqueza são mais fortes do que as pessoas, escolheu para si, em consonância com seu modo de ser, **“as coisas loucas do mundo, as coisas fracas do mundo, as coisas não-nobres do mundo e as desprezadas”**, tudo aquilo que Paulo sintetiza na expressão **“as que não são”**. E ao fazê-lo Deus tem um objetivo bem claro e determinado. Desse modo visa **“envergonhar”** os sábios e **“aniquilar”** as coisas que são.

**29** Entretanto, por que Deus quer isso? Será que dessa maneira não está sendo totalmente injusto com os sábios, fortes e nobres? Quem destes receber seus dons e forças com gratidão da mão de Deus com certeza não será “envergonhado” por Deus. Porém Paulo na verdade está pensando nos **“sábios segundo a carne”** e nos fortes e nobres do **“mundo”**. **“Carne”**, no entanto, é o ser humano segundo sua natureza separada de Deus, autocrático e egoísta. É isso que marca e determina o que Paulo chama **“o mundo”**. A **“carne”**, porém, não quer “receber” e “agradecer”, mas deseja ser alguma coisa e “gloriar-se”. O pecado essencial do ser humano caído é que ele não mais “honra a Deus como Deus, nem lhe dá graças” (**Rm 1.21**), mas que diante de Deus tenta ser grande em si mesmo e gloriar-se. Deus não pode nem quer tolerar isso. É contra isso que realiza o juízo. Deus o executa pelo fato de que, ao emitir seu “chamado”, ele passa de largo pelos sábios, fortes e nobres, “envergonhando-os” e “aniquilando-os” desse modo, **“a fim de que não se glorie qualquer carne perante Deus”** [tradução do autor]. Se fossem escolhidos por Deus, atribuiriam essa escolha a seu próprio mérito e valor, acabando confirmados no **“gloriar-se perante Deus”**. Porém tudo “o que não é” pode tão somente ver no chamado de Deus sua graça soberana e espontânea, admirando-a com gratidão. Isso, porém, é fomentado pela “loucura da proclamação”, que é rejeitada com desprezo pelos sábios, fortes e nobres e que é vista com indignação pelos que em si mesmos são “devotos”.

No presente trecho ouvimos três vezes consecutivamente: **“Deus escolheu.”** Deparamo-nos com o mistério da escolha. É um mistério, não uma teoria racional, contra a qual poderíamos lançar outras passagens da Bíblia. É impossível não reconhecer a realidade. Deus chamou dentre toda a população da cidade portuária esse pequeno grupo de pessoas em geral insignificantes e passou de largo em muitas outras. Será que Deus não tem o direito de agir assim? Será que Deus tem “obrigação” com alguma pessoa, de presentear-lhe com sua graça, se ela realmente ainda for “graça”? Porventura um rebelde merecedor da pena de morte tem algum direito de ser agraciado por seu rei? Quem se descobre escolhido e salvo unicamente consegue agradecer com admiração e adoração. E quem se considera deixado de lado pela escolha de Deus pode ficar assustado e buscar a graça de Deus com muito maior ardor. Com certeza a encontrará em Cristo e, então, se conscientizará de sua escolha com admiração e gratidão.

**30** As pessoas da igreja em Corinto, porém, ouviram o chamado de Deus que os escolheu. Seguiram-lhe quando passaram a crer no Messias crucificado e se deixaram salvar da perdição. Agora se afirma sobre elas: **“A partir de Deus estais em Cristo Jesus”** [tradução do autor]. Eles, os “que não são”, agora “são” algo, mas obviamente não em si mesmos, apenas “em Cristo Jesus”. “Estar em Cristo Jesus” é a única existência verdadeira que os “nadas” podem ter. Eles a têm **“a partir de Deus”**, do Deus maravilhoso, que “chama à existência as coisas que não existem” (**Rm 4.17**), e que criou do nada todo o imenso mundo. Neles aconteceu a nova criação (**2Co 5.17**). Nessa cidade portuária rica, próspera e cheia de vícios eles, os tolos, os fracos, os não-nobres, os desprezados, os “nadas” são agora a igreja do Deus vivo, os herdeiros da glória eterna. Em si

mesmos não são nada e não têm nada a exhibir. Porém estão **“em Cristo Jesus”**. Ele é seu verdadeiro espaço de vida, seu elemento vital, e ele mesmo é, a partir de Deus, a **“sabedoria para nós”**, sim, também **“a justiça e santificação e redenção”**.

Logo são “loucos, não-nobres, desprezados” de fato apenas quando vistos na perspectiva do “mundo”. “Em Jesus” e “a partir de Deus”, porém, são verdadeiramente sábios, fortes, nobres e valorizados. Não são assim somente numa avaliação amistosa que recebem de Deus, mas numa realidade que já se mostra agora em sua vida. É uma circunstância maravilhosa, repetidamente verificável, que em Jesus as pessoas humildes, que no mundo não são nada importantes, possuem uma admirável **“sabedoria”** e em seu conhecimento de Deus superam os maiores pensadores da humanidade.

Contudo, essa **“sabedoria”**, um conhecimento veraz do Deus vivo, não é coisa intelectual, mas abrange e determina o ser humano todo. Por essa razão Paulo acrescenta de imediato **“justiça”** e **“santificação”** a título de explicação para a **“sabedoria”**. O Senhor crucificado, que carregou nossa culpa, nos concede a justiça, sim, ainda mais, ele mesmo é nossa “justiça” perante Deus. Por isso possuímos de forma tão inatacável e segura a justiça, esse fundamento necessário sempre que estamos perante Deus, oramos a ele, contamos com Deus – porque não a temos em nós mesmos mas no próprio Jesus. Jesus, no entanto, também é nossa **“santificação”** ou, como também podemos traduzir, “nossa santidade”. Ouvimo-lo já no v. 2: Somos “santificados em Cristo Jesus”. Também nossa santificação e seu resultado, a santidade, não são realização nossa. Se assim fosse, como seria precária! Agora, porém, estamos incessantemente na santificação, desde que estejamos incessantemente em Cristo Jesus. Por isso o v. 30 é uma importante base para uma doutrina realmente “evangélica” da santificação. Nele, como em **Rm 6**, ela não representa uma nova “lei”, mas a própria pessoa de Jesus e nossa ligação com ele, sobre as quais se alicerça a possibilidade e realidade de uma nova vida.

Contudo Jesus também é nossa **“redenção”**. Jesus esmagou a cabeça da serpente e anulou o poder da morte. O triunfo dele é nosso, porque é quando estamos “nele”. Já agora Jesus é manifesto de múltiplas maneiras como nossa “redenção”. Quanta redenção, quanta liberdade e quanta vitória encontram-se na vida de cada cristão. Obviamente também ainda somos pessoas que “aguardam” (v. 7). Contudo a nova “revelação de nosso Senhor Jesus Cristo” (v. 7) mostrará como realidade visível em nós e em tudo que estaremos totalmente justos, totalmente santos, totalmente redimidos de toda perdição como “irrepreensíveis” (v. 8) diante dele.

- 31** Quem compreendeu essa verdade não pode silenciar, tem de cantar e anunciá-lo, tem de ser uma pessoa que “glorifica”. Não existe verdadeira vida de fé sem “glorificar”. Não podemos permanecer calados sobre o que Deus nos outorgou e sobre seu terno milagre, não podemos falar disso com requintada discrição. Essas infinitas glórias impelem a “glorificar”. Contudo esse louvor é algo completamente diferente do que o “gloriar-se” da carne. Aqui se cumpriu a palavra que Deus disse e escreveu no passado por meio de Jeremias (**Jr 9.24**): **“Aquele que se gloria, glorie-se do Senhor.”** Agora unicamente Deus é grande! Agora foi restabelecida a condição certa, inicial, em que Deus está no centro, o nome de Deus ressoa, Deus é glorificado como Deus e agradecemos a ele, em que Deus já começa a se tornar “tudo em todos” (**1Co 15.28**). Isso, porém, é realização unicamente das “coisas loucas de Deus” e das “coisas fracas de Deus” pela “palavra da cruz”.

## **À palavra da cruz corresponde também a atitude do emissário verdadeiro, 2.1-5**

- <sup>1</sup> **Eu, irmãos, quando fui ter convosco, anunciando-vos o testemunho de Deus, não o fiz com ostentação de linguagem ou de sabedoria.**
- <sup>2</sup> **Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado.**
- <sup>3</sup> **E foi em fraqueza, temor e grande tremor que eu estive entre vós.**
- <sup>4</sup> **A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder,**
- <sup>5</sup> **para que a vossa fé não é se apoiasse em sabedoria humana, e sim no poder de Deus.**

- 1** **“E também eu”**, essa conexão revela que no presente trecho Paulo pretende dar continuação a seus argumentos. Portanto somente compreenderemos bem esta passagem se não a isolarmos, mas a considerarmos no contexto de toda a análise desde **1Co 1.17**. A poderosa peculiaridade da ação redentora de Deus na “loucura” e “fraqueza” da cruz se espelhava nitidamente na imagem singular formada pela igreja. No entanto, ela igualmente determinava todo o comportamento de Paulo durante sua atuação em Corinto, podendo ser claramente reconhecida nele. Os coríntios conseguem depreender dele o que significa a “palavra da cruz”, e por outro lado podem compreender melhor seu apóstolo a partir da natureza da mensagem.

**“Quando fui até vós, irmãos, não fui com destaque no discurso ou na sabedoria”** [tradução do autor]. Na verdade era disso que os coríntios sentiam falta em Paulo. “As cartas, com efeito, dizem, são graves e fortes; mas a presença pessoal dele é fraca, e a palavra, desprezível” (**2Co 10.10**). Fazemos uma idéia errada

de Paulo nas cartas se o imaginamos de certo modo “imponente” e como orador poderoso e arrebatador. Ele não era nada disso e tampouco queria ser. Pois vê nisso não uma deficiência a ser lamentada, mas uma sagrada necessidade. Ele nem sequer visa apresentar-se **“com destaque no discurso ou na sabedoria”**. Já declarou isso em **1Co 1.17**.

Afinal, **“anunciava-vos o testemunho de Deus”**. Novamente, como em **1Co 1.6**, isso é o testemunho sobre os feitos de Deus e ao mesmo tempo o testemunho que Deus dá sobre si mesmo através de seu mensageiro. Quando, porém, está em jogo “Deus”, são despedaçadas toda a eloquência e toda a sabedoria diante desse objeto imenso, revelando-se diante dele toda a “ vaidade” delas.

- 2 Isso se explicita cabalmente pelo conteúdo do “testemunho de Deus”. Paulo fala dele na forma de uma “decisão” pessoal. **“Porque decidi nada saber entre vós senão a Jesus Cristo e este crucificado.”** O “testemunho de Deus” é tão estranho ao ser humano, ele colide tanto com sua autoconsciência natural, e decepciona tanto todos os desejos que desde a primeira vez em que é ouvido já é necessário uma “decisão” para comunicar unicamente esse testemunho e não saber nada senão essa “palavra da cruz”.

Provavelmente já havia naquele tempo algo do movimento filosófico mais tarde conhecido como “gnose”. “Gnose” significa “conhecimento”. Em **1Co 1.5** vimos que Paulo sabia valorizar o conhecimento. Agora, porém, o “conhecimento” é transformado na busca egoísta do ser humano caído, que não quer viver, como um perdido, com fé a partir da graça de Deus, mas dominar a Deus pelo “conhecimento” e prendê-lo em seu sistema intelectual. O santo e vivo Deus é transformado em “objeto” do pensamento e da compreensão humanas. Esse desejo está muito arraigado na pessoa depois da queda do pecado. Por essa razão o ser humano busca instintivamente uma teologia e uma proclamação que atendam a esse desejo, que lhe “comproven” e “expliquem” tudo sobre Deus, eximindo-o de ruir perante Deus e de agarrar a salvação pela fé.

Paulo resistiu implacavelmente a esse desejo que aflorou em Corinto. A cruz do Cristo é a rocha dura e áspera em que o desejo fracassa. Por isso **“decidi nada saber entre vós senão a Jesus Cristo e este como crucificado”**. Nenhum sistema consegue explicar que o Filho de Deus que veio ao mundo acabou como um maldito no madeiro. O ser humano não consegue explicar e “dominar” esse fato com seu pensamento. Sobre isso tampouco se pode discursar de forma brilhante e inteligente. Diante desse fato existem apenas indignação e zombaria, ou derrota total, que desse momento em diante nos permite viver, pela fé, da inconcebível graça de Deus e que põe fim a todas as tentativas do velho Adão para “compreender” a Deus.

Obviamente Paulo sabia e testemunhou da mesma maneira que Jesus Cristo ressuscitou. Todo o grandioso capítulo **15** da carta evidencia isso. Mas quem ressuscitou foi o Crucificado! E também na glória de sua ressurreição ele continua sendo aquele que foi entregue por causa de nossos pecados. Nessa questão não se pode pensar em termos quantitativos, nem colocar lado a lado, como peças isoladas, o que é uma unidade inseparável no Jesus Cristo uno. Em Jesus Cristo Paulo sempre proclamou o Ressuscitado, o que haveria de retornar, porém, contrariando toda a “sabedoria” humana, **“este como crucificado”**.

- 3 Que aspecto tem, pois, uma proclamação com um conteúdo como essa mensagem louca? Como se apresenta um mensageiro que precisa anunciar responsavelmente essa mensagem com toda sua “loucura” e seu divino “poder” redentor? Paulo o mostra à igreja em Corinto e a nós em seu próprio exemplo. **“E da minha parte cheguei em fraqueza, temor e muito tremor até vós.”** Não é desse modo que imaginamos alguém como Paulo! Por isso também se tentou desculpar esse Paulo “fraco, temeroso e trêmulo”. “Explica-se” seu comportamento em Corinto com o “insucesso” em Atenas. Ali ele teria abordado demais toda sorte de “sabedoria”, colocando em segundo plano a cruz, e justamente por isso não teria conseguido nada. Consequentemente, teria chegado a Corinto derrotado e deprimido, decidindo-se a oferecer ali unicamente a palavra da cruz. Com essas “explicações” deturpamos todo o entendimento das poderosas declarações de Paulo. Ele não diz: entre vocês, em Corinto, fui (por causa de meu insucesso em Atenas) excepcionalmente fraco e trêmulo, mas no geral sou uma pessoa forte e um orador imponente, como vocês o desejam. Não, pelo contrário, o contexto de toda a explanação a partir de **1Co 1.17** declara: a “palavra da cruz” de fato pode ser proclamada somente **“em fraqueza, temor e muito tremor”**. “Fraqueza, temor e tremor” perfazem a modalidade necessária para o anúncio dessa mensagem.

Por que isso é assim? Cabe testemunhar às pessoas a maior coisa que pode ser dita. Trata-se da ação do Deus vivo para a salvação dos humanos. Paulo foi enviado para arrancá-los da perdição e mostrar-lhes na cruz de Jesus a sabedoria redentora e o poder de Deus. Contudo essa tremenda incumbência supera todas as possibilidades humanas. Essa mensagem não pode ser explicada nem demonstrada a uma pessoa.

- 4 Ela não conquista ninguém por intermédio da arte de convencimento e do empenho eloquente. A atuação de Paulo tinha de ser da maneira como ele próprio descreve: **“Meu discurso e minha proclamação (aconteceram) não em palavras persuasivas de sabedoria”** [tradução do autor]. Precisamente agora, quando tudo depende do “sucesso”, muito mais que em qualquer outro discurso, o orador é ao mesmo tempo fundamental e totalmente incapaz de gerar esse sucesso. Essa sua “fraqueza” o impele para um profundo temor e constantemente o leva a estremecer.

No entanto, o resultado dessa “fraqueza”, impossível de alcançar da parte das pessoas, mas presenteado pela soberana graça de Deus, é a “demonstração de Espírito e poder”. Aqui existe uma ligação indissolúvel. Justamente pelo fato de que Paulo evangelizava **“não em palavras persuasivas de sabedoria”**, sua proclamação acontecia **“em demonstração de Espírito e poder”**. Isso, porém, não significa uma correlação controlável nem elimina o tremor e temor, mas se sustenta dentro deles. A **“demonstração de Espírito e poder”** não torna Paulo, apesar de tudo, um orador poderoso. Para muitos em Corinto, seu discurso continua sendo desprezível como antes (2Co 10.10). Contudo um fato aconteceu: essa proclamação criou “fé”. Debaixo dela as pessoas reconheceram sua perdição. Diante do Filho de Deus no madeiro maldito eles se descobriram inimigos de Deus malditos com toda a razão, e agarraram com admirada gratidão o poder redentor de Deus.

- 5 Conseqüentemente, um resultado imprescindível foi alcançado precisamente por meio de um discurso tão “desprezível” e “fraco”. A fé dos coríntios **“se apóia não em sabedoria humana, e sim no poder de Deus”**. Não precisam ter medo de ser arrastados tão somente pelo poder da eloquência de uma pessoa que os entusiasma, ou de ter concordado com o magnífico sistema de idéias de um cérebro privilegiado. Isso não resistiria se outro pensador desenvolvesse opiniões contrárias de maneira ainda mais convincente ou se um novo orador desafiasse para outros alvos de forma ainda mais inflamada. Influências humanas, psíquicas, sempre renderão resultados apenas humanos e, por isso, rapidamente dispersáveis. Com **“Espírito e poder”**, porém, Paulo não se refere a esse tipo de coisas, mas ao Espírito de Deus, ao Espírito Santo, e ao poder de Deus, que têm uma característica completamente diferente do que todas as forças controladas pelo ser humano. Esse “Espírito” e esse “poder” pode efetuar o milagre da fé justamente num discurso bem simples, silencioso e “desprezível”.

### A sabedoria do Espírito Santo, 2.6-16

- 6 Entretanto, expomos sabedoria entre os experimentados; não, porém, a sabedoria deste século, nem a dos poderosos desta época, que se reduzem a nada;
- 7 mas falamos a sabedoria de Deus em mistério, outrora oculta, a qual Deus preordenou desde a eternidade para a nossa glória;
- 8 sabedoria essa que nenhum dos poderosos deste século conheceu; porque, se a tivessem conhecido, jamais teriam crucificado o Senhor da glória;
- 9 mas, como está escrito: Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam.
- 10 Mas Deus no-lo revelou pelo Espírito; porque o Espírito a todas as coisas perscruta, até mesmo as profundezas de Deus.
- 11 Porque qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o seu próprio espírito, que nele está? Assim, também as coisas de Deus, ninguém as conhece, senão o Espírito de Deus.
- 12 Ora, nós não temos recebido o espírito do mundo, e sim o Espírito que vem de Deus, para que conheçamos o que por Deus nos foi dado gratuitamente.
- 13 Disto também falamos, não em palavras ensinadas pela sabedoria humana, mas ensinadas pelo Espírito, conferindo coisas espirituais com espirituais
- 14 Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente.
- 15 Porém o homem espiritual julga todas as coisas, mas ele mesmo não é julgado por ninguém.
- 16 Pois quem conheceu a mente do Senhor, que o possa instruir? Nós, porém, temos a mente de Cristo.

- 6 Nos três trechos interligados de 1Co 1.18-25, 1.26-31 e 2.1-5 Paulo refutou com extrema seriedade o anseio por “sabedoria” entre os coríntios. Contudo Paulo sabe muito bem: não foi colocado em nós nenhum anseio para o qual Deus também não tivesse preparado a satisfação. Somente nos é negada a satisfação egoísta e arbitrária, porque ela é apenas aparente e na realidade nos perverte. Por isso Paulo consegue rejeitar com toda a determinação a exigência por “sabedoria” e, não obstante, escrever, após esse esclarecimento: **“Entretanto, falamos sabedoria entre os perfeitos”**[tradução do autor]. Se em todos os povos da terra há uma luta, por meio de mitos, religiões, poemas e filosofias, para obter uma visão completa da realidade e sobretudo apreender a natureza do ser humano e do sentido de sua vida, será que Deus simplesmente rejeitaria e condenaria isso? Não, Deus sacia essa fome no coração humano. É óbvio, porém, que apenas ele mesmo é capaz de fazê-lo “na sabedoria de Deus”.

Como, no entanto, ele o faz? O que é essa “sabedoria de Deus”? Para o entendimento da presente carta, até de todo o cristianismo como tal, muito depende de como ouvimos a primeira frase deste bloco: **“Entretanto,**



**falamos sabedoria entre os perfeitos.”** Será que Paulo está dizendo que até aqui ele obviamente falou apenas da “palavra da cruz” como de uma mensagem de que os afastados e os principiantes no cristianismo necessitam, enquanto os coríntios devem saber que ele tem um ensinamento para os cristãos maduros que ultrapassa largamente essa exposição e que lhes comunica uma “sabedoria” como a que desejam? Ou será que temos de entender a frase do seguinte modo: “Entretanto, acaso deixa de ser sabedoria o que dizemos na louca mensagem da cruz”? Ou seja, justamente a palavra da cruz é a mais profunda sabedoria de Deus. Naturalmente apenas os “perfeitos” conseguem reconhecer isso. Será esse o sentido? O final do cap. 3, como também todo o contexto das exposições a partir de [1Co 1.18](#), demonstram inequivocamente que somente esse entendimento da primeira frase é correto e aquilo que Paulo queria expressar.

Nesse ponto deparamo-nos com decisões que determinam toda a nossa teologia e todo o nosso ser cristão. A igreja repetidamente considerou a palavra da cruz, a mensagem da justificação dos ímpios como sendo mero “estágio inicial” do cristianismo, o qual o cristão “perfeito” precisa ultrapassar em favor de algo “mais elevado”. Mas em suas cartas Paulo combateu essa verdade supostamente “mais elevada” como a grave ameaça ao verdadeiro ser cristão (carta aos Gálatas, aos Colossenses) e tenta mostrar aos coríntios (como de modo diferente aos romanos) que tudo o que é mais elevado e mais profundo, tanto a “justiça” perfeita como a verdadeira “sabedoria”, reside justamente no fato de que o Cristo de Deus morre no madeiro maldito em favor de nós, incrédulos. A decisão pela verdade de que de fato não conhecemos nada mais a não ser Jesus Cristo, e este como crucificado, incide no âmago pessoal de nosso ser e é a decisão contra nosso eu em favor do amor. É o que Paulo mostrará na seqüência de sua carta.

É claro que esse entendimento correto é captado justamente apenas pelos “**perfeitos**”. O termo nos é estranho. Somos hipersensíveis contra todo “perfeccionismo”, contra toda presunção e pretensão de “perfeição”. Imediatamente dirigimos o pensamento a [Fp 3.12](#), onde até mesmo Paulo rejeita qualquer “estar pronto”. Mas justamente em [Fp 3](#) ele mesmo utiliza, poucas linhas adiante, a palavra “perfeito” para certos membros da igreja ([Fp 3.15](#)). Portanto, não se trata absolutamente de “perfeccionismo”, mas leva-se a sério o fato de que na vida dos renascidos há crescimento e maturação. Em [1Co 3.1s](#) Paulo dirá exatamente aos coríntios seguros de si e orgulhosos do ápice de sua condição cristã que aos olhos dele ainda são “imaturos”, aos quais nem sequer se pode dar “alimento sólido”. Porém existem também cristãos “maduros”, “adultos”, desenvolvidos. Em contraposição aos iniciantes, eles são chamados os teleíoi. São cristãos como devem ser, e nesse sentido “perfeitos” (cf. [1Co 14.20](#); [Ef 4.13](#); [Cl 1.28](#); [4.12](#); [Hb 5.14](#)).

Entre esses “**perfeitos**” Paulo fala sabedoria, “**não, porém, sabedoria deste éon**”. A palavra éon significa “era mundial”. Aqui (como também em [Gl 1.4](#)) é usada em sentido abrangente e significa todo tempo do mundo desde a queda do pecado. Toda essa era mundial foi nitidamente marcada pela queda do pecado, pela “alienação” de Deus ([Ef 4.17s](#)). Por isso também toda a “sabedoria” desse éon, por mais grandiosa e inteligente que possa ser em si mesma, é necessariamente imprestável para reconhecermos a verdade divina. Em vista disso Paulo não pode nem quer ter nada a ver com essa “sabedoria” e de maneira alguma se envolver com ela. Já vimos (cf. acima, p. 46) que “**na sabedoria de Deus o mundo não reconheceu Deus mediante a sabedoria**”, e por sua natureza nem podia reconhecê-lo. Como um mensageiro do Cristo crucificado seria capaz de fazer uso, de algum modo, dessa sabedoria?

Paulo, no entanto, considera “este éon” não apenas como uma coisa dos seres humanos. O judaísmo já sabia a respeito de poderes angelicais que dominam o mundo e os destinos dos povos dentro dele (cf. [Dn 10.8-20](#)). Paulo acolhe essa convicção que havia sido presenteada a seu povo. Ele fala dos “**dominadores deste éon**”, referindo-se não ao imperador em Roma nem aos príncipes dos povos maiores e menores. Tem em mente os anjos, aos quais em outro local chama de “tronos, soberanias, principados e potestades” ([Rm 8.28](#); [Cl 1.16](#); [Ef 6.12](#)). No entanto, são “anjos” que se deixaram arrastar para longe de Deus, que por isso fazem parte “deste éon” e se encaminham para o juízo de Deus, que será executado também pela igreja de Jesus ([1Co 6.3](#); [2Pe 2.4](#)). Sem dúvida esses entes angelicais possuem uma “sabedoria” que é ainda maior e mais abrangente do que toda a sabedoria humana. Mas a sabedoria de anjos hostis a Deus é determinada a partir de um fundamento antidivino, motivo pelo qual é radicalmente sem amor e destrutiva. A sabedoria que Paulo traz como mensageiro de Jesus tão somente pode apresentar-se em contraste total com a “**sabedoria dos dominadores deste éon**”.

- 7 A sabedoria que Paulo traz aos perfeitos é completamente diferente. “**Falamos a sabedoria de Deus em mistério, a oculta, que Deus preordenou antes dos éons para a nossa glória**” [tradução do autor]. Aquilo que o ser humano busca com tanto ardor e, não obstante, deixa de encontrar em suas visões de mundo, a noção do sentido e do alvo de toda essa enigmática criação e, dentro dela, do enigmático ente “ser humano”, precisamente isso a “**sabedoria de Deus**” nos pode proporcionar. Sem dúvida, ela continua sendo “**em mistério**”. Ela é a sabedoria “**oculta**”. Um “**mistério**” é algo que nem todos sabem, simplesmente por ser de conhecimento e acesso geral. P. ex., pessoas podem ter um mistério entre si, e cabe a elas decidir se e com quem compartilharão algo sobre ele. De um modo ainda muito diferente, Deus tem no seu coração um mistério precioso. É um maravilhoso plano de amor, que ele “**preordenou para a nossa glória**” já “**antes dos éons**”, antes da criação do mundo. Ninguém sabia algo desse plano. Por isso o v. 10 revelará um júbilo da

igreja, cheia de admiração: “Deus no-lo revelou pelo Espírito.” Agora temos o privilégio de conhecer o mistério. Um “mistério”, no entanto, não é um “enigma”. Um enigma é totalmente incompreensível até que seja “solucionado”, depois do que estará completamente esclarecido. Em contrapartida, um “mistério” certamente pode ser comunicado e experimentado, mas mesmo depois de percebido e reconhecido ele continua tendo uma profundidade inesgotável e transcende qualquer possibilidade de previsão e lógica. É assim que Paulo fala do “mistério” na condução de Israel (Rm 11.25), do “mistério” da igreja (Ef 3.3; 5.32; Cl 1.26ss), do “mistério” da iniquidade (2Ts 2.7) e depois também dos “mistérios” de Deus, sobre os quais os apóstolos foram colocados como administradores (1Co 4.1). Da mesma forma, também o grande plano de Deus com a criação e sobretudo com o ser humano constitui um desses “mistérios”, não reconhecível de maneira simples, mas tão grande e maravilhoso que não se pode perscrutar e dominá-lo intelectualmente com os “sábios, doutores da lei e disputadores deste éon”, como queriam os coríntios. A orgulhosa superioridade do ser humano, por meio da qual ele visa controlar até Deus e seu plano de criação, precisa ceder àquela adoração cheia de admiração, com a qual Paulo encerra o cap. 11 da epístola aos Romanos: “Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos!” (v. 33). Contudo, justamente quando o ser humano renuncia em adoração a toda a grandeza egocêntrica, ele não perde nada, mas, contra todas as expectativas, obtém uma alteza que o maravilhoso amor de Deus lhe reservou. O misterioso plano universal de Deus aponta para a **“nossa glória”**. O que já havia sido projetado na criação do ser humano, feito à imagem de Deus, é concretizado no alvo final. Por essa razão Jesus foi capaz de afirmar em seu último diálogo com o Pai: “Pai, a minha vontade é que onde eu estou, estejam também comigo os que me deste, para que vejam a minha glória” (Jo 17.24). Pois justamente ao vermos o “Senhor da glória”, “como ele é” (1Jo 3.3), seremos “iguais a ele”, nós mesmos pessoas “gloriosas” até o “corpo da sua glória” (Fp 3.21). Coisas inefáveis Deus tem preparado para o ser humano. Tão indizivelmente grande é o ser humano.

A “sabedoria” de Deus não apenas está por trás do sublime alvo fixado para a criação e o ser humano, mas ela vale sobretudo para o caminho espantoso e inesperado que Deus percorre para alcançar esse alvo apesar da queda do pecado e da perdição do ser humano e apesar de todo o poder e astúcia de Satanás. Dessa maneira fica claro que a sabedoria de Deus não é uma sabedoria que leva além da loucura da mensagem da cruz. Não, justamente a cruz está no centro do plano universal de Deus. Para a cruz convergem todos os caminhos de Deus desde o “primeiro evangelho” em Gn 3.15, passando pela vocação de Abraão, pela eleição de Israel, pelo envio dos profetas, até a vinda de Jesus ao mundo. E a partir da cruz acontecem todos os atos salvadores de Deus no mundo até a volta do Senhor e a renovação de toda a criação. E na consumação o júbilo de adoração é dirigido ao “Cordeiro que foi morto” (Ap 5.12); “o Cordeiro é a lâmpada” da eterna cidade de Deus (Ap 21.23). Um mistério da sabedoria inescrutável de Deus e digna de adoração reside em que toda a entrega do santo Filho de Deus, seu obediente sacrifício integral, se torna redenção dos perdidos, dos inimigos de Deus.

Se reconhecermos essa sabedoria de Deus como cristãos adultos, na realidade não saberemos quantitativamente mais do que a palavra da cruz, mas a conheceremos e captaremos qualitativamente de outro modo, mais profundo, mais abrangente, mais admirável.

- 8 Essa sabedoria de Deus **“nenhum dos dominadores deste éon reconheceu”** [tradução do autor]. Não porque não tivessem inteligência suficiente para isso, mas porque eram cegos em sua hostilidade contra Deus. Por causa de seu egoísmo e desamor não são capazes de captar o amor sacrificial de Deus, que entrega o Filho santo e puro a incrédulos, pecadores e inimigos (Rm 5.5ss). Não conseguiram compreender a “loucura” e “fraqueza” de Deus na cruz. Pensavam que por meio da crucificação de Jesus seriam capazes de desferir um golpe decisivo contra a soberania de Deus. Por isso são eles os responsáveis maiores pela crucificação de Jesus (sem anular a responsabilidade das pessoas). Mas assim como os líderes de Israel, com suas medidas contra Jesus, inadvertida e despropositadamente são usados para levar a cabo o plano de Deus (cf. At 13.27), assim também as potestades supraterras hostis a Deus alcançaram com a crucificação de Jesus exatamente aquilo que não queriam, causando assim até mesmo a própria ruína. Agora são elas que **“se reduzem a nada”**. Por isso Paulo constata: **“Se a tivessem conhecido (a sabedoria de Deus), certamente não teriam crucificado o Senhor da glória.”**
- 9 Novamente é importante para Paulo que não apenas veja pessoalmente tudo isso, mas que a Escritura já tenha expressado a mesma coisa. **“Porém (é) como está escrito: O que nenhum olho viu e nenhum ouvido ouviu e o que não coube no coração de uma pessoa, tudo o que Deus preparou para aqueles que o amam”** [tradução do autor]. Obviamente não encontramos a passagem bíblica citada de Is 64.4 na mesma formulação em nossas Bíblias. Os primeiros cristãos não tinham temores “históricos” no uso da Escritura. Tampouco possuíam junto de si o livro da Bíblia impresso, mas traziam a palavra da Escritura na memória. Nesse exercício são combinadas diversas passagens da Escritura. Talvez Paulo esteja pensando na palavra de Jz 5.31, muito citada em Israel. Mas mesmo assim Paulo com razão está convicto de que **“está escrito”**, a Escritura já diz isto. A “glória” que Deus nos está preparando transcende a tudo o que nós mesmos vimos e ouvimos ou o que brotou como pensamento e esperança em nossos corações. Esse presente maior que todas as possibilidades de imaginação Deus dá **“para aqueles que o amam”**. Os orgulhosos sábios, que tentam dominar tudo

intelectualmente, não “amam”. No entanto, somente os que amam serão herdeiros da glória. Ao longo da carta Paulo sempre retornará para essa verdade decisiva, dando-lhe um magnífico destaque pela posição do cap. 13 entre 1Co 12 e 14.

No entanto, também aqui Paulo não tem em mente apenas a glória futura, e no contexto do presente versículo nem sequer a coloca em primeiro lugar. **“O que nenhum olho viu”** é o Messias na estaca da ignomínia. **“O que nenhum ouvido ouviu”** é a notícia do rei que sofreu pessoalmente o castigo pelos rebeldes. **“O que não coube no coração de uma pessoa”**, o que um coração humano jamais podia imaginar, é o amor de Deus que entregou o Filho amado por um mundo de pecado e incredulidade. **“Tudo”** isso **“Deus preparou para aqueles que o amam”**. E essas pessoas que o amam são criadas por Deus justamente apenas por meio da cruz, de sua “fraqueza e loucura”.

- 10 Naturalmente, para que surgissem essas pessoas que amam a Deus e compreendem sua sabedoria na cruz, havia necessidade de outra ação e presente da parte de Deus, que Paulo passa a abordar agora. Por que somos capazes de compreender o que nem mesmo os maiores gênios deste mundo, sim, que nem mesmo os “dominadores deste éon” reconheceram? Isso não é um mérito *p. ex.* de nossa devoção. Não, **“pois Deus no-lo revelou pelo Espírito”**.
- 11 O significado disso é explicado agora por Paulo. Justamente os coríntios, que superestimam efeitos isolados e impressionantes do Espírito, têm necessidade de ver de que consiste a obra fundamental e digna de adoração do Espírito de Deus. Para tanto antecipamos o v. 11. Paulo estabelece uma correlação com nossa vida humana, como cada um pode observar em si mesmo. **“Quem dos humanos sabe acerca das coisas do ser humano senão apenas o espírito da pessoa que (está) nele?”** Trazemos em nós um “espírito” por meio do qual temos consciência de nós mesmos. Por isso não apenas vejo e ouço, sinto e desejo, mas também estou consciente de que vejo, ouço, sinto, desejo, e sei o que acontece em mim. É óbvio, porém, que somente nosso próprio espírito em nós sabe disso. Nunca conseguimos realmente comunicá-lo a outra pessoa. Por essa razão ocorrem incessantemente os penosos mal-entendidos entre nós, apesar de todos os diálogos intensivos. Somente se conseguíssemos colocar nosso espírito nos outros, eles de imediato nos compreenderiam integralmente e saberiam **“acerca das coisas do ser humano”**. Disso, porém, não somos capazes.
- 10 O que essa “analogia”, pois, tem a dizer com vistas a Deus? É mais do que uma “analogia”. Cumpre levar a sério que fomos criados à imagem de Deus. Nossa vida íntima humana de fato espelha a vida íntima de Deus, ainda que agora tudo em nós esteja desfigurado e obscurecido pelo pecado. Por isso temos de dizer, com a máxima reverência: da mesma forma em que, como pessoas, temos em nós o “espírito” pelo qual somente nós sabemos o que acontece dentro de nós, assim existe também em Deus o “Espírito”, por intermédio do qual Deus sabe acerca de si mesmo. **“Porque o Espírito a todas as coisas perscruta, até mesmo as profundezas de Deus.”** Como já admiramos o espírito do ser humano, que investiga tantas coisas, que avança da minúscula terra até as profundezas do universo e tem consciência de mares de estrelas que seguem sua trajetória numa distância de muitos milhões de anos-luz, e que ao mesmo tempo penetra nas coisas minúsculas, no mundo dos átomos, tentando descobrir sua estrutura! Como ficamos admirados com as “profundezas do ser humano”, conforme no-las revelam os grandes poetas! E com quanta emoção e espanto deparamo-nos com os abismos de nosso próprio coração! No entanto, o que será então o Espírito de Deus que “a todas as coisas perscruta”? Que **“profundezas”** inimagináveis e misteriosas estarão na essência de Deus! Porém o próprio Deus sabe das imensas profundezas de Deus e em seu Espírito contempla o fundo de seu próprio coração.
- 11 Contudo, será que o conhecimento de Deus de fato existe para nós humanos? Aflora aqui realmente todo o problema de conhecer a Deus. Se para os seres humanos já vale a verdade de que ninguém de fato é capaz de conhecer e reconhecer ao outro, será que isso não vale em medida muito maior para o relacionamento entre ser humano e Deus? Será que tudo não se resume absolutamente na frase: **“Assim, também as coisas de Deus, ninguém as conhece, senão o Espírito de Deus”**? Nenhuma observação meticulosa do comportamento de uma pessoa, nenhum convívio com ela, nenhum diálogo nos permite verdadeiramente enxergar dentro de seu coração. De forma muito mais evidente os indícios de Deus na natureza e na história apenas nos levam até a periferia de Deus, sem desvendar seu íntimo, seu coração. Sim, até mesmo a palavra que Deus fala como tal ainda não nos permite de fato conhecer a Deus. Entendemo-la mal, do mesmo modo como captamos equivocadamente até mesmo a palavra da pessoa que está tão próxima de nós. Por isso também a própria Bíblia não é suficiente para conhecermos verdadeiramente a Deus.

É muito necessário que sejamos confrontados de forma tão radical com a questão do conhecimento de Deus. Pois unicamente assim aquilatamos o quanto o Espírito de Deus é imprescindível para nós e somente assim fazemos uma idéia de toda a grandeza e glória daquilo que Deus nos concedeu pela dádiva de seu Espírito.

Não somos capazes de colocar nosso espírito, pelo qual nos conhecemos a nós mesmos, no coração de outra pessoa, para que ela tenha parte de nosso autoconhecimento e nos compreenda de verdade. Mas Deus fez exatamente isso, deitando seu próprio Espírito – pois o “Espírito Santo” é isso – no coração de pessoas, de modo que ele apenas “habita” em corações humanos. Como isso é incrível: o próprio Espírito de Deus nos

corações de “incrédulos, pecadores, inimigos” (Rm 5.5ss)! A graça de Deus que planejou isso é inimaginável, preparando e possibilitando-o pela entrega do próprio Filho e cumprindo-o então no dia de Pentecostes. Também isso faz parte da “sabedoria de Deus em mistério, a oculta, que Deus preordenou antes dos éons para a nossa glória” [v. 7].

- 12 Medimos a magnitude dessa dádiva pelos seus efeitos. Porque possuir o Espírito de Deus significa nada menos que participar do conhecimento que Deus tem a seu próprio respeito. Pois é o Espírito que perscruta também as profundezas de Deus. Agora existe o conhecimento verdadeiro de Deus, não apenas inferências da existência e natureza de Deus a partir de suas “obras”, mas conhecimento de Deus a partir de dentro, de olhar para dentro das profundezas do coração de Deus.

Para Paulo há a seguinte certeza com vistas a si mesmo e a toda a igreja comprada pelo sangue e batizada com o Espírito: **“Ora, nós não temos recebido o espírito do mundo, e sim o Espírito que vem de Deus.”** Mais uma vez Paulo aponta para o fato de que cada indivíduo não é tão autônomo como pensa. Existe um **“espírito do mundo”**, que determina e molda “o espírito do ser humano que nele está”. Por essa razão existe a surpreendente semelhança no pensamento e na vida de todas as pessoas, independentemente de todas as diferenças e contrastes. E esse “espírito do mundo” é cego e surdo e morto para Deus. No meio deste mundo, porém, há pessoas que já não se encontram sob esse espírito do mundo, mas “têm recebido o Espírito que vem de Deus”. Nelas esse Espírito vindo de Deus forma e determina toda a vida e o pensamento. Por isso, apesar de todas as diferenças de cunho étnico e pessoal, apesar de toda a separação pelo espaço e tempo, elas são intimamente iguais umas às outras, são “todas um em Cristo Jesus” (Gl 3.28), e se compreendem imediatamente numa unidade maravilhosa acima de todas as diferenças, o negro e o branco, o trabalhador e o professor, a pessoa moderna e o homem da Antigüidade.

Por meio do Espírito de Deus participamos do olhar para dentro das profundezas de Deus. Agora já não precisamos temer que tenhamos apenas uma visão humana de Deus, que nem sequer atinge o verdadeiro ser de Deus. Da forma como reconhecemos a Deus no Espírito Santo, assim Deus é de fato e até a profundidade de seu ser. Contudo, esse conhecimento de Deus permanece vinculado à revelação de Deus. Por intermédio do Espírito Santo **“podemos saber o que por Deus nos foi dado gratuitamente”**. Captamos o coração e a essência de Deus em Cristo, vemos o Pai no Filho (Jo 14.9), a clareza de Deus na face de Jesus Cristo (2Co 4.6). Porém o Espírito de Deus é quem “transfigura a Jesus” e nos permite ver a essência de Deus no ser humano Jesus de Nazaré (Jo 16.14). Somente no Espírito Santo percebemos que Deus é infinitamente mais sério e santo do que jamais poderíamos conceber, e que odeia o pecado de uma forma como nós nunca poderíamos imaginar. O Espírito cria uma consciência assustada nas pessoas antes tão seguras de si. E unicamente por meio do Espírito reconhecemos que esse Deus santo ao mesmo tempo ama os pecadores com uma força incondicional que supera todos os pensamentos. No evento da cruz o Espírito Santo nos mostra a unidade dessa santidade e desse amor de Deus. Mostra-nos tudo isso na palavra da Escritura. Ele nos abre a Escritura, para que nossos corações ardam. Somente agora compreendemos a Bíblia e encontramos nela o testemunho da verdade e graça de Deus produzido e plenificado pelo Espírito. Sobretudo, porém, o Espírito Santo realiza o milagre de que uma pessoa, olhando para a cruz, capte diretamente o “Por mim! Por mim!”, que ele jamais conseguiria apreender com esforço e empenho pessoal. Agora podemos de fato saber com toda a exatidão e certeza o que nos foi apresentado (realmente a nós) por Deus. Como a dádiva do Espírito Santo é imprescindível para o verdadeiro cristão!

- 13 Por podermos saber com clareza **“o que por Deus nos foi dado gratuitamente”**, também somos capazes de **“falar”** disso. Obviamente **“não em palavras ensinadas pela sabedoria humana”**, que nessa situação fracassarão completamente. Para isso precisamos das **“palavras ensinadas pelo Espírito”**. Contudo, que palavras são essas? Será que Paulo está pensando no “falar em línguas”? Trata-se de uma espécie de “terminologia técnica” para assuntos divinos, assim como o médico desenvolveu sua linguagem técnica singular para os processos de enfermidade, que o leigo não entende? Poderíamos pensar assim quando Paulo explica: **“interpretando nós pela comparação de coisas espirituais com coisas espirituais”**, ou “revestindo nós conteúdos espirituais com formas geradas pelo Espírito”. Poderíamos adiantar o olhar para 1Co 14.2, onde Paulo aborda o falar em línguas: “No Espírito ele fala mistérios.” No entanto quem fala em línguas faz isso apenas para si mesmo. Por isso, para Paulo o dom do Espírito mais necessário não é o falar com a “língua”, mas o “falar profético”. No profetear acontece o discurso plenificado e autorizado por Deus em palavras bem simples e compreensíveis, de sorte que a igreja é edificada por meio delas e justamente também o afastado pode ser atingido no coração e vencido (1Co 14.4; 14.24s). É disso que Paulo certamente está dizendo na presente passagem com **“falar palavras ensinadas pelo Espírito”**.

- 14 É claro que isso não precisa transcorrer da forma como Paulo descreve em 1Co 14.24s. Pelo contrário, por natureza é assim: **“O ser humano psíquico, porém, não aceita as coisas do Espírito de Deus. Afinal, são loucura para ele, e ele não é capaz de reconhecê-las.”** Retorna aqui o termo “loucura”, remetendo-nos outra vez à “palavra da cruz”. Ela é “loucura”, não porque fosse intelectualmente néscia, mas porque contradiz a inteligência egoísta do ser humano centrado em si. O **“ser humano psíquico”** é realmente, como traduziram



Lutero, Almeida etc., o ser humano “natural”, que apenas possui aquilo que ele tem em si mesmo, em sua “psique”, e o que o “espírito do mundo” lhe traz. Para ele a fraqueza e a loucura de Deus em seu amor redentor são tão incompreensíveis quanto a asserção de que está perdido e é pecador causa indignação ao seu orgulho. É por isso, pois, por razões tão profundas do ser, que ele **“não é capaz de reconhecer”** o que o Espírito de Deus pretende mostrar-lhe na mensagem da cruz. **“É à maneira espiritual que se julga.”** Isso não se refere a uma arte intelectual ou teológica especialmente elevada. Pelo contrário, precisamos recordar que o amor é o verdadeiro fruto do Espírito (Gl 5.22; cf. o respectivo comentário à carta aos Gálatas, da Série Esperança). O “julgar à maneira espiritual” acontece por força do amor e é, assim como a rejeição no caso do ser humano psíquico, uma questão da pessoa toda. Portanto, não surpreende que a mensagem não seja compreendida e seja rejeitada com indignação e escárnio. É assim naturalmente. Motivo de admiração é quando apesar disso ela penetra num coração, porque o Espírito de Deus conquista espaço ali. Então é que ocorre o “julgamento espiritual”, que capta a verdade de Deus.

- 15** Paulo acrescenta: **“Porém o homem espiritual julga todas as coisas, mas ele mesmo não é julgado por ninguém.”** Uma grandeza tão misteriosa é cada pessoa verdadeiramente “espiritual”. Essa palavra pneumatikos (“pessoa espiritual”) expressa que aqui toda a vida interior de uma pessoa é tomada e determinada pelo Espírito de Deus. Aqui reside a diferença entre os membros da Antiga e da Nova Aliança. Aqui de fato “o menor é maior no reino dos céus”, maior do que o maior profeta (Mt 11.11). O Espírito de Deus visitou o profeta de quando em vez, concedendo-lhe diversas iluminações e palavras proféticas. Porém, desde o Pentecostes o Espírito de Deus “habita” nas pessoas, transformando-as em “pessoas espirituais” de forma duradoura e integral. No entanto, se “o Espírito a todas as coisas perscruta” [v. 10], então a pessoa plena do Espírito de fato precisa ser capaz de **“julgar todas as coisas”**. Novamente a locução “todas as coisas” não deve ser entendida em termos estatísticos: ela se refere às **“coisas do Espírito de Deus”** [v. 14]. A “todas” elas o ser humano espiritual julga, enquanto o “ser humano psíquico” fica perplexo diante delas. Sem dúvida pessoas espirituais também se compreendem e julgam mutuamente. Para todos os demais, porém, eles constituem um enigma que foge a qualquer julgamento. **“Mas ele mesmo não é julgado por ninguém”**. Por que isso é assim? Paulo explica mais uma vez, de forma conclusiva:
- 16** **“Pois quem conheceu a mente do Senhor, que o possa instruir? Nós, porém, temos a mente de Cristo.”** Mais uma vez Paulo se baseia na Escritura, em Is 40.13. Aqui o próprio Deus constatou que ninguém determina o Espírito do Senhor e que não há conselheiro que saiba instruir a Deus. Com o espírito de Deus, essa superioridade absoluta de Deus foi comunicada também ao ser humano espiritual. Por isso também ele, exatamente como o próprio Deus, não é julgado por ninguém. É de maneira tão real que Paulo entende o habitar do Espírito de Deus em nós. **“Nós, porém, temos a mente de Cristo.”** Essa finalização da frase revela como precisamos pensar diante da maneira misteriosa das “pessoas espirituais”. Elas não se furtam a todo julgamento pelo fato de que dizem ou praticam coisas curiosas ou bizarras, mas porque no amor (“a mente de Cristo”!) de fato pensam coisas incomuns, porque reagem contrariamente a qualquer maneira natural e realizam feitos surpreendentes e que causam sempre nova admiração apenas em pessoas “psíquicas” e, portanto, egocêntricas. Assim elas “julgam todas as coisas”, não como quem sempre quer saber tudo melhor, que critica a todo instante, mas como quem ama, como quem vê a raiz das coisas onde outros, com as melhores intenções, criticam em vão a superfície.

## O papel dos mensageiros no trabalho da igreja, 3.1-9

- <sup>1</sup> **Eu, porém, irmãos, não vos pude falar como a espirituais, e sim como a carnis, como a crianças em Cristo.**
- <sup>2</sup> **Leite vos dei a beber, não vos dei alimento sólido; porque ainda não podíeis suportá-lo.**
- <sup>3</sup> **Nem ainda agora podeis, porque ainda sois carnis. Porquanto, havendo entre vós ciúmes e contendas, não é assim que sois carnis e andais segundo o homem?**
- <sup>4</sup> **Quando, pois, alguém diz: Eu sou de Paulo, e outro: Eu, de Apolo, não é evidente que andais segundo os homens?**
- <sup>5</sup> **Quem é Apolo? E quem é Paulo? Servos por meio de quem crestes, e isto conforme o Senhor concedeu a cada um.**
- <sup>6</sup> **Eu plantei, Apolo regou; mas o crescimento veio de Deus.**
- <sup>7</sup> **De modo que nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus, que dá o crescimento.**
- <sup>8</sup> **Ora, o que planta e o que rega são um; e cada um receberá o seu galardão, segundo o seu próprio trabalho.**
- <sup>9</sup> **Porque de Deus somos cooperadores; lavoura de Deus, edifício de Deus sois vós.**

**1** Também Paulo conhece uma sabedoria divina autêntica, pela qual os coríntios anseiam. Contudo, não lhe foi possível transmiti-la justamente a eles. A razão da deficiência que sentem no trabalho de Paulo entre eles não reside na pessoa de Paulo, mas neles mesmos. Somente “entre os perfeitos” Paulo podia e queria falar “falar sabedoria” (1Co 2.6). Porém no começo, quando a igreja foi fundada, eles não eram nem poderiam ser “perfeitos”. Naquele tempo ainda eram “pessoas carnis”. Paulo emprega o termo sarkinos, fazendo uma distinção com o termo sarkikos, posteriormente usado de modo consistente a fim de caracterizar de forma bem objetiva e sem depreciação que sua natureza de fato era carnal. Naquele tempo eram “carniformes”, não “carnis”, mas nesse sentido não deixavam de ser “pessoas carnis”. Era isso que a proclamação de Paulo precisava levar em consideração. **“Eu, porém, irmãos, não vos pude falar como a espirituais, mas como a pessoas carniformes”** [tradução do autor].

Pela proclamação eles foram levados a crer. Por meio dela tornaram-se pessoas “em Cristo”. Havia sido concedida a eles toda a realidade do ser cristão, com sua imensurável riqueza. Paulo não retira o que afirmou sobre a igreja na ação de graças da saudação inicial. Não obstante, interiormente eles ainda não eram emancipados, eram imaturos, e muito menos “perfeitos”. Estavam “em Cristo”, mas eram **“crianças em Cristo”**.

**2,3** O trabalho e a proclamação de Paulo precisavam ser ajustados de acordo com essa realidade. **“Leite vos dei a beber, não alimento”**. Paulo teve de parar no bê-á-bá da mensagem.

Tudo isso é dito no passado. Naquele tempo, quando a vida da igreja começara, isso era completamente normal e compreensível. Infelizmente, porém, isso não permaneceu no “passado”. Essa condição, que deveria ser algo do passado, perdura até hoje e, como “presente”, torna-se anormal e preocupante. As “crianças” já deveriam ter se tornado “adultas” e ser capazes de suportar “alimento”. **“Porém não (o) suportais nem sequer agora; pois ainda sois pessoas carnis”** [tradução do autor]. Agora é empregada a áspera expressão sarkikoi (“carnis”), ou seja “pessoas carnis” no verdadeiro sentido.

Como Paulo chega a esse juízo severo sobre uma igreja que tem um conceito tão elevado de si mesma, que é reconhecida também por Paulo como uma igreja autêntica, como uma comunidade de “santos chamados” (1Co 1.1), e em cujo meio de fato se desenvolve a vida eclesial tão rica e movimentada que Paulo descreverá em 1Co 14.26? Agora se confirma o que há pouco constatamos como característica essencial da “pessoa espiritual”, que “julga todas as coisas” [1Co 2.15]. A carência espiritual dos coríntios não se mostrava na ausência de pensamentos elevados ou de dons e poderes notórios. Eram ricos em “toda palavra” e “todo conhecimento”, não estando em desvantagem em relação a nenhuma igreja em “nenhum dom da graça” (1Co 1.5,7). Contudo, em relação a Paulo é altamente marcante que ele não considere tudo isso como essência de uma existência plena do Espírito, mas que ele caracterize uma igreja com uma vida eclesial intensa (1Co 14.26), com falar em línguas e dom da cura como “carnal” e “não emancipada”, porque há “ciúme e contendas” em seu meio. **“Já que há entre vós ciúme e contendas, não é que sois carnis e vos comportais de maneira meramente humana?”** [TEB]. Nesse aspecto ostentam totalmente a velha natureza humana, pois é justamente isso que caracteriza o “ser humano” como ele é por natureza. Isso é o contrário da “mente de Cristo”.

Aprendemos a nos defender contra a “moralização” do cristianismo. Voltamos a compreender que em primeiro lugar importa a “primeira tábu” dos Mandamentos. É o Primeiro Mandamento que afere o que é “pecado”, e a nova vida da pessoa redimida e renascida se revela no grito infantil “Abba Pai”, e no amor a Deus, em conseguir orar, em viver a partir da palavra. Agora, porém, não devemos ignorar que o próprio Jesus fez um acréscimo à citação do Primeiro Mandamento, como sendo o maior e principal: “O segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo” [Mt 22.39]. Na presente carta Paulo se revela como discípulo e mensageiro autêntico de Jesus. Para ele, ciúme e discórdias na igreja não são coisas insignificantes comparadas às grandes maravilhas do falar em línguas e de outros dons espirituais, mas tornam-se condenação para a igreja e, não obstante sua efusiva vida espiritual, revelam-na como “carnal” e não divina. Tão séria é a questão de nosso convívio fraterno e das coisas da “segunda tábu”!

**4** **“Pois, quando alguém diz: Eu sou de Paulo, e outro: Eu, de Apolo, não sois (meramente) humanos?”** [tradução do autor]. Mais uma vez Paulo retorna às contendas na igreja. Somente agora todo o seu peso torna-se claro. Agora ele consegue desvelar seu motivo mais profundo. Apesar de toda a aparente sublimidade e magnitude de sua vida eclesial revela-se que os coríntios de fato continuaram sendo “meramente humanos”. E em vista disso tornaram-se, de pessoas “carniformes” que já eram, verdadeiras pessoas “carnis”, pois agora procedem “de maneira humana”. Até mesmo como cristãos ainda preservam sua natureza humana e assim a solidificam de forma perigosa.

Por causa disso também fica condenada sua busca de sabedoria. Almejam aquela sabedoria impressionante, que permite que se continue sendo interiormente a velha pessoa e viver sem problemas em ciúme e discórdias. Em Corinto não está em questão uma heresia por trás dos “partidos”, que foi investigada em vão. A heresia aparece no máximo no caso dos que negam a ressurreição em 1Co 15. Em todos os demais capítulos é constantemente a natureza carnal que engendra as diversas mazelas.

- 5 Paulo também seria igualmente “humano” se agora tivesse a reação humana natural a esses casos, alegrando-se com seus adeptos, ouvindo com satisfação a declaração “Eu sou de Paulo” e olhando com ciúmes para os que seguem a Apolo. Mas o Espírito Santo e a “mente de Cristo” lhe dão uma visão bem diferente. Paulo e Apolo – já não fala de Cefas porque este não tinha um relacionamento duradouro com a igreja em Corinto – não são “senhores”, a quem as pessoas “pertencem”, mas **“servos por meio de quem crestes”** e, conseqüentemente, entrastes na comunhão salvadora com Cristo. E até mesmo esse “serviço” eles não o desempenharam por si mesmos, sendo completamente dependentes das dádivas do Senhor. Realizaram-no **“conforme o Senhor concedeu a cada um”**.

Como a humildade e a grandeza foram conjugadas por Paulo na presente frase! Ser e querer ser tão-somente “servo” constituem o contraste completo com a maneira de ser do “humano”. É essa a “mente de Cristo” (1Co 2.16), a mente daquele que “não veio para ser servido, mas para servir e entregar sua vida em resgate por muitos” (Mt 20.28). Como em tantas ocasiões nas suas cartas, constatamos mais uma vez como Paulo vive na palavra do “Jesus histórico”. Ele faz isso de maneira tão profunda e cabal que nem precisa mencioná-lo expressamente, revelando-o diretamente em toda a sua atitude. Contudo, a vida se torna ao mesmo tempo grandiosa através de um serviço assim! Pessoas são trazidas à fé, geram-se frutos para a eternidade.

- 6 Pelo fato, porém, de que o serviço sempre acontece assim como **“o Senhor concedeu a cada um”**, o serviço e seu sucesso são diferentes. **“Eu plantei, Apolo regou.”** Por meio dessa ilustração Paulo não está dizendo que somente ele conquistou pessoas para Jesus e que Apolo apenas lhes teria dedicado cuidado e incentivo. Paulo acabara de designar também Apolo como “servo por meio de quem crestes”. O olhar de Paulo recai sobre a igreja como um todo, não sobre os indivíduos que chegaram à fé. Para a igreja como tal, Paulo era e continuava sendo aquele que a “plantou” pela primeira vez. Depois veio Apolo e “regou”, de modo que a igreja cresceu visivelmente e aumentou pela conquista de novos membros. Mas Paulo selecionou os termos com muita ponderação. A intenção não foi apenas caracterizar a diferença do serviço, mas acima de tudo ressaltar: se a fé aconteceu por meio de nosso serviço, nesse empenho nós apenas fomos capazes de “plantar” e “regar”, **“mas quem fazia crescer era Deus”** [TEB].

- 7 Pois ninguém é capaz de criar vida, e ainda mais vida de fé, vida divina. Somente Deus é capaz de fazê-lo. **“De modo que nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus, que dá o crescimento.”** Como em 1Co 1.26ss, somos novamente remetidos à questão do “ser”. Não apenas os simples membros da igreja em Corinto, mas também os grandes emissários de Jesus, como Paulo e Apolo, não “são nada” (cf. acima, p. 32s). Não conseguem realizar nada decisivo. Somente Deus, que faz crescer, “é” alguma coisa. Ainda assim, a partir desse Deus também os mensageiros têm uma importância que, por estar fundamentada unicamente em Deus, é a mesma para os que “plantam” e para os que “regam”.

- 8 Conseqüentemente, Paulo prossegue: **“O que planta e o que rega são um”**, cada qual igualmente necessário, cada qual dependendo das dádivas e da ação do Senhor. Ninguém consegue dizer qual obra é maior: Ser o primeiro a fundar uma igreja num local como Corinto ou simplesmente mantê-la viva e expandi-la numa cidade como Corinto. O próprio Deus precisa fazer tanto uma como outra coisa. Ciúme entre os que “plantam” e “regam” e ciúme na igreja entre os que seguem a um ou ao outro são completamente equivocados e desconhecem a verdadeira realidade. Ambos “são um”, razão pela qual também podem ser “um” em conjunto e para a igreja.

Obviamente existe “salário” para os servos. O NT inteiro não deixa dúvidas de que o Senhor paga “salário” a seus servos. No entanto, o fato importante é: esse “salário” não se baseia no “sucesso” do trabalho, mas no seu “esforço”. Afinal, o “sucesso” sempre é “fruto”, que nós não conseguimos produzir de forma nenhuma, mas somente “Deus que dá o crescimento”. Por conseguinte, tampouco podemos ser recompensados por ele, mas **“cada um receberá o seu próprio salário de acordo com seu próprio esforço laboral”** [tradução do autor]. A palavra “trabalho” possui aqui – como em toda a Bíblia, tão realista – o sentido de “esforço”. O verdadeiro trabalho nunca é simplesmente divertimento, nem mesmo o trabalho “espiritual”, o serviço à igreja de Deus. Ela precisa de um empenho árduo e cansativo de energia. As cartas dos apóstolos nos mostram de forma bem palpável como é esse “esforço laboral”, e que a abundância de lutas, mágoas, decepções e reveses acompanha o serviço, apesar de toda a alegria. Paulo está convicto: “Trabalhei muito mais do que todos eles” (1Co 15.10). Justamente aos coríntios, que gostavam do deleite espiritual, ele descreve de modo muito sério o que significa “trabalho” apostólico (1Co 4.6-13). Pela medida desse trabalho é medido o salário. Contudo, não é a igreja que paga o salário de acordo com sua benevolência ou não, e sim o Senhor.

- 9 **“Porque de Deus somos cooperadores.”** De fato acontece algo semelhante ao que acontece no jardim. Não temos o poder de “fazer crescer” nada. Não obstante, ele também não crescerá sem nós. Deus é o grande “trabalhador”. Mas, por causa de seu amor, desde a criação ele deseja ter o ser humano como “cooperador” (cf. Gn 1.28; 2.15). Ele nos quer como colaboradores também na obra maior que está criando, o surgimento e crescimento da “igreja de Deus”.

Nesse ponto foi expressa uma verdade viva que, por ser “viva”, é necessariamente contraditória e não se deixa enquadrar num sistema rígido. Por isso estamos constantemente em perigo de distorcê-la para um ou outro lado. Poderosamente repercute pela sucinta frase de Paulo: “cooperadores de Deus, lavoura de Deus, edifício de Deus.” Ai do ser humano que pensa ser pessoalmente capaz de “criar” algo com seu empenho e com seus métodos, antigos e modernos! Isso será punido pela impotência e inutilidade de todos os esforços. Somente na mão de Deus as ferramentas são alguma coisa. Em sua mão até mesmo as ferramentas mais precárias e inúteis do ponto de vista humano podem realizar coisas grandiosas. Igualmente errada, porém, é a doutrina da “ação exclusiva de Deus”, que não leva a sério a palavra dos “colaboradores”. Quanta aflição e impotência existem no cristianismo porque Deus procura em vão por “cooperadores”! Nossa dogmática perfeita com seu ensino sobre a “ação exclusiva de Deus” pode ser, de forma inconsciente e até consciente, um “abrigo” no qual nos protegemos contra o chamado e a intervenção de Deus em nossa vida. “Lavoura de Deus, edifício de Deus” – Justamente pelo fato de estarmos realizando nosso serviço aqui na propriedade de Deus cumpre-nos o empenho máximo e o esforço laboral voluntário.

## O juízo sobre a colaboração nodesenvolvimento da igreja, 3.10-17

- <sup>10</sup> **Segundo a graça de Deus que me foi dada, lancei o fundamento como prudente construtor; e outro edifica sobre ele. Porém cada um veja como edifica.**
- <sup>11</sup> **Porque ninguém pode lançar outro fundamento, além (ou: ao lado) do que (já) foi posto, o qual é Jesus Cristo.**
- <sup>12</sup> **Contudo, se o que alguém edifica sobre o fundamento é ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno, palha,**
- <sup>13</sup> **manifesta se tornará a obra de cada um; pois o Dia a demonstrará, porque está sendo revelada pelo fogo; e qual seja a obra de cada um o próprio fogo o provará.**
- <sup>14</sup> **Se permanecer a obra de alguém que sobre o fundamento edificou, esse receberá galardão;**
- <sup>15</sup> **se a obra de alguém se queimar, sofrerá ele dano; mas esse mesmo será salvo, todavia, como que através do fogo.**
- <sup>16</sup> **Não sabeis que sois santuário de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?**
- <sup>17</sup> **Se alguém destruir o santuário de Deus, Deus o destruirá; porque o santuário de Deus, que sois vós, é sagrado.**

**10** Paulo dissera que Deus distribui a cada um seu serviço. Conseqüentemente, pode constatar sem arrogância: **“Segundo a graça de Deus que me foi dada, lancei o fundamento como prudente construtor.”** Novamente ambos os aspectos estão completamente integrados, a graça de Deus que precisa nos ser concedida se de fato quisermos realizar algo, e o empenho pessoal responsável. O “fundamento” não surge por si só. Tampouco podemos simplesmente nos precipitar na ação, porque Deus na certa dará uma solução. Quem pretende lançar o fundamento de forma durável precisa ser um **“prudente construtor”**. Os coríntios estão cegos ao sentir falta da verdadeira “sabedoria” em Paulo. Para lançar corretamente o fundamento de uma igreja é necessário mais sabedoria do que para erguer arrojados edifícios intelectuais, com os quais alguns em Corinto impressionavam a igreja.

Quando o fundamento estava lançado, Paulo saiu de Corinto porque seu serviço apostólico o chamava para novas localidades. Será que agora a construção permaneceria estagnada? Não, **“outro edifica sobre ele”**. Acima disso, porém, paira a seriedade da responsabilidade. Obviamente é “edifício de Deus” (1Co 3.9), e apesar disso a obra somente cresce quando nós mesmos a construímos ativamente. Desempenhamos esse trabalho com liberdade e autonomia, e de forma alguma como meras ferramentas passivas apenas usadas desta forma por Deus. Mas nossa responsabilidade é tão grande justamente por se tratar da obra de Deus.

- 11** É óbvio que o fundamento da igreja está inabalavelmente firme. **“Porque ninguém pode lançar outro fundamento, além (ou: ao lado) do que (já) foi posto, o qual é Jesus Cristo.”** Com essa frase Paulo desloca – como também gosta de fazer em outras ocasiões, p. ex., em 2Co 2.14ss; 3.2ss; 3.14ss – a metáfora, a fim de atingir um progresso muito significativo do pensamento. Sem dúvida foi Paulo quem lançou o fundamento da igreja quando a fundou em Corinto. Contudo, esse começo da igreja não é seu verdadeiro “fundamento”. A “pedra fundamental” e “angular” sobre a qual se apóia a igreja é Jesus Cristo. Prestemos muita atenção: Paulo não considerou como fundamento da igreja o ensino sobre Jesus, não a “cristologia”, o dogma sobre Cristo, mas o próprio Jesus, Jesus Cristo, o Crucificado e Ressuscitado em pessoa.
- 12** “Edifica”-se sobre esse fundamento único, fora do qual nenhum outro pode sequer existir. Qual é o pensamento concreto? Simplesmente a “construção” da “igreja”. Visto que o “fundamento” não é uma “doutrina” sobre Cristo, mas a o próprio Jesus Cristo vivo, também o que é construído em cima dele não é teologia boa ou má, mas uma multidão de pessoas por meio de cuja incorporação a igreja cresce. A igreja se



edifica com “pedras vivas”. Essa “construção” continua incessantemente. Sempre “edificam-se reciprocamente” (1Ts 5.11). Cada um é participante da construção da igreja com seu dom (1Co 14.4). Os santos são “aperfeiçoados para o desempenho de seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo” (Ef 4.12). Apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres possuem sua incumbência e responsabilidade peculiar nessa questão. Diversos membros da igreja a si mesmos “se consagraram ao serviço dos santos” (1Co 16.15; 1Ts 5.12). Há pouco fomos lembrados de todo o esforço empenhado por alguém como Paulo nesse “trabalho de construção”.

No entanto, ao se construir a igreja, pode-se edificar de forma “genuína” ou “falsa”, com **“ouro, prata, pedras preciosas”**, ou com **“madeira, feno, junco”**. É possível facilitar demais o acesso à igreja. Quando a “sabedoria” penetra na proclamação, fazendo retroceder a “palavra da cruz”, é provável que muitos gostem de ouvir essa proclamação e se sintam atraídos por ela. Quando não é mais preciso chegar à ruína extrema diante do juízo da cruz e à renúncia de toda a justiça própria, quando o cristianismo se torna uma visão de mundo aceitável, à qual se chega sem ruptura na vida, a porta da igreja está completamente aberta para muitos. No entanto, continuar por essa linha na construção da igreja pode levar à falta de santa seriedade e da verdadeira profundidade da vida real no Espírito Santo, e a vida eclesial pode ser conduzida numa direção errada. Com que intensidade isso acontecia, segundo a perspectiva de Paulo, justamente em Corinto! Quando de fato valia que “todas as coisas me são lícitas” (1Co 6.12; 10.23), inclusive o livre relacionamento sexual (1Co 6) e a participação nas refeições no templo dos gentios (1Co 8), quando não se dava mais valor à escandalosa mensagem da ressurreição (1Co 15), quando a igreja evitava o sofrimento e exteriormente se apresentava como grandiosa (1Co 4.8), quando ela brilhava com dons espirituais notórios e interessantes (1Co 12 e 14), então ela podia ser atraente para muitas pessoas na cidade e aparentemente vicejar e crescer de forma excelente. Porém, na perspectiva de Paulo, a construção passava a incluir “madeira, feno, junco”. É possível construir de forma rápida e barata com esses materiais. Com madeira e junco também é possível exibir construções maiores do que com ouro, prata e pedras preciosas. Mas o edifício será de baixa qualidade. Não terá sido construído “à prova de fogo”. Ai do edifício quando for tomado pelo fogo! “Madeira, feno e junco” se queimam. Somente “ouro, prata e pedras preciosas” resistem ao fogo e permanecem.

- 13 Para o fogo, porém, encaminha-se a igreja com todos os seus colaboradores, pois dirige-se ao “dia de nosso Senhor Jesus Cristo”, como Paulo já dissera no começo da carta (1Co 1.8). É o dia pelo qual ela própria espera e anseia. Mas ao mesmo tempo a igreja precisa saber que esse dia **“está sendo revelado pelo fogo”**. Sem dúvida ele não deve ser confundido com o dia do juízo universal, o juízo diante do grande trono branco (Ap 20.11-15). Esse “juízo final” derradeiro somente acontece depois do arrebatamento da igreja e depois do reino dos mil anos. Por ocasião desse juízo universal a igreja já está plena e definitivamente unida a seu cabeça (1Ts 4.17), motivo pelo qual participa do tribunal ao lado do Juiz, ajudando a julgar o mundo e os anjos, como Paulo ainda há de escrever expressamente aos coríntios (1Co 6.2s). Antes, porém, ela mesma passará por um julgamento (2Co 5.10), e esse julgamento se reveste de total seriedade. Refere-se expressamente a “nós”, e não ao mundo. “Importa que todos nós compareçamos perante o tribunal de Cristo.” O Cristo exaltado, porém, possui olhos como chamas de fogo (Ap 1.14). Ser arrebatado para junto dele significa necessariamente ser atingido pelas chamas de seus olhos. Então **“será revelada a obra de cada um”**. Agora ainda é possível discutir os colaboradores e suas realizações. Em Corinto muitos pensavam que a situação da igreja era excelente e que os novos caminhos da edificação da igreja com “sabedoria” e “liberdade” seriam ouro e prata. Paulo, porém, via nisso, com preocupação, uma perigosa ameaça à igreja. Quem tem razão? Paulo ou seus adversários, que tentavam reprimir sua influência em Corinto justamente porque acreditavam que com ele a igreja não avançava devidamente? **“O dia o demonstrará, porque ele está sendo revelado com fogo, e qual seja a obra de cada um, o fogo o provará.”** Paulo não antecipa o resultado. Ele não emite um julgamento próprio diante de seus adversários em Corinto: a obra de vocês é somente madeira e se consumirá no fogo. Não é ele, Paulo, que possui os olhos como de chamas de fogo. Mas coloca tanto seus adversários quanto a si mesmo diante de toda a seriedade daquele dia.
- 14 Com toda a certeza, **“se permanecer a obra de alguém que sobre o fundamento edificou, esse receberá salário”**. Quando nosso serviço de fato levar pessoas a serem salvas, de forma que agora se encontrem diante da face de Jesus como eternamente salvos, elas hão de ser “nossa esperança, ou alegria, ou coroa em que exultamos, na presença de nosso Senhor Jesus em sua parusia” (1Ts 2.19)! Isso já é “salário” glorioso, ao qual o Senhor ainda acrescentará o seu salário. Contudo, o desfecho também pode ser outro, quando tivermos “construído” de maneira rápida e barata demais. Então se concretiza uma possibilidade diferente:
- 15 **“Se a obra de alguém se queimar, sofrerá ele dano.”** Paulo está falando de colaboradores na igreja que, embora tenham construído de maneira insuficiente e inútil, ainda assim são pessoas de intenção íntegra. Por isso são golpeados dolorosamente pela “queima” de sua obra, pela inutilidade da obra de sua vida. Tiveram boas intenções ao poupar as pessoas da conversão radical, da pureza sexual plena, da ruptura com toda a vivência com os gentios, dos sofrimentos por causa de Jesus. Agora precisam constatar: dessa maneira apenas enganaram as pessoas acerca da salvação. Que dor intensa!

Obviamente está bem claro que esse juízo de fogo sobre a construção da igreja não é o “juízo sobre o mundo”, no qual estão em jogo vida ou morte. Essa questão está decidida para todos que aceitaram a fé verdadeira. Sua condenação à morte foi sofrida por Jesus Cristo em favor deles, sua justiça lhes foi doada no trono da graça e foi aceita por eles pela fé. E isso continuará valendo, ainda que toda a obra da vida de uma pessoa seja queimada. **“Mas esse mesmo será salvo.”** Entretanto Paulo acrescenta mais uma vez, seriamente: **“Todavia, como que através do fogo”**. Assim como alguém escapa da casa em chamas tão somente com a vida, assim acontecerá com um colaborador eclesiástico que construiu de modo equivocado.

- 16** Dessas pessoas que construíram de forma equivocada, embora sincera, Paulo distingue outras que têm um destino diferente. A fim de mostrar o aspecto terrível de seu agir, ele caracteriza a “construção” ainda mais de perto. Essa “construção” da igreja é **“templo de Deus”**. Por meio desse “templo” Deus atendeu um anseio que perpassa toda a humanidade desde a queda do pecado. Não vivemos mais no “paraíso”, na comunhão inquestionável com Deus. Estamos separados de Deus e rendidos solitariamente à nossa vida e morte. Porém ansiamos por Deus. Neste mundo cheio de aflições queremos ter locais em que podemos ter certeza da proximidade de Deus. Por isso no mundo todo os povos edificam “templos”, prédios sagrados, nos quais deveria ser possível que a pessoa carente e amedrontada encontre a divindade. Contudo, por mais grandiosos e misteriosos que esses prédios possam ser, por mais profundamente que os atos culturais e as celebrações comovam as almas, as pessoas notam que sua fome pela presença de Deus não é saciada. Agora, porém, após a conclusão da obra de salvação, Deus está empreendendo pessoalmente a construção de um “templo”, que concretiza aquilo que todas as religiões do mundo almejam. Nesse templo imenso, que se estende pelo mundo todo, que não consiste de matéria inanimada, mas de “pedras vivas”, o Deus santo e vivo de fato habita pelo Espírito Santo. Esse templo existe concreta e realmente quando pessoas são salvas pela palavra da cruz e presenteadas com o Espírito Santo. Consequentemente, esse templo também existe em Corinto: **“Não sabeis que sois o santuário de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?”**
- 17** Em seguida Paulo observa pessoas na obra que não apenas empregam material imprestável nesse templo, mas que **“destroem o santuário de Deus”**. Paulo não diz nada específico. Porém podemos olhar para **Gl 1.6-9**. Paulo tolerou muitos equívocos, fraquezas e erros nas igrejas, também em Corinto, tentando com amável paciência ajudar as igrejas a sair deles. Mas quando “outro evangelho” era trazido, Paulo não tolerava. Então proferia seu “anátema”. Pois neste caso realmente se tenta, nos termos da presente carta, lançar um fundamento diferente, não alicerçando a igreja de modo único e nítido sobre Jesus Cristo, o Crucificado, mas sobre “sabedoria” humana, realizações humanas, grandeza humana. Desse modo, porém, o templo de Deus não apenas é desfigurado por material de baixa qualidade, mas seu fundamento é estragado. Será que os coríntios não se dão conta do que isso significa, citado de forma tão clara? Até mesmo para eles, quando gentios, a “profanação do templo” era algo terrível, embora na verdade não estivesse em jogo um templo de fato. Ocorre, porém, que Deus concedeu à humanidade ansiosa um local de sua verdadeira presença viva, e as pessoas destroem esse templo verdadeiro! É isso que Deus, que presenteou para fundamento do templo o próprio Filho, condenado e crucificado, pune. **“Se alguém destruir o santuário de Deus, Deus o destruirá.”** Para tais pessoas não existe “salvação como que pelo fogo”. Quando Deus destrói, a perdição é eterna. Novamente Paulo não se apodera desse juízo. Somente Deus pode “destruir” tais pessoas. Mas Paulo adverte, prenunciando essa destruição. Ele adverte os novos mestres em Corinto que seus “discursos de sabedoria” esvaziam a cruz do Cristo (**1Co 1.17**) e subtraem da igreja o único fundamento lançado pelo próprio Deus. Adverte sobretudo a igreja, que precisa ponderar sua essência, e que não deve permitir que lhe seja tirado o único fundamento sobre o qual ela pode ser aquilo para o que Deus a destinou. **“Porque o santuário de Deus, que sois vós, é santo”**.

### A igreja e os mensageiros, 3.18-23

- 18** Ninguém se engane a si mesmo: se alguém dentre vós se tem por sábio neste século, faça-se estulto para se tornar sábio.
- 19** Porque a sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus; porquanto está escrito: Ele apanha os sábios na própria astúcia deles.
- 20** E outra vez: O Senhor conhece os pensamentos dos sábios, que são pensamentos vãos.
- 21** Portanto, ninguém se glorie nos homens; porque tudo é vosso:
- 22** seja Paulo, seja Apolo, seja Cefas, seja o mundo, seja a vida, seja a morte, sejam as coisas presentes, sejam as futuras, tudo é vosso,
- 23** e vós, de Cristo, e Cristo, de Deus.

- 18** Paulo encerra agora a análise da “sabedoria” iniciada em **1Co 1.17** com a expressão “não com sabedoria de discurso”. Ainda que a mensagem do Rei que morreu no madeiro do criminoso seja “sabedoria de Deus” para

os “perfeitos”, ela permanece ao mesmo tempo “loucura” para toda a sabedoria deste mundo. Por isso, o resultado de toda a explicação precisa ser implacável: **“Se alguém pensa ser um sábio entre vós no presente éon, torne-se um louco, para que se torne um sábio”** [tradução do autor]. Nesse ponto **“ninguém se iluda”**. Os coríntios desejam ser “sábios”, ainda mais os líderes de suas fileiras. Paulo adverte: “Não se iludam”. A verdadeira sabedoria divina somente existe mediante o preço específico de ser louco para este mundo. Este mundo e o mundo de Deus se encontram em prefixos opostos. O que é radiante sabedoria no mundo eterno de Deus, a cruz do Cristo, é loucura neste mundo, justamente entre os “sábios”. E vice-versa: **“A sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus”**.

- 19** Novamente Paulo faz questão de não afirmar isso apenas a partir de si mesmo, mas de localizá-lo na Escritura. Como “prova escriturística” recorre a **Jó 5.13**. **“Porquanto está escrito: Ele apanha os sábios na própria astúcia deles.”** Nessa argumentação a “sabedoria” das pessoas sofre um pouco de depreciação “moral”. A *panourgia*, pela qual Deus apanha os sábios, é a “astúcia” com que sabemos alcançar nossos alvos egoístas. A expressão grega é composta das palavras “tudo” e “efetuar, realizar”. Manobrar tudo, alcançar tudo com esperteza, agir tortuosamente, essa é a arte da pessoa sagaz. Paulo constatava algo disso nas pessoas em Corinto, cuja tentativa de ser alguém por meio de sua sabedoria e de dominar a igreja denunciava muito claramente seu egoísmo. Deus, porém, não se deixa apanhar por esses “sábios”, embora as pessoas às vezes acreditem que sejam capazes de enlear também Deus na trama de seus planos astuciosos. Deus continua sendo superior, que **“apanha os sábios na própria astúcia deles”**. Ainda que por algum tempo pareçam concretizar seus alvos egoístas, no fim com certeza fracassam e são levados a tropeçar justamente sobre sua própria astúcia.
- 20** Junto com a palavra de **Jó 5.13** Paulo cita **Sl 94.11**: **“O Senhor conhece os pensamentos dos sábios, que são pensamentos vãos.”** O termo *mataios* aqui empregado tem o sentido de “fútil, nulo, sem verdade, sem utilidade, sem êxito, sem força”. Em **1Co 15.17** o traduziremos por “em vão”. Os “sábios” têm seus raciocínios, suas ponderações, repetidamente percorridos e expostos, e com os quais eles mesmos, assim como seus ouvintes, podem ficar muito entusiasmados. Preocupado, Paulo constatava isso em Corinto. Porque Deus sabe que esses pensamentos carecem da verdade e validade últimas, isto é, que todas essas reflexões permanecem sendo vãs. Por isso, no decurso da história do pensamento humano, uma sabedoria sempre vai substituindo e refutando a outra, e nenhuma leva ao alvo da verdadeira sabedoria. Evita-se essa “ vaidade” do pensamento quando se paga o preço de ser um “louco” que segue os “raciocínios” próprios de Deus. Quem se abre para a palavra da cruz não se torna refém de pensamentos “nulos”. Seu pensamento não é mais presunçoso e vazio.
- 21** **“Por isso ninguém faça consistir sua glória em pessoas”** [tradução do autor]. Mais uma vez Paulo retoma os conflitos em Corinto, dos quais partira em **1Co 1.10**. Em toda a poderosa exposição de **1Co 1.18—3.20** ele sempre teve este ponto de partida diante dos olhos. Por mais que parecessem ser apenas dificuldades isoladas e erros desconexos, é profunda sua razão última e verdadeira. São sintoma exterior de que se ignora a mensagem da cruz e a condição do ser humano perante Deus. Por isso, pois, vale agora também o inverso: acaba o gloriar-se em pessoas quando se reconheceu a realidade do ser humano diante do Cristo moribundo na cruz. Acaba o gloriar-se em pessoas quando toda a verdadeira sabedoria é tão-somente dádiva presenteada pelo Espírito Santo. Nesse caso ainda podemos “gloriar” alguém. Porém cobrimos de glórias unicamente o Senhor, que presentearia tão ricamente sua igreja com seus mensageiros e servos. Persiste o que Paulo afirmou em **1Co 1.31**.
- 21,22** Paulo faz questão de que a igreja veja em que dependência indigna ela cai quando permite facções, enquanto na verdade tem o privilégio de uma posição régia: **“Tudo é vosso.”** Será que deverá transformar isso num precário: “Eu sou de Paulo, eu de Apolo”? Não, justamente o contrário: Paulo, Apolo, Cefas pertencem a ela! Existem para a igreja, para a sua edificação. Cada um deles tem seu dom específico nessa edificação, que não precisa ser negado ou diminuído. Cada qual tem suas incumbências, que justamente ele tem o privilégio de cumprir. Porém todos são “servos” (v. 5), e o alvo não são eles e sua fama, mas a edificação da igreja para a glorificação daquele que a adquiriu mediante seu sangue. Na sequência Paulo se torna mais ousado e vigoroso. Não apenas os enviados de Deus pertencem à igreja, não, até mesmo **“o mundo”** lhe pertence. Isso é a inversão plena de todas as amarras ao mundo e de todo o medo diante do mundo. Como se nota pouco dessa liberdade e majestade régia na igreja! A ela pertencem tanto a **“vida”** como a **“morte”**. Portanto foi liberta tanto do medo de viver quanto do temor de morrer. Em **1Co 15.26** Paulo há de chamar a morte de “último inimigo”, reconhecendo toda a sua gravidade letal. Por isso, sua declaração à igreja é uma afirmação poderosa: também a morte é vosso! Isso supera até o triunfo de **Rm 8.38s**. Ali apenas se atesta que a morte não é capaz de nos separar do amor de Deus em Cristo. Aqui se afirma ainda mais, a saber, que ela até nos “pertence”, ou seja, precisa nos servir, por mais dura e ferrenha que continue sendo para nós o último inimigo. O “presente” é nosso, por mais sombrio e difícil que possa ser. Não precisamos tentar passar por tudo através de nossa própria “astúcia”, mas podemos fazer uso dessas **“coisas presentes”** assim como são, em favor de nós e de nossa vida

em Cristo. Contudo estendemos a mão da fé também sobre o “futuro” ainda desconhecido. Não importa o que são essas **“coisas futuras”**, elas terão de nos servir.

Vocês coríntios consideram precária a proclamação de Paulo e buscam algo mais elevado? Será que existe algo maior do que isso? Será que aquilo que a palavra da cruz traz não é tão poderoso que vocês infelizmente nem sequer começaram a fazer uso de toda a glória da posse de vocês?

- 23 Por que, afinal, tudo isso é verdade? Por que essas não são meras palavras grandiosas e retórica eloquente? Tudo está baseado na singular circunstância: **“Mas vós sois de Cristo”** [TEB]. Se isso não for verdade, todo o resto tampouco terá validade. Pois somente o Cristo crucificado nos remiu do mundo, da culpa, da morte. A ele “pertence” tudo, as “coisas presentes” e as “coisas futuras”. Por pertencer a ele, pertence também a nós, desde que sejamos pessoalmente sua propriedade, seus redimidos, seus fiéis. E tudo lhe pertence porque ele mesmo **“é de Deus”** integralmente, tendo confirmado e preservado em obediência até a morte, sim, até a morte da cruz, essa posição de Filho em relação ao Pai.

É uma seqüência maravilhosa que Paulo mostra à igreja. Deus é dono de tudo, isso é inquestionável. Mas Jesus é capaz de dizer: “Todas as coisas me foram dadas por meu Pai” (Mt 11.27). “Toda a autoridade me foi dada nos céus e na terra”, declara o Exaltado à direita de Deus (Mt 28.18). Porém, como cabeça de seu corpo, ele, por amor, passa sua glória aos seus, conquistados pelo preço de sua vida. Por isso “tudo é vosso”. Essa seqüência do dar, porém, possui também a correspondente direção inversa. Seu começo em nós chama-se “crer”, o “sim” pessoal à nossa preciosa redenção por intermédio do sacrifício na cruz, a entrega do coração e da vida a Jesus. Nele e com ele pertencemos, então, a Deus e somos seus filhos e, por consequência, também herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo.

Cabe prestar atenção em mais um aspecto quando comparamos os v. 22s com a primeira afirmação sobre as facções em Corinto em 1Co 1.12. Paulo inverte enfaticamente as primeiras três de 1Co 1.12. O “eu sou de Paulo” é transformado em “Paulo é meu” ou melhor: “Paulo é nosso”, porque, afinal, não pertence ao indivíduo em si, mas à igreja. A quarta confissão “eu sou de Cristo” é deixada como estava. Esta precisa permanecer assim. Porém, com toda a certeza é preciso afastar a ênfase facciosa do “eu”, que envenena a afirmação. Pois não sou “eu” que pertenço a Cristo, não o “meu grupo”. É a igreja que lhe pertence. Quando os coríntios compreendem e confirmam que todos nós somos “do Cristo” de igual modo, e que Paulo, Apolo, Cefas pertencem a todos nós de igual maneira, então está tudo bem, então existe concórdia e paz na igreja.

### **Não se precipitar no julgamento dos mensageiros, 4.1-5**

- 1 Assim, pois, importa que os homens nos considerem como ministros de Cristo e despenseiros dos mistérios de Deus.
- 2 Ora, além disso, o que se requer dos despenseiros é que cada um deles seja encontrado fiel.
- 3 Todavia, a mim mui pouco se me dá de ser julgado por vós ou por tribunal humano; nem eu tampouco julgo a mim mesmo.
- 4 Porque de nada me argúi a consciência; contudo, nem por isso me dou por justificado, pois quem me julga é o Senhor.
- 5 Portanto, nada julgueis antes do tempo, até que venha o Senhor, o qual não somente trará à plena luz as coisas ocultas das trevas, mas também manifestará os desígnios dos corações; e, então, cada um receberá o seu louvor da parte de Deus.

Como também se depreende das frases de Paulo em 2Co 1.24 e 4.5, os coríntios acusavam o apóstolo de ser dominador. Ele teria a pretensão extremada de determinar a vida eclesial e não concederia a outros o necessário espaço livre para atuar na igreja. A igreja teria de ser liberta de Paulo. É em torno disso que se desenvolve a luta espelhada pelas duas cartas aos coríntios que nos foram preservadas.

- 1 Como Paulo deve ter se sentido profundamente mal-interpretado! Ao combater com determinação uma parte dos novos mestres em Corinto com sua “sabedoria”, seu interesse era exclusivamente a causa, a vigência única da “palavra da cruz”, não a importância de sua pessoa. Por isso ele torna a dar uma instrução à igreja, sobre como “a gente” deve “avaliar” a ele e todos os seus colaboradores: **“Assim sejamos avaliados: como servos de Cristo”** [tradução do autor]. Em 1Co 3.5 ele já descrevera Apolo e a si mesmo como “servos, por meio de quem crestes”. Ali utilizou o termo *diakonos*, que designa o serviço de acordo com o proveito que ele traz para aquele a quem se serve. Agora ele usa uma palavra que designa sobretudo a subordinação e dependência do servo diante do senhor. Desse modo deixa claros ambos os aspectos: de maneira alguma visa ser “senhor” da igreja, ele é apenas “servo”; no entanto ele é servo de um Senhor e está comprometido com ele, motivo pelo qual é impossível que fique subordinado aos coríntios e a seus desejos. Isso é reforçado pelo adendo que fala sobre o conteúdo de seu serviço: **“administradores dos mistérios de Deus”**. A ele foi confiada a administração da causa magna: os mistérios de Deus. Com quanto zelo um administrador precisa lidar com



essas preciosidades! Paulo e seus colaboradores – afinal, Paulo volta a falar de “nós” – não determinam com pleno poderio pessoal o que dão à igreja. Mas tampouco a igreja pode exigir o que deseja ouvir e obter. Trata-se de “mistérios”, de realidades que se subtraem à nossa avaliação e transcendem nossas capacidades naturais, para as quais precisamos nos abrir com reverência para obtê-las. E esses mistérios foram planejados exclusivamente pelo próprio Deus antes dos éons e concretizados unicamente na própria história da salvação, sobretudo na cruz de Jesus (Cf. 1Co 2.7 e o comentário, acima, p. 63). Ninguém tem direito de mudar algo disso, nem Paulo nem a igreja.

- 2 Afinal, também os coríntios sabem: de um “administrador” se exige somente uma coisa, mas essa de maneira cabal: **“que alguém seja encontrado fiel”**. Os termos escolhidos por Paulo até podem dar a seguinte conotação: não importa o que mais as pessoas esperem de um “servo” e “administrador” em termos de capacidades e conhecimentos – aqui, quando está em jogo a administração dos mistérios de Deus, todas as demais excelências deixam de ter importância. Aqui vigora exclusivamente a fidelidade que, sem qualquer alteração arbitrária, preserva fielmente a extraordinária propriedade do Senhor. Aqui o olhar precisa estar voltado única e permanentemente ao Senhor que nos confiou seus “mistérios”. Os coríntios não devem estranhar a inflexibilidade de seu apóstolo. Ela não é teimosia nem afã de dominação, mas simplesmente fidelidade de administrador.
- 3 Ao ditar a frase, Paulo pressente a discordância em Corinto: qualquer um pode afirmar isso! Nós avaliamos tua atitude de forma muito diferente. Com veemência, Paulo replica: **“Para mim, porém, não tem a menor importância se eu for avaliado por vocês ou por um dia humano”** [tradução do autor]. A palavra “dia” tem um significado similar ao termo “dieta”, no sentido de “assembléia legislativa”. Designa uma instância que se reúne para deliberar sobre questões específicas. Contudo, sendo “humano”, um “dia” desse tipo é radicalmente diferente do “dia” de que Paulo falou há pouco, o “dia de Jesus Cristo”, o dia que será revelado pelo fogo. Pelo fato de que Paulo se vê colocado ininterruptamente como fiel administrador desse “dia”, cujo fogo há de examinar sua obra, nenhuma instância humana com seu veredicto impressiona a Paulo. Isso já se prenunciava em sua frase **“O homem espiritual julga todas as coisas, mas ele mesmo não é julgado por ninguém”** (1Co 2.15).
- 3,4 Portanto os coríntios têm razão ao acusar Paulo de um senso de importância desmedido? Ele não se submete a nenhuma instância, simplesmente quer determinar sozinho o que acontece com seu ministério? Pelo contrário, responde Paulo, **“não, eu tampouco me julgo a mim mesmo”**. É verdade que **“pessoalmente não estou consciente de nada”** [tradução do autor]. Novamente essas palavras não devem ser entendidas no sentido “perfeccionista” e abstrato, mas no contexto do que acabou de ser afirmado. Por meio dessa frase Paulo não emite um juízo sobre toda a sua vida. A frase não deve ser arrancada do contexto. Está em questão sua atuação em Corinto, criticamente avaliada pelos coríntios como insatisfatória ou falsa. Nesse caso Paulo sabe que está sendo, justamente em tudo de que é criticado e atacado em Corinto, um fiel “administrador dos mistérios” de seu Senhor. Não consegue ver nada em que tivesse violado essa fidelidade. Justamente por isso também está levando sua posição como “servo” profundamente a sério. É o contrário de toda prepotência e vanglória. Ainda que ele mesmo não esteja consciente de nada, **“contudo, nem por isso me dou por justificado”**. Para um “servo” está cristalinamente claro: **“Pois quem me julga é o Senhor”**. Novamente essa afirmação contém os dois aspectos: a total renúncia a qualquer justiça própria e a plena liberdade diante do juízo da igreja.
- 5 O que, porém, deve ser feito por parte da igreja? Não podemos evitar que formemos nossas próprias impressões e opiniões sobre o comportamento de outros e de nós mesmos. Nem Paulo consegue evitar a reflexão sobre seu serviço e a constatação que não está consciente de nada. Porém uma coisa ele afasta de si, e essa também os coríntios devem rejeitar seriamente, a saber, que disso se forme um “juízo” definitivo sobre alguma coisa. Este será pronunciado somente pelo Senhor, quando vier. Unicamente ele pode emití-lo, porque somente ele é capaz de **“iluminar o que está escondido nas trevas”** e **“pôr de manifesto os desígnios dos corações”** [TEB]. É uma verdade apenas restrita que o “espírito da pessoa que está nele” saiba “acerca das coisas do ser humano” (1Co 2.11). Somos vítimas de grandes ilusões. Muito menos somos capazes de olhar para dentro do coração de outra pessoa e reconhecer seus verdadeiros “desígnios”. Quantas coisas sobre nós, humanos, jazem envoltas por trevas impenetráveis. Disso resulta com absoluta seriedade um comportamento como o que Paulo recomenda aos coríntios: **“Portanto, nada julgueis antes do tempo.”** Para nós é uma grande libertação quando compreendemos que não somos capazes de “julgar” e que não precisamos fazê-lo. Realmente podemos deixar o juízo sobre nós e outros por conta do Senhor.

Entretanto, não é terrível pensar no juízo desse Senhor? Não há de ser horrível quando Jesus **“iluminar o que está escondido nas trevas”** e **“puser de manifesto os desígnios dos corações”**? É admirável como também agora Paulo torna a pensar positivamente. Ele não conclui: “e então cada um receberá a vergonhosa sentença da parte de Deus”, mas antevê com alegria: **“E então cada um receberá o louvor da parte de Deus.”** Por mais grave e inexorável que seja o santo “não” de Deus, isto é, a ira de Deus “contra toda impiedade e perversão dos homens” (Rm 1.18), Deus não é um Deus que “tenha prazer na morte do perverso”

(Ez 18.23), e que – como nós – condena, humilha e castiga com certa alegria. Sem dúvida, as colaborações imprestáveis para a construção da igreja precisarão e hão de “queimar” (1Co 3.15), e isso acarreta sofrimento. Contudo, a verdadeira vontade de Deus é “recompensar” e “elogiar”. Uma pessoa como Paulo não vislumbra como o Senhor colocará sob sua luz e arrasará os que agora são admirados e elogiados pelos coríntios. Pelo contrário, o que ele vê diante de si é como então Deus apresentará “cada um” – até mesmo os que não são reconhecidos mas criticados pelos coríntios – com seu louvor.

Em todo esse bloco cumpre levar em conta que ele é parte de uma carta que fala sobre uma situação muito concreta. Não devemos tirar as frases de Paulo do contexto, tornando-as princípios doutrinários gerais. É benéfico que coloquemos ao lado da exortação de 1Co 4.5 frases como 2Co 11.13-15; Gl 1.6-9; Fp 1.17; 3.18s; Rm 16.17s. Aqui o próprio Paulo “julga” com muita determinação, desafiando também as igrejas a um juízo atento e resoluto. Como devemos compreender essa contradição? Na presente carta está em questão o elogio e a exaltação precipitada de novos líderes em Corinto, cujo método e cuja atuação Paulo vê com preocupação, sem adiantar na presente carta uma sentença final. Presenciamos que por um lado Paulo adverte contra o juízo do dia de Jesus Cristo, mas por outro não arroga esse juízo para si. E está em questão a penosa visão equivocada de sua pessoa, de seu trabalho, de toda a sua atitude. Para esse aspecto aponta todo o presente trecho.

Algo bem diferente ocorre, porém, quando estão em jogo a proclamação e seu conteúdo, ou seja, o “fundamento” da igreja como tal. O evangelho é uma grandeza clara e inequívoca. Quem o altera e deturpa com certeza precisa ser “banido”, i. é, afastado da igreja. Pois nesse caso na verdade estão em jogo vida e morte de seres humanos, cuja redenção não deve ser arriscada mediante uma mensagem falsa.

Diferente é também a situação em que se evidencia claramente a improbidade e o egoísmo dos “trabalhadores” na igreja. Também nesse caso não é possível nem lícito encobrir e deixar passar mediante recurso a 1Co 4.5. Uma frase bíblica correta no momento errado pode provocar uma grande desgraça, tornando-nos culpados. Paulo resiste energeticamente a mensageiros não autênticos, a “maus obreiros” (Fp 3.2). Também a igreja precisa resistir a eles. Ainda assim, o que o presente bloco declara persiste como uma verdade que em hipótese alguma deve ser esquecida. Por ser um fato que todos os mensageiros e pregadores são “servos” e “administradores”, eles estão sujeitos, em última e definitiva instância, apenas ao juízo de seu Senhor. Até mesmo quando nós, em responsabilidade pela igreja, temos de rejeitar manifestos hereges e mensageiros evidentemente não autênticos e afastá-los da igreja, cumpre levarmos em conta que não nós, mas somente o Senhor penetra nas trevas de sua vida com sua luz que a tudo ilumina, conhecendo de fato as intenções de seus corações. E até mesmo quando temos plena razão de nos alegrar com homens e mulheres no serviço a Jesus, não podemos deixar de lado a recordação de que o Senhor talvez os veja de um modo diferente e mais crítico do que nós. De qualquer forma nos é vedado o juízo sobre nós mesmos, seja de orgulho, seja de desânimo.

## Vida apostólica, 4.6-13

- <sup>6</sup> Estas coisas, irmãos, apliquei-as figuradamente a mim mesmo e a Apolo, por vossa causa, para que por nosso exemplo aprendais isto: Não ultrapasseeis o que está escrito; a fim de que ninguém se ensoberbeça a favor de um em detrimento de outro.
- <sup>7</sup> Pois quem é que te faz sobressair? E que tens tu que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te vanglorias, como se o não tiveras recebido?
- <sup>8</sup> Já estais fartos, já estais ricos; chegastes a reinar sem nós; sim, tomara reinásseis para que também nós viéssemos a reinar convosco.
- <sup>9</sup> Porque a mim me parece que Deus nos pôs a nós, os apóstolos, em último lugar, como se fôssemos condenados à morte; porque nos tornamos espetáculo ao mundo, tanto a anjos, como a homens.
- <sup>10</sup> Nós (somos) loucos por causa de Cristo, e vós, sábios em Cristo; nós, fracos, e vós, fortes; vós, nobres, e nós, desprezíveis.
- <sup>11</sup> Até à presente hora, sofremos fome, e sede, e nudez; e somos esbofeteados, e não temos morada certa,
- <sup>12</sup> e nos afadigamos, trabalhando com as nossas próprias mãos. Quando somos injuriados, bendizemos; quando perseguidos, suportamos;
- <sup>13</sup> quando caluniados, procuramos conciliação; até agora, temos chegado a ser considerados lixo do mundo, escória de todos.

- 6** “Expus essas coisas, irmãos, na forma de uma reflexão sobre mim mesmo e Apolo” [tradução do autor], literalmente: “Adaptei essas coisas a mim mesmo e Apolo.” O próprio Paulo informa que nas exposições precedentes ele partiu não apenas em 1Co 3.4 do grupo de Paulo e do grupo de Apolo, mas que em tudo que

escreveu sempre teve em vista Apolo e a si mesmo. Sobretudo o “nos” em [1Co 4.1ss](#) tem este sentido concreto: avaliem-nos assim, Apolo e a mim. Percebe-se que agimos corretamente ao captar precisamente também o último versículo do bloco anterior como afirmações concretas numa situação bem determinada, não como exortação geral. Alguns de vocês elogiam Paulo, os outros exaltam Apolo, deixem disso! Somente Deus, no seu dia, concederá a Apolo e a mim o verdadeiro louvor. Paulo falou de si e de Apolo, não por vaidade ou insinuação pessoal, mas **“por vossa causa”**. Os coríntios, portanto, deviam aprender algo muito essencial com seu mensageiro. Como deve ter sido límpido e fraterno o relacionamento entre os dois homens, para que Paulo pudesse colocá-lo como exemplo para a igreja, **“a fim de que aprendais de nós”** [tradução do autor]! O que os coríntios deviam aprender dos dois mensageiros? Paulo o formula de modo muito estranho e inicialmente pouco compreensível para nós. Os coríntios deviam aprender o que significa: **“não além do que está escrito”**. O que “está escrito” apareceu diversas vezes ([1Co 1.19](#); [1.31](#); [2.9](#); [2.16](#); [3.19s](#)). Para Paulo a palavra da Escritura, a palavra do **AT**, sempre se revestia de importância. Até o momento não havíamos ouvido que os coríntios tenham acolhido isso com certa indisposição, por quererem estar “além da Bíblia”. Porém na realidade soubemos muito pouco das condições em Corinto. Seja como for, precisamos concluir dessa observação de Paulo que em Corinto “circulava” o mote: “Para além da Escritura!” Ele combina com o lema “sabedoria!” ou: “Tudo me é lícito!” ou: “Não há ressurreição dos mortos!” Combina com todo o ciumento gloriar-se e digladiar-se em Corinto. Para Paulo (e evidentemente também para Apolo) a “cruz do Cristo” estava no centro da Escritura. Quem, porém, deixar essa cruz para trás, a fim de se alçar para novos ápices de “sabedoria” própria, com facilidade também considerará tolice ater-se às antigas Escrituras. Será que o “Espírito” não proporcionava novos e melhores conhecimentos?

No entanto, esse desprender-se da mensagem originária, fundamentada na Escritura, resultou naquela deterioração prática da igreja, flagrante a todos: que alguém **“se ensoberbece a favor de um em detrimento do outro”**. O artigo definido demonstra que também Paulo está pensando concretamente em Apolo como o “um” e em si como o “outro”. As frases “Eu sou de Paulo, eu de Apolo” não sedimentam a tranqüila e cálida gratidão por esses homens, mas a paixão do ciúme e da contenda, com a qual cada um queria deixar prevalecer somente o “seu homem”, rebaixando todo o resto. Sim, essa “soberba” se ampliava muito mais. Os adeptos dos diversos grupos também consideravam a si mesmos como pessoas singularmente proeminentes, justamente por pertencer a esse ou aquele homem.

- 7 Tão profundas já são as divisões em toda a vida eclesial. Por isso Paulo se dirige agora também a todos os membros da igreja com a pergunta: **“Quem é que te faz sobressair?”** Será que tua suposta superioridade sobre os demais não existe apenas em tua imaginação? E se agora puderes apontar para verdadeiras “excelências” e “dons”, se teu grupo de fato “tiver” algo especial, afinal **“que tens tu que não tenhas recebido?”** Pois na verdade não o adquiriste por ti mesmo, e tampouco teu mestre o tem de si mesmo. **“E, se o recebeste, por que te vanglorias, como se não o tiveras recebido?”** Nesse ponto se mostra novamente o ser humano que já não levanta mais o olhar para Deus e que exalta unicamente a ele. Tão perigosas tornaram-se as divisões.
- 8 Na seqüência são ditas frases de profundo impacto. Paulo vê diante de si toda a vida eclesial de Corinto e, ao lado dela, vê sua vida apostólica. Descortina todo o contraste diante dos coríntios. Considera a condição da igreja quase como o Senhor exaltado avalia a situação de Laodicéia ([Ap 3.17](#)), embora não possa nem deva falar do modo como compete unicamente ao Senhor Jesus. **“Já estais saciados; já sois ricos; sem nós, sois reis!”** [**TEB**]. Porventura não devemos nós, como igreja de um Senhor desses, possuir tudo? Todas as evangelizações não nos prometem em vivas cores que Jesus nos torna ricos e felizes? O próprio Paulo não acabou de descrever toda a riqueza régia da igreja em [1Co 3.22](#): “Tudo é vosso”? É por isso que Paulo também não diz nenhuma palavra diretamente contra isso. Apenas o “já” anteposto contém a indagação crítica: será que “já” é hora de tudo isso? Será que tudo isso “já” nos é concedido dessa maneira no éon atual? Os coríntios julgam “antes do tempo”; será que não são também “reis” “antes do tempo”? Estar “saciado” aqui e agora é perigoso (Laodicéia!). Pelo contrário, aqui são bem-aventurados os famintos, porque então ficarão verdadeiramente saciados no reino de Deus ([Lc 6.21,25](#)). Os “pobres”, não os “ricos”, são bem-aventurados ([Lc 6.20,24](#)). E somente na soberania de Deus seremos governantes reais. Também nesse caso Paulo viveu ambientado na palavra de Jesus! Simultaneamente recordamos o que foi exposto sobre o contraste diametral entre o mundo de Deus e este mundo (p. 63).

Paulo insere uma segunda observação crítica: vocês se tornaram pessoas muito grandiosas e gloriosas **“sem nós”**. Novamente ele se une completamente a Apolo. Será que a condição de uma igreja pode ser sadia se foi alcançada sem seus mestres e dirigentes autorizados? Será que o rebanho pode estar no lugar certo se estiver sem seu pastor? Paulo acrescenta: **“Como eu gostaria que vocês realmente fossem reis, para que nós também reinássemos com vocês!”** [**NVI**]. Se isso de fato já existisse agora, se já na presente era pudéssemos assumir essa posição de reis, se os coríntios pudessem evidenciar isso, então algo desse brilho também cairia sobre ele e Apolo. Então também eles, como servos de uma igreja tão gloriosa, “estariam com vocês na posição de reis”. Vocês, coríntios, na verdade chegaram tão longe “sem nós”. Agora, porém, nós, apóstolos, pelo menos alcançaríamos as alturas com vocês.

- 9 Agora, porém, a vida de um apóstolo é completamente diferente. Apóstolos são emissários credenciados do grande Rei. Em vista disso são na realidade “primeiros”. Compete-lhes algo como o primeiro lugar. No entanto, nada disso se pode constatar em sua vida exterior. Nela, pelo contrário, aparecem como “últimos”. Paulo é capaz de se incluir entre os demais apóstolos. Ainda que ele exiba uma medida especial de sofrimentos (cf. **2Co 11.23ss**), também a trajetória dos demais apóstolos apresenta basicamente os mesmos traços. Mais tarde Paulo ainda há de falar aos coríntios a respeito da profunda necessidade desta característica da vida apostólica. Agora ele se limita a reter sua impressão: **“A mim me parece que nos pôs a nós, os apóstolos, em último lugar.”** Essa frase já menciona que, assim como os verdadeiramente sábios neste éon precisam ser “loucos”, assim também os “primeiros” no serviço de Deus, os apóstolos de Jesus, precisam aparecer neste mundo como “últimos”.

Eles são **“condenados à morte”**, marcados para morrer. Esse é o profundo contraste com a existência saciada, rica e não-atribulada dos coríntios, que lhes proporciona tempo e ócio para suas facções com ciúme e contendas. Ao usar a expressão **“condenados à morte”** Paulo tem diante dos olhos os “gladiadores”, que, ao entrarem na arena para a luta mortal, saúdam o camarote imperial do teatro: *Morituri te salutant* (“Os condenados à morte te saúdam”). É assim que os apóstolos, na luta pela salvação de pessoas, se encontram como “condenados à morte” na arena do mundo.

O ser humano da Antigüidade estava acostumado a ver como espetáculo a morte sob torturas de prisioneiros e escravos, para satisfação de uma voluptuosa crueldade. Conhecemos tudo isso das perseguições aos cristãos. Conseqüentemente, também os apóstolos condenados à morte são **“um espetáculo ao mundo, aos anjos e aos homens”** [TEB]. Muitos olhares se voltam para os apóstolos que lutam e sofrem, olhares do mundo visível e invisível. A expressão “anjos” pode referir-se tanto aos entes espirituais do mundo celestial quanto do demoníaco. Paulo está ciente de ser observado atentamente por ambos os lados. E nas cidades da Ásia Menor, como em Filipos, Tessalônica e até mesmo em Corinto, grandes multidões de “pessoas” se movimentavam por intermédio da atuação do apóstolo, vendo sua atividade e seu sofrimento. Contudo, não é nesses “espectadores” que se fixa o olhar de Paulo. Enquanto os coríntios ricamente presenteados se esquecem de Deus, o olhar do apóstolo sofredor está dirigido firmemente para Deus. Por isso Paulo não se queixa e tampouco acusa alguém. Foi “Deus” quem “posicionou” os apóstolos desse modo. Paulo é capaz de concordar com isso apenas pela fé e na obediência.

- 10 Na seqüência é caracterizado mais uma vez, com traços concisos e vigorosos, todo o contraste entre o apóstolo e a igreja: **“Nós (somos) loucos por causa de Cristo, e vós, sábios em Cristo; nós, fracos, e vós, fortes; vós, nobres (famosos), e nós, desprezíveis (difamados).”** Não devemos entender isso como “ironia”. Se imediatamente em seguida Paulo assevera: “Não vos escrevo estas coisas para vos envergonhar; pelo contrário, para vos admoestar como a filhos meus amados” (v. 14), com certeza não trataria seus filhos amados com ironia antes disso. A causa é séria demais para tanto. Ele simplesmente relata fatos, como se apresentavam precisamente diante dos olhos dos próprios coríntios. Eles eram uma multidão respeitada na cidade. Eram considerados “sábios” e também acreditavam que “em Cristo” eles mesmos encontrariam uma sabedoria com que pudessem se mostrar entre seus concidadãos. Eles se impunham com vigor. Depois do rápido fracasso da investida judaica junto a Gália (**At 18.12-17**) não se notava nada de perseguição e aflição. Nesse aspecto Corinto se encontrava numa posição única entre as igrejas da obra missionária paulina.

- 11,12 Como era diferente a vida de Paulo e de seus colaboradores: **“Até à presente hora, sofremos fome, e sede, e nudez; e somos esbofeteados, e não temos morada certa, e nos afadigamos, trabalhando com as nossas próprias mãos.”** Paulo conhecia necessidades exteriores muito rudes: fome, sede, vestimenta precária, maus tratos, migrações inconstantes, serviço desgastante no evangelho, além do trabalho artesanal para aquisição do necessário sustento pessoal. “Saciado, rico, régio”, não havia nada disso.

- 12,13 Sempre se espera deles, o que de fato também realizam, que façam o “mais” de acordo com a vontade de Jesus (**Mt 5.47s**): responder às ofensas com bênçãos, às perseguições com paciência sem defender-se, às calúnias com a palavra amável (v. 12s).

Apesar de tudo isso, porém, eles não aparecem como os “grandes santos” admirados e honrados, mas tornaram-se **“como lixo do mundo, escória de todos até agora.”** Isso é assim **“até agora”**. Até hoje nada disso mudou. Isso tampouco mudará na presente era. Essa é a realidade da vida e do serviço apostólicos.

Esse bloco nos defronta inevitavelmente com a pergunta: onde nós mesmos nos encontramos? Com os coríntios ou com Paulo? Será que temos de estremecer ao recordar que sabedoria, vida e glória no mundo de Deus aqui e agora somente poderão manifestar-se como loucura, morte e infâmia? Por que se pode encontrar tão poucas marcas “da vida e do serviço apostólicos” entre nós? Será que não reside aqui (e de forma alguma onde a teologia moderna o tenta localizar) o motivo pelo qual nossa pregação não possui poder nem eficácia? Mas também vice-versa: será que faltam entre nós os traços do sofrimento apostólico porque de fato não proclamamos mais com seriedade extrema a palavra da cruz, a palavra desafiadora da perdição e da redenção? Será que as perseguições e os sofrimentos se apresentarão imediatamente quando a antiga mensagem tornar a ser proclamada com conteúdo pleno?



## O envio de Timóteo a Corinto e anúncio da visita pessoal, 4.14-21

- <sup>14</sup> Não vos escrevo estas coisas para vos envergonhar; pelo contrário, para vos admoestar como a filhos meus amados.
- <sup>15</sup> Porque, ainda que tivésseis milhares de preceptores em Cristo, não teríeis, contudo, muitos pais; pois eu, pelo evangelho, vos gerei em Cristo Jesus.
- <sup>16</sup> Admoesto-vos, portanto, a que sejais meus imitadores.
- <sup>17</sup> Por esta causa, vos mandei Timóteo, que é meu filho amado e fiel no Senhor, o qual vos lembrará os meus caminhos em Cristo Jesus, como, por toda parte, ensino em cada igreja.
- <sup>18</sup> Alguns se ensoberbeceram, como se eu não tivesse de ir ter convosco;
- <sup>19</sup> mas, em breve, irei visitar-vos, se o Senhor quiser, e, então, conhecerei não a palavra, mas o poder dos ensoberbecidos.
- <sup>20</sup> Porque o reino de Deus (consiste) não em palavra, mas em poder.
- <sup>21</sup> Que preferis? Irei a vós outros com vara ou com amor e espírito de mansidão?

**14** Que contraste Paulo descortinou diante dos coríntios! De um lado uma existência sem tribulações, grandiosa e satisfeita com a dolorosa divisão da igreja, de outro sua vida apostólica cheia de privações e sofrimentos, mas também plena de poder e eficácia. Não deveriam se envergonhar disso? A continuação do relacionamento entre o apóstolo e a igreja obviamente mostrou que de modo algum eles se envergonhavam, mas simplesmente não compreendiam Paulo e percebiam seus constantes sofrimentos como desnecessários e de certo modo errados e escandalosos para eles. Afinal, não é assim que deveria se parecer a vida de um emissário autêntico de Deus! O próprio Paulo deveria ser culpado de suas permanentes dificuldades e aflições. Aparentemente ele não era de fato um “autorizado”. Também na segunda carta aos coríntios que nos foi preservada Paulo repetidamente precisará tratar justamente dessa questão. Agora, porém, ele unicamente consegue imaginar que seus coríntios podem ler com um sentimento de envergonhada perplexidade essa contraposição da vida segura deles com o sofrimento dele. Contudo não era esse o alvo de sua correspondência. **“Não vos escrevo estas coisas para vos envergonhar.”** Não deseja que fiquem vexados diante dele. Isso levaria outra vez a comparações na direção errada. No entanto é óbvio que visa **“admoestá-los”**. Toda sua condição revela como ainda são “carnais”, quanto ainda são “verdadeiras pessoas” e não uma “nova criação”, repletos da mente de Cristo (1Co 2.16). Não é admissível que prossigam desse modo.

Paulo os admoesta justamente por serem **“seus filhos amados”**. Ambas as dimensões estão inseparavelmente ligadas. São e não deixarão de ser seus filhos amados, ainda que ele tenha de chamar sua atenção para tudo isso. E por outro lado, justamente por amá-los, ele não pode deixar que prossigam em seus caminhos falsos e prejudiciais, mas precisa tratá-los com toda essa dureza, levando-os ao caminho certo.

**15b** Eles não são seus filhos amados apenas no sentido figurado, mas num sentido bem real. **“Pois (somente) eu, pelo evangelho, vos gerei em Cristo Jesus.”** Agora fica claro que “evangelizar” é algo essencialmente diferente de “ensinar”. “Ensinar” diz respeito à “conduta” dos que crêem, como veremos no v. 17. “Evangelizar”, porém, leva a um processo de vida que só pode ser descrito com as metáforas do “gerar” e do “nascer”. Aqui concede-se às pessoas uma nova existência **“pelo evangelho”**. Obviamente é preciso que para isso o evangelho venha às pessoas “não somente na palavra, mas também em poder e no Espírito Santo” (1Ts 1.5). O gerar acontece por intermédio do evangelho, mas **“em Cristo Jesus”**, ou seja, de tal modo que nesse ato Jesus é quem de fato age e atua, quem, pela autoridade de sua cruz e de sua ressurreição, arranca pessoas de sua vida perdida, transformando-as em filhas de Deus.

**15a** Por isso forma-se um vínculo singular e indestrutível entre aquele que teve o privilégio de **“gerar”** pessoas em Cristo Jesus por meio do evangelho e as pessoas que chegaram à fé através dele. Existe a “paternidade espiritual”, que é tão irrevogável como a natural. Não é possível anular o fato de que sou pai dessa criança ou que sou filho daquele pai, nem sequer quando os filhos se tornam adultos e entram na maioridade. Os coríntios devem levar em conta que um vínculo desse tipo os conecta a Paulo. **“Porque, ainda que tivésseis dez mil disciplinadores em Cristo, não teríeis muitos pais”** [tradução do autor]. Com razão uma pessoa renascida encontra, ao longo da vida “em Cristo” e sob sua direção, diversas pessoas que a “educam” e promovem; mas a ação “geradora” daquele que a levou a Jesus e a chamou da morte para a vida destaca-se como única e fundamental. Por isso a frase seguinte traz o ego enfático: “Somente eu” vos gerei por intermédio do evangelho, “somente eu” sou para vocês o “pai”.

**16** Ao severo “advertir” segue o *parakalein*, o “aconselhar” ou “incentivar”. **“Exorto-vos, pois: sede meus imitadores”** [TEB]. Paulo reitera isso em 1Co 11.1 e declara igualmente aos filipenses (Fp 3.17), aos gálatas (Gl 4.12) e com vistas aos tessalonicenses (1Ts 1.6). Pessoas renascidas não se encontram mais sob a lei. Não se deve dar-lhes, como na instrução rabínica, uma multidão de preceitos específicos, aos quais tenham de seguir. Porém, de acordo com quem hão de conduzir-se em sua nova vida? De acordo com pessoas vivas que

lhês servem de exemplo na vida de fé! Também nisso têm a liberdade de ser “filhos” que “imitam” espontaneamente os pais, crescendo assim na vida correta.

- 17** Contudo, não é tão fácil fazê-lo à distância. A igreja precisava do exemplo vivo e presente. **“Justamente por isso vos envie Timóteo”** [tradução do autor]. Talvez Paulo tenha optado pela forma verbal passada “eu vos envie Timóteo” porque o autor de uma carta na Antigüidade escreve colocando-se no lugar destinatário que lê a carta. Quando a carta de Paulo for lida na reunião da igreja em Corinto, então Paulo já “terá enviado” Timóteo. De fato a situação deve ter sido que, ao ser redigida a carta, Timóteo já partira, para inicialmente realizar serviços nas igrejas da Macedônia (**At 19.22**). Por esse desvio ele chega em Corinto, alcançando essa cidade somente algum tempo depois da chegada da carta. Por essa razão ele também não assina a carta junto com Paulo.

No entanto, os coríntios não devem pensar que o jovem Timóteo seja um substituto precário do próprio Paulo, mas devem sentir no envio dele todo o amor preocupado de seu apóstolo. Por isso Paulo recomenda Timóteo com uma cordialidade muito cálida, como **“seu filho amado e fiel (ou: crente) no Senhor”**.

Com Timóteo os coríntios obtêm um ponto de orientação vivo. **“O qual vos lembrará os meus caminhos em Cristo Jesus, como, por toda parte, ensino em cada igreja.”** A expressão “caminho” exerce um papel tão grande no incipiente cristianismo quanto o termo relacionado “andar”. O cristianismo pode ser designado como “esse caminho” (cf. **At 9.2; 22.4; 24.14; 24.22**). As expressões “caminho” e “andar” revelam que o cristianismo não consiste na posse tranqüila de uma certa “doutrina”, mas em “andar” um “caminho” determinado, num movimento persistente durante toda a vida, o qual pode tornar-se uma apaixonada “corrida” (**Fp 3.14**). Um modelo de fé torna os **“caminhos”** do “andar” reto muito claros. Uma igreja que se tornou insegura e está desunida pode ser **“lembrada”** da existência deles. Nesse processo o “ensino” também pode ter um lugar importante. O contexto revela que Paulo não entendia por “ensino” aquilo que nós hoje entendemos, a saber, uma espécie de “dogmática”, mas antes aquilo que nós hoje chamamos de “ética”. É o “ensino sobre os caminhos”, os quais cabe ao cristão, à igreja de Jesus trilhar. Paulo pensa na verdadeira e concreta configuração da vida nas mais diversas áreas. No presente local ele não contempla tanto o que já escrevera aos coríntios sobre o “caminho” certo da vida eclesial. Depara-se acima de tudo com a pergunta sobre a qual precisa falar à igreja nos capítulos subseqüentes. O presente trecho forma a transição do primeiro grande tema, a “mensagem da cruz e discurso de sabedoria”, para os múltiplos problemas e dificuldades que pretende abordar na seqüência.

“Exemplo” e “ensino” estão estreitamente ligados. O bom exemplo carece de uma explicação num ensino, e o ensino tem de ser concretizado no exemplo. Esse “ensino”, essa “orientação do caminho”, é o mesmo **“em cada igreja”**, por mais diferente que seja a realidade nas diversas regiões e localidades. Apesar de toda a autonomia que cada igreja possuía naquele tempo, havia nisso um laço firme de unidade. Nas cartas de Paulo não se percebe nada de uma “igreja geral”, da instituição de instâncias superiores em grandes ligas de igrejas. Evidentemente não dava nenhuma importância a isso. Obviamente, porém, todas as igrejas somente poderão seguir o mesmo “caminho”, que corresponde ao “caminho” do próprio apóstolo. Esses caminhos são seus **“caminhos em Cristo Jesus”**. Paulo não os concebeu pessoalmente. O próprio Jesus é o verdadeiro “caminho” (**Jo 14.6**). “Nele” situam-se todos os caminhos que o apóstolo percorre e para os quais conclama incansavelmente a todas as igrejas. Por isso é capaz de afirmar num momento posterior de sua carta: “Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo” (**1Co 11.1**).

- 18** O envio de Timóteo imediatamente reforça em “alguns” a impressão que eles já tinham antes: **“Ora, imaginando que eu não voltaria a estar convosco, alguns de vocês se incharam de orgulho”** [**TEB**]. Paulo não tem mais coragem de vir pessoalmente, ele sabe que sua função em nosso meio acabou. A expressão “incharam-se” revela que não se tratava de uma constatação de lástima, mas de triunfo: “Paulo não vem mais pessoalmente para Corinto.” Notamos como a rejeição a Paulo, bem como o esforço de desvincular a igreja completamente dele, era séria entre “alguns”. Sempre haverá esses “alguns” (ou também no singular: “alguém”, cf. já em **1Co 3.18**). Paulo não cita nenhum nome. Porém teremos de buscar esses seus adversários tanto no “partido de Cristo” (cf. acima, p. 43s) quanto também entre aqueles que colocavam Pedro, João, Tiago como os “verdadeiros” e “grandes” apóstolos acima do duvidoso Paulo (cf. **2Co 10.2; 10.11; 11.5**).
- 19** No entanto, seus adversários em Corinto estão enganados. O envio de Timóteo não visa substituir sua própria visita, mas apenas prepará-la. **“Mas, em breve, irei visitar-vos, se o Senhor quiser.”** Paulo não é o Senhor de suas viagens; ele é “servo”, sujeito à vontade de seu Senhor. Por isso tampouco pode assumir um compromisso por iniciativa própria. Porém os coríntios, quer amigos, quer adversários, devem saber que de sua parte ele gostaria de estar rapidamente com eles e que não teme visitá-los. Então ele **“conhecerá”** seus adversários. Esse termo sempre possui uma conotação substancial para um israelita. Afinal, ele é a expressão hebraica para a comunhão máxima entre homem e mulher (**Gn 4.1**). Precisamente por isso o “conhecer” de Paulo não ficará impressionado com **“o discurso dos ensoberbecidos”**, com palavras fortes ou profundas, mas testará o **“poder”** por trás da “palavra” deles.

- 20** Paulo conhece a importância decisiva da “palavra”, ocasionalmente tratando a “palavra” como uma grandeza autônoma com energia vital própria, p. ex., em 2Ts 3.1. Contudo ele sabe igualmente que existem “meras palavras” sem “poder” e sem “Espírito Santo” (1Ts 1.5), que não têm valor. Conhece a palavra determinada pela “sabedoria”, que leva a descaminhos e também carece “do poder de Deus para a salvação”. Por isso ele passa a cunhar a afirmação que entrementes se tornou famosa, tendo em mente os novos mestres em Corinto e seus sistemas e constelações de palavras: **“Porque o reino de Deus (consiste) não em palavra, mas em poder.”** No caso de Paulo, essas frases vigorosas nunca representam o resultado de estudos dogmáticos, mas crescem a partir da situação e aflição existentes. Então, porém, externam verdades que valem para todos os tempos e nos propõem fatos essenciais. Também nesse caso teremos de observar uma junção inseparável. Toda a “palavra” sem “poder” não tem nada a ver com o **“reino de Deus”**. Onde Deus governa como rei não pode haver meras palavras e pensamentos, ali acontece algo, ali o poder de Deus opera. Mas não pode ser esquecido que o “poder” como tal ainda não é sinal seguro do “reino de Deus”. É precisamente apenas na “fraqueza de Deus” na cruz e na louca “palavra da cruz” que o poder de Deus se torna eficaz como salvador. “Poder” não deve ser separado da “palavra”. Nesse sentido Paulo definitivamente não deseja ver em seus adversários “feitos de poder” que eles eventualmente possam ostentar. Porém tem o objetivo e a certeza de descobrir se os coríntios apenas se entusiasmam com seus discursos ou se sua palavra é palavra salvadora que conduz à vida.
- 21** Ele pensa antecipadamente sobre sua visita. Como essa visita transcorrerá? Numa frase sucinta e com uma metáfora breve Paulo já diz o que será elaborado de modo exaustivo no final da segunda carta aos Coríntios: **“Devo ir a vocês com vara, ou com amor e espírito de mansidão?”** [NVI]. Os próprios coríntios determinarão como será. Ele certamente não recorre com satisfação à “vara” para ir contra seus “filhos amados”. Prefere muito antes ir com **“amor e espírito de mansidão”**. Mas isso não depende dele. Se os coríntios o forcarem, ele também saberá disciplinar.

### O juízo sobre o homem que secasou com a madrasta, 5.1-5

- <sup>1</sup> Geralmente, se ouve que há entre vós imoralidade e imoralidade tal, como nem mesmo entre os gentios, isto é, haver quem se atreva a possuir a mulher de seu próprio pai.
- <sup>2</sup> E, contudo, andais vós ensoberbecidos e não chegastes a lamentar, para que fosse tirado do vosso meio quem tamanho ultraje praticou?
- <sup>3</sup> Eu, na verdade, ainda que ausente em pessoa, mas presente em espírito, já sentenciei, como se estivesse presente, que o autor de tal infâmia seja,
- <sup>4</sup> em nome do Senhor Jesus, reunidos vós e o meu espírito, com o poder de Jesus, nosso Senhor,
- <sup>5</sup> entregue a Satanás para a destruição da carne, a fim de que o espírito seja salvo no Dia do Senhor Jesus.

- 1** Paulo havia perguntado aos coríntios se deveria vir com a vara ou com amor e espírito de mansidão. Mas por que, afinal, a “vara”, i. é, o castigo duro, talvez fosse necessária? Não por causa das mazelas expostas até aqui. Não se expulsa falsa sabedoria com vara, e partidarismo e falsa reputação de determinados pregadores não são afastados da igreja por meio de surras. Não, Paulo está pensando em coisas que, se não forem imediatamente expurgadas pela igreja, tornam sua punição necessária. Pois “ouviu” não somente acerca de discórdias. Havia coisas piores para informar. **“Por toda parte se houve que há imoralidade entre vocês, imoralidade que não ocorre nem entre pagãos, ao ponto de um de vocês possuir a mulher de seu pai”** [NVI]. O que aconteceu? Será que Paulo apenas não quis mencionar o fato terrível de que um membro da igreja se casou com a própria mãe? A menção de que até mesmo entre os gentios isso seria insuportável poderia levar a esse pensamento. Porém é bem mais provável que ele se refira à madrasta, que também poderia ter uma idade mais próxima do filho do (falecido) pai.

Este episódio não trata de um pecado no êxtase erótico. Paulo somente falará dessa área em 1Co 6, quando também o fará de maneira muito diferente. No caso, agiu-se de forma consciente e refletida, quando um homem celebrou o matrimônio com sua madrasta. Pois é isso que deve ser entendido com a expressão “possuir” a mulher. Precisamente por isso ele poderia pensar que não cometera um “pecado”, mas que demonstrara a “liberdade” do cristão, não estando sujeito nem à lei de Moisés (Lv 18.8; Dt 22.30; 27.20) nem à “moral” ultrapassada.

- 2** O interesse de Paulo, porém, não se concentra no caso em si. Nem sequer fala da mulher. Disso se pode inferir que ela não fazia parte da igreja. Mas inicialmente tampouco se fala do homem, mas da igreja e de sua atitude. Uma “igreja” não é, como tantas vezes entre nós, um grupo de pessoas que se reúne para determinados eventos eclesiais, em que de resto cada um vive sua própria vida isoladamente. Uma “igreja” é o que Paulo ainda descreverá expressamente em 1Co 12, um “organismo”, um “corpo”. O dano e envenenamento de

um membro ameaçam imediatamente o corpo todo, motivo pelo qual deve provocar a reação desse corpo. “Se um membro sofre, todos sofrem com ele” (1Co 12.26). Porém, o fato arrasador e assustador para Paulo é que precisamente esta necessária reação da igreja em Corinto não aconteceu. **“E vós estais inchados de orgulho! E não ficastes nem mesmo de luto, a fim de que o autor dessa ação fosse retirado do meio de vós?”** [TEB].

Não sabemos se a reprimenda de Paulo **“estais inchados de orgulho”** visava atingir apenas a autocomplacência da igreja apesar de um evento desse tipo, ou se a própria igreja considerou esse matrimônio com a madrasta como evidência da “liberdade evangélica”. O lema que circulava em Corinto, “tudo me é lícito” (1Co 6.9s; 10.23), também poderia ter incluído um caso como esse. De qualquer forma, eles não **“ficaram de luto”**, como num falecimento. A igreja já não vê nem sente o aspecto letal do pecado. Paulo, porém, o vê. Por isso ele não escreve o que poderíamos esperar de um “cristão”: “E não ficastes nem mesmo de luto, para que caia em si e se arrependa aquele que praticou esse ato.” Aqui um membro da igreja não foi “colhido por uma circunstância”, de modo que se pudesse e devesse “corrigi-lo” (Gl 6.1). Nem mesmo Mt 18.15-17 pode ser aplicado aqui. O corpo da igreja está tão ameaçado pela contaminação letal de um de seus membros que somente a amputação imediata pode ser considerada, **“a fim de que o autor dessa ação fosse retirado do meio de vós”**. O final do trecho revelará com intensidade surpreendente que Paulo não carecia de misericórdia pessoal em relação a esse culpado.

- 3 Agora, porém, estão em jogo a igreja e sua atitude. Nesse caso há somente uma possibilidade com vistas a esse membro: a sentença de morte. Paulo expressa a inquestionável necessidade dessa sentença dizendo aos coríntios: **“Eu, na verdade, já sentenciei!”** Não há mais nada a investigar, nada mais a negociar. A sentença já foi proclamada.

É claro, somente **“eu, na verdade, já sentenciei”**. Quando a igreja fracassa completamente diante de um caso desses – Paulo não consegue mencionar seu caráter terrível mais uma vez, mas apenas refere-se a ele indiretamente – então seu apóstolo precisa agir por ela. É verdade que está **“ausente de corpo”** [TEB], mas **“presente em espírito”**. Isso não significa: “Estou com vocês em pensamento”. Paulo não compreende a situação de forma tão diluída e abstrata. Para o Espírito Santo, do qual está cheio, separações geográficas não significam nada. Por intermédio do Espírito ele está presente de um modo muito real.

- 4,5 O conteúdo da sentença está estabelecido para Paulo: **“Seja tal homem entregue a Satanás para a destruição da sua carne”** [TEB]. No entanto, apesar de tudo ele não pode decretar essa sentença sozinho. A igreja precisa fazê-lo junto com ele. Por isso Paulo interrompe sua frase e intercala, partindo de sua “presença em espírito”: **“reunidos vós e o meu espírito, com o poder de Jesus, nosso Senhor.”**

É digno de nota que nessa questão grave Paulo não se dirige aos “cargos” na igreja, mas à igreja como um todo. Hoje entregamos a disciplina eclesial quase que totalmente nas mãos do pastor, no que se refere aos “regulamentos de vida” da igreja. Porém a igreja em Corinto não conhecia um “pastor”. Tampouco Paulo tem intenção de reunir-se apenas com seus “anciãos”, com os “bispos” e “diáconos” que podem ter existido em Corinto como em Filipos (Fp 1.2). Pretende reunir-se com a igreja toda. Ela mesma precisa participar da sentença de morte sobre um de seus membros. Paulo pensa que uma verdadeira igreja tem o compromisso e a capacidade para uma ação assim. Uma sentença sempre é uma constatação de culpa. Paulo não investe seus esforços nisso. Na verdade, revela-se nesse matrimônio com a madrasta e na imobilidade da igreja diante do caso que efeitos o lema “para além da Escritura” (1Co 4.6) produzia na igreja. As claras proibições da lei do AT não valem nada. Porém Paulo agora não recorre à lei para demonstrar aos coríntios a impossibilidade e a pecaminosidade de um matrimônio assim. Não empreende tentativa alguma de “provar” ou analisar de uma maneira qualquer a pecaminosidade do acontecido. Diante do pecado flagrante, qualquer análise e qualquer apresentação de “provas” já debilitariam o “não” absoluto e inquestionável. Contudo, uma sentença também sempre impõe uma punição à pessoa. No ambiente humano comum é o poder estatal que cuida da execução desse castigo. Quem, porém, há de executar o castigo naquele culpado em Corinto? Isso está explícito na própria sentença: Satanás deverá fazê-lo. Ele possui “o poder da morte” (Hb 2.14); ele pode destruir a “carne”, toda a existência terrena do ser humano. Contudo, somente poderá fazê-lo quando esse homem for expulso da igreja de Jesus e entregue a ele. Um membro salvo da igreja de Jesus é intocável para Satanás (quando não se entregou pessoalmente ao poder das trevas pela feitiçaria). Agora, porém, acontece uma ação eficaz, que separa o culpado da igreja e o entrega a Satanás. Essa ação somente pode acontecer **“no nome do Senhor Jesus”**, com a permissão de Jesus, sim, pelo poder conferido pelo próprio Jesus. Por essa razão é preciso que, para o julgamento a que Paulo convoca a igreja, os coríntios e seu próprio espírito estejam reunidos, **“com o poder de Jesus, nosso Senhor”**.

Paulo esperava que após a leitura pública da carta os coríntios avançassem para essa ação mediante invocação do nome de Jesus. Paulo estará então “presente em espírito” e congregado com eles. E Paulo tem certeza de que o próprio Jesus está presente com seu poder eficaz justamente também num julgamento tão sério na igreja. Por isso essa sentença não permanece sendo uma “palavra” que o envolvido pudesse descartar com superioridade. Também nesse caso o “reino de Deus não consiste em palavras, mas em poder” (1Co



4.20). Esse julgamento acontece. A destruição atacará subitamente ou destruirá paulatinamente esse membro da igreja.

- 5 Até mesmo, porém, nessa grave seriedade da ação judicial o olhar de Paulo permanece sendo positivo. Satanás obtém poder apenas **“para a destruição da carne”**. Pois esse homem é “cristão”. Fez algo terrível, mas de sua parte não se desligou de Jesus. A morte sacrificial de Jesus permanece válida para ele. Por um lado, um pecado tão flagrante, que causou enorme dano para o evangelho entre judeus e gentios e trouxe vergonha ao nome do Senhor, precisa obter um castigo claro. Por outro lado, justamente quando esse castigo for suportado – e ser entregue a Satanás para a destruição da carne é terrível – **“o espírito”** pode ser **“salvo no dia do Senhor”**. A salvação aceita uma vez na fé é tão firme e eficaz para Paulo que ele não insere nenhum “talvez”, mas fala com grande convicção dessa redenção. Tão forte é a “certeza da salvação” quando olhamos para Jesus e sua obra consumada.

Assim se concretiza na prática o que Paulo entende por “anátema”, por “banimento” (Gl 1.5-9). Nesse caso não se trata em primeiro lugar da “punição” de pecadores, mas de manter a igreja pura. Nisso o presente trecho constitui um paralelo para At 5.1-11, com a diferença de que lá o juízo de Deus se concretiza diretamente na palavra do apóstolo, porque o verdadeiro pecado intolerável de Ananias e Safira acontece justamente em sua mentira diante de Pedro. Em ambos os casos, porém, acontece o sumamente grave “ligar” de que Jesus falou em Mt 16.19; 18.18; Jo 20.23, que nós, de tanto “desligar”, já não conhecemos. Durante longo tempo a igreja obviamente tentou e acreditou fazer algo igual por meio da “excomunhão”. Contudo, há três aspectos no banimento eclesiástico que são diferentes da linha fundamental da ação de Paulo e que descaracterizam o que Paulo está nos apresentando.

- 1 A excomunhão da igreja dirigia-se basicamente contra os “hereges”, ou seja, aos que pensavam e ensinavam de modo diferente da igreja magna.
- 2 A igreja que alcançou poderio político não confiava mais na autoridade de sua palavra, mas conseguia a “destruição” do banido por meio de medidas estatais.
- 3 A “entrega a Satanás” pela igreja não tinha mais como base a vontade salvadora, convicta da redenção, que precisa castigar o pecado e purificar a igreja de graves máculas, mas que tem certeza da salvação para o irmão culpado no dia do Senhor.

Uma ação como a de Paulo nessa situação não pode ser exercida por “instâncias”, nem mesmo por instâncias eclesiásticas, mas somente por “pessoas espirituais” que sabem o que fazem, e que se atêm aos parâmetros de uma autoridade puramente espiritual, mas que também possuem essa autoridade de fato e com eficácia.

### A necessária purificação da igreja, 5.6-13

- 6 Não é boa a vossa jactância. Não sabeis que um pouco de fermento leveda a massa toda?
- 7 Lançai fora o velho fermento, para que sejais nova massa, como sois, de fato, sem fermento. Pois também Cristo, nosso Cordeiro pascal, foi imolado.
- 8 Por isso, celebremos a festa não com o velho fermento, nem com o fermento da maldade e da malícia, e sim com os asmos da sinceridade e da verdade.
- 9 Já em carta vos escrevi que não vos associásseis com os impuros;
- 10 refiro-me, com isto, não propriamente aos impuros deste mundo, ou aos avarentos, ou roubadores, ou idólatras; pois, neste caso, teríeis de sair do mundo.
- 11 Mas, agora, vos escrevo que não vos associeis com alguém que, dizendo-se irmão, for impuro, ou avarento, ou idólatra, ou maldizente, ou beerrão, ou roubador; com esse tal, nem ainda comais.
- 12 Pois com que direito haveria eu de julgar os de fora? Não julgais vós os de dentro?
- 13 Os de fora, porém, Deus os julgará. Expulsai, pois, de entre vós o malfeitor.

- 6 Paulo não considerava o matrimônio com a madrasta como um “caso” isolado. Aliás, de forma nenhuma ele admite o cristão individual isolado. Ele sempre vê a “igreja”, e cada indivíduo como membro dela. Apenas a conjuntura geral da igreja em Corinto, sua falsa “sabedoria” e “liberdade”, sua negligência quanto à palavra da cruz tornavam um caso desses possível. Por isso, ele interpela a igreja como um todo, mostrando-lhe: **“Não é boa a vossa jactância.”** Todo o seu orgulho pelo auge de sua vida eclesial e por sua riqueza é algo maléfico e inverídico. Ou será que agora dirão em Corinto: “Um caso isolado – não será capaz de turvar o alto brilho de nossa vida eclesial”? Paulo replica: **“Não sabeis que um pouco de fermento leveda a massa toda?”** Naquele tempo se usava muito a metáfora do fermento. Conhecemo-la do evangelho (p. ex., Mt 16.6; Mc 8.15; Lc 12.1; também Gl 5.9). A metáfora mostra de forma muito impressionante como algo bem insignificante é capaz de finalmente penetrar no conjunto todo e influenciá-lo. Ainda que esse matrimônio com a madrasta

seja apenas um “caso isolado”, “um pouco de fermento”, mesmo assim partem dele influências incalculáveis sobre toda a vida eclesial. Paulo nem precisa estar insinuando que poderiam formar-se outros matrimônios assim. O perigo é muito maior. Toda a atitude básica equivocada, a liberdade mal-compreendida, a subestimação do pecado, a redução do cristianismo para mera visão de mundo, tudo isso recebia reforço quando um caso desses era tolerado na igreja.

Por isso também não bastava que a igreja concordasse com a sentença dada por Paulo e excluísse aquele homem com indignação. A primeira coisa que Paulo esperara da igreja não foi “indignação”, mas “luto”. A indignação pode denotar muito egocentrismo e superioridade. O luto autêntico é determinado pelo amor e se submete à culpa do outro. De acordo com o desejo de Paulo, o luto teria sido ao mesmo tempo um luto da igreja sobre si mesma. Como, afinal, foi possível que um caso desses acontecesse em nossa igreja? O que não está em ordem na condição geral da igreja, há muito tempo e de forma profunda? Em lugar da “jactância” teriam tido lugar um autêntico arrependimento comunitário e uma purificação. É para esse ponto que Paulo deseja conduzir a igreja agora. Também no presente caso ele procede de tal modo que a ilustração utilizada é alterada um pouco, a fim de poder expressar sua preocupação a partir dela. Com o termo fermento ele dirige o olhar dos coríntios para a festa pascal, que eles conheciam bem de seus irmãos israelitas na igreja. Com quanto cuidado se afastava todos os vestígios de coisas fermentadas no dia 14 do mês Nisã, de acordo com Êx 13.7. Pois a Páscoa é a festa dos “asmos”, dos “pães doces” (Mt 26.17; Lc 22.1). Isso agora se torna metáfora da vida cristã, do viver e agir cristãos.

- 7 Na igreja não existia “um pouco de fermento” apenas no maléfico caso de impureza. Nos capítulos subsequentes Paulo ainda evidenciará suficiente **“fermento da maldade e da malícia”**. Por isso ele convoca agora para uma purificação abrangente e profunda da igreja: **“Varrei fora o velho fermento, para que sejais nova massa, de conformidade com os asmos que sois”** [tradução do autor]. Espera-se da igreja um agir consciencioso e persistente. Paulo dificilmente pensou que a igreja pudesse, num esforço único, acabar para sempre com o **“fermento”** e, sem lutar, ser permanentemente uma “nova massa”. Essa hipótese é contrariada pela palavra aos gálatas em Gl 5.16s. A carne com sua “concupiscência” permanece. O “andar no Espírito” constantemente precisa impedir que essa concupiscência atinja o alvo. O “velho fermento” aparecerá repetidamente e precisa ser repetidamente “varrido fora”. No entanto, Paulo agora não diz “para que vos torneis nova massa”. Isso seria “idealismo”, que tão somente redundará em fracasso. Não, ele escreve: **“para que sejais nova massa, de conformidade com os asmos que sois.”** Paulo enfatiza o “ser”. O “ser” presenteado é o fundamento do “fazer” bem-sucedido; mas não torna obsoleto esse “fazer”, e sim necessário. De forma palpável verificamos aqui a natureza da ética cristã, da concretização da vida cristã. O princípio, a regra fundamental é: “Seja o que você é” ou “Torne-se integralmente o que você é.” É óbvio que isso é sumamente “ilógico”. O pensamento lógico sempre dirá: se eu sou algo, então não preciso vir a sê-lo; se devo tornar-me algo, então eu ainda não o sou. Conseqüentemente, também a atitude cristã de vida oscila com bastante freqüência entre atividade sem fé, que tenta conquistar tudo pessoalmente, e passividade “crente”, que “tem” tudo pela fé e por isso pensa que não precisa mais agir. Paulo, porém, sintetiza os dois aspectos de forma ilógica e vivamente verdadeira.

No entanto, como é que os coríntios já possuem o “novo ser”? Como é que já são **“asmos”, “nova massa”**? Não podem sê-lo por si mesmos. Sua realidade de fato, afinal, é justamente tal que precisam ser exortados com muita insistência, para varrer fora o velho fermento. Somente o são “em Cristo”, a partir do sacrifício de Jesus. **“Pois foi imolado também o nosso passá, Cristo”** [tradução do autor]. Na noite antes da saída dos filhos de Israel do Egito a ira do santo Deus percorreu o país com o juízo e vitimou seus primogênitos. As casas dos israelitas não estavam “automaticamente” isentas do juízo. Não há acepção da pessoa diante da justiça de Deus. A morte é a punição pelo pecado, também para Israel. Agora, porém, foi possível entre os israelitas que um cordeiro sangrasse e morresse vicariamente por eles, e o sangue do cordeiro pascal na porta cobria a casa e seus habitantes diante do juízo. A igreja de Jesus não perde para Israel. Não, **“foi imolado também o seu passá, Cristo”**. Sim, Cristo é de fato o verdadeiro Cordeiro de Deus. Todos os cordeiros pascais imolados no passado no Egito e até hoje em Israel são apenas uma “sombra”, antecipada, do verdadeiro Cordeiro (Hb 10.1; Cl 2.17), são indício provisório do sacrifício realmente válido, do sangue realmente purificador, do feito de fato libertador na cruz. Em Cristo todos os que nele crêm são “asmos”, “nova massa”, “pães doces”, apesar de todo velho fermento que ainda esteja apegado a eles.

- 8 Por isso o fazer é conseqüência imediata deste ser recebido. Não como um acréscimo artificial, que precisaria de fundamentação especial, mas como conseqüência da natureza do objeto em si. Direcionado pelo Espírito Santo, Paulo o expressa maravilhosamente, chamando esse fazer de “celebrar a festa”. **“Por isso, celebremos a festa não com o velho fermento, nem com o fermento da maldade e da malícia, e sim com os (pães) asmos da sinceridade e da verdade.”**

**“Por isso, celebremos a festa.”** Se Paulo tinha planos de permanecer “até Pentecostes em Éfeso” (1Co 16.8), é bem possível que a presente carta tenha sido escrita por ele na época antes da Páscoa e que por essa razão Paulo tenha chegado à metáfora usada. Isso não demonstra, porém, que a igreja de Jesus daquele tempo

festejava algum tipo de “festa do *passah* cristão” ou observava uma “festa da Páscoa”. Paulo, que negava de modo tão resolutivo o calendário das festas judaicas (Rm 14.5; Gl 4.10; Cl 2.16s), dificilmente terá introduzido feriados e tempos festivos cristãos nas igrejas dirigidas por ele. Com isso se evitava o perigo que ameaça o nosso “ano litúrgico” – esperar pela vinda do Senhor apenas no tempo do Advento, convidar o Espírito Santo apenas em Pentecostes, e varrer fora o velho fermento somente na Páscoa! O que Paulo demanda dos coríntios vale igualmente para todos os dias.

Nesse caso, porém, cada dia é também “uma festa”. Também agora Paulo pensa de forma radicalmente “evangélica” quando fala de ética cristã e considera os coríntios capazes de lutar seriamente contra o mal. Viver “não com o velho fermento da maldade e da malícia, mas com (pães) asmos da sinceridade e verdade”, será que isso é algo terrível e deprimente? Será que a vida de fato não se torna “uma festa” quando somos capazes de viver assim porque pelo sacrifício de Jesus nos tornamos “pães doces”? Martim Lutero diz: “Toda a vida cristã é única, constante e eternamente festa pascal” (de acordo com o Sermonário de Verão). É isso que ressoa em todos os nossos hinos de Páscoa.

- 9 **“Eu vos escrevi na minha carta que não tivésseis relações com os devassos”** [TEB]. Agora notamos que não é a primeira vez que Paulo trata dessa questão por escrito e que a presente carta não é realmente a “primeira” carta aos coríntios. A carta a que Paulo se refere evidentemente era a primeira que ele de fato escreveu aos coríntios, pois chega a chamá-la de “a” carta. Nela já havia recomendado encarecidamente aos coríntios para **“não ter relações com os devassos”**. Essa exortação de Paulo havia sido mal-compreendida e por isso discutida criticamente e rejeitada como exigência excessiva. Essa “compreensão equivocada” não é um acaso. Ela se forma pelo fato de que já se ouve de modo preconceituoso e equivocado. Paulo esclarece o equívoco sem irritação e com tranqüila objetividade.
- 10 Ao fazer a advertência na carta ele naturalmente **“não se referiu propriamente aos impuros deste mundo”**. Paulo não era tão tolo e desligado da vida que considerasse possível uma separação absoluta entre a igreja e o mundo, **“pois, neste caso, teríeis de sair do mundo”**. Exatamente Corinto estava completamente contaminada pelo desenfreamento sexual. Por isso na carta anterior Paulo havia exortado sobretudo contra o convívio com devassos. Agora, porém, ele imediatamente acrescenta à lista os **“avarentos, roubadores ou idólatras”**, porque sua preocupação não são somente os pecados sexuais e porque simplesmente o quadro do “mundo” de fato é tão colorido.
- 11 O apóstolo não está preocupado com o convívio com pessoas do mundo, embora as questões que emergem dele sejam mencionadas de passagem no decorrer da carta (cf. sobretudo o comentário a 1Co 8). Mas não é primordialmente ali que se situam os perigos. Residem na condição da igreja como tal. Alguém **“se diz irmão”** e ao mesmo tempo **“é impuro ou avarento, ou idólatra, ou maldizente, ou beerrão, ou roubador”**. Paulo amplia novamente o rol, possivelmente porque tinha motivos concretos para isso. Diversas vezes o NT cita a incontinência e a avareza num mesmo contexto (Ef 4.19; 5.3; 5.5; Cl 3.5; 1Ts 4.3-6). A **“ganância”** transforma pessoas em **“ladrões”**. E o culto gentio, com todas as suas formas mágicas e supersticiosas, constituía uma rede tão firme que de algum modo ainda podia manter cativos até mesmo os membros da igreja, tornando-os **“idólatras”**. Os pecados da língua estão até hoje assustadoramente disseminados entre os crentes. Pelo menos sua forma mais grosseira, a **“maledicência”**, não pode ser tolerada. Numa cidade como Corinto também a dependência do álcool podia manter cativos os membros da igreja, permanecendo **“beerrões”** desde a vida anterior à entrada na igreja. De qualquer forma Paulo demanda a ruptura dos relacionamentos a ponto de **“com esse tal nem ainda comerem”**. A comunhão de mesa é também para nós expressão de pertencer um ao outro. Também nós ainda compreendemos a expressão **“virar a mesa”**, ou seja, acabar com a comunhão de mesa. Na Antigüidade e no Oriente isso era compreendido de modo ainda mais profundo. Na acusação dos fariseus contra Jesus reside uma intensificação: **“Este recebe pecadores e (até) come com eles”** [Lc 15.2]. De 1Co 11.17ss depreendemos que a igreja em Corinto realizava refeições comunitárias, em cujo desenrolar era celebrada a ceia do Senhor. É dessas refeições que esses “irmãos” devem ser excluídos. Contudo, a instrução de **“com esse tal nem ainda comer”** deve ter um sentido mais fundamental e abrangente. Uma pessoa chamada de irmã, mas que está vivendo em flagrantes pecados, não pode ser tolerada na igreja. A principal razão é que **“um pouco de fermento já leveda toda a massa”** e tolerar esses irmãos abrandaria a gravidade do pecado na igreja toda. Mas tais irmãos também precisam ser confrontados pessoalmente com a gravidade de seu pecado, negando-lhes qualquer comunhão. Pelo menos foi o que Paulo declarou aos tessalonicenses em 2Ts 3.14s.
- 12,13 Finalizando, Paulo constata: **“Pois com que direito haveria eu de julgar os de fora? Não julgais vós os de dentro?”** De maneira clara e categórica se faz uma distinção entre “dentro” e “fora”, entre “igreja” e “mundo”, assim como 1Co 1.18 distinguiu nitidamente entre “perdidos” e “salvos”. Para o NT não existem formas mistas e áreas intermediárias. Justamente por isso aqueles membros da igreja devem ser afastados, para que não surjam formas mistas comprometedoras. Não há necessidade de que os membros da igreja se preocupem com os de “fora” e seus pecados. Nesse ponto devem deixar o julgamento somente para Deus. **“Os de fora, porém, Deus os julgará.”** Contudo, manter pura a igreja é algo que demanda profunda seriedade:

**“Não julgais vós os de dentro?”** No texto grego o “vós” é enfático. Novamente o apóstolo confia que a igreja como tal tem o dever da disciplina eclesial. Formula sua exortação como indagação porque a prática desse dever em Corinto se tornava questionável. A pergunta soa dolorosamente admirada pelo fato de que a igreja não compreende sua tarefa necessária. Ao mesmo tempo soa uma expectativa: Na verdade vocês o fazem, não é? Ainda que obviamente não o façam de maneira suficientemente clara e decidida. Por isso, Paulo por fim expressa mais uma vez uma clara exigência: **“Expulsai, pois, de entre vós o malfeitor.”** Paulo profere essa palavra final por meio de uma citação de [Dt 17.7](#) (também [Dt 24.7](#)), por trás da qual temos de ver a sagrada determinação de todo o trecho de [Dt 17.2-7](#). Ainda que uma igreja de Jesus não esteja mais sujeita à lei, e sim à graça ([Rm 6](#)), o malfeitor e a maldade precisam ser “tirados do meio deles”. Sim, no caso da igreja isso é sumamente necessário, porque sua santidade foi adquirida pelo precioso sangue de seu “Cordeiro pascal”, Cristo. Disso resulta a obrigatoriedade da disciplina eclesial no [NT](#). Contudo, nesse caso trata-se de “maus” que não deixam a maldade, mas que visam combinar a participação na igreja de Jesus com a persistência em pecados evidentes.

## **Demandas legais na igreja, 6.1-11**

- <sup>1</sup> **Aventura-se algum de vós, tendo questão contra outro, a submetê-lo a juízo perante os injustos e não perante os santos?**
- <sup>2</sup> **Ou não sabeis que os santos hão de julgar o mundo? Ora, se o mundo deverá ser julgado por vós, sois, acaso, indignos de julgar as coisas mínimas?**
- <sup>3</sup> **Não sabeis que havemos de julgar os próprios anjos? Quanto mais as coisas desta vida!**
- <sup>4</sup> **Entretanto, vós, quando tendes a julgar negócios terrenos, constituís um tribunal daqueles que não têm nenhuma aceitação na igreja.**
- <sup>5</sup> **Para vergonha vo-lo digo. Não há, porventura, nem ao menos um sábio entre vós, que possa julgar no meio da irmandade?**
- <sup>6</sup> **Mas irá um irmão a juízo contra outro irmão, e isto perante incrédulos!**
- <sup>7</sup> **O só existir entre vós demandas já é completa derrota para vós outros. Por que não sofreis, antes, a injustiça? Por que não sofreis, antes, o dano?**
- <sup>8</sup> **Mas vós mesmos fazeis a injustiça e fazeis o dano, e isto aos próprios irmãos!**
- <sup>9</sup> **Ou não sabeis que os injustos não herdarão o reino de Deus? Não vos enganeis: nem impuros, nem idólatras, nem adúlteros, nem efeminados, nem sodomitas,**
- <sup>10</sup> **nem ladrões, nem avaros, nem bêbados, nem maldizentes, nem roubadores herdarão o reino de Deus.**
- <sup>11</sup> **Tais fostes alguns de vós; mas vós vos lavastes, mas fostes santificados, mas fostes justificados em o nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito do nosso Deus.**

- 1** Passo a passo revela-se a nós a imagem da igreja de Corinto, e um passo se encaixa no outro. Quando a palavra da cruz é afastada de seu seio em favor de “sabedoria” superior, quando alguém como Paulo é desprezado em comparação com mestres mais grandiosos, então se permite que a igreja seja dilacerada por facções ciumentas. As pessoas se sentem saciadas e ricas e não compreendem mais os sofrimentos dos apóstolos, toleram um matrimônio com a madrasta e continuam tranqüilamente o relacionamento com irmãos pecadores indisciplinados. Com esse quadro combina muito bem que **“alguém de vós, tendo questão contra outro, se arrisque a buscar decisão legal perante os injustos”** [tradução do autor], e que nem esse “alguém” nem a igreja como um todo vejam nisso um “risco”. Não era óbvio que se buscasse um juiz secular em litígios legais? Não era ele o entendido e competente para essas coisas? Justamente por ser algo “óbvio” para os coríntios deve ter acontecido não apenas em casos raros, mas com maior frequência, que **“alguém”** se **“arriscasse”** a ir aos juízes gentios.
- 2** É significativo como Paulo se posiciona contra isso. Não a partir de uma “lei” qualquer nem de uma “moral cristã”, mas da escatologia! Também agora a regra simples volta a ser: sejam de fato o que vocês são em sua essência. O que, afinal, são os cristãos de Corinto? Juízes no julgamento sobre o mundo! **“Ou não sabeis que os santos hão de julgar o mundo?”** Fica plenamente evidente que os membros da igreja não estão juntos dos mortos a serem julgados perante o grande trono branco do “juízo final” ([Ap 20.11-15](#)), mas diante de todos eles ao lado do Juiz. A partir do arrebatamento da igreja “corpo” e “cabeça” estarão inseparavelmente unidos para sempre ([1Ts 4.17](#)). Por isso a igreja participará necessariamente de tudo o que seu cabeça fizer por meio de sua ação consumadora, da queda do anticristo, da soberania pacífica do Rei Jesus sobre esta terra e do juízo universal. Tão grande, tão realista e viva era a esperança e expectativa do primeiro cristianismo! Mas, pelo fato de ser assim, cabe agora, conforme [1Ts 2.12](#), “viver por modo digno de Deus, que vos chama para o seu



reino e glória”, a saber, de maneira muito concreta nas questões do cotidiano. Seria uma contradição completa que, sendo **“por nós julgado o mundo”**, fôssemos **“indignos de julgar as coisas mínimas”**. Aqui usa-se o mesmo termo “digno” de **1Ts 2.12**, ainda que na forma negativa. “Digno de Deus e de seu reino” e “indigno dos litígios mínimos” na igreja é algo que não combina.

- 3 Paulo reforça ainda mais a contradição: **“Não sabeis que havemos de julgar anjos?”** - Como nos parece estranho e incompreensível aquilo que Paulo simplesmente pressupõe que os coríntios “saibam”. Segundo o conhecimento do **NT** os “anjos”, apesar de sua alteza, desde já estão de certo modo subordinados aos “santos”: eles “são todos espíritos ministradores, enviados para serviço a favor dos que hão de herdar a salvação” (**Hb 1.14**). Agora a igreja também há de “julgar” sobre eles. Isso vale inicialmente para os anjos decaídos de Deus, que se encaminham ao juízo (**2Pe 2.4**). Porém, uma vez que no presente texto Paulo não designa os anjos expressamente como “maus”, ele pode ter empregado o termo “julgar” justamente em seu sentido mais amplo, tendo em mente que a igreja também governará regamente com Jesus sobre todo o mundo angelical. Na seqüência Paulo, acrescentando **“quanto mais as coisas desta vida!”**, remete a igreja à contradição de seu comportamento. Os futuros juízes sobre os anjos não querem deliberar sobre as pequenas controvérsias do cotidiano!
- 4 E para onde leva isso? **“Quando tendes a julgar negócios terrenos, constituís (como juízes) justamente os que a igreja menospreza”** [tradução do autor]. A igreja em Corinto, que se sente tão rica em Espírito e sabedoria, olha com menosprezo para as pessoas gentias ao seu redor. Justamente ela deveria entender que os juízes gentios na verdade podem ser “peritos em direito”, mas que de fato não são “santos”, pessoas ligadas a Deus, e por isso, apesar de todo o equipamento jurídico, por natureza **“injustos”** (v. 1). Por isso os coríntios na realidade devem se **“envergonhar”**, porque em litígios que são *biotika*, que se referem ao bios, à vida terrena exterior, constituem tais pessoas como juízes, ao invés de acertar essas controvérsias entre si. Futuros juízes do mundo e dos anjos conduzindo processos diante de juízes gentios – que visão lamentável e vergonhosa!
- 5 Sem dúvida requer “sabedoria” destrinchar conflitos e descobrir a solução apropriada. Contudo, será que realmente não existe um **“sábio”** na igreja **“que possa decidir entre seu irmão”** [tradução do autor], como Paulo diz de forma abreviada em lugar de “decidir entre irmão e irmão”? Onde está agora a “sabedoria”, da qual em geral se orgulham tanto em Corinto? Será que toda essa alta sabedoria repentinamente não basta para apaziguar pequenos conflitos terrenos?
- 6 **“Não, irmão demanda com irmão, e isso perante incrédulos”** [tradução do autor], sintetiza Paulo mais uma vez. Será que nem mesmo percebem como isso fatalmente influirá os “incrédulos”? Será que não levam em conta que desse modo solapam a credibilidade da mensagem da reconciliação, da redenção, da nova vida?
- 7 Na seqüência, com uma forte guinada, ele se volta ao cerne da questão. **“De qualquer maneira, já é para vós uma decadência terdes processos entre vós”** [**TEB**]. Novamente torna-se evidente o que Paulo considerava como profundo dano na igreja de Corinto. Mais uma vez está em jogo o grande tema do “amor”, sem que a palavra seja citada. Não são “heresias” que Paulo precisa combater em Corinto. A carência está num ponto diferente. Aos coríntios, com seus elevados raciocínios de “sabedoria” cristã, parece ser completamente indiferente e natural que cristãos tenham contendas e processos entre si. A partir da cruz do Cristo Paulo vê o ser cristão de modo totalmente diferente. Em sua perspectiva o fato de haver litígios entre membros da igreja de Jesus constitui uma “derrota”, uma batalha perdida, uma vitória do inimigo. Para ele, ser salvo pela loucura e fraqueza de Deus na cruz leva a uma atitude de vida bem definida: **“Por que não preferis suportar uma injustiça? Por que não vos deixais antes despojar?”** [**TEB**]. Tão real e determinante na vida é para ele a cruz.

Encontramo-nos no meio do Sermão do Monte. Ele não é citado, mas Paulo, vivendo na palavra de Jesus, igualmente vive no Sermão do Monte. Não existe contraste entre Jesus e Paulo, conforme é constantemente dito. “Sermão do Monte” e “justificação” pela cruz do Cristo não são mensagens opostas. Mas sem a redenção na cruz de Jesus justamente o Sermão do Monte é “lei” aniquiladora, “ministério da condenação e da morte” (**2Co 3.6,9**). Apenas a partir da “justificação” aquilo que o Sermão do Monte demanda torna-se possível e real. Pois a “justificação” por livre graça, a cruz de Jesus com seu amor redentor nos conduzem de fato àquele amor que tranqüilamente tolera a injustiça cometida contra si, que alegremente admite ser despojado, que não processa por causa da túnica, muito menos perante juízes gentios, mas que, “ao que quer demandar contigo e tirar-te a túnica, deixa-lhe também a capa” (**Mt 5.40**).

- 8 Como os coríntios, que se consideram cristãos tão excelentes, estão distantes disso! **“Não, vós mesmos fazeis injustiça e despojais, e isso a irmãos!”** [tradução do autor]. Isso não é um defeito estético no cristianismo dos coríntios que possa ser tolerado. Aqui os “santos em Cristo Jesus”, os “salvos”, correm o perigo mortal de perder tudo o que obtiveram por meio do evangelho. Eles “fazem injustiça” e assim correm o risco de se tornarem “injustos”. Por isso Paulo precisa questioná-los: **“Ou não sabeis que os injustos não herdarão o reino de Deus?”** Esta afirmação não é sobre os “de fora”. Não há necessidade de dizê-lo de forma tão enfática

a respeito destes; não, essa advertência vale para os “de dentro”. Não existe uma perda da herança gloriosa, da participação no reino de Deus vindouro.

Nós nos rebelamos contra essa advertência. Paulo sabe disso e com profunda seriedade pede a seus amados filhos em Corinto: **“Não vos enganeis!”** ou “Não vos deixeis iludir.” Três vezes no presente trecho ocorre a enfática indagação: **“Não sabeis?”** Vocês, coríntios, dão tanta ênfase à sabedoria e ao saber, mas aquilo que é necessário saber vocês não observam, porque não convém ao eu de vocês. “Sabem-no” muito bem, é o que lhes diz a proclamação de Paulo. Mas não o sabem de fato e não o levam a sério. **“Injustos não herdarão o reino de Deus.”** Isso é a afirmação mais simples e clara possível. Jamais alguém poderá ousar dizer a frase: “Injustos herdarão o reino de Deus.” No entanto, nossa fixação em nosso eu nos “ilude” e engana de forma tão perigosa que tranqüilamente cometemos injustiça contra o irmão e o despojamos, pensando com isso estar seguros de nossa vida eterna.

**9,10** Paulo adverte e arrola mais uma vez toda uma série de pecados concretos, que excluem do reino de Deus de forma absoluta. Paulo conhece verdadeiramente a natureza intrínseca do pecado. Ele conhece o “pecado originário” (como deveríamos dizer com mais precisão), que não deve ser julgado em termos morais, mas que precisa ser medido a partir da primeira tábua dos Mandamentos. Contudo está ciente de como esse pecado se expressa concretamente em pecados isolados bem reais. Também nesse caso ambos os aspectos se preservam conjuntamente. A mancha branca na mão não é necessariamente “lepra”, mas a lepra se torna visível por meio da mancha branca. Os “catálogos de vícios” nas cartas do apóstolo não são mera adoção de uma forma freqüente de ensino daquele tempo, mas representam para Paulo um meio para alcançar concretamente membros da igreja em sua perigosa despreocupação. É por essa razão que nesta passagem Paulo traz toda a lista de pecados específicos. Os coríntios “inchados” e seguros de si precisam perguntar a si mesmos se tais pecados não podem ser constatados entre eles, e precisam ter em mente que cada um desses pecados exclui do reino de Deus. Ao lado dos **“impuros”**, citados em primeiro lugar, aparecem novamente os **“idólatras”**. Deve-se ter em mente sobretudo a multidão de costumes gentios e supersticiosos, mas também a participação real em “sacrifícios a ídolos”, uma problemática que ainda será abordada exaustivamente em **1Co 8** e **10.14-22**. Paulo retorna mais uma vez aos pecados na vida sexual, citando expressamente os **“adúlteros”**, cuja ação não pode ser desculpada e enfeitada por nada. Em seguida olha para os **“moles”** e **“violadores de rapazes”**. Com isso está referindo-se de maneira clara à forma de distorção sexual que não era rara na Grécia e tampouco parecia escandalosa a pessoas cultas e intelectualmente valiosas. Acreditava-se que era lícito expressar o relacionamento afetivo com pessoas jovens do mesmo sexo também erótica e até sexualmente. Contrariando essas distorções que devem ter existido também em Corinto, Paulo sabe que todo jovem que se presta a isso se torna um **“mole”**, e todo o que realiza tais atos com outros é um **“violador de rapazes”**. Ao lado dos **“roubadores”** são citados agora também os **“ladrões”**. Os **“avarentos”**, os **“bêbados”**, os **“maldizentes”** são arrolados outra vez como em **1Co 5.1s**, e se assegura nitidamente: todos eles **“não herdarão o reino de Deus”**.

A afirmação de Paulo se reveste de gravidade assustadora. Com demasiada facilidade condenamos exageradamente os danos morais nos “de fora”, porém entre nós consideramos os mesmos danos como nada perigosos, pois, afinal, nos encontramos na fé, possuímos a justificação mediante a fé e vivemos uma vida espiritual, talvez até demonstrando grandes dons do Espírito. Paulo, porém, pregador da “justificação”, mensageiro da graça gratuita, coloca diante de nós pessoas com pecados bem definidos e declara cabalmente que eles não herdarão o reino de Deus, embora sejam membros da igreja que abraçaram a fé. E nós mesmos temos de admitir: um céu com essas pessoas não seria mais “céu”. Pessoas da espécie citada não podem ter um lugar no céu.

**11** Nesse caso, contudo, quem afinal pode entrar no reino de Deus? Agora Paulo recorda aos coríntios o fato grandioso que aconteceu com eles: **“Tais fostes, alguns de vós”**. A construção da frase evidencia que Paulo não queria nem podia simplesmente afirmar que todos os membros da igreja em Corinto haviam sido anteriormente adúlteros, ladrões, assaltantes etc. Numa cidade como Corinto, **“alguns”** obviamente haviam vivido na pior sujeira, até nas perversões sexuais citadas por Paulo. E todos **“foram tais”**, tinham participação de uma ou outra maneira e medida nas conseqüências concretas do pecado, ainda mais que eram oriundos da vida degradante da cidade portuária. Então, porém, aconteceu o fato impressionante, cujo poder transformador Paulo sublinha repetindo **“mas”** três vezes: **“Mas fostes lavados, mas fostes santificados, mas fostes justificados.”** Isso existe! Isso se torna visível de modo radiante justamente diante de um cenário tão sombrio como o de Corinto. Não é de admirar que Paulo tinha de “dar graças” imediatamente quando se lembrava de Corinto. O que era algo insignificante para os novos mestres com sua elevada sabedoria continuava sendo para Paulo o verdadeiro milagre divino! Pessoas que no passado eram **“tais”** puderam tornar-se limpas, santas, propriedade de Deus, sim, justas perante o santo Deus, cabendo em seu reino!

Esse **“lavar”** acontece de maneira absolutamente real. Assim como pessoas maculadas por pecados concretos não cabem no reino de Deus e por isso na realidade tampouco podem herdá-lo, assim também sua purificação precisa ser real, para que o acesso ao reino de Deus fique livre para eles. Quem vem a Jesus tem o

privilégio de saber que se encontra verdadeiramente branco e puro diante do santo Deus, por mais maculado e pervertido que tenha estado. Não porque tivesse “melhorado” ou “purificado” a si mesmo, mas única e exclusivamente por intermédio de Jesus e de seu ato redentor na cruz.

Quem vem a Jesus, porém, igualmente é **“santificado e justificado”**. O que significa isso? Como isso deve ser entendido? Deparamo-nos com um ponto decisivo na interpretação da mensagem do NT. A Reforma olhou para nossa vida com sóbria veracidade e declarou: durante a vida inteira continuamos sendo os mesmos pecadores em todo o nosso ser; porém, ao crermos em Jesus, nos é atribuída a “justiça alheia de Cristo”; nesse sentido somos **“santificados e justificados por intermédio do nome do Senhor Jesus”** e podemos herdar o reino de Deus apesar de nosso pecado. Como é consoladora, como é imprescindível essa mensagem para aquele que chegou a conhecer a si mesmo de forma radical! Ainda assim ela ainda não é toda a verdade viva. Pois se Paulo tivesse apenas essa intenção, por que ele então teria advertido os membros da igreja de forma tão séria no presente trecho: “Não vos enganéis”? Por que ele os lembrou de todos esses pecados concretos e enfatizou com tanta intensidade que com eles não poderiam herdar o reino de Deus? Será que ele não deveria ter escrito antes, como os coríntios pensavam e desejavam: não se preocupem com seus pecados, eles são cobertos pela justiça atribuída de Cristo. Não apenas “fostes” tais, mas ainda “sois”, como acabei de arrolar, porém apesar disso, pela atribuição da justiça na fé, fostes “santificados e justificados”?

Se interpretarmos as afirmações desse modo, esquecemos como **“o nome do Senhor Jesus Cristo”** é eficaz. Tamanha liberdade tem a Escritura em suas formas de expressão. Uma passagem como a presente não precisa dizer “pelo sangue do Senhor Jesus Cristo”. É benéfico que nos mantenhamos livres de qualquer materialização da redenção e não falemos unilateralmente “da cruz”, “do sangue”. O **“nome”** de Jesus lava, santifica e justifica. Nesse “nome” está resumido tudo o que ele é e consumou, sua cruz, seu sangue, sua morte e sua sepultura, mas também sua vitória, sua ressurreição, sua vida, sua autoridade aqui e agora. Se de acordo com **1Co 1.30** nosso ser está “em Cristo Jesus”, se Jesus “foi feito justiça e santificação” para nós, então a santificação e a justificação não foram somente coladas em nós através de uma atribuição exterior, assim como se poderia colar a etiqueta de um vinho nobre sobre uma garrafa suja com água. Pelo contrário, então o próprio Cristo Jesus é nosso novo ser e atua em nós de maneira purificadora, santificadora e de fato justificadora. Por isso Paulo adiciona a essa primeira fonte de nossa purificação, santificação e justificação, o **“pelo nome do Senhor Jesus Cristo”**, expressamente a segunda: obtivestes e obtendes tudo isso **“pelo Espírito de nosso Deus”**. O Espírito, no entanto, é Deus com poder presente e eficaz em nosso coração. O Espírito torna real para os fiéis aquilo que foi adquirido para eles por meio de Jesus Cristo: as “práticas da carne” de fato podem ser “mortificadas” pelo Espírito Santo (**Rm 8.13**), e o “amor” como fruto do Espírito realmente muda a natureza do ser humano. “O amor não pratica o mal contra o próximo” (**Rm 13.10**). Agora os coríntios de fato também não precisam mais ser “injustos”, que cometem injustiça contra outros e defraudam irmãos, mas podem viver como “santos” que verdadeiramente amam e que nesse amor sofrem injustiça com disposição e sem amargura, e não correm mais ao juízo mundano.

### Por que pureza sexual?, 6.12-20

- <sup>12</sup> Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas convêm. Todas as coisas me são lícitas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma delas.
- <sup>13</sup> Os alimentos são para o estômago, e o estômago, para os alimentos; mas Deus destruirá tanto estes como aquele. Porém o corpo não é para a impureza, mas, para o Senhor, e o Senhor, para o corpo.
- <sup>14</sup> Deus ressuscitou o Senhor e também nos ressuscitará a nós pelo seu poder.
- <sup>15</sup> Não sabeis que os vossos corpos são membros de Cristo? E eu, porventura, tomaria os membros de Cristo e os faria membros de meretriz? Absolutamente, não.
- <sup>16</sup> Ou não sabeis que o homem que se une à prostituta forma um só corpo com ela? Porque, como se diz, serão os dois uma só carne.
- <sup>17</sup> Mas aquele que se une ao Senhor é um espírito (com ele).
- <sup>18</sup> Fugi da impureza! Qualquer outro pecado que uma pessoa cometer é fora do corpo; mas aquele que pratica a imoralidade peca contra o próprio corpo.
- <sup>19</sup> Acaso, não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo, que está em vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos?
- <sup>20</sup> Porque fostes comprados por preço. Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo!

**12** “Todas as coisas me são lícitas.” Visto que esse lema retorna outra vez em **1Co 10.23** de forma idêntica, deparamo-nos evidentemente com um bordão que tinha importância na igreja em Corinto. Pelo menos certos grupos na igreja devem ter defendido com ênfase a “liberdade evangélica”, que fazia com que “tudo” lhes era “permitido”, também na área sexual. Acaso não podiam, justamente como cristãos, viver na mesma

“liberdade” que eles presenciavam em seus concidadãos gregos? Não era justamente isso que haviam aprendido de Paulo, em contraposição a todo o legalismo temeroso? Porventura os que falavam assim com insistência não eram autênticos seguidores de Paulo, os “fortes” de **Rm 14**? Paulo não reage com uma simples rejeição dessa frase ou com um retorno à lei. Nem aqui nem na passagem crítica de **Rm 6.1** Paulo volta a desenterrar a lei para defender-se contra uma falsa liberdade.

Pelo contrário, embora reconhecendo o princípio, Paulo lhe contrapõe uma restrição, oriunda da própria vida, não de uma “lei” qualquer: **“Mas nem tudo é proveitoso”** [tradução do autor]. Uma liberdade que não traz proveito, mas dano, evidencia-se assim como tolice. Não lançarei mão de uma “liberdade” dessas. O problema, porém, pode ser muito mais sério. Minha “liberdade” simplesmente pode me prender à escravidão. A liberdade se transforma, então, em seu exato oposto, a saber, em “falta de liberdade”. Quando, pois, sou zeloso da liberdade, é impossível que a pratique de tal modo que me torne seu escravo. **“Tudo é livre para mim, eu, porém, não quero ser submetido ao poder de nada”** [tradução do autor].

Inicialmente Paulo falou em termos bem genéricos e básicos. É precisamente a brevidade da frase que a torna impactante e marcante. Onde, no entanto, de fato acontece uma suposta liberdade que na realidade **“me submete ao poder de algo”**? Paulo o demonstra no tema específico que agora deseja tratar com os coríntios, a questão da vida sexual. A construção paralela da frase, cuidadosamente elaborada, permite constatar o quanto ele está empenhado em conduzir a igreja a uma posição clara e firmemente fundamentada nessa questão candente. O insistente “Não sabeis?” perpassa também o presente trecho. Que coisas elevadas e profundas os coríntios acreditam saber! Mas parecem não saber ou de fato não querem “saber” aquilo que diz respeito à sua vida cotidiana e concreta como cristãos.

- 13** Em Corinto existia a tendência de igualar a vida sexual simplesmente ao “alimentar-se”. Ela é a satisfação de uma necessidade natural e, por conseqüência, irrelevante para minha vida com Deus. Muito bem, diz Paulo, **“os alimentos para o estômago e o estômago para os alimentos”**. Porém tenham em conta que **“Deus destruirá tanto estes como aquele”**. Nessa esfera de fenômenos naturais, e por isso passageiros, tudo pode transcorrer de forma natural. Contudo, a situação de nosso “corpo” é completamente diferente. Nosso “corpo” faz parte de nossa “pessoa”; ele não é, como “o estômago”, algo meramente natural e passageiro. Conseqüentemente, de forma alguma deixa de ser importante o que fazemos com nosso corpo. Esse “corpo” pertence “ao Senhor” e deve pertencer-lhe. **“Porém o corpo não é para a impureza, mas, para o Senhor, e o Senhor, para o corpo.”** Por isso é coerente que não deva servir **“à impureza”**.

- 14** Num contraste exatamente paralelo com a frase sobre o estômago e os alimentos diz-se agora: **“Ora, Deus, que ressuscitou o Senhor, nos ressuscitará também pelo seu poder”** [TEB]. Deus não aniquilará “o corpo” da mesma forma como o “estômago”, mas o “ressuscitará”. Em Jesus todas as testemunhas de sua ressurreição viram que, como Ressuscitado, Jesus tinha seu “corpo”, embora obviamente um “corpo de glória”.

Constatamos a profunda coerência de toda a carta. O presente trecho perderá imediatamente sua força e vigência se o capítulo **15** não convencer a igreja. Se apenas a “alma” importa, se todo nosso corpo é apenas algo como um “estômago” passageiro, por que não haveríamos de satisfazer as necessidades sexuais do mesmo modo incontido como saciamos a fome e a sede? Mas as conseqüências de alcance profundo em toda a nossa condição humana comprovam que Paulo tem razão ao distinguir entre “corpo” e “estômago”.

- 15** Compreenderemos tudo isso, porém, somente quando nos desprendermos do “idealismo” grego e aprendermos novamente a pensar e julgar biblicamente. Para o idealismo importava apenas a “alma”. O “corpo” era somente seu “invólucro” exterior e indiferente, em última análise até mesmo seu “cárcere”. Por isso era moralmente insignificante o que o ser humano fazia com seu corpo. A Bíblia, porém, pensa de forma “realista”. Ela conhece somente a vida criada como “corpórea”. O corpo é tão parte da vida e da natureza da pessoa que uma existência como mera “alma” sem corpo é inconcebível, justamente também para a consumação na glória (cf. **1Co 15**). O final do propósito de Deus com os seres humanos estará não em uma “ciranda de espíritos benditos”, mas em uma “nova terra”, na qual vivem pessoas com um novo corpo. Por isso, desde já o “corpo” constitui parte integrante essencial da pessoa. O ser humano é pessoa física e vive como pessoa apenas no corpo e por intermédio do corpo. Para o pensamento bíblico, portanto, o Senhor não é dono apenas da “alma” ou do “coração”, mas do ser humano todo e também de seu corpo. Por essa razão Paulo consegue prosseguir com uma frase que para nós é completamente incomum e surpreendente: **“Não sabeis que vossos corpos são membros de Cristo?”** É absolutamente **“inadmissível”** tomar esses **“membros do Cristo e os fazer membros de uma meretriz”** [tradução do autor].

Chegamos agora ao ponto específico que está em jogo em Corinto. Nisso cabe termos em vista a imagem da realidade daquele tempo. Havia a “prostituição cultual”. A vida sexual, com seu mistério da concepção e seu êxtase arrebatador, era entendida como algo “religioso”. Moças se devotavam a uma divindade, e por conseqüência ficavam à disposição no recinto do templo para essa experiência erótico-religiosa. O grande santuário de Afrodite em Corinto estava rodeado de construções em que moravam tais sacerdotisas da deusa do amor. Nenhum grego considerava que a ida até essas moças pudesse ser criticada. Para os israelitas uma moça dessas obviamente era uma “meretriz”, e todo relacionamento com elas era “impureza”. Paulo explica



que essa avaliação da situação vale também para a igreja de Jesus. Da parte de Paulo, no entanto, não se ouve nenhuma palavra de condenação “moral”. Paulo não designa o acontecimento no templo de Afrodite como “abjeto” ou “torpe”. Talvez pela simples razão de que os membros gregos da igreja não teriam mostrado nenhuma compreensão. Paulo mantém um tom surpreendentemente objetivo, a saber, a questão explicitada de antemão. **“Membros do Cristo”** não podem ser transformados em **“membros de uma meretriz”**. É isso, porém, que eles se tornam ao freqüentar o santuário de Afrodite.

- 16** Pois acontece que o acontecimento “físico” é infinitamente mais importante e traz conseqüências mais graves do que o grego pensa. **“Ou não sabeis que o homem que se une à prostituta forma um só corpo (com ela)? Porque, diz ele, se tornam os dois uma só carne”** [tradução do autor]. A união sexual não pode ser comparada a engolir alimentos, mas é a união física de uma pessoa com outra. Como o corpo faz parte da personalidade do ser humano e, inversamente, a pessoa somente consegue expressar-se mediante o corpo, a união sexual, apesar de toda a corporeidade, não deixa de ser um acontecimento pessoal, que une numa ligação essencial não apenas dois corpos, mas duas pessoas. Essa ligação de fato acontece, quer saibamos e desejemos, quer não. É esse o significado da frase bíblica de que os dois se tornam uma só carne, ou seja, praticamente “uma pessoa”. Em vista disso, o acontecimento sexual em si não é “impuro”. Mas impuro e degradante ele se torna quando não busco realmente essa unificação com a outra pessoa, quando não a amo como pessoa, mas apenas abuso dela para um prazer transitório. Nesse momento estou expondo ao outro e a mim mesmo a uma contradição que com certeza acarretará profundas conseqüências para sua e para a minha vida.
- 17** Novamente acontece uma referência exatamente paralela: **“Mas aquele que se une ao Senhor é um espírito (com ele).”** Nessa concepção o “espírito” é uma realidade completamente diferente, mas tão concreta quanto a “carne”. Quem se entrega a Jesus não tem, **p. ex.**, uma ligação “apenas intelectual”, ou seja, meramente “cognitiva” com ele, mas está entrelaçado com Jesus numa unidade tal que precisamente por isso também seu corpo é um “membro de Cristo”, havendo de ter um dia configuração igual ao corpo de glória de Jesus.
- 18** Agora pode ser feita a clara solicitação: **“Fugi da impureza!”** Essa formulação é de grande significado prático. Diante das tentações na área sexual Paulo não convoca para “resistir”, nem para “lutar”, nem para reprimir e prostrar as inclinações perigosas. Só há um conselho possível: “Fugi!” E o mais rápida e decididamente possível. Aqui unicamente a “fuga” constitui a verdadeira coragem. Porém esse conselho grave e duro não é dado a partir de uma “lei” qualquer. É significativo que em todo o presente trecho o sexto mandamento não seja mencionado com palavra alguma. Não é com base num mandamento que Paulo fornece alguns preceitos legais que precisam ser obedecidos, mas é a essência e o significado do “corpo” que tornam a pureza sexual necessária. **“Qualquer outro pecado que uma pessoa cometer é fora do corpo; mas aquele que pratica a imoralidade peca contra o próprio corpo.”**
- 19** E por que “pecar contra o próprio corpo” é algo tão grave? Mais uma vez salienta-se toda a importância do corpo, chegando agora à perfeita clareza: **“Ou não sabeis que vosso corpo é um templo do Espírito Santo (que habita) em vós, o qual tendes da parte de Deus?”** É óbvio que somente a pessoa renascida pode ver as coisas desse modo. Mas também precisa vê-las assim. O argumento não pára na reflexão fundamental: “o corpo ao Senhor, e o Senhor ao corpo”, e: “nosso corpos, membros de Cristo”. Agora vem a afirmação ainda mais poderosa: não apenas a igreja como um todo, mas também o corpo de cada fiel é um “templo”, no qual o Deus vivo reside com plena realidade por meio do Espírito Santo. Qualquer um sabe como se deve lidar com um templo. Também para os gregos a profanação de um templo era um sacrilégio abominável. Para o cristão “pureza” significa considerar e preservar o corpo como templo do Espírito Santo.
- 20** Como Paulo é capaz de afirmar algo tão tremendo a respeito do cristão? Por trás disso encontra-se toda a preciosa obra da redenção. **“Afinal, fostes comprados à vista”** [tradução do autor]. O sentido literal é: “fostes comprados por um preço.” Mas não há o acréscimo de que foi um preço alto. Pelo contrário, na linguagem daquele tempo, a expressão “por um preço” designa o pagamento à vista. Jesus não se deu nenhum desconto nem regateou nada. Não quis ter-nos para si de graça e não se apossou simplesmente de nós. Desembolsou o preço à vista por nós: sua própria vida e seu sangue. Nós, porém, que aceitamos a redenção pela fé, que estamos felizes com ela por termos sido “adquiridos e conquistados de todos os pecados, da morte e do poder do diabo, não com ouro ou prata, mas com seu santo e precioso sangue e sua inocente paixão e morte” [Martinho Lutero], precisamos ouvir ao mesmo tempo: por sermos adquiridos à vista **“não sois de vós mesmos”**. É com base na dispendiosa redenção, e não com base na lei que importa agora, que não possais viver simplesmente como quereis, fazendo com vosso corpo o que vossas “necessidades” exigem de vós.

Observemos mais uma vez como na presente passagem Paulo – de forma muito parecida ao que escreverá mais tarde aos romanos em **Rm 6** – chega a uma “ética” clara e determinada sem qualquer recurso à “lei”. É admirável que tenha regulamentado até mesmo a vida sexual sem “lei” e “mandamento”. Também nesse caso a “ética” possui aquela estrutura básica que encontramos anteriormente em **1Co 5.7s** e **6.11**. Do “ser”, que foi presenteado, resulta o “fazer”, para que de fato e na vida concreta nos tornemos aquilo que já “somos” por graça soberana. E esse “fazer” recebe também agora uma guinada totalmente positiva. O final do trecho não

traz aquilo que os coríntios redimidos e resgatados não podem mais fazer, mas o que agora podem fazer como salvos e presenteados com o Espírito de Deus: **“Glorificai a Deus por meio do vosso corpo!”** Como é importante direcionar a ética cristã desta forma tão positiva. Para pessoas jovens e vivazes é deprimente e repelente encontrar-se rodeado apenas de proibições e tão somente ouvir, no ensino e na proclamação, o que como cristãos não têm permissão de fazer. É bem verdade que os coríntios tinham de ser advertidos com seriedade: não entreguem o corpo à devassidão, não entreguem o corpo à prostituta. Mas Paulo lhes mostrou imediatamente de maneira benéfica e libertadora o que eles podem fazer com o corpo e suas energias: “O corpo ao Senhor.” Dessa maneira também está dada a ajuda prática decisiva para a concretização da ética cristã, para a preservação da pureza sexual. As trevas jamais podem ser afugentadas pelo combate direto, mas por meio da irrupção positiva da luz. Escapamos das paixões impuras unicamente quando nos rendemos ao poder de uma paixão pura e santa. Por isso Paulo afirma agora mais uma vez aos coríntios que não deseja limitá-los, privá-los e empobrecê-los, mas que, pelo contrário, pretende abrir-lhes toda a vastidão e liberdade de um uso correto do corpo. Seu corpo não deve ser submetido ao poder dos impulsos ou ao poder de uma moça leviana, mas tem o privilégio de servir à “glorificação de Deus”. Que alvo grandioso! Mais uma vez toda a importância do corpo torna-se explícita. Ele é o meio extraordinário para glorificar Deus realmente. Porque o serviço a Deus não pode ser prestado apenas com a “alma”, mas requer o corpo todo. Precisa dos pés que andam nos caminhos prescritos, das mãos que se movem de múltiplas maneiras para Deus, dos ouvidos que ouvem a palavra de Deus e a palavra do próximo, da língua e dos lábios que divulgam o testemunho de Deus, que anunciam ao outro a palavra redentora e que enaltecem o nome de Deus. Avizinham-se tanto **Rm 12.1** como também **Hb 10.5-10**. Contudo fica preparada também a palavra sobre o matrimônio e a palavra aos solteiros no texto subsequente de **1Co 7**.

Nós, pessoas da atualidade, porém, temos de nos deter mais um instante. É preciso admitir que a nossa realidade não é a mesma que aquela de que Paulo está falando. A moça que se entrega ao namorado com o qual presumivelmente se casará e a quem ama pessoalmente não é uma *pornae*, uma “prostituta” como Paulo a tinha em mente no templo de Afrodite em Corinto. Aquilo que acontece hoje entre pessoas jovens não pode simplesmente ser equiparado à “impureza” de que Paulo está falando. Não obstante, o presente trecho tem a mesma validade para as condições de hoje.

- 1 Também hoje é preciso dizer com toda a seriedade que nossa vida sexual não pode ser equiparada à alimentação de nosso estômago.
- 2 Também nós precisamos reaprender toda a importância do “corpo”, justamente como cristãos e como igreja, depois de termos seguido o idealismo grego, que valorizava apenas a “alma”, por tempo demais.
- 3 A partir disso é preciso sustentar e dizer às pessoas jovens, também com vistas às formas atuais de vida sexual, que a relação sexual une duas pessoas “numa só carne”, numa só pessoa. Por isso essa ligação íntima somente pode ser concretizada quando pessoas realmente desejam tornar-se “uma só carne”, “uma só pessoa”, i. é, unicamente no matrimônio. Isso resulta não de uma “moral” qualquer, mas das realidades da vida. Qualquer outra união corporal sem esse compromisso incondicional por toda a vida é degradante e “incasta”.
- 4 Precisamos nos afastar da perigosa confusão terminológica que chama de “amor” o que não tem nada a ver com amor genuíno e verdadeiro, mas que na realidade é egoísmo, porque usa o outro para obter o prazer pessoal.
- 5 Para o cristão crente, porém, tudo se coloca numa luz completamente diferente, porque o jovem ou a moça podem ter certeza de que “meu corpo é um templo do Espírito que em mim habita, o qual tenho a partir de Deus.” Isso exclui qualquer brincadeira erótica, qualquer violação desse “templo”.

### **Ser casado e solteiro na igreja de Jesus, 7.1-7**

- <sup>1</sup> Quanto ao que me escrevestes, é bom que o homem não toque em mulher;
- <sup>2</sup> mas, por causa da impureza, cada um tenha a sua própria esposa, e cada uma, o seu próprio marido.
- <sup>3</sup> O marido conceda à esposa o que lhe é devido (no matrimônio), e também, semelhantemente, a esposa, ao seu marido.
- <sup>4</sup> A mulher não tem poder sobre o seu próprio corpo, e sim o marido; e também, semelhantemente, o marido não tem poder sobre o seu próprio corpo, e sim a mulher.
- <sup>5</sup> Não vos priveis um ao outro, salvo talvez por mútuo consentimento, por algum tempo, para vos dedicardes à oração e, novamente, vos ajuntardes, para que Satanás não vos tente por causa da incontinência.
- <sup>6</sup> E isto vos digo como concessão e não por mandamento.

<sup>7</sup> **Quero que todos os homens sejam tais como também eu sou; no entanto, cada um tem de Deus o seu próprio dom; um, na verdade, de um modo; outro, de outro.**

**1** **“Quanto ao que me escrevestes.”** Paulo começa a responder agora às perguntas que a igreja de Corinto lhe havia enviado por escrito. As grandes dificuldades na igreja, às quais dedicara a primeira parte da carta, haviam chegado ao seu conhecimento apenas por intermédio de relatos orais. “Ouvira” a respeito. Os dados de [1Co 1.11](#) e [5.1](#); e também [1Co 6.1ss](#) devem remontar a notícias pessoais. Acontece, porém, que a igreja havia encaminhado com os três coríntios que foram até Paulo ([1Co 16.17](#)) um escrito com determinadas perguntas. Era uma missiva da igreja toda. Até esse ponto ela ainda tinha capacidade e disposição de, apesar dos conflitos, realizar algo em conjunto, e até esse momento ainda considerava seu apóstolo como uma autoridade que podia ser consultada. No entanto, não sabemos até que ponto as perguntas levantadas já tinham uma conotação crítica ou acusadora.

Não são profundidades especiais ou mistérios de sua teologia que a igreja quer que o apóstolo explique, mas coisas sobre a condução prática da vida. Paulo, como te posicionas em relação ao matrimônio, se pessoalmente és solteiro? O que fazer com as filhas solteiras nos lares cristãos (v. [25ss](#))? Será que como cristãos podemos participar de refeições em que é servida carne de sacrifícios a ídolos ([1Co 8.1ss](#))? Como aquilatar os diversos dons espirituais, especificamente o falar em línguas ([1Co 12.1ss](#))? Qual o sentido da coleta que estás promovendo com tanto zelo em todos os lugares ([1Co 16.1ss](#))? É em determinadas questões importantes para toda a vida eclesial que os coríntios desejam ouvir as opiniões de Paulo.

Nossas perguntas muitas vezes contêm o desejo de obter determinada resposta que confirme nossas próprias idéias. Será, pois, que também em Corinto se espera certo posicionamento do apóstolo sobre a questão do matrimônio, [p. ex.](#), a partir de sua condição de solteiro? Será que nesse ponto diversos grupos tinham opiniões divergentes, e será que agora as pessoas estavam curiosas para ver a que grupo Paulo daria razão? Não sabemos. Seja como for, porém, não devemos ler este trecho como um tratado objetivo e abrangente sobre o matrimônio, no qual se leva em conta tudo o que caberia dizer sobre o matrimônio. Temos de recordar incessantemente que Paulo escreve o presente trecho em vista de uma situação concreta da igreja e para responder a perguntas dirigidas a ele. Essa situação era marcada, depois de tudo que ouvimos até agora de Corinto, por um anseio intenso de liberdade. Pode-se desposar tranquilamente a madrastra, contra a Escritura e contra todo o sentimento ético, até mesmo dos gentios; pode-se tranquilamente processar o irmão perante juízes gentios; pode-se freqüentar sem problemas as prostitutas no templo de Afrodite, “todas as coisas me são lícitas”. Em consonância, é possível que em Corinto também se propagava a liberdade do matrimônio. Fora com o incômodo compromisso com o parceiro e com os deveres matrimoniais! As necessidades sexuais podem ser satisfeitas no templo de Afrodite, assim como se fornece o alimento necessário ao estômago. Para pessoas altamente espirituais o matrimônio burguês situa-se num nível bem inferior.

Nessa hipótese é possível que ao escrever **“é bom que o homem não toque em mulher”** Paulo acolha um lema que era defendido apaixonadamente em Corinto. O apóstolo não o contradiz, do mesmo modo como procedeu com o bordão da liberdade cristã “todas as coisas me são lícitas”, em [1Co 6.12](#). Sim, no v. [7](#) ele assume de forma bem pessoal a condição de solteiro como um bem que ele gostaria de proporcionar a todos. Como é capaz disso? Porventura sua frase não soa praticamente como uma contradição com a sentença do próprio Deus: “Não é bom que o ser humano esteja só; far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea” [[Gn 2.18](#)]? Será que Paulo não vê o valor e a beleza do matrimônio? Em outro texto ele o valorizou com as mais sublimes palavras ([Ef 5.22-33](#)). Até mesmo agora, no presente trecho – com certeza decepcionando muitos coríntios –, ele não apresentou a condição de solteiro como “ideal” para um cristão. Contudo, é verdade que justamente sua própria experiência de vida lhe mostrou algo de “bom” no fato de um homem **“não tocar em mulher”**. Temos de ouvir com muita atenção sua frase. Ele não diz que ser solteiro é algo bom e o matrimônio algo mau, mas ele tão somente constata que ser solteiro é algo bom e não algo mau. Nessa formulação o Espírito Santo fez com que escolhesse justamente aqui a singela palavra **“ser humano”**, para que fosse evitada qualquer conotação de que a existência realmente autêntica e sublime de um “santo” exigiria o celibato. Devem ficar excluídos aqui toda a “lei” e todo o “ideal”. Paulo simplesmente experimentou em pessoa com que liberdade e desimpedimento ele conseguia viver a vida para o Senhor pelo fato de não ter esposa nem família. Isso é algo “bom”. Em [1Co 7.29-34](#) Paulo retomará outra vez esse enfoque determinante. Nós, porém, precisamos ter em mente essas exposições posteriores desde já, se quisermos compreender Paulo corretamente. Somente aquele que se dedica integralmente a Jesus, de forma que viva de forma realizada, e que pelas aflições do tempo se encaminha de coração ao reino vindouro de Deus, pode falar com o próprio Paulo: **“É bom que o ser humano não toque em mulher.”**

**2** No entanto Paulo também está ciente de que para isso é necessário um **“dom próprio da parte de Deus”** (v. [7](#)). Todas as tentativas arbitrárias, e por isso também egoístas, de viver como solteiro levam a “prostituições” (como consta literalmente), precipitam nos **“perigos da impureza”**. Aqueles em Corinto que desejam comprovar seu elevado nível espiritual por meio de sua condição de solteiro freqüentavam sem escrúpulos as sacerdotisas da deusa do amor. Em vista disso Paulo escreveu com sabedoria em sua carta primeiro o trecho

de 1Co 6.12-20, antes de abordar a carta dos coríntios e suas perguntas sobre a vida matrimonial dos cristãos. Aquele tipo de recurso ficou nitidamente inviabilizado. Então, porém, prevalece como regra, também na igreja plena do Espírito Santo, que **“cada um tenha sua própria esposa, e cada uma, o seu próprio marido”**. A ênfase no “próprio” homem e na “própria” mulher rechaça mais uma vez qualquer satisfação alheia dos impulsos. Igualmente agora Paulo fala com sobriedade das necessidades simples e não entoa loas à beleza do estado matrimonial, que as pessoas que o consultavam nem teriam compreendido.

- 3 Em Corinto havia um perigo bem diferente: o matrimônio de fachada. As pessoas permaneciam casadas, mas rejeitavam qualquer vínculo físico mútuo, às vezes por decisão conjunta, às vezes por iniciativa de apenas uma das partes. Novamente é significativo como Paulo se posiciona contra isso. Para ele está perfeitamente claro: **“Cumpra o homem os seus deveres (matrimoniais) para com sua mulher, e faça a mulher o mesmo para com seu marido”** [tradução do autor]. Paulo não diz palavra alguma sobre gerar ou não filhos. A opinião mais tarde muito propagada (até hoje!) na igreja de que as relações matrimoniais em si seriam algo “impuro” e se tornariam aceitáveis somente quando fossem gerados filhos, está completamente fora da visão de Paulo. Faz parte do matrimônio a relação conjugal, independentemente de conduzir ou não à concepção de um filho. O ponto de vista de Paulo é também nesse aspecto algo tipicamente diferente.
- 4 Ele se dirige contra qualquer arbitrariedade e egoísmo que reivindica como seu direito natural dispor sobre o próprio corpo. Não! **“A mulher não tem poder sobre o seu próprio corpo, e sim o marido; e também, semelhantemente, o marido não tem poder sobre o seu próprio corpo, e sim a mulher.”** Quem por isso quer determinar sozinho, unilateralmente, o que faz com seu corpo, **“defrauda”** o outro. Paulo escolhe essa palavra forte para a recusa à comunhão conjugal:
- 5 **“Não defraudeis um ao outro”** [tradução do autor]. Possível é apenas que num matrimônio de dois fiéis ambos façam um **“acordo”**, para, **“por algum tempo,”** renunciar ao contato, **“para estardes livres para a oração”**. O termo que ocorre aqui pode significar “ter ócio, ter tempo”, mas também “dedicar-se, entregar-se”. Em tempos especiais de oração devotada, a consideração por obrigações matrimoniais poderia desviar e atrapalhar. A entrega total à oração somente estará assegurada quando tudo o mais passa para segundo plano. Essa renúncia dos cônjuges fará parte, então, do “jejum”, que muitas vezes precisa estar combinado com a oração. Contudo, é algo sério delimitar essa renúncia no tempo. Os cônjuges devem **“novamente ajuntar-se, para que Satanás não os tente por causa da incapacidade de se controlar”** [tradução do autor]. Satanás, o inimigo de Deus e de todos aqueles que verdadeiramente pertencem a Deus, presta muita atenção em nós. Quando nos tornamos arrogantes, quando arbitrariamente nos sobrecarregamos de mais do que de fato somos capazes de suportar, então Satanás intervém e “nos tenta”. Diante da tentação evidencia-se que não somos capazes de cumprir a longa abstinência; nossa “incapacidade de nos controlar” é dolorosamente desvelada.
- 6,7 Todo o trecho é perpassado pela apreciação sóbria das coisas por parte do homem experiente, que pessoalmente vive com alegria e gratidão como solteiro, mas que em outros presenciou os perigos dessa esfera de sobra. Também nesse trecho, como em toda a carta, ele se posiciona contra todas os falsos ápices e rotas nas alturas. Obviamente também nessa questão não lhe cabia dar “mandamentos” como apóstolo. **“E isso vos digo como concessão, não como mandamento.”** Ele fornece seu conselho sóbrio. A frase provavelmente não se refere à abstinência temporária do contato conjugal, mas a tudo o que foi afirmado até aqui, sobretudo aos v. 1s. A instrução **“mas, por causa do perigo da impureza, cada um tenha a sua própria esposa, e cada uma, o seu próprio marido”** podia ter a conotação de uma ordem compromissiva a favor do matrimônio, que deixava espaço para a vida de solteiro no máximo em casos isolados. Não, Paulo não entendeu isso como um “mandamento” para casar. Concede às necessidades naturais da vida das pessoas, também dos cristãos, aquilo que lhes precisa ser concedido. Fundamentalmente ele **“deseja que todas as pessoas sejam como também ele mesmo”**. Com isso ele não se refere apenas à circunstância exterior de ser solteiro, mas à liberdade e capacidade interiores para isso. Com satisfação concederia a todos sua condução alegre e rica da vida. Porém, sabe que para isso a pessoa precisa obter um dom especial de Deus. **“No entanto, cada um tem de Deus o seu próprio dom, um, na verdade, de um modo; outro, de outro.”** Está claro que permanecer solteiro de forma livre e espontânea é um “carisma”. Será que com essa frase Paulo também visava designar como “dom da graça” a capacidade para o matrimônio, se bem que de espécie bem diferente? Isso contrariaria a fundamentação bastante sóbria conferida ao matrimônio no começo do presente trecho como sendo a situação normal. Contudo, também os membros da igreja, aos quais não é concedido o dom de permanecer solteiros, não estão excluídos, por isso, dos dons da graça de Deus propriamente ditos. Paulo novamente rejeita tudo o que poderia indicar uma valorização errada do celibato como uma condição “superior”. Não é apenas a renúncia ao matrimônio que torna alguém digno para receber os dons espirituais. Talvez diversos grupos em Corinto pensassem dessa maneira. Não, também os membros simples que viviam casados possuem dons da graça, **“um de um modo, outro de outro”**.

## A questão do divórcio, 7.8-16



- <sup>8</sup> E aos solteiros e viúvos digo que lhes seria bom se permanecessem no estado em que também eu vivo.
- <sup>9</sup> Caso, porém, não se dominem, que se casem; porque é melhor casar do que viver abrasado.
- <sup>10</sup> Ora, aos casados, ordeno, não eu, mas o Senhor, que a mulher não se separe do marido
- <sup>11</sup> (se, porém, ela vier a separar-se, que não se case ou que se reconcilie com seu marido); e que o marido não se aparte de sua mulher.
- <sup>12</sup> Aos mais digo eu, não o Senhor: se algum irmão tem mulher incrédula, e esta consente em morar com ele, não a abandone;
- <sup>13</sup> e a mulher que tem marido incrédulo, e este consente em viver com ela, não deixe o marido.
- <sup>14</sup> Porque o marido incrédulo é santificado no convívio da esposa, e a esposa incrédula é santificada no convívio do marido crente. Doutra sorte, os vossos filhos seriam impuros; porém, agora, são santos.
- <sup>15</sup> Mas, se o descrente quiser apartar-se, que se aparte; em tais casos, não fica sujeito à servidão nem o irmão, nem a irmã; Deus vos tem chamado à paz.
- <sup>16</sup> Pois, como sabes, ó mulher, se salvarás teu marido? Ou, como sabes, ó marido, se salvarás tua mulher?

Ser solteiro, ser casado, matrimônio de fachada: estes não são os únicos temas de que é preciso falar agora. As perguntas são mais abrangentes. Trata-se dos ainda não casados e dos que enviuvaram na igreja. Nessa questão Paulo apenas repete o que dissera como princípio na primeira frase do capítulo: **“Bom (é) para eles se permanecessem como também eu”** [tradução do autor]. Mais uma vez ele lhes propõe seu próprio exemplo, sua grata experiência pessoal.

- <sup>9</sup> No entanto ele retoma imediatamente de maneira prática o que havia dito sobre o “dom da graça” que faz parte da condição de solteiro. Se faltar esse dom, **“se não conseguem ser abstinentes, que se casem”** [tradução do autor]. Torna-se explícito como Paulo compreende tudo de maneira “evangélica”. Ele não considera benéfica uma constante luta ascética com os desejos ardentes, mas lhes diz: **“Pois é melhor casar-se do que ficar ardendo”** [tradução do autor].
- <sup>10</sup> Tudo isso novamente não é “ordem”, “mandamento”, mas aquilo que ele chamou de “concessão”. É um bom conselho da parte dele. Diferente é com os **“casados”**. A eles o apóstolo **“ordena”**. Contudo, corrige-se imediatamente. Não é a ele que cabe “ordenar”. Está apenas transmitindo o mandamento claro do Senhor. Novamente se percebe como Paulo não apenas conheceu o “Jesus histórico” e sua palavra, mas que o levou profundamente a sério. **Mt 19.1-9** era uma instrução clara e compromissiva pra ele. Uma “separação” do matrimônio entre crentes é inadmissível. Em vista da posição da mulher na sociedade daquele tempo, Paulo usa somente duas expressões diferentes para falar da “separação” de um matrimônio. O homem pode **“demitir”** a mulher, mandá-la embora (sobre isso, cf. o comentário a **Mt 19.1-9** na presente série **CE**). A mulher apenas pode **“separar-se”**, deixar o homem. Ambas as hipóteses são inadmissíveis para membros da igreja, em virtude de uma clara proibição do próprio Senhor.
- <sup>11</sup> No entanto é possível que uma mulher já tenha se separado do marido. Paulo deve ter recebido notícias nesse sentido. Ao que parece, ainda não aconteceu que esposas foram “demitidas” pelos maridos; mas certamente uma ou outra mulher se separou do marido. Essas circunstâncias também se refletem no fato de que no versículo anterior Paulo se dirige extraordinariamente primeiro à mulher, impedindo-a de se separar do marido. Que deverá suceder agora? **“Se está separada, não se case de novo ou reconcilie-se com o marido”** [**TEB**]. Se a separação já ocorreu por iniciativa da mulher, ela precisa permanecer sem se casar. Se notar que realmente não consegue viver sem matrimônio, que busque reconciliar-se com o marido e retornar para ele. Paulo não escreve nada sobre os homens casados cujas mulheres se separaram deles. Não é dito que precisem permanecer sem se casar. No entanto, como o retorno da mulher é considerado possível, Paulo evidentemente conta com a hipótese de que o homem não se casou novamente. Provavelmente trata-se de acontecimentos que ocorreram há pouco tempo na igreja ainda jovem. Paulo não escreve um manual da ética cristã, mas fala diante de situações bem específicas de uma igreja.
- <sup>12</sup> Na sequência é novamente o próprio Paulo que toma a palavra: **“Aos mais digo eu, não o Senhor.”** Com cuidado e clareza ele distingue seu próprio conselho apostólico, por mais importante que possa ser, da palavra do Senhor, que requer compromisso absoluto. Ele dirige essa sua palavra **“aos demais”**. O conteúdo da palavra revela ao mesmo tempo quem eram esses “demais”. São os cônjuges dos quais somente um aceitara a fé. Vemos que de forma alguma era a regra geral batizar “casas” inteiras. Na proclamação de Paulo ou Apolo não deve ter sido raro que somente uma parte do casal abraçava a fé em Jesus, enquanto a outra parte rejeitava a mensagem, fechava-se contra Jesus e permanecia, nesse sentido inequívoco, “incrédulo”. O uso lingüístico demonstra que a “fé” era considerada a questão decisiva do ser cristão. O cristão era “o crente”, e sua “fé”

determinava toda a sua existência. De modo correspondente, o não-cristão é o “incrédulo”, seja ele um judeu, seja um gentio religioso.

**12,13** O que acontecerá agora? A separação não se torna imperiosa agora? Nessa situação Paulo não tem um mandamento do Senhor. Pois tampouco Jesus havia dado uma regulamentação legalista para todos os casos que viessem a ocorrer, mas dera sua palavra sobre o divórcio diante de uma realidade israelita, onde não havia matrimônios mistos nesse sentido. Paulo precisa encontrar por si mesmo a regra para uma questão matrimonial que somente agora podia apresentar-se dessa maneira no âmbito da igreja cristã. Contudo é altamente significativo como Paulo chega à regulamentação. Deve ter havido vozes em Corinto que praticamente exigiam a separação de um “matrimônio misto”. Não se poderia esperar de uma pessoa “crente” que vivesse com um “incrédulo” na íntima comunhão conjugal e do lar. Paulo, porém, determina: **“se algum irmão tem mulher incrédula, e esta consente em morar com ele, não a demita. E a mulher que tem marido incrédulo, e este consente em viver com ela, não demita o marido”** [tradução do autor]. Em conformidade com o mandamento do Senhor, o cristão jamais pode ser aquele que promove ou realiza ativamente a separação. Por isso, para caracterizar essa circunstância, a expressão “demitir” é usada agora também com referência à mulher, ainda que legalmente não tivesse poderes para demitir o marido. Quando a parte incrédula está disposta a continuar o matrimônio, o casamento continua, por mais difícil que possa ser para o parceiro crente.

**14** No entanto, isso é viável? Será que dessa maneira a parte crente não perderá sua “santidade”? Será que ela então não viverá em casa num mundo separado de Deus? Acaso pode-se sobrecarregá-la com isso? Paulo traz um vigoroso incentivo a partir da fé: **“Porque o marido incrédulo é santificado na esposa, e a esposa incrédula é santificada no irmão”** [tradução do autor]. Isso não significa que a parte descrente, apesar de tudo, seja contada praticamente como cristã. Ela é e continua sendo inicialmente “incrédula”, ou seja, não-salva. Mas pelo fato de que a outra parte é crente e pertence a Deus, o lar e o matrimônio também constituem para o parceiro descrente um santuário, um recinto de santidade, um espaço que pertence a Deus. Nesse espaço ele vive rodeado pela bênção divina. Ele não se rebela contra essa bênção, já que está “consentindo” em “viver” com o outro. Não é por acaso que Paulo usa nessa frase a mesma expressão “santificado em...” , como na abertura da carta, quando designou os membros da igreja como “santificados em Cristo Jesus”. Também nós não temos “santidade” em nós mesmos, mas somos “santificados” unicamente “em” Cristo, em nossa adesão a Jesus. Por isso também se pode levar a sério a adesão a um “santo” mantida espontaneamente no matrimônio: ela torna o outro “santificado”, embora ainda não o salve.

Paulo demonstra sua colocação pela referência aos filhos da igreja. **“Doutra sorte, os vossos filhos seriam impuros; porém, agora, são santos.”** São crianças não-batizadas, pequenas ou um pouco maiores. Pois a condição dos filhos batizados nem permitia que surgisse a pergunta se eram “impuros” ou “santos”. Tampouco se trata apenas de filhos de casamentos mistos. Paulo declara simplesmente **“vossos filhos”**. Quando ocorre “vós” e “vosso” ele está se referindo sempre à igreja toda. Quando, portanto, “vossos”, i. é, todos os filhos da igreja, “do contrário” seriam impuros, agora, porém são santificados por meio da fé dos pais, fica explícito que não era costume batizar as crianças em Corinto. “Vossos filhos” seriam sem qualquer dúvida “santos chamados” se “vossos filhos” fossem batizados. Contudo, não o são. Apesar disso não são simplesmente **“impuros”**, mas **“santos”** pela participação no santuário do lar. Disso também os coríntios têm certeza. Por consequência, podem estar certos de que do mesmo modo o cônjuge incrédulo é “santificado” por meio do cônjuge crente. Por isso o que crê pode permanecer na comunhão íntima do matrimônio com o cônjuge descrente, sem se tornar pessoalmente “impuro” por meio dele.

**15** Diferente é a situação de um matrimônio **“quando o descrente se separa”** [tradução do autor]. Nesse caso o crente não tem o dever de prender o outro ao matrimônio, **p. ex.**, a partir da instrução do Senhor. Não, **“que se separe; não está amarrado o irmão ou a irmã em tais casos”**. Por que Paulo é capaz de afirmar isso? Porque ele não pensa de forma “legalista” e não tem por objetivo controlar a realidade da vida com regras rígidas e teóricas. O que será de um matrimônio mantido pela força, se o incrédulo se opuser constantemente ao crente, desejando sair do matrimônio? O matrimônio se torna uma permanente guerra de extermínio. Essa, porém, não é a vontade de Deus. **“Foi em paz que Deus vos chamou”** [tradução do autor]. A preposição grega en é mais forte que o nosso “em” correspondente em português. Quando o chamado de Deus alcançou os coríntios, ele os inseriu na paz consigo mesmo e na paz uns com os outros (cf. **Ef 2.14-18; Rm 5.1; Cl 3.15**). Essa paz é ameaçada e destruída quando o cônjuge crente tenta segurar o incrédulo contra a vontade deste.

**16** Contudo, nesse caso o incrédulo se perderá! Será que não tenho obrigação de salvá-lo, preservando por isso o matrimônio com todas as forças? A isso Paulo contrapõe a séria indagação: **“Pois que sabes, mulher, se salvarás o marido? Ou que sabes, homem, se salvarás a esposa?”** [tradução do autor]. Notamos que não podemos transformar em lei uma palavra como **At 16.31**, que teria de valer sempre pelo fato de que os emissários de Jesus o prometeram uma vez a um homem: “Crê no Senhor Jesus e serás salvo, tu e tua casa.” Deus não força ninguém a crer, nem mesmo por causa da minha oração, simplesmente porque uma “fé” dessas

não seria mais fé verdadeira. Da fé genuína sempre faz parte também a liberdade da decisão própria, por mais que ela seja obra de Deus em nosso coração. A resolução arbitrária: “Quero e hei de salvar meu marido, minha esposa, levando-a a crer” ignora esse mistério da fé e não pode nem ela mesma ser admirada como fé.

### **Permaneça em sua condição!, 7.17-24**

- <sup>17</sup> **Ande cada um segundo o Senhor lhe tem distribuído, cada um conforme Deus o tem chamado. É assim que ordeno em todas as igrejas.**
- <sup>18</sup> **Foi alguém chamado, estando circunciso? Não desfaça a circuncisão. Foi alguém chamado, estando incircunciso? Não se faça circuncidar.**
- <sup>19</sup> **A circuncisão, em si, não é nada; a incircuncisão também nada é, mas o que vale é guardar as ordenanças de Deus.**
- <sup>20</sup> **Cada um permaneça na vocação em que foi chamado.**
- <sup>21</sup> **Foste chamado, sendo escravo? Não te preocupes com isso; mas, se ainda podes tornar-te livre, aproveita a oportunidade.**
- <sup>22</sup> **Porque o que foi chamado no Senhor, sendo escravo, é liberto do Senhor; semelhantemente, o que foi chamado, sendo livre, é escravo de Cristo.**
- <sup>23</sup> **Por preço fostes comprados; não vos torneis escravos de homens.**
- <sup>24</sup> **Irmãos, cada um permaneça diante de Deus naquilo em que foi chamado.**

**17** Estranhamente o novo trecho começa com um **“Pelo contrário”**, que inicialmente parece estar fora de qualquer relação com o que foi dito antes. Mas Paulo olha daquilo que agora pretende colocar no coração dos coríntios, o permanecer na condição atual para a permissão de, sob certas circunstâncias, concordar com a dissolução de um matrimônio existente. Contudo, essa de fato deveria continuar sendo apenas uma exceção: **“Pelo contrário, como o Senhor distribuiu a cada um, como Deus chamou a cada um, assim ele ande”** [tradução do autor].

Esse princípio trazia para o primeiro cristianismo uma decisão sumamente crucial. Será que da novidade trazida pelo evangelho não resultaria necessariamente uma derrubada de todas as circunstâncias? “Não há judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gl 3.28). Se isso era verdade, não seria obrigatório que o matrimônio acabasse, pelo menos na forma que havia até então, que a escravidão cessasse e qualquer distinção religiosa desaparecesse? Constantemente apareceram no cristianismo movimentos que energicamente chegavam a estas essas conclusões. Também em Corinto parecem aflorar esforços desse tipo. Paulo, porém, lhes resiste, plenamente ciente da importância da causa que estava em jogo. Por isso ele assevera expressamente: **“E assim quero que seja observado em todas as igrejas.”** Por quê? Por pura mentalidade retrógrada? No entanto, o ex-fariseu, que deixou atrás de si o judaísmo de forma tão radical, não era “retrógrado”. Por medo das consequências? Paulo jamais deixou de fazer algo por causa da preocupação com o sofrimento. Não, para Paulo o princípio que ele defendia em todas as igrejas era resultante da fé. Isso se mostra com toda a nitidez na formulação de sua primeira frase. Paulo não diz: “Pelo contrário, nas condições em que alguém, afinal, se encontra, nelas ele permaneça”, mas: **“Como o Senhor distribuiu a cada um, como Deus chamou a cada um, assim ele ande”** Paulo, usando um tom incondicional que nós perdemos em grande medida, mostra que é Deus quem determina e conduz. A situação de vida em que o chamado de Deus atingiu uma pessoa não é nem um pouco “ocasional”. Deus a preparou e quis o ser humano do modo como agora o chamou. Por isso a igreja, e cada um de seus membros individualmente, não deve romper arbitrariamente as condições que Deus ordenou de um ou outro modo. E a novidade que Deus concede agora em Cristo revela seu poder libertador justamente nas condições antigas.

**18** **“Foi alguém chamado como circunciso?”** [tradução do autor]. Não deve alterar isso artificialmente, mas permanecer um israelita íntegro. Do mesmo modo, alguém proveniente das nações não deve pensar que conquistará algo por meio de uma circuncisão posterior.

**19** **“A circuncisão não é nada, e o prepúcio não é nada, mas guardar os mandamentos de Deus”** [tradução do autor]. A novidade apresentada por Deus é tão radicalmente diferente que justamente por isso uma mudança em nossa ordem humana e religiosa não significa mais nada. Esse novo é **“guardar os mandamentos de Deus”**, viver realmente de acordo com a vontade de Deus. O israelita tentou alcançar uma vida dessas mediante “a lei” e fracassou nisso. Por essa razão a circuncisão não lhe serviu de nada (cf. comentário a Romanos, p. 61s, na presente série **CE**). O verdadeiro cristão, porém, renascido e presenteado com o Espírito de Deus, é capaz de fazer a vontade de Deus. Afinal, o grande feito redentor de Deus aconteceu, “a fim de que o preceito da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito” (Rm 8.4). Por isso o cristão não precisa mais da circuncisão quando é oriundo das nações,

e não ganha nada se como israelita nega ao máximo sua condição de judeu. Diante da nova possibilidade de vida todas as coisas exteriores perdem importância.

- 20** Precisamente por isso se pode e deve manter essas coisas exteriores sem mudanças, a fim de que se torne claro para todos onde reside a verdadeira transformação na vida de um cristão. Paulo reitera enfaticamente: **“Cada um, na condição em que foi chamado, nessa ele permaneça”** [tradução do autor].
- 21a** Entretanto, será que isso também vale para uma “diferença na condição social”, que interferia na vida de maneira muito mais sensível do que a diferença entre “judeus” e “gentios”, a saber, o contraste entre “escravos” e “livres”? Calcula-se que cerca de um terço dos habitantes de Corinto eram escravos. De acordo com a descrição da igreja em **1Co 1.26ss** supôs-se muitas vezes que o percentual de escravos provavelmente era bem maior na igreja. Contudo, as questões abordadas até aqui na carta falam essencialmente a pessoas livres com poder de decidir sobre sua própria vida. Apesar disso o número de escravos na igreja deve ter sido considerável. Será que como filhos do Deus vivo, como futuros juízes sobre o mundo e herdeiros da glória eterna, ainda deveriam continuar sendo escravos? Porventura não devia passar pela igreja do Cristo um forte movimento para acabar com a escravidão, pelo menos em favor de todos os escravos dos senhores que abraçaram a fé? Para nós isso facilmente parece ser algo óbvio. Contudo, temos de reconhecer com muita sobriedade que tais transformações de uma estrutura social inteira implicam consequências de longo alcance e por isso não podem ser simplesmente empreendidas de forma privada em alguns locais. O ponto de vista de Paulo, porém, é ainda bem diferente. Temos de tentar compreendê-lo, ainda que nós, cristãos de hoje, estejamos acostumados a pensar de outro modo. Para nós a configuração de nossa vida terrena adquiriu uma relevância predominante. Desejamos ter nossa vida em Deus e nossa herança futura apenas junto com uma rica e satisfatória realização de nossa existência aqui e agora. Para Paulo isso era decididamente diferente. Ele é capaz de afirmar com plena convicção ao escravo: **“Foste chamado como escravo? Não te preocupes com isso.”**
- 22** Por que não? **“Porque o escravo que foi chamado no Senhor é um alforriado do Senhor; igualmente o livre que foi chamado é um escravo de Cristo”** [tradução do autor]. A existência em Cristo não significa para Paulo uma moldura religiosa para uma vida preenchida e determinada por realidades completamente diferentes, mas essa existência em Cristo é decisiva para determinar e plenificar todas as coisas. Diante do “ser livre” ou “cativo” em Cristo toda “liberdade” ou “escravidão” humana e temporal torna-se de fato irrelevante para Paulo.
- 23,24** Por isso ele é capaz de dizer justamente aos escravos na igreja uma frase que soa como um trocadilho ousado: **“Não vos tornei escravos de pessoas.”** Mais uma vez, como em **1Co 6.20**, e agora de forma mais tangível no presente contexto, Paulo usa a metáfora: **“Fostes comprados à vista.”** Vocês são, real e validamente, propriedade resgatada de Jesus. O preço por vocês foi pago à vista (cf. acima o exposto sobre **1Co 6.20**). Precisamente por isso, por causa dessa “submissão” completamente diferente, prevalece mais uma vez a exortação reiterada: **“Naquilo em que foi chamado, irmãos, cada um permaneça diante de Deus”** [tradução do autor]. É significativo que justamente essa breve frase inclua a interpelação “irmãos”. Judeu, grego, escravo, livre, isso pode e deve continuar tranquilamente. Porém o novo e inédito é aquilo que até agora simplesmente não havia no mundo: essas pessoas tão diferentes são **“irmãos”** nessa maravilhosa igualdade do amor. E, de forma poderosa, a pequena frase traz no final a expressão **“diante de Deus”**. Mais uma vez fica explícito que esse é o aspecto predominante para Paulo e que também para os coríntios essa pode ser a perspectiva que determina tudo: **“diante de Deus”**. Como Deus quiser que seja, assim deverá ser. Como Deus organizar a vida, assim está bem. Como minha vida se estende “diante de Deus” é algo infinitamente mais importante do que como ela se apresenta na opinião das pessoas ou aos meus olhos. Não é um “conservantismo” humano, mas é esse olhar para Deus, predominante, que conduz à regra que Paulo repete três vezes nesse breve trecho: permanece nas circunstâncias de vida em que o chamado de Deus te atingiu.
- 21b** Como, no entanto, deve ser entendido o adendo no v. **21**: **“Mas, se também podes tornar-te livre, aproveita-o mais ainda”** [tradução do autor]? A palavra **“também”**, que se junta com as palavras **“mas, se”**, levou à conclusão de que Paulo disse ao escravo: “Ainda que possas tornar-te livre, aproveita antes a atual condição de escravo.” Somente assim isso também corresponderia à exigência fundamental: “Cada um permaneça em sua condição”, que Paulo repete mais uma vez em seguida, como encerramento. No entanto é bem verdade que o leitor desprevenido (ou, naquele tempo, o ouvinte desprevenido) da carta somente pode relacionar a solicitação “aproveita-o mais ainda” com o que foi dito imediatamente antes, ou seja, com a possibilidade de se tornar livre. Se Paulo, contrastando essa possibilidade recém-citada, tivesse pensado na condição de escravo ao usar a expressão “aproveita-o, ele deveria ter expressado isso de modo inequívoco. Em vista disso, o conselho “faz uso da possibilidade de ser liberto” não contradiz o princípio “permanece em tua condição”, uma vez que aqui não acontecia uma ruptura autocrática da realidade. De fato aproveitava-se apenas uma possibilidade legalmente inquestionável e usual. A “categoria” dos “alforriados” existia em considerável proporção. Nessa interpretação da frase o “também” não deve ser ligado às palavras anteriores



“mas, se”, mas anexado à declaração seguinte no sentido de “até”: “Mas se até podes tornar-te livre, aproveita-o ainda mais.” Não é possível chegar a uma decisão inequívoca sobre o sentido que Paulo conferiu à frase.

### Não se casar – algo também para as moças da igreja?, 7.25-40

- 25 Com respeito às virgens, não tenho mandamento do Senhor; porém dou minha opinião, como tendo recebido do Senhor a misericórdia de ser fiel.
- 26 Considero, por causa da angustiosa situação presente, ser bom para o homem permanecer assim como está.
- 27 Estás casado? Não procures separar-te. Estás livre de mulher? Não procures casamento. Mas, se te casares, com isto não pecas;
- 28 e também, se a virgem se casar, por isso não peca. Ainda assim, tais pessoas sofrerão angústia na carne, e eu quisera poupar-vos.
- 29 Isto, porém, vos digo, irmãos: o tempo se abrevia; o que resta é que não só os casados sejam como se o não fossem;
- 30 mas também os que choram, como não se chorassem; e os que se alegram, como se não se alegrassem; e os que compram, como se nada possuíssem;
- 31 e os que se utilizam do mundo, como se dele não usassem; porque a aparência deste mundo passa.
- 32 O que realmente eu quero é que estejais livres de preocupações. Quem não é casado cuida das coisas do Senhor, de como agradar ao Senhor;
- 33 mas o que se casou cuida das coisas do mundo, de como agradar à esposa,
- 34 e assim está dividido. Também a mulher, tanto a viúva como a virgem, cuida das coisas do Senhor, para ser santa, assim no corpo como no espírito; a que se casou, porém, se preocupa com as coisas do mundo, de como agradar ao marido.
- 35 Digo isto em favor dos vossos próprios interesses; não que eu pretenda enredar-vos, mas somente para o que é decoroso e vos facilite o consagrar-vos, desimpedidamente, ao Senhor.
- 36 Entretanto, se alguém julga que trata sem decoro a sua filha, estando já a passar-lhe a flor da idade, e as circunstâncias o exigem, faça o que quiser. Não peca; que se casem.
- 37 Todavia, o que está firme em seu coração, não tendo necessidade, mas domínio sobre o seu próprio arbítrio, e isto bem firmado no seu ânimo, para conservar virgem a sua filha, bem fará.
- 38 E, assim, quem casa a sua filha virgem faz bem; quem não a casa faz melhor.
- 39 A mulher está ligada enquanto vive o marido; contudo, se falecer o marido, fica livre para casar com quem quiser, mas somente no Senhor.
- 40 Todavia, será mais feliz se permanecer viúva, segundo a minha opinião; e penso que também eu tenho o Espírito de Deus.

- 25 A formulação “**com respeito às moças**” revela que também nesse ponto havia uma pergunta específica na carta da igreja. O que será das filhas dos lares cristãos? Elas são “virgens”, “moças”, naquele sentido límpido que no passado o termo tinha também para nós. Será que devem permanecer sem se casar? Talvez uma parcela da igreja esperasse um sim decidido da parte de Paulo. Contudo o apóstolo enfatiza de imediato que aqui não existe um claro “**mandamento do Senhor**”. Ele somente poderá “**dar sua opinião**”. Contudo, será que uma “opinião apostólica” não se reveste de autoridade máxima? Paulo não pensa assim. Obviamente ela possui uma autoridade interior. É verdade que somente a misericórdia do Senhor fez dele um apóstolo. Paulo não apenas o admitiu, mas enalteceu com destaque: **2Co 4.1**; **1Tm 1.12ss**. Ainda que seus adversários apontassem para seu passado sombrio, para ele representava a razão de toda a sua nova vida e serviço que a misericórdia de Jesus lhe confiara a grande tarefa. Precisamente assim lhe foi concedido “**ser confiável**”. Por isso sua palavra tem um peso, ainda que ele apenas dê “sua opinião”. Podemos confiar nela.
- 26 Novamente ele reafirma o que já expressou a respeito de permanecer solteiro e do matrimônio. A construção complicada da frase: “**Penso pois que isso, por causa da aflição atual, é bom para uma pessoa, ser assim**” [tradução do autor] revela que Paulo, ao ditar a carta, recorda sua afirmação fundamental de **1Co 7.1**. Agora, porém, torna-se perceptível o cenário a partir do qual ele emitiu o juízo “bom”, i. é, “proveitoso, benéfico”. A condição de solteiro não é “boa” em si e por si mesma, ou a partir de ideais religiosos, mas “**por causa da aflição atual**”. “Aflição atual” não é a aflição “momentânea”, que os coríntios sentem pouco. Pelo contrário, ela é a aflição gerada pelo éon presente, que aflige a igreja de Jesus e seus membros, ainda que os coríntios saciados, ricos e respeitados ainda não tenham notado nada. Também eles não escaparão dessa aflição, que atinge os cristãos no éon presente.

- 27 Sim, mais ainda. Também no presente caso o pensamento do apóstolo tem cunho “escatológico”. A palavra que em Paulo geralmente significa “presente” também pode ter o sentido de “iminente”, “vindouro”. A aflição da era atual se intensificará ao máximo justamente quando chegar o fim, e a última grande decisão se aproximar. Paulo está convicto disso, como também o restante do NT (Mt 24.21s; Ap 13). É dessa maneira que ele vê a situação, e a partir dela ele julga e aconselha também na questão do matrimônio e do casamento das moças crentes. O tempo se encaminha para as últimas lutas e sofrimentos que demandam de cada cristão o empenho máximo. “Ao vencedor...” (Ap 2 e 3) ressoa também no coração de Paulo. Nessa situação ele tão somente pode aconselhar: **“Estás ligado a uma mulher? Não procures a separação. Estás livre de uma mulher? Não procures esposa”** [tradução do autor].
- 28 Novamente nos deparamos com o ponto decisivo para a compreensão do capítulo e de todo o ser cristão como tal. A atitude de Paulo é estranha para nós, porque para nós o ser em Cristo não possui mais aquela integralidade e coesão, aquela riqueza e aquele esplendor que, na perspectiva de Paulo, torna irrelevante todo o nosso destino terreno. Uma segunda razão pela qual não conseguimos lidar com o pensamento do apóstolo é que não sabemos mais nada sobre a “aflição” e “tribulação” que fazem parte da vida cristã nessa era má. Além disso, não temos mais a menor idéia das demandas que os últimos tempos trarão para a igreja de Jesus. Casar-se não é em si algo errado e pecaminoso, como talvez muitos opinassem em Corinto, nem mesmo para uma moça de um lar crente. Por isso Paulo declara mais uma vez diante de todos os ideais ascéticos: **“Mas se te casares, não pecaste. E também, se a moça se casar, não cometeu pecado”** [tradução do autor]. Paulo não aconselha permanecer solteiro por desprezar o matrimônio e por uma suspeita contra a vida sexual, cuja prática seria algo “pecaminosa” até mesmo no matrimônio. Seu ponto de vista é completamente outro: **“Mas tribulação para a carne esses não de obter. Eu, porém, quero poupar-vos”** [tradução do autor]. Ocorre aqui o termo *thlipsis*, que repetidamente designa o sofrimento de múltiplas formas que aquele que crê em Jesus tem de suportar por causa de sua fé e que atingirá o auge na época antes da vinda de Jesus. Esse sofrimento se torna muito mais torturante quando a pessoa é casada e vê que também o companheiro sofre. Basta imaginarmos uma vez o que a esposa e os filhos de alguém como o apóstolo Paulo teriam de suportar. “É bom não estar casado.” Quantas vezes Paulo terá pensado assim, e com razão! Justamente a moça na igreja deve saber que o casamento não lhe trará neste tempo a “felicidade”, e sim **“tribulação para a carne”**.
- 29 Na seqüência Paulo expõe expressamente sua visão escatológica diante da igreja saciada e segura de si. **“Isto, porém, vos digo, irmãos: o tempo está comprimido”** [tradução do autor]. É difícil de traduzir essa frase sucinta. Não possuímos uma palavra própria para o “tempo” como tempo determinado, cheio de decisões, de que o grego dispunha no termo *kairós*, diferente de *chronos*, o fluxo genérico do tempo. A palavra **“comprimido”** expressa ao mesmo tempo duas dimensões. Esse período cheio de decisões está apenas breve, “abreviado”, as decisões se comprimem. Por isso não temos tempo para questões secundárias, mas precisamos estar concentrados para o que esse tempo demanda. E aflições, lutas e sofrimentos preenchem esse espaço de tempo. Não é apenas um tempo “condensado”, mas também “cheio de tribulações”, que não permite que vivamos de forma tão ingênua. Agora se torna muito claro porque Paulo não conseguiu começar este capítulo com elaborações acerca da beleza do matrimônio e seu valor. Simplesmente não há “tempo” para isso agora. Quem quiser viver feliz no matrimônio – e na família – não superará a gravidade deste tempo e rapidamente cairá no perigo de apostatar e retirar-se do empenho pela causa do Senhor. Por isso também os casados precisam assumir uma atitude interior completamente nova: **“No mais, que também os que possuem mulher, sejam como se a não possuíssem”** [tradução do autor].
- 30 Essa atitude se estende para todas as relações de vida. Sem dúvida existem também agora **“os que choram”** e **“os que se alegram”**; naturalmente também continua necessário “comprar” e “utilizar-se do mundo”. Paulo sempre combateu resolutamente toda agitação irrequieta diante da expectativa do futuro (cf. 1Ts 4.11; 2Ts 2.1s; 3.11). Apesar de toda a expectativa tensa e ansiosa pelo dia do Senhor ele permanece completamente sóbrio. É exatamente por isso que ele também sabe que nessa espera e nos inevitáveis sofrimentos por amor de Jesus todas essas coisas, como alegria e sofrimento, compra e aquisição, e também matrimônio e ligação humana, perdem a importância que elas possuem para o ser humano natural. Em tudo isso vale o “ter como se não tivéssemos”. É o exato oposto da descrição do final dos tempos, como projetada pelo próprio Senhor Jesus acerca da imagem dos antigos tempos de juízo: “Comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, e veio o dilúvio e destruiu a todos. O mesmo aconteceu nos dias de Ló. Comiam, bebiam, compravam, vendiam, plantavam e edificavam; mas, no dia em que Ló saiu de Sodoma, choveu do céu fogo e enxofre e destruiu a todos” (Lc 17.27-29). Tudo isso preenchia o pensamento e a vida das pessoas, enquanto as nuvens do juízo devastador já se acumulavam sobre elas. Os “santos vocacionados”, porém, os que foram comprados pelo empenho da vida do Senhor, que esperam pelo seu dia, não podem viver assim. Embora ainda tenham de continuar fazendo tudo o que fizeram as pessoas antes do dilúvio, as pessoas em Sodoma antes da catástrofe, eles o fazem numa atitude totalmente diferente, em que todas essas coisas perderam sua importância satisfatória: **“No mais, que também os que possuem mulher, sejam como se a não possuíssem, e os que choram, como se não chorassem, e os que se alegram como se não se**

**alegrassem, e os que comprem, como se nada possuíssem, e os que se utilizam do mundo, como se dele não usassem.”**

- 31** **“Porque a aparência deste mundo passa.”** Qualquer pessoa pode constatar isso objetivamente. Se for apenas uma impressão negativa da transitoriedade de todas as coisas terrenas, poderá levar também àquela conclusão que Paulo contradiz mais tarde: “Comamos e bebamos, que amanhã morreremos” (1Co 15.32). Paulo, porém, entende essa transitoriedade de maneira bem positiva. Todo modo de ser desse mundo de morte passa, a criação recebe uma configuração nova, “a criação aguarda a revelação dos filhos de Deus. A própria criação será redimida do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus” (Rm 8.19,21). E quem vê de modo tão positivo e tão esperançoso toda a transitoriedade da aparência atual do mundo possui em vista disso a posição descrita por Paulo, esse “ter como se não tivéssemos”.
- 32,33** O que Paulo deseja aos cristãos de Corinto é que passem por esse “tempo comprimido” de maneira “despreocupada”. **“Quero, porém, que estejais sem preocupação.”** O termo grego para “preocupar-se” tem um significado duplo que nosso idioma expressa com “preocupação” e “cuidado”. Devemos e podemos estar “sem preocupação”. A “preocupação” temerosa corresponde a uma apreciação equivocada da aparência atual do mundo com suas atrações e ameaças. A atitude escatológica nos liberta disso. Contudo a vida autêntica sempre está repleta de que temos “cuidado de algo”. E agora, com vistas ao matrimônio, resulta uma imperiosa diferença: **“Quem não é casado cuida das coisas do Senhor, de como agradar ao Senhor; mas o que se casou cuida das coisas do mundo, de como agradar à esposa, e assim está dividido.”** Esse “cuidar das coisas do mundo, de como agradar à esposa”, não é pecado, mas dever do homem quando vive no matrimônio. Paulo tampouco está dizendo que o cristão casado agora simplesmente se esgota nisso e não tem mais nada a dar para as coisas do Senhor. Porém, “está dividido”. Precisa olhar para dois lados e corresponder às necessidades da esposa e da família do mesmo modo como atende os interesses de seu Senhor e de sua causa. Essa é uma tarefa complexa e pode conduzir rapidamente a penosas tensões mesmo em tempos calmos, quanto mais em dias de aflição e perseguição. O homem casado fica interiormente dilacerado. Isso vale da mesma maneira para a mulher. A mulher não-casada, viúva ou separada do marido, e a moça solteira podem dedicar-se integralmente ao Senhor.
- 34** **“E a mulher não-casada e a moça cuidam das coisas do Senhor, para ser santa tanto no corpo como no espírito”** [tradução do autor]. Novamente temos de entender a palavra “santa” de maneira tão “objetiva” como em 1Co 1.2. Paulo não está dizendo que a vida matrimonial torna a mulher de certo modo “maculada” e “impura”. No entanto, havia declarado que no casamento a mulher não tem mais “poder sobre o próprio corpo” (v. 4). Já não pode pertencer integralmente de corpo e alma ao Senhor. Ela **“cuida das coisas do mundo, de como agradar ao marido.”** Isso não é “pecado”, mas um fato.
- 35** Por isso Paulo deseja sinceramente que as moças permaneçam solteiras na igreja. Ao expressar esse desejo, porém, visa evitar qualquer pressão, até mesmo qualquer coação interior. **“Digo isso em favor dos vossos próprios interesses; não que eu pretenda lançar um laço sobre vós”** [tradução do autor]. Paulo não deseja arrastar nenhuma pessoa em Corinto como uma caça apanhada em armadilha para a condição de solteiro. Nos bastidores dessa frase percebe-se a desconfiança que havia em Corinto em relação a Paulo, e contra a qual ele precisa se defender com muito maior clareza na segunda carta aos Coríntios. Acusavam-no de que ele tentava dominar a igreja e deixava valer somente sua própria opinião (cf. acima, p. 84s). Na verdade, porém, visa educar a igreja que lhe foi confiada justamente para o discernimento próprio e para a ação autônoma correta. Como ele se empenha por isso em toda a presente carta! Em consonância, sua intenção também agora não é de forma traiçoeira **“lançar um laço”** sobre a igreja, a fim de arrastá-la ao ponto em que quer que esteja. Para ele está em jogo o **“interesse próprio”** dos coríntios. Essa “vantagem” obviamente não tem conotação egoísta e mundana. Aquilo que Paulo aconselha à igreja deve servir **“ao apropriado decoro e à firme dependência no Senhor sem distração”** [tradução do autor]. Para Paulo está em jogo a correta liberdade nas resoluções da igreja com vistas às suas moças. Essa liberdade é ameaçada por dois lados opostos. Por um lado, naquela época tanto judeus como gregos impunham uma mácula às moças solteiras. Não era decente, era impróprio que uma moça permanecesse solteira. Nesse ponto o sentimento da igreja pode mudar. Precisamente o desejo de viver integralmente para o Senhor era **“decoro apropriado”**, para o qual Paulo desejava conduzir a igreja em benefício dela mesma. Por outro lado, tampouco o pensamento ascético de vários grupos cristãos em Corinto deve forçar moças ao celibato, como se o matrimônio fosse algo “impuro” e espiritualmente inferior. A condição de solteiro somente pode ser escolhida em plena liberdade quando o intuito das pessoas é a **“firme dependência no Senhor”**, que somente há de ser tranqüilamente **“sem distração”** para os não-casados.
- Hoje a situação obviamente é bem diferente do que naquela época. A mulher solteira hoje naturalmente exerce uma profissão e por isso não pode “cuidar das coisas do Senhor” “sem distração” como a mulher solteira daquele tempo. Não obstante a palavra de Paulo possui uma enorme importância para nós. O fato de que Paulo atribui ao homem solteiro, apesar de exercer uma profissão, que “ele cuida das coisas do Senhor” revela que na perspectiva de Paulo o matrimônio exige a atenção da pessoa de uma maneira bem diferente do que a profissão. Consequentemente, a atividade profissional da mulher não tolhe sua **“firme dependência no**

**Senhor sem distração**". Nesse ponto a condição de solteira da mulher não é avaliada como "desvantagem" e "desgraça", mas como uma grande possibilidade positiva no serviço ao Senhor. Jesus está esperando também justamente por mulheres que não são exigidas por marido e família, mas colocam seus dons e suas energias físicas e maternas completamente à disposição da causa de seu amor redentor nesse mundo de morte. Quanta necessidade tem a igreja de hoje, diante da valorização unilateral do matrimônio, de reler essa parte da Bíblia e apropriar-se dela! Unicamente aqui reside a ajuda interior para as moças da igreja que não se casam (cf. nota 165), que muitas vezes não são desposadas precisamente por serem cristãs.

- 36 Paulo deseja essa avaliação correta para toda a igreja. Contudo preserva a liberdade. Alguém que até o momento havia deixado a filha solteira por corresponder ao raciocínio de Paulo, poderia agora **"julgar não agir com decoro para com sua filha, quando passar da flor da idade"** [tradução do autor]. Paulo não diz quem é "alguém". Tampouco cita expressamente o pai. Por um lado isso era desnecessário, porque na maioria dos casos era obviamente o pai que decidia sobre as filhas não casadas no lar. Por outro lado também poderia ser ocasionalmente o tutor ou o senhor dos empregados da casa. De qualquer forma, esse "alguém" **"não peca"** quando segue sua "opinião" e não quer deixar a moça murchar sem se casar. Há um pretendente para a moça. Ele **"faça o que quiser. Não peca. Que se casem"**. A pessoa responsável pela moça poderá agir como deseja a partir de seu pensamento.
- 37 No entanto também pode ocorrer algo diferente. Alguém **"resolveu em seu coração conservar a sua moça"** [tradução do autor]. E agora ele também não se torna inseguro por meio de uma série de considerações, se seria impróprio deixar sua moça murchar desse modo. Ele **"está firme em seu coração"**. Tampouco há uma **"necessidade"** de qualquer tipo, a respectiva pessoa tem livre **"domínio sobre seu próprio arbítrio"**. Então **"fará bem"** se preservar solteira sua moça, tornando-a assim uma moça que é "santa no corpo como também no espírito" e que integralmente "cuida das coisas do Senhor". Nessa argumentação Paulo reconhece que o comportamento dos cristãos não está restrito apenas à simples alternativa entre "pecar" e "fazer bem". Também na ação correta e boa ainda haverá diferenças.
- 38 **"Por isso, quem casa sua moça faz bem, quem não a quiser dar em casamento fará ainda melhor"** [tradução do autor]. Paulo continua defendendo claramente o que declarou desde o começo do presente capítulo. Considera a condição de solteiro não como "mais difícil" ou "mais sublime", mas como "melhor". Contudo evita qualquer insistência e salienta mais uma vez que não há nada pecaminoso nem em dar a filha para casamento nem em casar-se pessoalmente.
- 39,40 No v. 8 Paulo já dissera às viúvas que "é bom que permaneçam como também eu mesmo". Agora ele insiste outra vez com a mulher casada que ela **"está ligada enquanto vive o marido"**. No entanto, de igual maneira assegura à viúva plena liberdade de casar-se novamente e de escolher o marido. **"Contudo, se tiver adormecido o marido fica ela livre para se casar com quem quiser"** [tradução do autor]. Desse modo inviabilizam-se todas as idéias de que continuam em vigor as determinações do AT sobre o levirato (cf. Dt 25.5-10). É natural, porém, que o novo matrimônio pode ser realizado **"somente no Senhor"**, i. é, que o novo marido seja igualmente cristão e que aos dois envolvidos tenha ficado claro que o matrimônio lhes foi concedido pelo Senhor. Obviamente: **"Será mais feliz se permanecer assim."** Novamente Paulo escolhe uma palavra que expressa a característica "evangélica" desse "permanecer assim". A viúva que não se casa outra vez não é "melhor" ou "mais devota" ou "mais espiritual", mas simplesmente é "mais feliz". Essa pelo menos é **"minha opinião"**, diz Paulo. Sua opinião, no entanto não é uma idéia qualquer. **"Penso que também eu tenho o Espírito de Deus."** Sua "opinião" resulta de um coração pleno do Espírito de Deus e determinado por ele, tendo, pois, um peso. Contudo novamente reconhecemos a situação de Paulo. Ele precisa afirmar algo com clareza. Seu parecer como apóstolo não é em si mesmo e de imediato determinante para os coríntios. Homens que pensavam diferentemente de Paulo reivindicavam enfaticamente para si mesmos ter o Espírito e falar a partir do Espírito. É contra eles que Paulo está colocando sua frase.

## **"Conhecimento" e "amor" na questão do consumo de carne sacrificada a ídolos,** **8.1-13**

- <sup>1</sup> No que se refere às coisas sacrificadas a ídolos, reconhecemos que todos somos senhores do saber. O saber ensoberbece, mas o amor edifica.
- <sup>2</sup> Se alguém julga saber alguma coisa, com efeito, não aprendeu ainda como convém saber.
- <sup>3</sup> Mas, se alguém ama a Deus, esse é conhecido por ele.
- <sup>4</sup> No tocante à comida sacrificada a ídolos, sabemos que o ídolo, de si mesmo, nada é no mundo e que não há senão um só Deus.
- <sup>5</sup> Porque, ainda que há também alguns que se chamem deuses, quer no céu ou sobre a terra, como há muitos deuses e muitos senhores,



- <sup>6</sup> **todavia, para nós há um só Deus, o Pai, de quem são todas as coisas e para quem existimos; e um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual são todas as coisas, e nós também, por ele.**
- <sup>7</sup> **Entretanto, não há esse conhecimento em todos; porque alguns, por efeito da familiaridade até agora (persistente) com o ídolo, ainda comem dessas coisas como a ele sacrificadas; e a consciência destes, por ser fraca, vem a contaminar-se.**
- <sup>8</sup> **Não é a comida que nos recomendará a Deus, pois nada perderemos, se não comermos, e nada ganharemos, se comermos.**
- <sup>9</sup> **Vede, porém, que esta vossa liberdade não venha, de algum modo, a ser tropeço para os fracos.**
- <sup>10</sup> **Porque, se alguém te vir a ti, que és dotado de saber, à mesa, em templo de ídolo, não será a consciência do que é fraco induzida a participar de comidas sacrificadas a ídolos?**
- <sup>11</sup> **E assim, por causa do teu saber, perece o irmão fraco, pelo qual Cristo morreu.**
- <sup>12</sup> **E deste modo, pecando contra os irmãos, golpeando-lhes a consciência fraca, é contra Cristo que pecais.**
- <sup>13</sup> **E, por isso, se a comida serve de escândalo a meu irmão, nunca mais comerei carne, para que não venha a escandalizá-lo.**

**1** Paulo aborda outra pergunta dos coríntios: **“No tocante às carnes sacrificadas aos ídolos”** [TEB]. Se quisermos compreender essa pergunta em sua gravidade, teremos de lembrar que na Antigüidade todo tipo de “carnear” era um ato religioso, um “imolar”. Como sinal desse ato qualquer pedaço do animal abatido era trazido expressamente a uma divindade e queimado em seu altar. Toda a carne restante servia, então, para alimento humano. Surgiu a questão se o cristão podia ou não comer dessa carne. Conforme mostra o v. 10, inicialmente importava a pergunta, se o cristão podia participar diretamente de refeições nos templos. Mas nos v. 7 e 13 notamos que ao mesmo tempo estava em jogo a “carne sacrificial” em sentido abrangente, e que Paulo já está querendo preparar também a base para as regras de **1Co 10.23ss**. A pergunta talvez tenha se tornado especialmente candente na igreja porque os seus membros israelitas tinham incutida em si desde a infância uma aversão tão grande a tudo que tinha a ver com um ídolo que também agora, como cristãos, rejeitavam decididamente qualquer consumo de carne sacrificada a ídolos. Numa cidade grega como Corinto isso significava renunciar a praticamente todo consumo de carne. Entretanto, como se depreende especialmente do v. 7, havia também membros gregos da igreja que por causa de seu passado temiam comer carne relacionada a sacrifícios gentios. Em oposição a eles, um grupo de “fortes” e “livres” enfatizava que, afinal, de acordo com o reconhecimento cristão, deuses gentílicos nem sequer existiam (v. 4), que por isso todos os costumes sacrificais ao se abater o gado eram completamente inócuos e que a “carne sacrificada a ídolos” de fato era apenas uma carne comum, que o cristão, em virtude de seu “conhecimento”, podia comer sem nenhum escrúpulo. Talvez considerassem justamente o consumo destemido dessa carne como um ato de testemunho cristão, e se alegrassem quando seu bom exemplo arrastava consigo os membros receosos e temerosos da igreja. A igreja, pois, consulta Paulo sobre seu posicionamento diante disso.

Vemos que, no caso, não se trata de uma mera pergunta isolada. Novamente apresenta-se o tema da “liberdade”. Para nós, o costume peculiar daquela época está ultrapassado. Entre nós não existe “carne sacrificada a ídolos”. Porém a pergunta em si: “Será que um cristão pode...?”, a pergunta pela “liberdade” do cristão preocupa constantemente também a nós na igreja de Jesus.

Antes da resposta, Paulo insere uma breve, mas poderosa e profunda reflexão, que define o rumo para sua resposta (e com isso também para todas as nossas respostas à questão da “liberdade cristã”). Inicia concordando com o que os coríntios lhe escreveram: **“Sabemos que todos possuímos conhecimento”** [tradução do autor]. Devido à proclamação e ao ensino cristãos não falta **“conhecimento”**. Uma igreja como Corinto era singularmente “rica em toda palavra e todo conhecimento” (**1Co 1.5s**). Por isso, ao dizer “sabemos”, ele concorda com aquilo que os coríntios devem ter afirmado em sua carta. O grupo dos “livres” visava regulamentar a vida e o comportamento simplesmente a partir do “conhecimento”. O reconhecimento cristão revela que os ídolos não existem. Logo cada cristão pode e deve comer “carne sacrificada a ídolos”. Paulo discorda. O “conhecimento” não pode nem deve desempenhar esse papel. Por que não? **“O conhecimento incha, mas o amor edifica”** [TEB]. Pela primeira vez aparece a palavra “amor”, que no fundo já determinava todas as exposições de Paulo. Contudo é como se Paulo temesse mencionar expressamente a palavra. Será que ele também já notara como esta palavra leva a equívocos? Será que queria pronunciá-la apenas quando falasse substancialmente do amor, em **1Co 13**?

Agora, porém, ele expressamente contrapõe o **“amor”** ao **“conhecimento”**. Em todo o “conhecer” há o perigo de que ele nos proporcione uma satisfação egoísta. No “conhecer” facilmente desfrutamos a força de nosso próprio pensamento e olhamos com desprezo para os que não são capazes de realizações semelhantes. **“O conhecimento incha.”** Não tenho consideração pelo outro, mas permaneço comigo mesmo e minha riqueza intelectual. Assim não se forma uma comunhão autêntica. Bem diferente é o amor. Para ele importa justamente o outro e seu verdadeiro bem-estar. Para ele importa a comunhão e sua construção. **“O amor**

**edifica.”** E por isso Paulo discorda dos coríntios que tentam determinar a vida e o comportamento em todas as questões unicamente a partir do conhecimento. Não o conhecimento, mas somente o amor é capaz de governar a vida da igreja e nossa vida pessoal dentro dela. Paulo mostrará isso com muita clareza justamente na questão da carne sacrificada a ídolos. Assim, formulou ao mesmo tempo uma verdade fundamental para todos os tempos e para todos os problemas na edificação da igreja. Desse modo o capítulo sobre a “carne sacrificada a ídolos”, que a princípio nos parece bastante estranho, possui importância máxima para nós nos dias de hoje.

- 2 Paulo acrescenta uma segunda advertência aos que se orgulham de seu conhecimento. **“Se alguém pensa ter conhecido alguma coisa, ainda não conheceu como se deve conhecer”** [tradução do autor]. Em cada conhecimento há o perigo de estar “pronto” e já considerar como ponto final do saber aquilo que foi reconhecido. É o perigo do “dogmatismo”, presente tanto em qualquer ensino e visão seculares quanto na teologia. Desse modo, porém, nega-se o verdadeiro conhecimento. O verdadeiro conhecimento está ciente de que é inconcluso, de que avança sem cessar, de que tem caráter fragmentário (1Co 13.9). Isso vigora acima de tudo quando seu objeto é o Deus eterno e vivo. Quem iria aqui **“pensar ter conhecido”**? Se alguém **“pensa”** dessa maneira, **“ainda não conheceu como se deve conhecer”**. Na verdade aprendemos que somente o próprio Espírito de Deus perscruta as profundezas de Deus (1Co 2.9-12). Por isso somente sabe algo sobre Deus aquele a quem Deus concedeu seu Espírito. Por outro lado, esse presente somente é recebido por aquele que abraçou com fé a maravilhosa redenção diante da cruz de Jesus e experimentou o amor de Deus. Justamente essa pessoa, porém, não terá orgulho de seus “conhecimentos” e não pensará que se apoderou de Deus por meio de seu conhecimento. Pelo contrário, amará a Deus e compreenderá que Paulo inicialmente chega à surpreendente conclusão:
- 3 **“Mas, se alguém ama a Deus, esse é conhecido por ele.”** Unicamente Deus conhece verdadeiramente, diante do que nosso orgulhoso conhecer se torna muito pequeno. Em 1Co 13.12 Paulo nos dirá: “Agora conheço em parte; então, conhecerei (cabalmente) como também sou conhecido.” Evidencia-se como Paulo vive na noção bíblica do “conhecer”. A Bíblia de forma alguma considera o conhecer, como os coríntios (e nós), como o frio processo de apreender, mas como amorosa entrega ao objeto do conhecimento, sua compreensão correta na união com ele. Conseqüentemente, a Bíblia pode usar a palavra “conhecer” para a relação conjugal (Gn 4.1). Ser conhecido por Deus significa, por isso, ser escolhido e considerado por Deus em amor. Reconheço que minha situação é tão maravilhosa pelo fato de que o amor a Deus foi despertado em meu coração. Isso, porém, é infinitamente mais importante do que meu “conhecimento”, por mais correto que seja, e do qual posso me orgulhar de maneira tão perigosa.
- 4,5 Na seqüência Paulo retorna dessas frases fundamentais para a pergunta peculiar do presente trecho. Ele concorda com o saber dos “fortes” e “livres”: **“No tocante à comida sacrificada a ídolos, sabemos que o ídolo, de si mesmo, nada (é) no mundo e que não (há) senão um só Deus.”** Entretanto ele imediatamente restringe essa concordância. Na verdade a questão não é tão simples assim. **“Há (de fato) muitos deuses e muitos senhores.”** Será mero palavreado que povos falem de todos esses “deuses” e “senhores”? Será que não existe nenhuma realidade por trás disso? Paulo ainda terá de dizer algo muito assustador (cf. 1Co 10.19-22) acerca da realidade por trás dos cultos gentios. Contudo, em 1Co 2.6,8 ele também já falara dos “poderosos deste éon”, apontando assim para poderes de espíritos que estão, muito mais do que nós pensamos, acima e por trás de todos os acontecimentos no mundo. Dessa maneira eles são verdadeiros **“deuses”** e **“senhores”**.
- 6 Agora, porém, Paulo deixa essa questão em aberto e somente constata: **“E ainda que existam alguns supostos deuses, seja no céu, seja na terra, como há (de fato) muitos deuses e muitos senhores, todavia para nós há um só Deus, o Pai, a partir de quem (é) o universo, e nós em direção dele”** [tradução do autor]. De modo muito enfático essa frase diz **“todavia para nós”**. “Nós”, os cristãos, somos uma multidão destacada de forma única dentre o restante da humanidade. Em todos os povos da terra temem-se “deuses” e “senhores”, imaginados como habitantes do “céu” ou da “terra”, de montanhas (o Olimpo!), de fontes e árvores. **“Todavia para nós”** toda essa “religião”, toda essa quimera é coisa do passado. **“Nós”** sabemos **“que não (há) ídolo no mundo”**. “Nós” vivemos sem temor. “Nós”, os cristãos no Império Romano, obviamente temos de suportar que por isso foram acusados de serem *atheoi*, “ímpios”. Mas para nós existe somente um único para o qual se pode aplicar a palavra “Deus”, o **“um só”**, ao qual Israel “chamava de *Adonaj* (“Senhor”) e o qual “nós” agora chamamos de **“Pai”**. Ele, porém, não está “no mundo”, **“a partir dele”** é o universo e **“em direção dele”** somos nós. Como todo o universo, também nós fomos criados por esse Deus único. Mas na criação nós somos algo extraordinário entre todas as criaturas. Faz parte da natureza do ser humano ser criado para Deus, **“em direção dele”** e precisamente por isso **“à sua imagem”**.
- E para nós existe **“um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual o universo, e nós por ele”** [tradução do autor]. O “Senhor Jesus Cristo” – Paulo não usa a expressão “Filho” porque o mundo gentio e também Corinto falava acima de tudo de “senhores” – é o Mediador da criação (cf. Jo 1.3,10; Cl 1.16s; Hb 1.3). Também para o ser humano como tal vale que foi criado por Cristo e para Cristo (sobre isso, cf. o comentário a Cl 1.15ss na presente série CE) e por isso se encontra num relacionamento originário com Jesus que é alicerçado no surgimento do próprio ser humano e precede seu encontro histórico com Jesus. Contudo, a expressão **“e nós**

**por ele**” deve ter ainda outro significado. Por meio de Jesus Cristo temos nossa nova e peculiar existência como “cristãos”. Nesse sentido especial justamente “nós”, e apenas nós, fomos criados **“por ele”**, eleitos por ele, feitos por ele filhos de Deus, conduzidos por ele e um dia aperfeiçoados por ele. O “em direção de Deus” se cumpre nesse “por Jesus Cristo”. Em razão disso já não temos, no sentido mais marcante e que não permite exceção, outro “senhor” e estamos imunes a todos os demais poderes e potestades.

- 7 Entretanto, analisando desse modo, será que Paulo não precisa também estabelecer a regra geral: comam tranqüilamente carne sacrificada a ídolos e demonstrem nisso sua lucidez de conhecimento? Não, pois há diferenças na igreja que não podem ser ignoradas. Por um lado “todos possuímos conhecimento” (v. 1), mas, apesar disso **“não há esse conhecimento em todos”**. Ele não representa neles o poder que determina a tudo. Pelo contrário **“alguns, por efeito da familiaridade até agora (persistente) com o ídolo comem dessas coisas como carne sacrificada a ídolos, e a consciência deles, por ser fraca, vem a contaminar-se”**. Paulo remete a uma circunstância importante também para nós. Nosso saber, nossa percepção racional – p. ex., teológica – nem sempre alcança igualmente a profundidade de nosso ser. Muitas vezes nossa **“consciência”** vê as coisas de modo diferente do que nosso **“conhecimento”**. Havia em Corinto membros da igreja que na teoria teriam concordado naturalmente com a doutrina da nulidade dos ídolos; não obstante, sua consciência ainda continua vendo na carne o “sacrifício a ídolos”. É uma “consciência fraca”. Não por temer de forma equivocada uma “oferenda a ídolos” quando na realidade não existe nenhuma; essa seria apenas uma consciência “falha”. Mas ela é **“fraca”** porque não se impõe e não governa verdadeiramente o comportamento do ser humano. Esses membros da igreja acabam comendo a carne que repugnam em sua consciência. Desse modo sua consciência é contaminada – um processo grave e perigoso!
- 8 Por isso Paulo se dirige agora aos fortes e livres, que lhe são cognitivamente muito próximos. Já a maneira com que esses “fortes” exibem sua liberdade ao participarem de refeições sacrificais é errada. Coisas muito secundárias são tornadas importantes. Afinal, a liberdade para a qual Cristo nos libertou pela entrega de sua vida não consiste em primeiro lugar de autorização para consumir carne. A “exibição” desse tipo de liberdade talvez impressione pessoas, porém não a Deus. Um dia seremos “apresentados” perante Deus (Rm 14.10; 2Co 4.14; 11.2). Então, porém, não será importante se comemos carne ou não. **“Uma comida, porém, não nos apresentará perante Deus; não teremos desvantagem se não comermos, nem vantagem se comermos”** [tradução do autor].
- 9 Perante Deus nossa comida é irrelevante. Mas para o irmão ela pode assumir uma importância de graves conseqüências. **“Mas vede que essa vossa autoridade não se torne um tropeço para a queda dos fracos”** [tradução do autor]. A “autoridade”, a “liberdade” com que comemos a carne pode desferir um golpe nos “fracos”, pelo qual caem, justamente por serem fracos demais para ficarem firmes em sua verdadeira convicção de consciência. Entretanto, toda a ação contra a nossa consciência nos leva a cair e nos destrói.
- 10 Na seqüência Paulo descreve o processo a partir da prática. **“Porque, se alguém te vir a ti, que possuis conhecimento, deitado à mesa, em casa de ídolo”** [tradução do autor]. Como um cristão, afinal, chega a deitar-se à mesa num templo? Na Antigüidade não havia hotéis e restaurantes. Quem não tinha salas e escravos suficientes para recepcionar seus amigos na própria casa podia convidá-los para um banquete no templo. A carne ali servida com certeza é “carne sacrificada a ídolos”. Contudo, será que o cristão deve abrir mão de um convite de seus amigos, do convívio social, apesar de saber que ídolos nem mesmo existem e que o manjar de carne servido no templo é completamente inócuo? Paulo de forma alguma nega essa liberdade a si mesmo! Porém, ao fruir sua liberdade ele se esquece – do irmão. O irmão “o vê” ali no templo comendo sem escrúpulos. A consciência do irmão diz não a essa atitude, diz que é inadmissível. Mas o irmão não tem a força para perseverar nessa convicção de sua consciência, ele é “fraco” e, por conseqüência, **“sua consciência, como de alguém que é fraco, será edificada para comer da carne sacrificada a ídolos”** [tradução do autor]. Também nesse ponto revela-se a força do exemplo. Em 1Co 4.16s vimos que Paulo era capaz de valorizá-lo positivamente. Também agora “o exemplo edifica”. Mas aqui da maneira mais perigosa. Porque agora o irmão come algo que para sua consciência é “carne sacrificada a ídolos”. Desse modo pratica um pecado, por causa do qual se perde. O “pecado” é fatal. O “pecado” traz a morte. Para Paulo isso era uma certeza absoluta. Nenhum “amor” pode alterar ou amenizar isso.
- 11 Justamente por isso o Cristo de Deus teve de morrer, para que nós ficássemos livres da sentença de morte por nosso pecado. Agora, porém, a “liberdade” dos “fortes” leva a terrível resultado: **“Perece, portanto, o fraco por causa do teu conhecimento, o irmão, pelo qual Cristo morreu”** [tradução do autor]. Tão perigoso pode tornar-se nosso conhecimento, mesmo o conhecimento que em si é completamente correto e pertinente. Cristo morreu por amor para salvar o irmão. E nós, com nosso conhecimento, conseguimos que apesar disso pereça aquele que foi salvo por alto preço mediante o sacrifício do Filho de Deus. Como isso é terrível! Quanta responsabilidade pesa sobre nós! Quanto mal podemos cometer se formos guiados não pelo amor, mas por nosso conhecimento! No momento Paulo não está levando em consideração a possibilidade de que o irmão fraco reconheça esse seu pecado, volte novamente para Cristo e receba perdão.

- 12 Essa possibilidade é obstruída quando os fortes continuam enaltecendo seu “conhecimento” como a única coisa correta, impondo-o à igreja toda como regra. Então eles **“maltratam”** cada vez mais a **“consciência fraca”** dos irmãos e os levam sempre de novo a ações contra as quais a consciência do irmão se opõe. Então, porém, esses “livres” não apenas causam injustiça aos irmãos, mas **“pecam contra Cristo”**.
- 13 Paulo contrapõe à liberdade assim usufruída e exibida um comportamento completamente diferente. **“Por isso, se uma comida leva meu irmão a cair, de forma alguma comerei carne para sempre, a fim de não levar meu irmão a cair”** [tradução do autor]. A tradução da Bíblia por Almeida diz aqui “escandalizar” e “escândalo”, desviando-nos para um questionável equívoco nesse texto. Paulo também não está dizendo que, de forma inversa, os “fracos” devem dominar a igreja e que os “livres” têm de se submeter quando um cristão medroso se “irrita” ou “se escandaliza” com a atitude deles. O termo grego *skandalizein*, vertido para “escandalizar”, contém a palavra *skandalon*, que designa a madeira usada para montar uma armadilha. *Skandalizein* significa, portanto, armar cilada para alguém, levar alguém a cair. Se o irmão tivesse visto esse “alguém” deitado à mesa no templo do ídolo e se tivesse apenas se “irritado” ou escandalizado com isso, ele teria permanecido firme em sua própria convicção e não teria consumido pessoalmente a carne. Então não teria acontecido nenhum dano substancial. Meu comportamento somente se torna “armadilha” quando o irmão é seduzido por meio dele a me imitar em alguma coisa que eu, de minha parte, posso praticar, mas que de acordo com a consciência dele conta como pecado, tornando-se por isso de fato também pecado mortífero para ele.

Nesse ponto a questão se torna séria para nós todos que amamos a “liberdade cristã” e nos servimos dela. Podemos fazê-lo para nós mesmos com toda a razão. Porém – não te esqueças de teu irmão! Para a consciência dele pode ser “pecado” o que tu tens liberdade de fazer segundo o teu conhecimento. Agora não deixes teu exemplo impelir o irmão a cometer uma ação que macula sua própria consciência porque ele não é suficientemente forte para contradizer o teu exemplo e as tuas palavras convincentes tranqüila e firmemente com a voz de sua consciência. Ou será que nós, porta-vozes da “liberdade”, na verdade nem somos tão “livres”, mas antes tão amarrados a determinadas coisas que não somos capazes de soltá-las nem mesmo em consideração do irmão?

Por meio de seu comportamento Paulo nos permitiu observar o que é “amor”. Não é uma amabilidade benevolente que gosta do próximo e lhe desculpa tudo. É levar o outro inteiramente a sério. Por isso ele também leva a sério a consciência do outro, que objetivamente está errando, e vê o perigo do pecado que ameaça o outro com toda a sua força letal. Em decorrência, o “amor” é a vontade de realizar pessoalmente uma alegre renúncia a algo para a vida toda, a fim de não conduzir o outro a um comportamento que para ele seria pecado. O mero “conhecimento” como tal me leva à liberdade ilimitada. “Todas as coisas me são lícitas”, como diziam em Corinto. Paulo não contrapõe a isso a lei. Ele não argumenta a partir de quaisquer “mandamentos”. Mas o “amor” limita a “liberdade” por causa do irmão, assim como ele “limitou” e tornou loucura o poder e glória de Deus na cruz. Por conseguinte Paulo respondeu de maneira eternamente exemplar à questão da “liberdade” do cristão com base num exemplo prático ultrapassado para nós.

## O direito dos mensageiros de obter sustento, 9.1-14

- <sup>1</sup> Não sou eu, porventura, livre? Não sou apóstolo? Não vi Jesus, nosso Senhor? Acaso, não sois fruto do meu trabalho no Senhor?
- <sup>2</sup> Se não sou apóstolo para outrem, certamente, o sou para vós outros; porque vós sois o selo do meu apostolado no Senhor.
- <sup>3</sup> A minha defesa perante os que me interpelam é esta:
- <sup>4</sup> não temos nós o direito de comer e beber?
- <sup>5</sup> E também o de fazer-nos acompanhar de uma mulher irmã, como fazem os demais apóstolos, e os irmãos do Senhor, e Cefas?
- <sup>6</sup> Ou somente eu e Barnabé não temos direito de deixar de trabalhar?
- <sup>7</sup> Quem jamais vai à guerra à sua própria custa? Quem planta a vinha e não come do seu fruto? Ou quem apascenta um rebanho e não se alimenta do leite do rebanho?
- <sup>8</sup> Porventura, falo isto como homem ou não o diz também a lei?
- <sup>9</sup> Porque na lei de Moisés está escrito: Não atarás a boca ao boi, quando pisa o trigo. Acaso, é com bois que Deus se preocupa?
- <sup>10</sup> Ou é, seguramente, por nós que ele o diz? Certo que é por nós que está escrito; pois o que lavra cumpre fazê-lo com esperança; o que pisa o trigo faça-o na esperança de receber a parte (da colheita) que lhe é devida.
- <sup>11</sup> Se nós vos semeamos as coisas espirituais, será muito recolhermos de vós bens materiais?



- <sup>12</sup> Se outros participam desse direito sobre vós, não o temos nós em maior medida? Entretanto, não usamos desse direito; antes, suportamos tudo, para não criarmos qualquer obstáculo ao evangelho de Cristo.
- <sup>13</sup> Não sabeis vós que os que prestam serviços sagrados do próprio templo se alimentam? E quem serve ao altar do altar tira o seu sustento?
- <sup>14</sup> Assim ordenou também o Senhor aos que pregam o evangelho que vivam do evangelho.

- 1** “**Não sou, porventura, livre?**” Também no novo capítulo Paulo aborda e desenvolve o tema da “liberdade”. Ainda não concluiu a resposta à pergunta específica sobre a posição do cristão frente ao culto gentio. Ele interrompe essa análise, a ser continuada em **1Co 10**, para tratar de outro assunto que lhe havia trazido tensões com a igreja de Corinto. É sua recusa em receber qualquer pagamento para seu sustento pessoal por parte da igreja, bem como a geração do sustento por meio do trabalho das próprias mãos. A última frase do capítulo **8**, em tom bem pessoal, talvez tenha levado Paulo a escrever agora uma palavra exaustiva sobre essa sua “liberdade” na organização de sua vida. “De forma alguma comerei carne, para sempre” e: “Estou disposto a não aceitar nunca pagamento algum das igrejas” eram frases verdadeiramente paralelas.
- Para Paulo importa que os coríntios o entendam corretamente e compreendam que sua “liberdade” está realmente em jogo. Por isso Paulo fundamenta de modo exaustivo por que ele teria decididamente pleno direito de deixar-se sustentar pelas igrejas. Os adversários em Corinto podem ter usado seu comportamento para levantar suspeitas contra ele: vê-se agora que Paulo não tem a coragem de aceitar préstimos das igrejas, porque não é um autêntico apóstolo; somente assim se poderia explicar a vida precária em que ele vivia, como um escravo com seu trabalho artesanal; um verdadeiro emissário do grande rei se apresentaria de outra maneira.
- 3** Por isso Paulo se dirige expressamente aos que “**o julgam**”, apresentando-lhes uma “**apologia**”, um “discurso de defesa” do “acusado”. É incerto se devemos relacionar a breve frase do v. **3** aos v. **1s** ou se ela é deve ser entendida como introdução para toda a análise subsequente. Em termos de conteúdo, ela faz parte de ambos e por isso Paulo também deve tê-la entendido nesse duplo sentido e posicionado neste local.
- 1** Questiona-se o ministério apostólico autêntico de Paulo porque ele não faz parte dos “Doze” e todo o seu comportamento carece da grandeza e dignidade de um apóstolo. Diante disso Paulo lembra os coríntios do que aconteceu diante de Damasco. Ele experimentou o encontro pessoal verdadeiro com o Ressuscitado, nitidamente distinto das posteriores “visões e revelações do Senhor” (**2Co 12.1**). Em decorrência, ele pode interrogar os coríntios com plena convicção: “**Não sou apóstolo? Não vi Jesus, nosso Senhor?**” A exigência fundamental para ser apóstolo foi cumprida no caso dele.
- 2** Ademais, não falta o “selo” à sua incumbência apostólica: “Porque o selo de meu apostolado sois vós no Senhor”. Como os coríntios podem duvidar da autenticidade de sua incumbência? Nesse caso também deveriam colocar em dúvida a autenticidade de sua condição cristã e sua existência como igreja de Jesus. “**Se não sou apóstolo para outros, certamente o sou (pelo menos) para vós**” [tradução do autor]. Essa é a sucinta e contundente “defesa” de seu apostolado contra os que se posicionam como juízes contra ele em Corinto.
- 4,5** Nesse caso, porém, ele tem o mesmo “**direito de comer e beber**”, o “**direito de ter a seu lado uma irmã como mulher, assim como os demais apóstolos e os irmãos do Senhor e Cefas**”. Descobrimos coisas interessantes sobre os primórdios do cristianismo, que evidentemente são conhecidas em Corinto. Cefas, novamente citado por seu nome aramaico, que também deve ter sido conhecido dos gregos em Corinto, não se separou de sua esposa, mas a levava consigo em suas viagens apostólicas. Também “**os demais apóstolos**” obviamente são casados. Por causa de sua incumbência, “apóstolos” vivem uma vida peregrina, e não podem deixar a esposa sozinha, uma vez que naquele tempo não havia mulheres que exerciam uma profissão e tinham sustento próprio. Precisam tê-las “a seu lado” ou literalmente: “conduzi-las consigo”. No entanto, somos informados igualmente de que, além dos apóstolos, não apenas Tiago mas também “os irmãos do Senhor” de fato possuem importância. Cefas, porém, detém uma posição especial acima de todos.
- 6** Além disso é conhecida em Corinto a estreita comunhão entre Paulo e Barnabé. Basta que Paulo a mencione por meio de uma breve frase. A igreja em Corinto sabe que ambos os mensageiros de Jesus também eram unânimes em não aceitar salário das igrejas. Isso, porém, não é uma questão de direito! “**Ou será que somente eu e Barnabé não temos o direito de não exercer profissão?**”
- 7** Com base em três exemplos simples Paulo mostra com que naturalidade qualquer serviço também inclui o direito a um sustento correspondente. Ninguém fará o duro “**serviço militar**” e depois ainda pagará o soldo pessoalmente! “**Quem planta uma vinha e não come seu fruto? Ou quem apascenta um rebanho e não se alimenta do leite do rebanho?**”
- 8** Contudo é importante para Paulo que aqui as conclusões não sejam obtidas apenas por meio de exemplos, “**à maneira humana**”, mas que também “**a lei**”, i. é, o Antigo Testamento, as confirmem expressamente.

- 9 “Porque na lei de Moisés está escrito: **“Não atarás a boca do boi quando está debulhando”** [tradução do autor]. Logo o animal deve ter a possibilidade de, durante o trabalho, encher a boca com o cereal sempre que quiser.
- 10 E agora Paulo pensa: **“Por nossa causa, afinal, foi escrito”** [tradução do autor]. Se até o animal tem permissão de tomar algo para se fortalecer durante o trabalho, ainda mais poderá trabalhar **“o que lavra”** e **“o que debulha”**, **“na esperança de receber parte (da colheita)”**.
- 11 Então, essa regra bem geral e óbvia valerá também para todo serviço espiritual, para o trabalho dos apóstolos e pregadores, evangelistas e mestres na igreja. Eles têm o evidente **“direito de não exercer profissão”**, mas de receber seu sustento da igreja. Ocorre que no serviço de proclamação não há nenhuma proporção entre a dádiva e o pagamento. O pregador é um “semeador”. Novamente notamos a familiaridade de Paulo com o “Jesus histórico” e com sua palavra. O pregador semeia **“as coisas espirituais”**. O fruto, no entanto, que ele colhe para si mesmo nas dádivas da igreja, são **“coisas carnis”**, ou seja, o que se precisa para a vida física e é consumido na vida exterior.
- 12 Fundamentalmente, essa é a situação. No entanto, os coríntios estavam acostumados ao fato de que Paulo e seus colaboradores não recebiam sustento da igreja. Por que não, afinal? O objetivo de Paulo é que os coríntios vejam toda a “liberdade” que se expressa nessa questão. Não é como os coríntios parecem pensar, num costume preguiçoso, que o direito ao sustento valeria para todos os demais emissários de Jesus, mas não para Paulo e seus colaboradores. Não, **“se outros participam do direito sobre vós, não muito mais nós?”** Ao que parece, os coríntios prontamente ajudavam outros pregadores e mestres em seu sustento. Nesse caso, teria muito mais direito a isso o homem a quem a igreja em Corinto devia toda a sua existência e que investia sua energia na construção da comunidade cristã. Por conseguinte, constitui de fato uma “liberdade” plena e total que Paulo e seus colaboradores – não é sem motivo que aqui novamente se diz “nós” ao invés de “eu” – **“não usaram desse direito”**. Paulo ainda falará detalhadamente com os coríntios sobre a razão disso. Agora ele a antecipa numa frase sucinta: **“Suportamos tudo para não criarmos qualquer obstáculo ao evangelho do Cristo.”** Sabemos como é amplamente disseminada a opinião de que o pastor fala assim “porque está sendo pago para isso”. Na época de Paulo essa interpretação equivocada era ainda mais plausível. Um grande número de pregadores itinerantes circulava pelo país, ao lado de representantes de cultos de deuses estranhos e “artistas” de toda espécie. Pelo menos uma parte deles sabia como aliciar pessoas para obter dinheiro delas, vivendo assim uma existência confortável. Um mensageiro do evangelho podia ter, à distância, o mesmo aspecto de uma dessas pessoas. Paulo, porém, de forma alguma queria ser confundido com elas, nem expor o evangelho à suspeita de que serviria, de qualquer modo, à sua vantagem pessoal. Visava apresentar-se diante das pessoas e das igrejas com límpido desinteresse. Deveria ficar impossível que ignorassem este fato: **“Não procuro o que é vosso, e sim a vós” (2Co 12.14).**
- 13 Contudo, antes de Paulo expor essa sua atitude aos coríntios com mais detalhes, ele ainda faz outras duas referências aos servos da antiga aliança, a fim de demonstrar o “direito” fundamental: **“Não sabeis que os que prestam os serviços sagrados comem o que vem do santuário, que os que administram junto ao altar partilham com o altar** (os donativos a serem ofertados)?” Também na antiga aliança já havia o serviço em “tempo integral” a Deus no santuário e junto ao altar. Quem presta esse serviço está necessariamente liberado de qualquer trabalho profissional, alimenta-se do **“que vem do santuário”** e “partilha com o altar” as oferendas.
- 14 Nessa mesma linha situa-se, como instrução decisiva, a própria palavra do Senhor: **“Assim ordenou também o Senhor aos que pregam o evangelho que vivam do evangelho.”** Portanto Paulo, do qual às vezes se afirmou que não teria se importado com o Jesus histórico e somente teria falado do Filho de Deus moribundo e ressuscitado, conhece muito bem o envio dos discípulos e as palavras de Jesus que os acompanham, em **Lc 10.7s; Mt 10.9-11**. A palavra do Jesus histórico é novamente normativa para ele. Mas sendo assim, por que ele apesar disso se distancia da regra que o próprio Senhor deu a seus mensageiros? Essa resposta requer uma fundamentação exaustiva, que Paulo apresenta no trecho subsequente.

### A “liberdade” de Paulo na dedicação integral a seu serviço, 9.15-23

- 15 Eu, porém, não me tenho servido de nenhuma destas coisas e não escrevo isto para que assim se faça comigo; porque melhor me fora morrer, antes que alguém me anule esta glória.
- 16 Se anuncio o evangelho, não tenho de que me gloriar, pois sobre mim pesa essa obrigação; porque ai de mim se não pregar o evangelho!
- 17 Se o faço de livre vontade, tenho galardão; mas, se constrangido, é, então, a responsabilidade de despenseiro que me está confiada.

- <sup>18</sup> Nesse caso, qual é o meu galardão? É que, evangelizando, proponha, de graça, o evangelho, para não me valer do direito que ele me dá.
- <sup>19</sup> Porque, sendo livre de todos, fiz-me escravo de todos, a fim de ganhar o maior número possível.
- <sup>20</sup> Procedi, para com os judeus, como judeu, a fim de ganhar os judeus; para os que vivem sob o regime da lei, como se eu mesmo assim vivesse, para ganhar os que vivem debaixo da lei, embora não esteja eu debaixo da lei.
- <sup>21</sup> Aos sem lei, como se eu mesmo o fosse, não estando sem lei para com Deus, mas debaixo da lei de Cristo, para ganhar os que vivem fora do regime da lei.
- <sup>22</sup> Fiz-me fraco para com os fracos, com o fim de ganhar os fracos. Fiz-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, salvar alguns.
- <sup>23</sup> Tudo faço por causa do evangelho, com o fim de me tornar cooperador com ele.

**15** De forma muito exaustiva Paulo expôs, “à maneira humana” e a partir da palavra de Deus, que todo pregador da mensagem, ou seja, também Paulo e seus colaboradores, têm pleno direito a “viver do evangelho”. Por que esse volumoso trecho de sua carta? A princípio ele faz parecer que Paulo está querendo levar os coríntios a finalmente lhe conceder o necessário sustento. Mas o que ocorre é o contrário. **“Eu, porém, não escrevi isso para que aconteça comigo”** [tradução do autor]. Pelo contrário, visa expor sob intensa luz toda a liberdade de seu comportamento radicalmente diferente. **“Eu, porém, não me tenho servido de nenhuma destas coisas.”** Na sequência ele demonstra com surpreendente paixão que e porque ele não abre mão de sua atitude. A emoção de seu coração ao ditar essa frase se expressa no fato de que ele não conclui a frase. **“Porque seria melhor para mim, preferir morrer do que – ninguém esvaziaria minha glória”** [tradução do autor].

Para Paulo está em jogo **“sua glória”**. Como é estranho que esse apóstolo da justificação por fé se apegue com ardente anseio à “sua glória” e prefira morrer a abrir mão dessa glória. Acontece que esse “preferir morrer” não é simplesmente uma locução veemente. O apego a essa fama de não aceitar nenhum sustento das igrejas acarretou-lhe numerosas vezes a fome (cf. [1Co 4.11](#)) e um dia poderia levá-lo a literalmente morrer de fome. Tão séria era para ele essa glória. Paulo falou com frequência do “glorificar”. Para ele fazia parte da força interior e vitalidade de uma pessoa que ela era capaz de “glorificar”. Sempre, porém, Paulo rejeitou toda glorificação pessoal e somente admitia a exaltação jubilosa do Senhor e de sua graça (cf. [Rm 2.23](#); [3.27](#); [Fp 3.3](#); [1Co 1.31](#); [4.7](#)). Mas agora ele, não obstante, conhece uma glória pessoal e de forma alguma aceita passar sem ela.

**16** Em que consiste essa “glória”? Novamente Paulo difere profundamente do pensamento predominante em Corinto. Lá as pessoas também se gloriavam, e ali se gloriavam todo tipo de novos mestres e mensageiros. Gloriam-se de seus dons e realizações no serviço da proclamação. Isso é completamente inaceitável para Paulo. **“Pois, quando evangelizo, isso na verdade não é glória para mim. Afinal, uma obrigação pesa sobre mim; pois ai de mim se não evangelizasse”** [tradução do autor]. Paulo tem consciência da objetiva gravidade da sua história de vida. Não se tornou um apóstolo “espontaneamente”. Ele foi confrontado como perseguidor de Jesus e transformado em apóstolo como inimigo vencido e indultado. A palavra do Senhor citada por Paulo em sua prestação de contas perante Agripa, “Dura coisa é para ti recalcitrar contra o aguilhão” ([At 26.14](#)), caracteriza com exatidão a situação de Paulo. Ele é como um animal de tração atrelado, que a cada resistência e pinote afunda o ferrão do peão ainda mais na carne. Por isso **“pesa sobre ele uma obrigação”**.

**17** Por isso a frase seguinte, **“Pois se o faço por decisão própria, tenho salário; mas, se sem decisão própria, estou incumbido de um serviço de administrador”**, não deve ser entendida como se Paulo prestasse seu serviço alternadamente, uma vez de forma espontânea, recebendo então salário, e outra vez de modo não espontâneo, prestando-o então apesar de tudo. Pelo contrário, na opinião de Paulo um serviço de apóstolo assumido espontaneamente lhe traria salário. Mas esse de forma alguma seria seu caso. Ele se tornou apóstolo sem escolha própria e por isso está na situação de um escravo cujo Senhor o encarregou de um serviço (cf. [1Co 4.1s](#)) e agora tem de permanecer fiel sem “salário” ou “glória” especial. Com certeza, também os demais apóstolos foram “vacionados”. Visto de forma radical, ninguém ingressa no serviço de Deus simplesmente **“por decisão própria”**, nem profeta nem apóstolo. No entanto, não deixa de existir uma profunda diferença entre aqueles discípulos que já haviam aderido a Jesus antes que ele os transformasse em apóstolos, e Paulo, que foi arrancado da rebelião radical contra Jesus e dirigido para seu ministério. Paulo não pode ser um evangelista famoso e que se gloria. **“Ai de mim, se não evangelizasse.”**

**18** No entanto, sente necessidade de uma realização que não seja apenas serviço ordenado, mas que transcenda o dever, podendo, pois, trazer “salário” e “glória”. **“Que é meu salário? É que ao evangelizar torne sem custos o evangelho, de modo que não me aproveite de meu direito no evangelho”** [tradução do autor]. Paulo está usando a palavra “salário” no sentido de “glória”. Justamente dessa maneira a frase adquire seu

paradoxo mais agudo. O fato de Paulo não aceitar salário, como qualquer outro trabalhador, é justamente seu “salário” mais especial, sua “glória que ninguém esvaziará”.

Novamente a presente análise corre paralelamente à exposição do primeiro trecho, porque está em jogo a mesma questão fundamental. Os coríntios buscam o salário e a glória no lugar errado, assim como usam a liberdade de maneira errada e perigosa. Falta-lhes o sentimento de Cristo, como Paulo descreve aos filipenses em [Fp 2.5-11](#). A “liberdade” autêntica é a renúncia do amor a coisas em si lícitas, por causa dos irmãos fracos, e a verdadeira “glória” não reside nas realizações no serviço, no falar em línguas e nas visões e revelações, mas na renúncia ao direito do sustento, no trabalho manual daí decorrente e nas privações ligadas a essa opção. O que os coríntios consideravam “indigno”, a confecção de tendas por parte de um emissário autorizado do Rei das eternidades, é justamente para Paulo o único “salário” e “glória” que ele pode possuir. Que mentalidade profundamente diferente em Paulo e nos coríntios! Ela está relacionada, respectivamente, com a valorização e com o menosprezo da palavra da cruz.

**19** Ficou esclarecida a pergunta especial sobre sua renúncia a qualquer auxílio por parte da igreja. Na seqüência o apóstolo descreve amplamente sua atitude no ministério como tal. Mais uma vez salienta-se o que ele entende por “liberdade” e como ele faz uso de sua “liberdade”. **“Porque, embora eu seja livre de todos, fiz-me escravo de todos”**. Por que Paulo age assim? Agora está diante dele o alvo de todo seu ministério, e esse olhar para o alvo domina as frases subseqüentes. Enquanto os novos mestres em Corinto e outros locais, que Paulo contempla com preocupação, buscam no serviço a própria grandeza e a glória pessoal, Paulo visa uma só coisa: “conquistar” pessoas para Jesus. Fez-se escravo de todos, **“a fim de ganhar o maior número possível”**. O evangelista não pode aparecer diante das pessoas exigindo que concordem com ele e sigam suas orientações. Ele precisa “ganhar” seus ouvintes no sentido mais específico da palavra. Para isso precisa primeiro compreender seu modo de ser, adaptar-se a esse jeito e captar o que nele for positivo. Isso não é mera maleabilidade e habilidade, muito menos uma encenação para aliciar incautos. Paulo visava seriamente ganhar pessoas; por isso demonstrou séria empatia com eles.

**20,21** Não se colocou diante dos judeus com crítica severa ao judaísmo. Isso de antemão teria fechado as portas junto aos judeus. Durante a vida toda reconheceu e respeitou o presente de Deus no judaísmo (cf. [Rm 9.1-5](#)). Igualmente jamais negou que a lei seja santa e o mandamento santo, justo e bom ([Rm 7.12](#)). Foi precisamente a partir dessa posição que ele foi capaz de trazer aos judeus e “aos debaixo da lei” o evangelho, **“embora ele próprio não estivesse debaixo da lei”**. Conseguiu mostrar-lhes como essa sua posição não se originava do menosprezo à lei, mas que justamente pela lei ele morrera para a lei, a fim de viver para Deus ([Gl 2.19](#)), encontrando unicamente no Cristo crucificado a justiça imprescindível perante Deus. **“E tornei-me para os judeus como um judeu, a fim de ganhar judeus; para os debaixo da lei como um debaixo da lei, embora eu próprio não estivesse debaixo da lei, para ganhar os debaixo da lei.”**

Paulo não prossegue aqui da forma como muitas vezes é erroneamente citado: “Aos gregos tornei-me como um grego.” Assim ele talvez teria formulado se fosse um teórico na escrivania, a partir de seu “princípio”. Paulo, porém, encontrava-se na vida real e sabia que não é possível tornar-se artificialmente “um grego” quando não se nasceu como tal. Porém num ponto muito decisivo ele se igualou aos gregos. Eles eram pessoas “sem lei”. Paulo não os pressionou a se colocar primeiro sob a lei antes de poderem tornar-se cristãos. Ele mesmo se movimentou com plena liberdade entre eles, teve comunhão de mesa com eles, algo inadmissível de acordo com a lei, defendendo com toda a energia a liberdade deles em relação à lei também em Jerusalém ([Gl 2.1-10](#); [At 15](#)). Nisso tudo ele mesmo, porém, não é simplesmente um **“sem lei de Deus, mas que tem em Cristo sua lei”** [tradução do autor]. A sucinta frase grega, marcada por um jogo de palavras, é difícil de traduzir ao nosso idioma. Paulo escreve que ele mesmo não é um *anomos theou*, e sim um *ennomos christou*, ou seja, não se encontra diante de Deus simplesmente sem qualquer lei, mas tem em Cristo a lei de sua vida. Isso corresponde à sua declaração em [Rm 8.2](#) de que “a lei do Espírito” o libertou da “lei do pecado e da morte”. Unicamente assim, na liberdade da lei, ele de fato é capaz de **“ganhar os sem lei”**. Porém é também somente assim, como alguém que encontrou na “lei do Cristo” ([Gl 6.2](#)) a configuração viva de sua vida, que ele é capaz de mostrar às pessoas como se consegue chegar “sem lei” a normas claras para a vida. Em [Rm 6](#) Paulo o concretizou de maneira clássica. O trecho de [1Co 6.12-20](#) da presente carta constitui um exemplo disso na área da ética sexual.

**22** Uma dificuldade especial das igrejas eram os **“fracos”**. De fato oneravam qualquer vida eclesial. Será que realmente deviam ser “conquistados” e introduzidos na igreja? Não seria mais compensador empenhar-se apenas pelas pessoas fortes e capazes? Por isto, os “fortes” e os “livres” não estavam dispostos a empenhar-se seriamente por esses fracos. Pudemos ver isto no capítulo 8 desta carta. Paulo sempre lutou para que também os fracos tivessem seu local pleno na igreja (cf. [1Ts 5.14](#); [Rm 14.1](#); [15.1](#)). Tentou ganhar também a eles, tornando-se por isso **“um fraco para com os fracos”**. Não destacou a sua força, sobrecarregando os fracos, mas compreendeu-os e respeitou-os em sua fraqueza.

Em seguida Paulo resume tudo numa frase que exprime, de modo inesquecivelmente conciso, uma regra básica de toda a evangelização: **“Fiz-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, salvar**



**alguns.”** O evangelista não exige, mas serve. Por isso busca o outro no lugar em que este verdadeiramente se encontra. Aquilo que o Filho de Deus realizou em grandes proporções ao se tornar humano, seu emissário agora realiza diante de todas as diferentes pessoas às quais chega. Não os interpreta intelectualmente a partir de uma altura superior, mas ele “se faz” tudo para eles; chega até eles de fato em seu ambiente de vida e “vive” com eles, assim como o santo Filho de Deus partilhou conosco todo o destino humano até no sofrimento e na morte. Em Paulo isso se tornou singularmente evidente quando ele, o israelita circuncidado e ex-fariseu, partilhou integralmente a vida “sem lei” das pessoas das outras nações. Seu objetivo é “ganhar”. Agora, porém, toda a seriedade do ganhar fica evidente. Para o evangelista não se trata de arregimentar pessoas para uma boa causa, quando outros setores do mundo muitos movimentos se empenham com todo esforço por adeptos. Quando a evangelização e missão entre o povo visam ganhar pessoas apenas para o cristianismo ou para a igreja, ela não compreendeu o que de fato está em jogo. A proclamação do evangelista distingue-se radicalmente de todos os demais esforços em favor de pessoas. Para ela “ganhar” é essencialmente **“salvar”**. Por isso Paulo considera todas as pessoas como “perdidas” que precisam ser salvas pela palavra da cruz. E diante desse alvo extraordinariamente grande e necessário acontece essa entrega ao ministério em sua vida. Paulo é muito sóbrio nesta questão. Ele não pensa que nessa dedicação aos outros tenha encontrado o método seguro para alcançar a “todos” e salvar a “todos”. Porém, com a penosa seriedade de suas múltiplas experiências, ele escreve: **“com o fim de, por todos os modos, salvar alguns”**. Também nesse ponto temos de aprender dele. Constantemente procuramos métodos eficazes e facilmente medimos nosso trabalho pelos grandes números que atingimos. Quantas pessoas, porém, realmente “salvamos” – isso é outra questão. Poderemos ficar cheios de gratidão se forem os mesmos “alguns” de que fala uma pessoa como Paulo.

- 23** O que significa, porém, a breve frase com a qual Paulo encerra esse trecho? Paulo, o mensageiro autorizado, o “pai” dos cristãos em Corinto, situa-se de certo modo acima deles todos. Todos eles obtiveram a vida por intermédio dele, que lhes trouxe com eficácia a mensagem salvadora. Será que para o próprio Paulo o evangelho é com isso uma posse óbvia e segura? Não. Também ele precisa tornar-se **“participante dele”**. Sem dúvida ele se torna participante, assim como todos os demais, unicamente através da fé. Porém para Paulo a “fé” nunca foi um mero arcabouço intelectual, mas sempre uma atitude que determinava toda a sua existência. Os coríntios precisavam compreender de uma vez por todas: a maneira pela qual ele divulga a mensagem entre perigos, sofrimentos e privações, sem aceitar sustento das igrejas, é a forma de ele mesmo participar do evangelho. Se amolecer em sua vida e em seu serviço, ele corre o perigo de perder esta participação. **“Tudo faço por causa do evangelho, com o fim de me tornar participante dele.”** Que exortação estava contida nessas palavras para os coríntios orgulhosos e seguros de si, que não atribuíam nenhuma importância para sua vida espiritual às suas atitudes práticas (cf. [1Co 3.1-15](#); [5.1-8](#); [6.1-11](#); [6.12-20](#); [8.1-13](#))! Para Paulo essa questão é tão importante que até chega a explicá-la mais uma vez de modo conclusivo por meio da ilustração da vida esportiva.

### O desportista como imagem do cristão, [9.24-27](#)

- <sup>24</sup> **Não sabeis vós que os que correm no estádio, todos, na verdade, correm, mas um só leva o prêmio? Correi de tal maneira que o alcanceis.**
- <sup>25</sup> **Todo atleta em tudo se domina; aqueles, para alcançar uma coroa corruptível; nós, porém, a incorruptível.**
- <sup>26</sup> **Assim corro também eu, não sem meta; assim luto, não como desferindo golpes no ar.**
- <sup>27</sup> **Mas esmurro o meu corpo e o reduzo à escravidão, para que, tendo pregado a outros, não venha eu mesmo a ser desqualificado.**

- 24** Todo mundo na Grécia conhecia as coisas do esporte. Além disso, Corinto era a cidade dos famosos jogos ístmicos. Embora os habitantes da cidade no tempo de Paulo não fossem mais as pessoas da Antigüidade clássica, eles obviamente tinham seu grande estádio, e Paulo podia falar com eles usando a terminologia do esporte. Eles sabiam **“que os que correm no estádio, todos, na verdade, correm, mas um só leva o prêmio”**. Agora, porém, devem realmente “saber” o que isso significa! Nessa comparação reside uma exortação: **“Correi de tal maneira que alcanceis o prêmio.”** Isso não deve ser interpretado como se apenas alguns de toda a multidão dos cristãos conquistassem o prêmio. No entanto, a ilustração chama atenção para o fato de que a mera apresentação na largada não basta e de forma alguma assegura o prêmio. É preciso levar a corrida com todo empenho até o alvo. Assim também acontece com a “corrida” dos cristãos. Seu início, tornar-se cristão, é necessário e decisivo, e apesar disso ainda não é o suficiente, pois o cristão ainda não chegou ao alvo. Toda a “corrida” ao longo da vida faz parte disso. É isso que Paulo relata acerca de si mesmo em [Fp 3.12ss](#). Também nesse caso o “correr” consiste em “preservar a fé”; por outro lado, porém, o próprio

“crer” somente é real na “corrida” constante. É por isto que Paulo sintetiza ambos os aspectos pouco antes de sua morte: “Completei a carreira, guardei a fê” (2Tm 4.7).

**25** Agrega-se a isso um segundo elemento que os coríntios igualmente conhecem da atividade esportiva: **“Todo o que participa da competição vive comedido em todos os aspectos”** [tradução do autor]. Mediante a figura do atleta Paulo desenvolve a concepção do ascetismo evangélico. O atleta evita determinadas coisas durante o treinamento, não porque fossem “ruins” ou “proibidas” em si. Sua abstinência tampouco é um fim em si mesma nem tem valor em si. Serve apenas ao grande alvo de alcançar o prêmio da vitória, e simplesmente é parte objetiva dele, quando se visa obter a coroa almejada. Obviamente no esporte trata-se apenas de uma **“coroa perecível”**. Diante dos cristãos está a **“coroa imperecível”** da vida eterna. Então o cristão pode e precisa evitar decididamente tudo o que poderia atrapalhá-lo na corrida para esse alvo. Não está em questão se algo é “pecaminoso” ou talvez, ainda assim, “permitido” ou até muito bom e valioso. A abstinência em si tampouco é algo “superior” e “mais valioso”. Não estão em jogo quaisquer leis ou proibições. A acusação do “legalismo” aqui erraria completamente o alvo. O que está em jogo é unicamente o alvo eterno e a necessária e deliberada renúncia a tudo o que me poderia me privar desse alvo extraordinário.

Por essa razão Paulo também se restringe à declaração bem genérica: **“comedido em todos os aspectos”**. O que ameaça deter e travar cada cristão em sua carreira pode ser muito diversificado. O que não prejudica em nada a esta pessoa pode vir a ser um sério perigo para outra. Nessa questão não há regras gerais. Contudo cada cristão precisa prestar atenção com profunda seriedade e decidida clareza àquilo que tenta impedir que justamente ele chegue ao alvo. É isso que ele terá de deixar de lado, por mais “inócuo” ou “precioso” que possa ser.

**26** Essa renúncia obviamente não é brincadeira. Paulo mostra isso em sua própria vida. **“Eu de minha parte corro desse modo, não às cegas”** [tradução do autor]. A palavra que Paulo utiliza na realidade significa “de maneira imprecisa”. Não corre de forma a não conseguir reconhecer para onde, afinal, se dirige sua corrida. Não se parece com um boxeador que **“golpeia o ar”** a esmo. Tudo em seu corpo está concentrado e direcionado para o alvo. Nos coríntios ele constatava aquela ambivalência e duplicidade que também hoje deteriora o ser cristão. O olhar dirige-se a dois alvos ao mesmo tempo. Sem dúvida não se deseja perder a eternidade, mas o desejo e o empenho valem sobretudo também para a prosperidade terrena. No entanto, a corrida daquele que corre ao mesmo tempo para dois alvos torna-se necessariamente “imprecisa” e “incerta”. Não dá mais para constatar para onde o cristão está correndo, afinal. Em sua luta ele já não golpeia com seriedade, não vê mais o inimigo que quer acabar com sua vida; por isso o cristão talvez ainda lute, mas com muita freqüência **“como alguém que golpeia o ar”**.

**27** Paulo se distancia nitidamente desse cristianismo acomodado ao dizer **“Eu de minha parte”**. Essa diferença está inequivocamente clara em toda a sua atitude de vida, que causava tanta espécie nos coríntios. Na seqüência Paulo formula com uma aspereza assustadora: **“Esbofeteio meu corpo e o trato como escravo.”** Será que, apesar de tudo, aparece aqui em Paulo a hostilidade ao corpo, comum no final da Antigüidade? Paulo, no entanto, permanece também agora na ilustração do esporte, no qual justamente o corpo é especialmente valorizado. Contudo, fazem parte do esporte o treinamento e a ascese. Afinal de contas, no esporte se “esbofeteia” o corpo com suas demandas e sua frouxidão; ele é transformado em ferramenta absolutamente obediente, em “escravo” do atleta. Paulo, porém, não é apenas “atleta”. Como apóstolo ele é até **“arauto”**, que **“chama outros para a luta”**. O que aconteceria se ele próprio fracassasse e fosse “desaprovado”, pessoalmente **“desqualificado”**? Isso não pode ocorrer em circunstância alguma. Por essa razão ele exercita o treinamento e a ascese com máxima dureza. Faz parte disso tudo aquilo que os coríntios estranham em Paulo. Quando, diferente de outros apóstolos, segue pelo mundo solitário, sem casamento, quando não aceita dinheiro das igrejas, mas ganha o sustento com o trabalho de suas mãos, além de realizar todo o serviço de apóstolo, então está levando uma vida exteriormente pobre e cheia de renúncias. Seu corpo inúmeras vezes se rebela e apresenta suas reivindicações de cuidado e descanso. Então, porém, ele esbofeteia esse mendigo inoportuno, mostrando a seu corpo que não lhe compete ser “senhor”, mas escravo servidor. É precisamente assim que sua vida deve ser. Quem chama outros “para a luta” tem de estar diante deles como lutador exemplar. Ao mesmo tempo, porém, está em jogo a salvação do próprio apóstolo. A frase final deixa mais uma vez claro o que Paulo havia dito no v. 23 com relação a todo o seu ministério: “Tudo faço por causa do evangelho, com o fim de me tornar participante dele.”

## O exemplo admoestador do povo de Israel, 10.1-13

- <sup>1</sup> Ora, irmãos, não quero que ignoreis que nossos pais estiveram todos sob a nuvem, e todos passaram pelo mar,
- <sup>2</sup> tendo sido todos batizados, assim na nuvem como no mar, com respeito a Moisés.
- <sup>3</sup> Todos eles comeram de um só manjar espiritual

- 4 e beberam da mesma fonte espiritual; porque bebiam de uma pedra espiritual que os seguia. E a pedra era Cristo.
- 5 Entretanto, Deus não se agradou da maioria deles, razão por que ficaram prostrados no deserto.
- 6 Ora, estas coisas se tornaram exemplos para nós, a fim de que não cobicemos as coisas más, como eles cobiçaram.
- 7 Não vos façais, pois, idólatras, como alguns deles; porquanto está escrito: O povo assentou-se para comer e beber e levantou-se para divertir-se.
- 8 E não pratiquemos imoralidade, como alguns deles o fizeram, e caíram, num só dia, vinte e três mil.
- 9 Não ponhamos o Senhor à prova, como alguns deles já fizeram e pereceram pelas mordeduras das serpentes.
- 10 Nem murmureis, como alguns deles murmuraram e foram destruídos pelo exterminador.
- 11 Estas coisas lhes sobrevieram como exemplos e foram escritas para advertência nossa, de nós outros sobre quem os fins dos séculos têm chegado.
- 12 Aquele, pois, que pensa estar em pé veja que não caia.
- 13 Não vos sobreveio tentação que não fosse humana; mas Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças; pelo contrário, juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar.

1 O novo trecho está conectado às exposições anteriores por meio de um “**pois**”. Paulo não está dando início a um novo tema, mas usa a história dos patriarcas de Israel para explicitar de forma nova o que acabara de dizer aos coríntios sobre a seriedade da conduta de vida. Em Corinto a falsa “liberdade” associa-se com uma falsa “segurança” e despreocupação. Cristãos com tão elevada sabedoria e tão admiráveis dons espirituais não têm como ficar em dívida. Não precisam cuidar de sua conduta. Agora Paulo lhes mostra nos “pais” como é possível ser resgatado do Egito, presenteado com milagres de Deus, caminhar para a terra prometida e, não obstante, perecer. Assim como propôs aos gregos a ilustração familiar do atleta, assim ele atribui sem dificuldades aos cristãos, até aos de outras nações, que sejam capazes de entender a história do Antigo Testamento como normativa para eles. Os pais de Israel são também para os coríntios “**nossos pais**”. Nesse aspecto, no entanto, eles também devem ser verdadeiramente uma igreja de conhecimento, que utiliza com seriedade seu conhecimento bíblico. Paulo expressa isso novamente por meio da fórmula: “Não quero que não conheceis” ou: “**Não quero deixar-vos na ignorância.**”

O que os coríntios devem reconhecer nos “pais”? Temos de supor que havia na igreja, ao lado do “subjetivismo” que localizava na elevada sabedoria e em dons espirituais chamativos as características do verdadeiro cristão, um “objetivismo” que acreditava possuir nos “sacramentos” a garantia segura da salvação. Depois de todas as suas elaborações em **1Co 9** Paulo talvez ouvisse a objeção de Corinto: “Mas Paulo, afinal somos batizados! Estamos celebrando constantemente a Ceia do Senhor. Com isso se assegura, enfim, que o alvo seja alcançado. Esforços especiais, afinal, não são mais necessários!”

Quanta atenção precisamos ter quando Paulo passa a se posicionar diante dessa objeção! Pois também entre nós surge, junto com ou depois de exageros “subjetivistas” da vida de fé, a tendência de encontrar no agir “objetivo” de Deus, sobretudo no sacramento, a garantia da salvação. Quando recebemos o batismo, quando nos é proporcionado o alimento espiritual na santa ceia, será que então não temos tudo de que precisamos? Será que ao lado da ação poderosa de Deus nossa própria atitude ainda terá alguma importância?

1,2 Paulo constata: “Batizados também eram os “pais” que saíram do Egito. Os coríntios devem ter em mente **“que nossos pais estiveram todos sob a nuvem e todos passaram pelo mar, tendo sido batizados em Moisés, na nuvem como no mar”**. Como Paulo é capaz de constatar um “batismo” na experiência de Israel no mar Vermelho? Por um lado havia o fato externo do batismo, o ser mergulhado na água. O termo grego em [“em”] não deve representar um local, mas um instrumento: o “batismo” nos pais aconteceu por intermédio da nuvem e por intermédio do mar. Aqui, porém, também sucedia substancialmente algo que corresponde ao batismo do Novo Testamento. “A marcha pelo mar Vermelho significa a separação da terra da servidão, a ruptura definitiva com o passado, a demolição de todas as pontes com a terra do pecado. Ela ocorreu somente uma vez e numa só direção, colocando Israel na indissolúvel comunhão de destino com Moisés. Ali foram “batizados em Moisés”. Essa formulação “batizado em Moisés” deixa peculiarmente explícito para nós que “batizar sobre alguém ou em alguém” (**Rm 6.3ss**) faz parte decisiva do batismo. O batizando é transferido ao outro, seu certificado de propriedade é dado a outro (cf. o exposto acima, sobre **1Co 1.13-15**, p. 44s), que ganha a “participação” (**1Co 1.9**) nele. Israel já estava ligado ao libertador eleito por Deus.

3,4 Entretanto, os pais também tinham algo que corresponde à “santa ceia” da igreja. **“Todos eles comeram de um só manjar espiritual e beberam a mesma bebida espiritual.”** Paulo está pensando no maná, “o pão do céu”, e na água que brotou da rocha. De acordo com a interpretação rabínica das Escrituras, na qual fora formado, ele assemelha a “água que brotou da rocha” ao “maná”. Como o maná, ela era proporcionada

diariamente ao povo. Por isso a rocha “acompanhou” o povo em sua peregrinação, a fim de fornecer sua água todo dia. **“Porque bebiam de uma pedra espiritual que os seguia.”** Paulo, porém, tinha plena certeza de que a ação salvadora de Deus na antiga aliança também acontecia por meio de Cristo. Por isso ele acrescenta agora: **“Mas a rocha era o Cristo.”** Com isso Paulo não está querendo dizer que Cristo se tenha transformado numa rocha, mas que por trás da rocha visível para Israel na realidade estava o Cristo, que saciava a sede do povo a partir da rocha no meio do deserto. É assim que o cristão lê o Antigo Testamento no Espírito Santo!

Paulo está designando o alimento, a bebida e a rocha de “espiritual”. Nem ele nem o restante do Novo Testamento conhecem os conceitos “sacramento” e “sacramental”. Contudo, aquilo que o próprio Deus concede é oriundo do Espírito de Deus e está repleto da vida e do Espírito de Deus, sendo por isso designado com a mesma palavra “espiritual” usada para a pessoa que recebe o Espírito de Deus.

- 5 Conseqüentemente, os pais de Israel possuíam Cristo da mesma forma que a igreja em Corinto. Como eram ricamente agraciados e presenteados por Deus! Mas justamente quando temos isso diante dos olhos, ficamos profundamente impactados quando continuamos na leitura: **“Entretanto, Deus não se agradou da maioria deles, porque foram prostrados no deserto”** [tradução do autor]. Paulo o destacara com ênfase: nossos pais estiveram “todos” sob a nuvem, “todos” passaram pelo mar, “todos” foram batizados em Moisés. Logo “todos” estavam sob a graça de Deus, e apesar disso não chegaram “todos” ao alvo, nem sequer “muitos”. **“A maioria”** deles pereceu porque **“Deus não se agradou deles”**. Como isso é assustador para toda a segurança dada por sacramentos! Porém não há dúvida, essa é a realidade. Paulo não apenas o imaginou assim, mas é assim que está claramente escrito. Paulo realmente não se baseia em uma frase isolada. Ele aponta para toda a história da peregrinação pelo deserto, como narrada nos livros do Êxodo e de Números.
- 6 No entanto, antes de entrar em detalhes, ele rejeita uma objeção que ele espera dos coríntios, orgulhosos e seguros de si: ora, essas são histórias antigas de dias distantes. Isso era o povo de Israel, mas o que tem ele a ver conosco, pessoas da nova aliança? **“Ora, estas coisas se tornaram exemplos para nós.”** O comportamento de Israel é “típico”, por isso ele está prestes a se repetir constantemente, tanto nos cristãos em Corinto quanto também entre nós. Logo cumpre lermos as histórias “dos pais” com muita atenção, precisamente com o olhar dirigido a nós mesmos. Paulo nos ajuda nisso, ao falar imediatamente de “nós”, usando “os pais” e seu comportamento somente como comparação: **“A fim de que não cobicemos as coisas más, como eles cobiçaram.”**

Deus havia realizado coisas grandiosas nos pais. No entanto pessoas não são objetos inanimados, nos quais a ação de Deus pudesse ter um efeito mecânico e por isso infalível. Até mesmo sob a graça de Deus as pessoas continuam sendo livres e responsáveis. O ser humano na verdade não pode conquistar nem merecer a graça de Deus e as dádivas de Deus, mas pode destruí-las e anular sua bênção. Notemos que Paulo dirige suas advertências contra maus caminhos, adoração a ídolos, impureza, tentar o Senhor ou murmurar contra ele a cristãos que ele mesmo havia chamado de “santos vocacionados” e nos quais ele reconhecia com gratidão riqueza em palavra, conhecimento e dons do Espírito (1Co 1.2,5). No entanto, justamente nesses seus coríntios Paulo constata pelo menos os perigosos inícios dos mesmos caminhos que conduziram os pais à perdição.

- 6-10 Acaso não **“cobiçaram coisas más”**, quando por causa de bens terrenos litigavam com irmãos perante juízes gentios (1Co 6.1-8)? **“Tampouco vos torneis idólatras como alguns deles”** [tradução do autor]. – Será que não menosprezavam demais a idolatria quando freqüentavam as refeições sacrificais nos templos de sua cidade (1Co 8.10s; 10.20s)? **“E não pratiquemos imoralidade, como alguns deles”**. – Será que Paulo não teve de falar severamente sobre a impossibilidade de ter contato com a prostituta (1Co 6.12-20)? E “pôr o Senhor à prova”? Logo adiante ele perguntará a igreja: “Ou provocaremos zelos no Senhor? Somos, acaso, mais fortes do que ele?” (v. 22). “Nem murmureis, como alguns deles também murmuraram” – Paulo teve de lidar de sobra com o “murmurar” dos coríntios. Ele lembra a igreja da terrível seriedade dos juízos de Deus sobre os pais: **“prostrados no deserto”**, e **“caíram num só dia vinte e três mil”**, **“mortos pelas serpentes”**, **“destruídos pelo exterminador”**, mostrando com esses fatos como a igreja tem de levar a sério as coisas da conduta prática da vida. Ao tolerar contendas e ciúmes entre si (1Co 3.1-4) as pessoas continuam sendo “carnais” apesar dos admiráveis dons do Espírito. Apesar do batismo e da santa ceia tornam-se réus do juízo mortal quando dão espaço ao pecado por causa de uma segurança leviana. Por isso também o presente trecho da carta se integra completamente ao esforço de Paulo de, capítulo por capítulo, fazer com que os coríntios desçam de suas orgulhosas alturas, e mostrar-lhes como se tomam as decisões sobre nosso ser cristão na vida real.
- 11 Por isso Paulo sublinha outra vez: **“Essas coisas, porém, aconteceram paradigmaticamente àqueles; no entanto, foram escritas para correção nossa”** [tradução do autor]. São “típicas”. Por essa razão Deus também mandou anotá-las, para que cada nova geração fosse repetidamente confrontada com elas. De modo bem especial Deus já pensou em **“nós”**, **“sobre quem os alvos finais das eras têm chegado”**. Ao longo das eras do mundo Deus persegue seus grandes alvos. Ao enviar Jesus, o Messias e Redentor do mundo, ele chegou muito próximo de seus objetivos. Agora é “tempo final”. Já estamos vivendo sob os emergentes **“alvos finais das eras”**. Pois com a parusia de Jesus, nosso Senhor, os alvos de Deus serão definitivamente



concretizados. Contudo, estar mais próximo do final do caminho não se torna mais fácil para o povo de Deus peregrino, e sim mais difícil; a tentação não se torna mais fraca, e sim mais intensa; a seriedade da decisão em nossa vida não se atenua, mas assume magnitude total.

**12** E agora Paulo se dirige com preocupação insistente aos muitos seguros e convictos de si em Corinto. **“Por isso, quem pensa estar em pé veja que não caia.”** Talvez no momento essa sua convicção de “estar em pé” esteja correta. Porém ainda não prevêm o ímpeto dos golpes que poderão atingi-los e derrubá-los. É claro que imediatamente alegam que, afinal, superaram vitoriosamente toda espécie de tentação e realmente não são mais principiantes na fé.

**13** Contudo Paulo adverte: **“Nenhuma tentação tomou conta de vós do que apenas uma humana”** [tradução do autor]. No entanto, há aquela “luta livre” de que Paulo escreve aos efésios (Ef 6.12) e que precisa ser travada “não contra carne e sangue, mas contra principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes”. Paulo espera do futuro aquilo que ele expôs aos tessalonicenses (2Ts 2.1-12): o domínio dos “iníquos”, cuja parusia acontece “segundo a eficácia de Satanás, com todo poder, e sinais, e prodígios da mentira e com todo engano de injustiça”. Então a tentação será feroz e “estar em pé” não será brincadeira. Segundo a palavra do Senhor os sinais e prodígios do anticristo serão sedutores até para os eleitos. Os pais, que foram salvos do Egito, batizados no mar e presenteados com alimento e bebida espiritual, caíram. Será que a igreja dos últimos tempos chegará ao alvo sob as incríveis aflições e tentações?

Em vista disso Paulo adverte os coríntios com o assustador “exemplo dos pais”. No entanto, segue-se algo surpreendente. Paulo foi insistente ao solicitar o empenho dos cristãos: corram com alvo claro, pratiquem a necessária ascese, não cobicem o mal! Não se tornem servidores de ídolos! Preservem a pureza! Não ponham o Senhor à prova! Não murmurem! Esses imperativos eram suficientes. E justamente o exemplo dos pais deveria demonstrar que toda a graça de Deus de nada adianta quando pessoas deixam de engajar-se pessoalmente. No entanto, Paulo termina o trecho não com um último apelo à fidelidade dos coríntios, mas dirige o olhar para a fidelidade de Deus. **“Mas Deus é fiel.”** Paulo não procede assim por acaso. Pode-se notar repetidamente em seus escritos que a ameaça arrasadora nunca possui a última palavra, que ele nunca encerra com o negativo, mas que sempre dá um fechamento positivo à sua palavra. Lembramos mais uma vez de 1Co 4.5; 4.14; 5.8; 6.11,20; 8.13. Aqui, porém, o próprio assunto lhe fornece uma razão especial para mudar de perspectiva. O que, afinal, significa “estar em pé” e em que consiste a “tentação”? Por mais seriamente que para Paulo as coisas “morais” estivessem em jogo em Corinto, o “estar em pé” não significa a atitude moral firme, e a “tentação” não é uma sedução para a imoralidade. O “estar em pé” e a “tentação” sempre dizem respeito a nosso relacionamento com Deus. Era isso que estava em jogo na peregrinação de Israel pelo deserto. Será que “estava” firme na palavra e nas promessas de Deus, apegava-se ao invisível como se o estivesse vendo, contava com sua fidelidade ao pacto? Ou voltava-se do Deus insuportavelmente invisível para os ídolos visíveis, murmurava nas dificuldades, colocava Deus à prova, para estar seguro dele, e será que contestava suas orientações e proibições? É para responder a essa pergunta que existem as “tentações” nas aflições e seduições de nosso caminho. A resposta era esperada na confirmação da fé. Em repetidas quedas houve resposta negativa. A igreja de Jesus, também a igreja em Corinto, é questionada do mesmo modo e em proporção crescente, nas candentes provações, sobre a autenticidade de sua fé. Há muitas coisas que visam seduzi-la e empurrá-la para longe de sua fé. Por isso ela agora pode ser preservada da queda e mantida “em pé” somente por uma coisa: não o olhar para si mesma, não a concentração e o propósito próprios, mas unicamente o olhar para longe de si e a visão da fidelidade de Deus. Como isso era necessário para os “inchados” egos em Corinto, que corriam perigo de tropeçar justamente em sua autocomplacência e segurança pessoal. Contudo, provavelmente também é fato que Paulo esteja se consolando pessoalmente em sua profunda preocupação pela igreja em Corinto. A igreja já vacila assustadoramente nas provações “humanas”. O que há de acontecer se as tentações se tornarem mais duras e candentes? **“Mas Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados além de vossas forças; pelo contrário, juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar.”** A igreja pode possuir ambas as coisas que fazem parte da essência da fé. A verdadeira fé vê toda a seriedade da vida. Mede os perigos das tentações e está disposta ao empenho extremo com todas as forças. Isso corresponde à imagem do atleta traçada por Paulo. No entanto a fé vê simultaneamente a Deus, pairando acima de tudo com sua fidelidade e, como uma criança no colo da mãe, repousa na palavra e nas promessas de Deus, experimentando por isso aquele “desfecho” das provações que no final a apresenta “irrepreensíveis no Dia de nosso Senhor Jesus Cristo” (1Co 1.8), porque “Deus é fiel” (1Co 1.9).

## Nova advertência diante da oferenda a ídolos, 10.14-22

<sup>14</sup> Portanto, meus amados, fugi da idolatria.

<sup>15</sup> Falo como a criteriosos; julgai vós mesmos o que digo.

- <sup>16</sup> Porventura, o cálice da bênção que abençoamos não é a comunhão do sangue de Cristo? O pão que partimos não é a comunhão do corpo de Cristo?
- <sup>17</sup> Porque nós, embora muitos, somos unicamente um pão, um só corpo; porque todos participamos do único pão.
- <sup>18</sup> Considerai o Israel segundo a carne; não é certo que aqueles que se alimentam dos sacrifícios são participantes do altar?
- <sup>19</sup> Que digo, pois? Que o sacrificado ao ídolo é alguma coisa? Ou que o próprio ídolo tem algum valor?
- <sup>20</sup> Antes, digo que as coisas que eles sacrificam, é a demônios que as sacrificam e não a Deus; e eu não quero que vos torneis associados aos demônios.
- <sup>21</sup> Não podeis beber o cálice do Senhor e o cálice dos demônios; não podeis ser participantes da mesa do Senhor e da mesa dos demônios.
- <sup>22</sup> Ou provocaremos zelos no Senhor? Somos, acaso, mais fortes do que ele?

**14** Paulo está muito consciente de ainda não ter respondido completamente à pergunta sobre a participação em refeições nos templos gentios. Naquele capítulo sua preocupação inicial fora o “irmão fraco” que pela liberdade dos “fortes” se deixa seduzir para um comportamento que sua própria consciência condena como pecado. Nisso a pessoa perece. Contudo, além da consideração pelos fracos, será admissível para o cristão como tal participar da refeição no templo? Pelas explanações em **1Co 8** poderia parecer assim. Agora, porém, Paulo expôs aos coríntios como os pais de Israel, caem na perdição apesar de toda a graça de Deus, ou seja, como é séria a questão de nossa verdadeira conduta. Nessa ocasião a “idolatria” já havia sido citada em especial. O crucial em tudo era o “estar em pé” na palavra do Deus invisível ao invés de “cair” por apegar-se a “coisas visíveis”, que sempre assumem a característica de “ídolo” (a esse respeito, cf. **Rm 1.23,25**). Agora, com um enfático **“Exatamente por isso”**, ele expressa sua inequívoca exortação: **“Fugi da idolatria.”** Agora de nada valem a falsa segurança e superioridade. Agora vale tão-somente a “fuga”, o resolutivo distanciamento do templo gentio.

**15** Também agora Paulo não deseja simplesmente ordenar com “autoridade apostólica”. Seu objetivo é que a igreja forme sua resolução a partir do seu próprio reconhecimento. **“Falo como a pessoas sensatas; julgai vós mesmos o que digo”** [tradução do autor]. Ele não teme submeter sua incisiva solicitação ao juízo dos coríntios. Isso é o indício de toda a sua certeza e força.

**16** Paulo remete os coríntios à ceia do Senhor, a qual celebram diariamente. É uma cerimônia vazia? É mera apresentação figurada de verdades gerais? É mera celebração memorial? Paulo acabou de destruir aquela falsa confiança nos sacramentos pela referência aos pais. No entanto, isso não o impede de confirmar o sacramento como tal em toda a sua realidade. Na ceia do Senhor trata-se de uma participação real. **“Porventura, o copo da bênção que abençoamos não é a comunhão do sangue de Cristo? O pão que partimos não é a comunhão do corpo de Cristo?”** Não é possível saber porque Paulo começa com o copo. Talvez tenha uma recordação singularmente forte do copo festivo na ceia de Páscoa, que ele designa com a expressão israelita “copo da bênção”. O essencial, porém, é o realismo da celebração. O copo com o vinho não apenas simboliza algo e não somente lembra do sangue do Cristo derramado no passado, mas concede a participação nele. Esse “sangue” não é uma “substância” mágica que se encontra no vinho, mas é o sangue derramado pelo qual fomos remidos e que nos purifica de todos os pecados. Por meio do copo abençoado obtemos a participação real nesse sangue e em sua força eficaz, e, conseqüentemente, no amor redentor do próprio Cristo.

Uma vez que do mesmo modo o pão proporciona a participação “no corpo do Cristo”, esse “corpo” obviamente é a princípio aquele que por nós foi entregue à morte na cruz. Com isso fomos presenteados com todo o sofrimento e morte do Senhor. Todo seu poder salvador nos é concedido com o pão. Mas Paulo evidentemente não ignorou que o “corpo do Cristo” é ao mesmo tempo também uma grandeza presente na “igreja, a qual é o seu corpo” (**Ef 1.22s**).

**17** Por essa razão ele acrescenta a frase: **“Porque (é) um pão, um corpo somos nós, os muitos; pois todos participamos do único pão”** [tradução do autor]. Para Paulo, o aspecto especial parte da celebração da ceia do Senhor é que ela reúne a nós, os muitos, no único corpo do Cristo, juntando-nos assim na sólida comunhão uns com os outros. Por isso Paulo fez questão de que na celebração fosse tomado um só grande pão de pouca espessura, para que todos partilhassem entre si verdadeiramente o mesmo pão. No entanto, isso não era mero “símbolo”! Ao comerem juntos do mesmo pão, ao participarem em comunhão no corpo sacrificado de Cristo acontece realmente a corporificação dos muitos.

**18** Paulo não tinha por objetivo desenvolver agora uma doutrina sobre a santa ceia. Remeteu-se ao conhecimento que os coríntios já possuem sobre o assunto. O alvo de suas exposições é totalmente outro. Quer deixar claro para os coríntios que nenhum culto é simplesmente vazio e sem substância – todo culto nos transporta para uma comunhão real com aquele a quem ele é dedicado. Por isso Paulo recorda o **“Israel**

**segundo a carne**". Como povo naturalmente gerado ele também é somente uma grandeza "natural" ("carnal"). Apesar disso existe nele o altar instituído pelo poder expiatório de Deus. Desse altar tornam-se eficazmente participantes todos **"aqueles que se alimentam dos sacrifícios"**, tornam-se **"companheiros do altar"**. Também isso está indubitavelmente claro para os coríntios.

**19,20** Agora eles notam o passo decisivo que Paulo pretende dar. Se o culto cristão e o culto israelita trazem uma ligação e participação reais, o mesmo acontece com o culto gentio. Será isso que Paulo quer dizer? Nesse caso, será que ele não contradiz a si mesmo e ao que ele havia assegurado expressamente em **1Co 8.4**? Não, ele confirma sua afirmação. **"Que digo, pois? Que um sacrifício a ídolos é algo? Ou que uma imagem de ídolo é algo? Não."** Contudo, isso ainda não é tudo. Também o culto gentio é devotado a um nada; não se dirige simplesmente ao vazio. Por trás das religiões gentias e por trás do culto gentio existem realidades. Por isso em **1Co 8** Paulo já havia acrescentado ao "conhecimento" de que não existem ídolos no mundo e não há Deus exceto o "único" a constatação, estranhamente suspensa, do v. 5: "ainda que existam alguns supostos deuses, seja no céu, seja na terra, como há (de fato) muitos deuses e muitos senhores." Torna-se, pois, perceptível o que ele queria dizer com essa frase. Os assim chamados "deuses" por um lado têm esse nome sem razão. A designação "Deus" compete somente ao Único, ao Pai de Jesus Cristo. Contudo, apesar disso entes invisíveis, "demônios e poderes espirituais" nos confrontam nesses "deuses". Igualmente cumpre recordar o que foi exposto sobre **1Co 2.6-8**. Por consequência, Paulo agora usa a palavra de Escritura de **Dt 32.17** para constatar, no tocante a todo culto gentio: **"Mas o que sacrificam, sacrificam-no aos demônios e não a Deus."** Por isso qualquer espécie de participação no culto gentio no templo é perigosa, não somente por causa do irmão fraco, ao qual se desencaminha, mas também para os "fortes", que não têm problemas de consciência com isso. Pois também o culto gentio leva a uma comunhão real, exatamente como a ceia do senhor ou o serviço sacrificial israelita. Só que no caso dele é a comunhão com os demônios. Paulo não pode deixar de asseverar com toda a determinação: **"Mas eu não quero que vos torneis companheiros dos demônios"** [tradução do autor]. Nessa questão existe somente uma alternativa clara, justamente quando vista a partir da ceia do senhor.

**21** Nessa situação também os fortes na igreja são confrontados com a decisão. **"Não podeis beber o copo do Senhor e o copo dos demônios; não podeis partilhar da mesa do Senhor e da mesa dos demônios"** [tradução do autor]. Nessa frase a expressão "não podeis" possui o sentido pleno de algo objetivamente impossível. Quem tenta sentar-se à mesa de Jesus e à mesa dos demônios empreende algo simplesmente inviável.

Os coríntios precisam entender isso, ainda mais que seus próprios concidadãos não-cristãos consideram todas as refeições celebradas no templo de forma tão "real". É o que consta, p. ex., num convite pessoal para uma refeição: "Chairemon te convida para a refeição na mesa de Kyrios Serapis no Serapeum, amanhã, i. é, no dia 15, a partir das 9 horas." Observamos o uso da palavra *kyrios* ("senhor"). O deus egípcio Serapis é chamado de *kyrios*, como Jesus. Vemos como um templo, o Serapeum, de fato era simultaneamente um restaurante, ao qual se convidava um amigo para comer. E sobretudo vemos que a mesa era a "mesa de Serapis". Tão logo se reconheça que os assim chamados "deuses" e "senhores" dos gentios não são verdadeiros deuses, mas poderes demoníacos, a "mesa do Kyrios Serapis", ou de outros deuses, torna-se forçosamente uma "mesa dos demônios", na qual já não é possível sentar-se como cristão.

Mais uma vez o olhar retorna às histórias "dos pais", que não foram mencionadas em vão. Eles "provocaram Deus à ira por meio de seus deuses" (**Dt 32.21**). É estranho e, não obstante, objetivamente necessário que perante Deus é santo e justo aquilo que parece desprezível e errado em cada criatura. "Deus de maneira nenhuma pode negar-se a si mesmo" (**2Tm 2.13**), enquanto de nós se exige justamente a auto-negação. Igualmente Deus vigia com santo "ciúme" para que sua divindade seja respeitada com essa exclusividade, e "não dá sua glória a ninguém outro" (**Is 42.8; 48.11**). Por isso se arriscam perigosamente os membros da igreja que podem ser encontrados na "mesa do Senhor" e na "mesa dos demônios".

**22** **"Ou provocaremos o Senhor ao ciúme?"** A partir da criação (somos criados "por intermédio dele", **1Co 8.6**) e por causa da redenção (fomos "comprados à vista" por ele, **1Co 6.20**) Jesus possui o pleno direito de propriedade. Ele faz valer esse direito. Quando o violamos, ligando-nos a "senhores" estranhos, provocamos o seu zelo. Será que os coríntios querem arriscar-se? Será que são também aos olhos deles os "fortes", acaso pensam que assim de fato são **"mais fortes do que ele"**?

Como se podem extrair conclusões estranhamente opostas da mesma certeza! Os "fortes" em Corinto provavelmente fazem parte especialmente do grupo que dizia, com ênfase: "Eu pertenço a Cristo" (**1Co 1.12**). Disso concluíram: logo posso tranquilamente frequentar a casa da prostituta e satisfazer minhas necessidades físicas e posso sem problemas participar nas refeições no templo gentio e consumir oferendas a ídolos. Afinal, pertenço a Cristo, nada pode me prejudicar. Paulo vive na mesma certeza de ser propriedade de Jesus, por ele "comprado à vista". Para Paulo, porém, a exigência é inequívoca: logo, de forma alguma posso pertencer simultaneamente a qualquer outro, nem fisicamente à prostituta, pois meu corpo pertence ao Senhor, nem aos demônios no templo, pois minha participação é o sangue e o corpo do Senhor. Todo o diversificado diálogo de

Paulo com os coríntios colocava em jogo a questão da “liberdade” e “servidão”. A mesma questão está repetidamente em jogo no cristianismo até hoje. Paulo não menciona nenhuma vez a reinstituição da “lei”. Paulo não chega aos coríntios com nenhuma frase sequer acerca de quaisquer “proibições”. Numa correlação exata com **Rm 6** trata-se unicamente do relacionamento com o Senhor. Porém, agora esse relacionamento de fato está em questão para Paulo, de forma seriamente radical. Toda a ligação concreta com o Senhor em todas as esferas da vida liberta de qualquer outra amarra. Paulo está convicto de que é isso que constitui a verdadeira liberdade.

### **E o consumo de carne nas demais circunstâncias?, 10.23–11.1**

- <sup>23</sup> **Todas as coisas são lícitas, mas nem todas convêm; todas são lícitas, mas nem todas edificam.**  
<sup>24</sup> **Ninguém busque o seu próprio interesse, e sim o de outrem.**  
<sup>25</sup> **Comei de tudo o que se vende no mercado, sem nada perguntardes por motivo de consciência;**  
<sup>26</sup> **porque do Senhor é a terra e a sua plenitude.**  
<sup>27</sup> **Se algum dentre os incrédulos vos convidar, e quiserdes ir, comei de tudo o que for posto diante de vós, sem nada perguntardes por motivo de consciência.**  
<sup>28</sup> **Porém, se alguém vos disser: Isto é coisa sacrificada a ídolo, não comais, por causa daquele que vos advertiu e por causa da consciência;**  
<sup>29</sup> **consciência, digo, não a tua propriamente, mas a do outro. Pois por que há de ser julgada a minha liberdade pela consciência alheia?**  
<sup>30</sup> **Se eu participo com ações de graças, por que hei de ser vituperado por causa daquilo por que (eu mesmo) dou graças?**  
<sup>31</sup> **Portanto, quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus.**  
<sup>32</sup> **Não vos torneis causa de tropeço nem para judeus, nem para gentios, nem tampouco para a igreja de Deus,**  
<sup>33</sup> **assim como também eu procuro, em tudo, ser agradável a todos, não buscando o meu próprio interesse, mas o de muitos, para que sejam salvos.**  
<sup>11.1</sup> **Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo.**

É impossível participar de refeições sacrificais em templos gentios, não apenas com vistas ao irmão fraco, mas para o cristão como tal. Isso está claro agora. Contudo continua sendo uma questão importante. No ambiente grego na realidade todo abate de animais era ao mesmo tempo um sacrifício. Ou seja, toda a carne era de certo modo “carne sacrificada a ídolos”. Como, pois, devem proceder os membros da igreja?

- 23** Antes de abordar esse aspecto, Paulo ressalta mais uma vez o princípio de seu julgamento. Faz isso de forma análoga a **1Co 6.12** e, não obstante, com marcantes diferenças. No presente texto sua palavra está sendo mais fundamental ainda. Por essa razão, nos melhores manuscritos, falta o “me” quando diz **“todas as coisas são lícitas”**. Baseado em seu evangelho livre da lei, Paulo evidentemente concorda com toda essa liberdade. Nem mesmo aqui como tampouco em **1Co 6.12** ele a restringe por meio de cercas legais. Mas, como em **1Co 6.12**, acrescenta: **“Mas nem tudo é proveitoso.”** Somente o insensato anseia por liberdade para aquilo que não traz proveito, mas prejudica. Enquanto, face ao tema, em **1Co 6.12** (“eu, porém, não quero ser submetido ao poder de nada”) Paulo pensa na escravidão em que os impulsos nos podem lançar, agora ele, depois de toda a análise de **1Co 8**, dá importância a outro aspecto.

- 24** **“Todas as coisas são lícitas, mas nem todas edificam.”** A colocação da questão como um todo já está errada quando busco apenas minha própria liberdade, minhas próprias necessidades e capacidades. Não estão em jogo cristãos individuais isolados, que podem agir como querem de acordo com seus conhecimentos – trata-se da edificação da igreja. E essa “edificação” de forma alguma acontece apenas pela ação oficial de determinados colaboradores, e tampouco através da participação de todos os membros da igreja na proclamação e no aconselhamento espiritual, mas pelo próprio “andar”, pelo comportamento prático e pelo amor, que sustenta a comunhão com o outro. Paulo sublinha com ênfase: **“Ninguém busque o seu, e sim o do outro”** [tradução do autor]. Era isso que fazia tanta falta em Corinto e do que se carece muitas vezes também em nosso “cristianismo”.

É a partir dessa afirmação e justamente não sob a condução de “leis” que são respondidas as perguntas práticas sobre nosso comportamento. Por mais distantes que os problemas aqui trazidos estejam de nós, cristãos de hoje, não deixa de ser importante que observemos como alguém como Paulo de fato regulamenta questões individuais concretas da vida cristã. Assim como hoje, naquele tempo eram perguntas sobre “Um cristão pode...?”



- 25 Um cristão sincero realmente ainda pode comer carne, se também a oferecida no mercado de uma ou outra maneira foi abatida num rito sacrificial? Com certeza havia em Corinto, como em Roma (Rm 14.2), cristãos israelitas que nesse ponto defendiam um não integral. Paulo escolhe outro caminho. **“Comei de tudo que se vende no mercado.”** Aqui não há, como no templo, uma “mesa dos demônios” à qual o cristão se achega quando na verdade não deve fazê-lo. Seja como for que tenha sido o abate, ao cristão isso não interessa nada. Não precisa **“examinar nada, por causa da consciência”**.
- 26,27 Por que não? **“Do Senhor, afinal, é a terra e sua plenitude”** [tradução do autor]. Faz parte disso também a carne a ser adquirida no mercado.
- Contudo, como agir diante dos convites feitos por “incrédulos”? Mais adiante na carta (1Co 14.23s) Paulo distinguirá os realmente “incrédulos” dos meramente “indoutos”. Aqui a expressão se refere simplesmente a pagãos que não se tornaram cristãos. **“Se algum dentre os incrédulos vos convidar, e quiserdes ir.”** Paulo pressupõe que atender ou não a um convite desses não seja uma decisão óbvia. O cristão também pode muito bem negar-se a atender esses convites e pode ter boas razões para isso. Porém Paulo tampouco nega a possibilidade do convívio social com incrédulos. Assim confirma de modo muito positivo o que escreveu em 1Co 5.9s. Quando um cristão é hóspede numa casa gentia vigora uma regra semelhante à das compras no mercado: **“Comei de tudo o que for posto diante de vós, nada examinando por causa da consciência.”** Para o convidado, aquilo que é oferecido é simplesmente carne, a qual consome com ações de graça. Não há nada que examinar e investigar.
- 28 No entanto, pode surgir uma situação completamente diferente: **“Quando, porém, alguém vos disser: Isso é coisa sacrificada, não comais por causa da consciência”** [tradução do autor]. Paulo agora não especifica quem é esse conviva e por que razão ele faz uma indicação dessas. Poderia ser um dos gentios, que adverte por benevolência ou que está curioso como um cristão se comporta nessa questão. No entanto, também poderíamos imaginar outro cristão, que visa alertar expressamente. Por que a situação agora é outra? Agora não estão mais em jogo somente o cristão convidado e sua própria consciência livre. Agora se trata da pessoa que fez a menção expressa e – como Paulo acrescenta – da consciência desta.
- 29a **“Com consciência refiro-me não à tua própria, mas à do outro”** [tradução do autor]. Para explicar o que Paulo está querendo dizer teremos de recorrer a 1Co 8. Pois, tanto para a consciência de um irmão fraco como para a consciência do gentio essa carne é, verdadeira e expressamente, “coisa sacrificada”. Agora não cabe ao cristão projetar sua liberdade pessoal e exibir a força de sua fé, mas tratar, a partir da consciência cativa do outro, essa carne como propriedade dos demônios e não comer nada dela. Instaurou-se o *status confessionis*, como diziam os pais da Reforma: agora é preciso “confessar” perante os outros. Um assunto em si sem importância (um *adiaphoron*, dizem os teólogos) assume de repente um significado decisivo de expressão de confissão, porque agora é preciso que justamente diante dela se testemunhe a posição básica.
- 29b,30 Por princípio o cristão continua tendo a liberdade de sua consciência. **“Pois por que há de ser julgada a minha liberdade pela consciência alheia? Se eu participo com ações de graças, por que hei de ser vituperado por causa daquilo por que (eu mesmo) dou graças?”** Essas frases enfatizam, a título de explicação, porque nessa regra Paulo não pensava na consciência do próprio cristão, mas somente na consciência do outro. Minha própria consciência jamais pode nem deve ser julgada por uma consciência alheia, e nas ações de graças possuo o critério simples, livre de qualquer legalismo e casuismo, para aquilo que posso fazer. Aquilo pelo que honestamente consigo agradecer a Deus não é “pecaminoso”, nem sequer quando for um “comer de carne sacrificada a ídolos”. Quando Paulo pensa na consciência pessoal do cristão que está à mesa, ele fundamentalmente se une à atitude dos “livres” na igreja. Paulo se contrapôs com toda a seriedade a ameaçar uma consciência fraca mediante a liberdade dos “fortes”. Quando, porém, o “fraco” se arvorava em juiz sobre a liberdade de seus irmãos, Paulo o rejeitava do mesmo modo. O cristão temeroso, que teme qualquer carne como “sacrifício a ídolos”, deve e precisa agir assim para si mesmo enquanto sua consciência o comprometer a isso. Contudo, não tem o direito de afrontar o outro que consome carne “com ações de graça”, de **“vituperá-lo por causa daquilo por que dá graças a Deus”**.
- Neste caso está em questão a “edificação” da igreja! A unidade da igreja fica ameaçada quando os “livres” e os “temerosos” começam a se julgar e reprovar mutuamente. Então cada um acusa o outro de não ser verdadeiro cristão e de ainda não ter entendido o evangelho: “Como um cristão ainda é capaz de comer sacrifícios a ídolos!” “Como é possível que um cristão ainda tenha medo de sacrifícios a ídolos!” Somente tendo consideração fraternal pela consciência do outro é possível preservar a unidade da igreja. Dessa maneira, porém, impõe-se sobretudo aos “fortes” a tarefa da consideração prática pela renúncia espontânea à própria liberdade.
- 31 Mais uma vez Paulo nos mostra, por fim, que não está empenhado em tecer uma rede de instruções específicas, mas que lhe importa uma atitude básica da qual fluam determinadas decisões específicas. Ele formula essa atitude básica de forma maravilhosa, direcionando-a para Deus, assim como as grandes sentenças “dogmáticas” e “éticas” de Paulo são repetidamente autênticas frases de ocasião. **“Se comeis ou bebeis ou**

**fazeis qualquer coisa, tudo fazei para a glória de Deus.”** Como é maravilhoso que nossa vida já não se decomponha numa metade “religiosa” (santa, divina) e outra “secular”. Agora também as coisas mais exteriores e mundanas como comer e beber estão relacionadas a Deus e podem servir à honra de Deus. Portanto, a oração à mesa de forma alguma era uma formalidade para Paulo. Todo o nosso fazer, inclusive comer e beber, torna-se importante através da oração, mas também é purificado e submetido à disciplina. Não se percebe nenhuma conotação ascética. Contudo rebrilha claramente a libertação de todas as amarras.

**32,33** Em todas as explicações, porém, o interesse de Paulo sempre girava em torno do outro. Também isso é expresso mais uma vez com vigor e vitalidade. **“Não vos torneis causa de tropeço nem para judeus, nem para gregos, nem tampouco para a igreja de Deus, assim como também eu procuro, em tudo, ser agradável a todos, não buscando o meu próprio interesse, mas o dos muitos, para que sejam salvos.”** Paulo protegeu poderosamente e declarou inviolável a liberdade da própria consciência. Não fala absolutamente de novas leis. Porém o cristão em Corinto vive entre judeus e gregos e está inserido na igreja, razão pela qual não pode simplesmente viver sua própria liberdade, a qual possui por princípio, porém precisa tomar cuidado para não causar escândalo aos outros. Não pode somente visar seu próprio interesse, mas deve visar a vantagem dos outros. E essa “vantagem” é – sua redenção. A redenção de pessoas, no entanto, não acontece unicamente através da palavra anunciada. Ela é favorecida quando toda a atitude do cristão é atraente e convidativa. Ela é dificultada quando o comportamento do cristão causa estranheza e repulsa. **“Não vos torneis causa de tropeço nem para judeus e nem para gregos.”** O grande alvo da “remissão” precisa determinar toda a nossa vida.

Contudo, será possível não escandalizar simultaneamente pessoas fundamentalmente diferentes? Será que não pareço imediatamente bitolado e ridículo aos “gregos” quando os “judeus” estão satisfeitos comigo? Não pareço suspeito aos “judeus” quando me adapto aos “gregos”? Paulo aponta para seu próprio exemplo. **“Como também eu procuro, em tudo, ser agradável a todos.”** Ele de fato obteve acesso a judeus e gregos e experimentou que tanto pessoas de Israel como pessoas das outras nações se abriam à mensagem. Como sempre, no estilo de Paulo, porém, a palavra “todos” não tem sentido estatístico, mas essencial. Os coríntios haviam presenciado de modo suficiente o quanto os judeus de sua cidade se escandalizaram com Paulo (cf. [At 18.4-6](#)). Igualmente devem ter ouvido de conhecidos gregos numerosas palavras de desprezo contra esse “judeu” Paulo. **“Não vos torneis causa de tropeço nem para judeus e nem para gregos”** significa, portanto: não dêem motivo desnecessário nem justificável de escândalo pelo destaque desmedido de sua própria “liberdade”. Lembrem-se sempre de que, afinal, vocês querem ganhar, salvar pessoas! Igualmente **“não vos torneis causa de tropeço para a igreja de Deus”**. Não façam nada em sua “liberdade” que confunda a igreja ou perturbe sua comunhão cordial. Levem em conta que, afinal, não é a “sua” igreja, e sim **“a igreja de Deus”**, adquirida por Deus por alto preço. Por isso, não pensem sempre apenas em seu próprio direito, mas pensem na santidade e glória desse único verdadeiro “templo” que existe no mundo. Aqui ressoam as frases de Paulo de [1Co 6.17,19](#).

**1** A primeira e sucinta frase do capítulo **11** deve ser colocada aqui como encerramento de toda a análise: **“Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo.”** Justamente porque todo o comportamento coloca em jogo a execução concreta de uma determinada “atitude”, o cristão precisa do “exemplo” vivo. Ao alpinista sem treino pouco adiantam livros e instruções gerais. Passo a passo e movimento por movimento ele precisa poder “imitar” o guia experiente, aprendendo assim a superar pessoalmente a tarefa.

Paulo não solicita: “Sede imitadores de Cristo” diretamente aos cristãos de Corinto. Isso é digno de nota para nós, que rapidamente apelamos à *imitatio Christi*, à “imitação de Cristo”. Nesse caso Paulo, portanto, considerou necessário algo como um “trabalho de tradução” que mostrasse aos cristãos das outras nações como se configura hoje o caminho de Jesus numa cidade grega. Paulo realizava essa “tradução” em sua própria vida.

Pessoalmente, porém, ele é “imitador do Cristo”. Paulo não esclarece em maiores detalhes como ele mesmo entende isso. Mas podemos depreender de [Fp 2.5ss](#) como ele entendia o “exemplo” de Jesus. Não se trata de uma “imitação” artificial de Jesus, não de uma adaptação a palavras ou atos isolados dele. Isso tão somente produziria uma caricatura. Pelo contrário, trata-se da “mente do Cristo”, que nós “temos” pelo Espírito Santo ([1Co 2.16](#)), aquela mentalidade básica que não visa reter nada como uma usurpação, mas que pode se “despojar” e assumir a “forma de servo”, a fim de servir aos outros e ajudá-los a alcançar a salvação. A “imitação do Cristo” não é nada diferente do que aquilo que Paulo já expusera aos coríntios em [1Co 4.9-13](#), em [1Co 8.13](#), em [1Co 9.19-22](#) e agora em [1Co 11.1](#).

## Será que a mulher deve cobrir a cabeça?, [11.2-16](#)

<sup>2</sup> De fato, eu vos louvo porque, em tudo, vos lembrais de mim e retendes as tradições assim como vo-las entreguei.

- <sup>3</sup> Quero, entretanto, que saibais ser Cristo o cabeça de todo homem, e o homem, o cabeça da mulher, e Deus, o cabeça de Cristo.
- <sup>4</sup> Todo homem que ora ou profetiza, tendo a cabeça coberta, desonra a sua própria cabeça.
- <sup>5</sup> Toda mulher, porém, que ora ou profetiza com a cabeça sem véu desonra a sua própria cabeça, porque é como se a tivesse rapada.
- <sup>6</sup> Portanto, se a mulher não usa véu, nesse caso, que rape o cabelo. Mas, se lhe é vergonhoso o tosquiá-lo ou rapá-lo, cumpre-lhe usar véu.
- <sup>7</sup> Porque, na verdade, o homem não deve cobrir a cabeça, por ser ele imagem e glória de Deus, mas a mulher é glória do homem.
- <sup>8</sup> Porque o homem não foi feito da mulher, e sim a mulher, do homem.
- <sup>9</sup> Porque também o homem não foi criado por causa da mulher, e sim a mulher, por causa do homem.
- <sup>10</sup> Portanto, deve a mulher, por causa dos anjos, trazer véu na cabeça, como sinal de autoridade.
- <sup>11</sup> No Senhor, todavia, nem a mulher é independente do homem, nem o homem, independente da mulher.
- <sup>12</sup> Porque, como provém a mulher do homem, assim também o homem é nascido da mulher; e tudo vem de Deus.
- <sup>13</sup> Julgai entre vós mesmos: é próprio que a mulher ore a Deus sem trazer o véu?
- <sup>14</sup> Ou não vos ensina a própria natureza ser desonroso para o homem usar cabelo comprido?
- <sup>15</sup> E que, tratando-se da mulher, é para ela uma glória? Pois o cabelo (longo) lhe foi dado em lugar de mantilha.
- <sup>16</sup> Contudo, se alguém quer ser contencioso, saiba que nós não temos tal costume, nem as igrejas de Deus.

Da questão sobre o consumo de carne num mundo gentio Paulo se volta para outra questão específica que evidentemente mexia com os ânimos em Corinto. Já em **1Co 7** sentíamos que na igreja, sobretudo em alguns grupos de mulheres, havia um anseio de se desprender dos vínculos matrimoniais e se esquivar dos deveres conjugais. O próprio Paulo havia dito enfaticamente em sua proclamação: “Dessarte, não pode mais haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto, nem homem nem mulher, porque todos vós sois um em Cristo Jesus” (**Gl 3.28**). Será que isso não significava também a equiparação de homem e mulher em termos práticos? Sendo cristã, a mulher não devia obter a “liberdade” plena que lhe havia sido negada até então? Atitudes íntimas se manifestam em comportamentos concretos específicos. Ao orar e profetizar as mulheres em Corinto tiravam o pano que cobria sua cabeça na reunião da igreja; queriam ser tão “livres” como o homem. Portanto, no caso não se tratava de mera questão exterior, sobre a qual nem sequer valia a pena discutir. Paulo sabe porque aborda essa questão da cabeça coberta de forma tão exaustiva. E percebemos porque o trecho, com suas frases inicialmente bastante estranhas e incompreensíveis, também merece nossa atenção.

- 2** Paulo nos surpreende no começo e no final da presente passagem com a importância que atribui a “tradições” e “costumes”. Outras considerações precisam silenciar diante do costume nas igrejas de Deus (v. **16**). E no começo consta o elogio de que **“em tudo, vos lembrais de mim e retendes as tradições assim como vo-las entreguei”**. Paulo não apagou simplesmente seu passado judaico e fariseu quando se tornou cristão. A partir das comunidades judaicas dispersas pelo mundo ele sabe do poder de preservação que o costume homogêneo pode ter (por mais que ao mesmo tempo significasse um duro obstáculo para o evangelho). E ele sabe que justamente para a vida de fé é imprescindível receber e transmitir “tradições”. Ainda nos depararemos com isso seriamente em **1Co 11.23** e **1Co 15.3**. Os próprios coríntios devem ter salientado na carta dirigida a Paulo que “retêm” as ordens que seu apóstolo lhes transmitira desde o começo. Justamente por isso solicitam agora seu conselho na questão que eclodiu, se uma esposa – é disso que se trata em todo o trecho – pode orar e profetizar sem véu ou não.
- 3** Paulo inicia a resposta com conhecida fórmula: **“Quero, entretanto, que saibais.”** Também nesse caso Paulo novamente não quer que o costume vigente ou a autoridade apostólica decida, mas visa conduzir a igreja à compreensão própria e, assim, ao julgamento autônomo. Aqueles coríntios que buscam igualdade indistinta precisam compreender que a realidade é diferente. Cada um tem seu “cabeça” que o governa e ao qual ele pertence e serve com toda a dedicação. **“Quero, entretanto, que saibais ser o Cristo o cabeça de todo homem, e o homem, o cabeça da mulher, e Deus, o cabeça do Cristo.”** Também o homem “livre” está debaixo de um “cabeça”, sob o Cristo. Recordamo-nos de **1Co 7.22**: “o livre que foi chamado é um escravo de Cristo”. Em consonância, também a mulher tem no homem seu “cabeça”. Entretanto, para que não surja imediatamente no coração de muitas mulheres a rebeldia contra essa exigência exagerada, Paulo encerra com a frase: **“E Deus, o cabeça do Cristo.”** Logo possui acima de si um “cabeça” também aquele a quem a igreja adora como “Senhor”, que tem “o nome sobre todo nome”, pertencendo e servindo a esse cabeça com

dedicação total. Assim a mulher resistente pode constatar que a submissão a um cabeça não é rebaixamento e desgraça, mas que traz consigo justamente a glória plena do serviço. A mulher tampouco deve ficar à mercê da arbitrariedade de um homem dominador, mas ter seu cabeça naquele homem que é, ele próprio, inteiramente servo de seu cabeça Cristo.

**4,5** Imediatamente Paulo acrescenta a essa afirmação fundamental a constatação: **“Todo homem que ora ou profetiza, tendo a cabeça coberta, desonra a sua própria cabeça. Toda mulher, porém, que ora ou profetiza com a cabeça sem véu desonra a sua própria cabeça, porque é igual à (mulher) rapada.”** O entendimento dessas frases é dificultado pelo fato de que a expressão para “cabeça” usada ocorre num sentido duplo, em parte concreto e em parte simbólico. Será que o “cabeça desonrado” pelo respectivo comportamento de homem e mulher é a cabeça deles mesmos, ou o “cabeça” que a mulher possui no homem, e o homem no Cristo? Somente na segunda hipótese as afirmações do apóstolo obtêm a força de impacto e profundidade que temos de esperar de um homem como Paulo.

**7** E somente assim o v. 7 torna-se compreensível como uma explicação dessa questão. **“Porque o homem obviamente não tem a obrigação de cobrir a cabeça, por ser ele imagem e glória de Deus.”** Em Cristo, seu cabeça, o homem foi criado como “imagem da glória de Deus”. Por isso ele “desonra” esse seu “cabeça”, Cristo, se cobrir sua cabeça ao orar. Por trás dessa afirmação está a percepção de que todo o “cobrir” e “ocultar” são expressão de temor e submissão. O homem pode e deve apresentar-se diante de Deus livre e sem essa espécie de receio, porque em Cristo ele é “imagem da glória de Deus”.

Diferente é a situação da mulher. De acordo com o costume da época, que era observado com especial rigor na comunidade judaica, a mulher casada usava um véu. Onde vigorava esse costume, a mulher com o cabelo descoberto imediatamente causava uma impressão de leviana e provocante. Por isso Paulo pode afirmar sobre essa mulher com plena convicção: **“Porque é igual à (mulher) rapada.”**

**6** Não é provável que Paulo, ao falar da “rapada” tenha pensado na prostituta, como pensam diversos exegetas, inclusive A. Schlatter. Carecemos de todas as comprovações da época de que naquele tempo as prostitutas andavam de cabelo rapado. Para as moças levianas o penteado exuberante e artificial era bem mais plausível do que a cabeça rapada. Segundo o costume romano, porém, o homem tinha o cabelo curto ou até raspado. Quando a mulher tira o véu que a caracteriza como esposa, quando tenta ao máximo ser “igual” ao homem, que complete, pois, essa “masculinização” cortando o cabelo como um homem! Então terá atingido radicalmente seu objetivo. Obviamente essa execução radical também evidencia toda a impossibilidade e repugnância dessa tentativa. Com essa inferência extrema Paulo visa repelir o desprendimento do sólido costume feminino. Por isso afirma objetivamente na frase subsequente, expressamente conectada à sua afirmação do v. 5 por meio de um “pois”: **“Pois, se uma mulher não se cobre, que também corte o cabelo; se, porém, é vergonhoso para uma mulher que seu cabelo seja cortado ou raspado, que se cubra”** [tradução do autor]. Agora ficou claro que ao tirar o véu ela “desonra” seu “cabeça”, a saber, o marido. Com isso abandonou oficialmente a sujeição a ele e negou sua posição como esposa. Já não quer ser esposa de seu marido em sentido genuíno, mas colocar-se ao lado dele numa liberdade falsa. Ocorre, porém, que, de acordo com a ordem da criação, ela é a glória do homem. É isso que ela nega ao apresentar-se sem cobrir a cabeça, e assim **“desonrou seu cabeça”**.

**7-9** A posição básica da mulher é vista por Paulo como explicitada pelo relato da criação. Paulo considera conjuntamente os dois relatos da criação em Gn 1.27 e Gn 2.18-24. “O ser humano”, criado “à imagem de Deus”, é por isso a princípio somente o homem. Unicamente ele procede diretamente de Deus. Isso se expressa no fato de orar com a cabeça descoberta. **“Porque o homem obviamente não tem a obrigação de cobrir a cabeça, por ser ele imagem e glória de Deus.”** A mulher, porém, foi criada, segundo Gn 2.18, somente mais tarde “a partir do homem” e “por causa do homem”. **“Porque o homem não foi feito da mulher, e sim a mulher, do homem.”** Conseqüentemente a mulher é **“a glória do homem”** e tem no homem seu **“cabeça”**.

**10** A partir desse aspecto precisamos compreender também o difícil v. 10, para o qual no entanto não existe uma interpretação inequívoca e genericamente aceita: **“Por isso a mulher tem a obrigação de trazer um poder sobre a cabeça por causa dos anjos”** [tradução do autor]. Os coríntios sabiam o que Paulo queria dizer com essa frase sucinta e a que ele se referia com a expressão “um poder”, que a mulher tem obrigação de trazer na cabeça. Nós infelizmente não o sabemos. Deverá ser rejeitada a explicação que de acordo com Gn 6.4 considerava os anjos como entes sobrenaturais, contra cuja cupidez a mulher teria de se proteger por meio do lenço que encobria a cabeça. Nesse caso Paulo dificilmente teria falado simplesmente “dos” anjos. Na literatura rabínica não existe o menor indício de que naquele tempo o relato de Gn 6 tivesse sido relacionado com a atualidade, de qualquer modo que fosse. Para todos os comentaristas o que aquele texto relata continua sendo realmente um episódio “pré-diluviano”. Além do mais, nesse caso a frase ficaria completamente fora de contexto. O muito enfático **“por isso”** no começo da frase, porém, mostra que Paulo justamente deseja que se entenda a frase em correlação com a afirmação anterior. Essa afirmação salientava a submissão da mulher ao homem conforme a criação. É isso que a mulher expressa quando cobre a cabeça com o véu. Portanto, o



“poder” seria a autoridade do homem reconhecida pela mulher ou a autoridade da mulher para orar e profetizar, a qual ela detém precisamente apenas quando se insere na ordem estabelecida pela criação. Os anjos, que no culto se ligam à igreja, cuidam dessa questão, favorecendo ou impedindo as orações da mulher conforme constatarem sua obediência ou desobediência. Então a formulação abreviada, de que a mulher traz “na cabeça” sua “autoridade” para orar e profetizar justamente pelo fato de ali se encontrar o sinal de sua subordinação voluntária ao marido, evoca o paradoxo da frase de [1Co 9.18](#), onde o “salário” especial do apóstolo consiste justamente no fato de que ele não aceita salário por seu trabalho apostólico. A mulher tem a “liberdade” (exousia) para orar e profetizar justamente pelo fato de não se apoderar de nenhuma “liberdade”. Contudo, apesar dessas explicações precisamos nos precaver contra a possibilidade de que Paulo tenha imaginado algo bem diferente, com o que nós não atinamos porque não conhecemos suficientemente o universo mental da igreja daquele tempo.

- 11 Será que nessas explanações Paulo se esqueceu do que escrevera em [Gl 3.28](#)? Não, um enfático **“todavia”** constata, diante da ordem da criação: **“No Senhor, todavia, a mulher não é sem o homem, nem o homem, sem a mulher.”** Paulo visa combater o equívoco de que na realidade a condição de ser criada à imagem e glória de Deus não valeria para a mulher e de que o relacionamento com Deus somente lhe seria concedida pela interposição do homem, que seria para ela “a glória” dela. Não, “no Senhor”, em Cristo, homem e mulher estão firmemente coligados um com o outro. Vigora a afirmação do relato da criação em [Gn 1.27](#) “homem e mulher os criou”. Nem o homem nem a mulher constituem o alvo de Deus em si mesmos. O “nem homem nem mulher” de [Gl 3.28](#) obtém agora uma inequívoca confirmação também no contexto do presente trecho. “Nem homem nem mulher, mas todos um em Cristo”, significa agora: **“No Senhor, todavia, a mulher não é sem o homem, nem o homem, sem a mulher.”**
- 12 Até mesmo a natureza concede à mulher, que, pela criação, “é a partir do homem”, igualmente a posição superior ao homem: **“Porque, como a mulher é a partir do homem, assim também o homem é através da mulher.”** Cabe a cada homem reverenciar sua mãe, da qual obteve a vida. Paulo acrescenta **“Tudo isso, porém, de Deus”** [tradução do autor]. Não se trata de que o homem se arrogue uma posição superior diante da mulher ou que a mulher insista em questionar onde o homem estaria sem sua maternidade. Deus criou e ordenou tudo assim como é. Nesse ponto acaba qualquer murmuração e revolta. Cada pessoa pode assumir com disposição e gratidão sua posição, vivendo de conformidade com sua natureza e cumprindo sua missão.
- É importante considerar nesse contexto que Paulo não tem ressalvas contra a oração e profecia de mulheres na igreja como tais! Aqui se reconhece a “igualdade de direitos da mulher”. Só se busca que nessas atividades permaneça verdadeiramente “mulher” e não se transforme, por meio de uma liberdade grosseira e repulsiva, em caricatura do homem.
- 13 Em todo o presente trecho cumpre considerar que Paulo não está escrevendo um tratado teológico de validade atemporal, mas visa dar uma instrução relativa à realidade de uma igreja bem específica, uma igreja que tem de viver sua vida numa época bem determinada e num contexto de cunho muito peculiar. Por isso diversos aspectos dessa orientação são condicionados ao tempo. Afinal, foi isso que ocorreu também na unidade anterior: Entre nós não existe mais “carne sacrificada a ídolos”. Não havia como aplicar as ponderações de Paulo diretamente a nós. Apesar disso expressaram algo importantíssimo também para nosso ser cristão atual. Por consonância, de um modo geral a condição da mulher hoje se tornou diferente. Para nós, a mulher sem a cabeça coberta em público é para nós uma visão natural. Não temos mais em absoluto a sensação de que a mulher e a moça sem véu na cabeça sejam “não-femininas” ou “provocantes”. Nesse ponto a “sensação” mudou. Quando Paulo convoca os coríntios: **“Julgai por vós mesmos: porventura é conveniente que uma mulher ore a Deus sem usar véu?”** [\[TEB\]](#), ele podia esperar que os membros da igreja daquele tempo, apenas a partir da sensação de seu tempo, sem que agora o cristianismo e a fé tivessem um papel preponderante, lhe dessem razão e considerassem um comportamento assim como “inconveniente”, “escandaloso”. Hoje, porém, temos uma sensação diferente e, novamente, sem que cristianismo e fé tenham alguma interferência nisso.
- 14,15 A referência de Paulo à “natureza” evidencia que ele mesmo não se via tão determinado assim pela fé em seu julgamento. **“Ou não vos ensina a própria natureza ser desonroso para o homem usar cabelo comprido? E que, tratando-se da mulher, é para ela uma glória? Pois o cabelo (longo) lhe foi dado em lugar de mantilha.”** Também nesse versículo torna-se imediatamente claro para nós como esse “ensino da natureza” é incerto e mutável. Entre os gregos do tempo antigo, assim como para os germânicos, o cabelo longo no homem representava seguramente uma honra, e o corte do cabelo, uma infâmia! Somente na época dos romanos surgiu o costume de cortar o cabelo ou rapar a cabeça do homem. Ainda hoje existem tribos indígenas em que todo homem, também o que se tornou cristão, usa a trança comprida, fazendo-o com orgulho e considerando uma “honra” possuir cabelo bem longo.

Apesar disso a referência do apóstolo à “natureza” não é errada, mas correta e essencial. A natureza estabelece uma diferença profunda e indelével entre os sexos. A diferença não apenas diz respeito a pormenores, mas determina todo o ser físico e psíquico. Por trás da “natureza” está Deus, que projetou o

homem e a mulher em toda essa diferença, precisamente para que sua unidade no matrimônio e sua unidade em Cristo se tornem tanto mais ricas e sólidas.

Com essa consideração deparamo-nos com o ponto nevrálgico da exposição do apóstolo. A mulher assumiu na igreja de Jesus uma posição que a destacou imensamente de tudo o que era permitido à mulher judaica e à gentia. Como “crente” ela se encontra, em Cristo, ao lado do homem, com direitos iguais. De modo muito distinto da mulher na sinagoga ou da mulher no templo gentio, ela tem o direito de orar e profetizar. No entanto, será que apesar desse direito ela ainda continua sendo plenamente “mulher”? Ou será que ela buscava uma “igualdade” equivocada com o homem, que contrariava a natureza e o propósito criador de Deus? Para Paulo essa questão se decidia num aspecto “exterior”: em tirar ou usar prontamente sobre a cabeça o véu característico da esposa. Nós não temos mais esse tipo de “véu”, assim como também não conhecemos mais a “carne sacrificada a ídolos”. O chapéu da mulher não tem a ver com o “véu” daquele tempo. E ainda que hoje as mulheres e moças amarrem um lenço na cabeça, ele de maneira alguma é aquele “véu” discutido por Paulo. O lenço de hoje não é mais um “sinal”. Ele não tem mais um “poder sobre a cabeça” de uma mulher de hoje. Mas para a igreja de Jesus também hoje está em jogo que seus homens continuem sendo verdadeiros homens e suas mulheres autênticas mulheres. E também para nós a preservação da “feminilidade” dos membros femininos da igreja se decidirá em determinadas “exterioridades”, assim como todas as demais posições se manifestam concretamente em atitudes exteriores. Precisa permanecer viva na igreja de Jesus uma percepção para aquilo que é “conveniente” para mulher. Isso é assim até hoje: uma verdadeira mulher nem sequer visa ser “masculina”, e a mulher não deseja um homem efeminado.

- 16 É como se Paulo notasse pessoalmente que não consegue demonstrar sua opinião objetiva e categoricamente como em outras perguntas porque se trata de julgamentos a partir do sentimento de conveniência. Ouve em seu íntimo que, ao ser lido em voz alta esse trecho da carta, membros da igreja alegam: “Isso não nos convence; continuamos com a nossa opinião, nossas mulheres podem tirar a cobertura da cabeça.” Será que a discussão deve prosseguir infinitamente? Não. **“E se alguém se apraz em contestar, nós não temos esse costume, como tampouco as igrejas de Deus”** [TEB]. Grupos isolados na igreja não podem simplesmente se arrogar “esse costume”, que não é observado nem por “nós”, ou seja, pelo apóstolo e seus colaboradores, nem pelas “igrejas de Deus”. Nesse ponto as opiniões divergentes têm de se enquadrar no costume vigente e consensual de todas as igrejas.

### A ameaça à ceia do senhor na igreja, 11.17-34

- 17 Nisto, porém, que vos prescrevo, não vos louvo, porquanto vos ajuntais não para melhor, e sim para pior.
- 18 Porque, antes de tudo, estou informado haver divisões entre vós quando vos reunis na igreja; e eu, em parte, o creio.
- 19 Porque até mesmo importa que haja partidos entre vós, para que também os aprovados se tornem conhecidos em vosso meio.
- 20 Quando, pois, vos reunis no mesmo lugar, não é a (verdadeira) ceia do Senhor que comeis.
- 21 Porque, ao comerdes, cada um toma, antecipadamente, a sua própria ceia; e há quem tenha fome, ao passo que há também quem se embriague.
- 22 Não tendes, porventura, casas onde comer e beber? Ou menosprezais a igreja de Deus e envergonhais os que nada têm? Que vos direi? Louvar-vos-ei? Nisto, certamente, não vos louvo.
- 23 Porque eu recebi do Senhor o que também vos entreguei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão;
- 24 e, tendo dado graças, o partiu e disse: Isto é o meu corpo, que é dado por vós; fazei isto em memória de mim.
- 25 Por semelhante modo, depois de haver ceado, tomou também o cálice, dizendo: Este cálice é a nova aliança no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que o beberdes, em memória de mim.
- 26 Porque, todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice, anunciais a morte do Senhor, até que ele venha.
- 27 Por isso, aquele que comer o pão ou beber o cálice do Senhor, indignamente, será réu do corpo e do sangue do Senhor.
- 28 Examine-se, pois, o homem a si mesmo, e, assim, coma do pão, e beba do cálice;
- 29 pois quem come e bebe sem discernir o corpo, come e bebe juízo para si.
- 30 Eis a razão por que há entre vós muitos fracos e doentes e não poucos que dormem.
- 31 Porque, se nos julgássemos a nós mesmos (corretamente), não seríamos julgados.

- <sup>32</sup> Mas, quando julgados, somos disciplinados pelo Senhor, para não sermos condenados com o mundo.
- <sup>33</sup> Assim, pois, irmãos meus, quando vos reunis para comer, esperai uns pelos outros.
- <sup>34</sup> Se alguém tem fome, coma em casa, a fim de não vos reunirdes para juízo. Quanto às demais coisas, eu as ordenarei quando for ter convosco.

Outra dificuldade da vida eclesial em Corinto move Paulo: a celebração da ceia do Senhor está em desordem. Nesse ponto Paulo pretende intervir seriamente. É mais provável que a locução **“Ordenando eu, porém, isto”**, não se refira ao trecho anterior, mas direcione o olhar para o que Paulo pensa em prescrever agora com autoridade.

- 17** Contudo também agora é significativo que não sejam dadas simples “ordens apostólicas”, mas que Paulo tenta conquistar o entendimento e a vontade própria da igreja. No trecho anterior ele foi capaz de primeiro “elogiar” (1Co 11.2). Aqui não pode fazê-lo, porque **“vosso encontro não leva a favorecer, mas a prejudicar”** [tradução do autor]. Os coríntios na verdade se reúnem. Não há motivos para se queixar de que não compareçam às reuniões da igreja. Tanto mais doloroso é que apesar disso os encontros diários não favorecem, mas prejudicam a vida da igreja. Constatamos que novamente Paulo está preocupado com a “edificação” da igreja.
- 18** Em que Paulo constata esse “prejuízo” para a vida da igreja? Paulo tem em vista diversas dificuldades, e por isso começa com um **“primeiramente”**, sem no entanto mais tarde distinguir as mazelas na ceia do Senhor com um “em segundo lugar” ou “além disso” da aflição geral das divisões. **“Porque, primeiramente, quando vos reunis na igreja, ouço que existem divisões entre vós”** [tradução do autor]. Os coríntios “se reúnem na igreja”, de modo que a igreja como tal e como um todo está congregada. Precisamente então aparecem “divisões” por causa das “contendas” mencionadas logo no começo da carta. O trecho de 1Co 1.10-12 apenas constata a existência das “contendas”. Parecia que se advertia contra “divisões” somente como sendo uma consequência possível. Agora Paulo “ouve” que as controvérsias já levaram as pessoas a sentarem em grupos separados nas reuniões da igreja. Já não conseguem estar congregados como uma igreja única e concorde. Manifestam-se as rupturas na igreja.
- 18,19** Paulo “ouviu” a respeito. Ele acrescenta: **“Em parte o creio.”** Com isso dificilmente pensará que seus informantes – não cita, como em 1Co 1.11, “os da casa de Cloe” – tenham exagerado e que somente se pode acreditar neles “em parte”. Para Paulo “crer” é uma palavra muito mais central. “Creio” algo quando capto sua correlação e sua necessidade interna. Por isso Paulo também continua: **“Porque até mesmo importa que haja partidos entre vós, para que também os aprovados se tornem conhecidos em vosso meio.”** Há uma seqüência progressiva e consolidada quando “contendas” evoluem primeiro para “divisões” e depois até para “partidos”. Em Corinto os contrastes dos diversos grupos haviam endurecido tanto que eles se fechavam uns contra os outros como “partidos” coesos. Isso é um processo doloroso. Mas Paulo vê acima disso aquele “importa”, que exerce uma função em toda a história bíblica. Não é uma infeliz coincidência, mas há aqui uma necessidade que tem um sentido positivo: **“Para que os aprovados se tornem conhecidos em vosso meio.”** Somente cristãos não aprovados e imaturos podem deixar-se arrastar para essa separação no âmbito de uma igreja de Jesus. Agora são manifestos na igreja os cristãos autênticos e fundamentados, que se opõem a esse movimento e se empenham pela unidade dos fiéis.
- 20** No entanto, não são apenas essas facções na igreja que prejudicam a ceia do Senhor. Sem dúvida a prejudicam verdadeiramente. Porque não podem sentar-se em desconfiança e amargura uns contra os outros à mesa daquele que morreu por todos grupos. Um segundo problema, porém, agrava a situação. Na verdade a igreja toda ainda congrega “no mesmo lugar.” Isso ainda não acabou apesar de todas as contendas. Não obstante isso **“não é um (verdadeiro) comer da ceia do Senhor”** [tradução do autor]. Por que não? Agora de fato é importante que Paulo não prossiga na análise dos “partidos”. Eles não prejudicam especificamente a ceia do Senhor, mas todos os encontros da igreja. A ceia do Senhor como tal está ameaçada por algo que não tem nada a ver com os “partidos”. Ao “primeiramente” de v. 18 de fato é acrescentado um “segundo” ponto, mas que não é designado diretamente como tal. Isso pode ser um sinal de que Paulo continua ditando a carta numa certa comoção e dolorosamente abalado pela gravidade dos acontecimentos.
- 21** Qual é o fato que torna inviável uma verdadeira celebração da ceia do Senhor? **“Porque, ao comerdes, cada um toma, antecipadamente, a sua própria ceia; e um passa fome, o outro está embriagado”** [tradução do autor]. Como entender isso? Inicialmente constatamos que em Corinto ainda está vivo o mesmo costume que também determina a celebração da “eucaristia” da primeira igreja de acordo com At 2.46s. Não se trata de um ato litúrgico solene, de um “sacramento do altar”. Pelo contrário, acontecia uma refeição comunitária, como Jesus fizera muitas vezes com seus discípulos, e nessa refeição, portanto, se “partia o pão”. A igreja de Jerusalém era pobre demais para oferecer diariamente o copo com vinho. O “partir do pão”, a celebração da santa ceia, acontecia no contexto da refeição conjunta. Assim era também em Corinto: a refeição na igreja era

ao mesmo tempo “ceia do Senhor”, e a ceia do Senhor era “refeição comunitária”. Ambas eram ao mesmo tempo a ceia dos discípulos de Jesus na presença de seu Senhor. Agora, porém, manifestava-se visivelmente e de forma nova a mesma dificuldade e culpa fundamental em Corinto com que Paulo luta em todos os capítulos da carta. As pessoas não viam o outro, viam tão-somente a si mesmas e sua própria vantagem (1Co 10.24,33). Os mantimentos trazidos não eram distribuídos e consumidos em conjunto. Cada um comia pessoalmente o que havia trazido consigo. Assim manifestavam-se de modo chocante as diferenças sociais: **“Um passa fome, o outro está embriagado.”** Isso ainda deveria ser chamado de “ceia do Senhor Jesus”, junto ao qual “nós, os muitos, somos um corpo”? (10.17). Por isso Paulo julga que isso **“não é um (verdadeiro) comer da ceia do Senhor”**. Sempre aparece a mesma atitude em Corinto: ciúme e inveja uns contra os outros (1Co 3.1-4), rejeição teimosa de qualquer norma moral (1Co 5.1s), processos entre os fiéis perante juízes gentios (1Co 6.1), liberdade de freqüentar a casa da prostituta (1Co 6.12s), liberdade de participar no sacrifício a ídolos sem consideração pelo irmão fraco (1Co 8.1ss). É sempre a incompreensão fundamental da “liberdade” e da vida espiritual, é sempre a falta do amor. Com isso combinam celebrações da ceia em que os abastados comem ruidosa e inescrupulosamente, enquanto irmãos em torno deles passam fome! Desvanece à nossa frente aquele quadro do primeiro cristianismo pintado em fundo dourado.

- 22 Aquele a quem importava o comer e beber em si, e não a refeição conjunta, pode e deve ficar em casa para isso. **“Não tendes, porventura, casas onde comer e beber?”** é a pergunta aos abastados na igreja, que têm a verdadeira culpa pela situação intolerável. **“Ou menosprezais a igreja de Deus e envergonhais os que nada têm?”** Num contraste radical com a primeira igreja (At 2.44s; 4.32-35) havia na igreja em Corinto “os que nada têm” e, por consequência, “passam fome”. Isso já significava um “menosprezo à igreja de Deus”. Aqui não se via mais a “igreja de Deus” e que ela forma uma unidade, não devendo tolerar que em seu meio pessoas sofram fome, enquanto outros vivem na opulência. O desprezo da igreja, porém, se tornava completamente terrível quando o membro necessitado da igreja ainda tinha de ver exposta, sem defesa, sua pobreza, e quando desse modo sua carência era transformada em “humilhação”, em “vergonha”. **“Envergonhais os que nada têm.”**

O israelita Paulo não conhecia isso de suas congregações judaicas. Perplexo ele se depara com o quadro: **“Que vos direi?”** Será que também nesse ponto a igreja ainda pretende ser “elogiada” por seu apóstolo?

- 23 **“Neste ponto eu não vos louvo”** [TEB]. Quando Paulo não elogia a igreja, mas fala com ela com seriedade assustadora sobre esses males na ceia do Senhor, a igreja precisa ter em mente que Paulo é uma pessoa amarrada em seu julgamento. Afinal, a “ceia do Senhor” não é sua própria invenção e instituição, sobre cuja configuração ele também possa decidir pessoalmente. Não, **“porque eu de minha parte recebi do Senhor o que também transmiti a vós”** [tradução do autor].

Paulo emprega as antigas e conhecidas fórmulas de seu passado judaico e rabínico. “Recebido de...” e “transmitido a...”, assim se processava todo o ensino entre os rabinos. E nisso havia uma verdade que tampouco o Paulo convertido precisava deixar de lado. Quem não constrói sua própria visão religiosa do mundo, quem tampouco encontra a divindade em compenetração subjetiva e mística, mas quem crê no Deus vivo que conduz sua poderosa história de salvação através dos tempos, esse precisa tomar conhecimento dos “grandes feitos de Deus” pela “tradição”. Precisa “receber” essa tradição, e pode “transmiti-la” novamente a outros. É por essa razão que nós, como cristãos, temos até hoje os “livros históricos” do Antigo e Novo Testamentos, e por isso a Bíblia é, antes de tudo, um livro narrativo. É verdade que em Gl 1.12 Paulo diz sobre a mensagem salvadora: “Eu não o recebi de ninguém, e ninguém o ensinou a mim, mas foi o próprio Jesus Cristo que o revelou para mim.” De forma alguma posso “aprender” que Jesus de fato é o filho de Deus e meu Redentor. Isso precisa ser revelado a mim pelo Espírito Santo. Porém os episódios históricos na vida, paixão, morte e ressurreição de Jesus também não foram comunicados a Paulo pelo próprio Jesus às portas de Damasco. Naquela hora o Senhor falou somente algumas poucas palavras (cf. At 9.5s). Nessa questão Paulo dependia das “tradições”. Por isso “recebeu” também o relato sobre a instituição da santa ceia “a partir do Senhor”, que instituiu pessoalmente a ceia, mas ainda assim através da corrente de testemunhas, assim como ele por sua vez o retransmitiu a suas igrejas.

- 23-25 **“O Senhor Jesus, na noite em que foi entregue”** [TEB]. Sempre temos de nos lembrar que a palavra “Senhor”, desgastada para nós, era um conceito poderoso e de conteúdo significativo. Está agindo Aquele que era kyrios, “Senhor” em sentido pleno. Ao mesmo tempo, porém, ele é mencionado com seu nome pessoal “Jesus”. Por ter-se tornado ser humano ele tinha condições de entregar corpo e sangue por um mundo perdido. Ele age “na noite em que ele foi entregue”. Paulo está usando a mesma palavra “entregar, abandonar” empregada também em sua poderosa afirmação de Rm 4.25; 8.32. Por isso também na presente passagem não deve ter o intuito de salientar especialmente a traição de Judas. Essa noite não se caracteriza basicamente por um detalhe assim, mas o que determina todo o acontecimento é que agora o kyrios, o “Filho” foi “entregue” pelo próprio Pai, no presente caso “entregue” ao juízo e por isso também ao mundo, ao diabo, ao abandono por Deus. Isso nos revela que o Pai não suporta passivamente o sofrimento e a morte do Filho, mas que nisso o



amor sacrificial do Pai é tão incompreensivelmente grande quanto o amor do Filho, que obedientemente se deixa sacrificar.

O Senhor Jesus **“tomou o pão e, depois de oração de graças, ele o partiu e disse: Isto é meu corpo que é para vós”** [tradução do autor]. Também agora, quando Jesus vê toda a realidade de sua paixão e morte diante de si no “partir do pão”, ele “agradece”. Não é lamento nem tampouco pesar pela despedida que preenchem seu coração, e sim a gratidão. Seu corpo partido, afinal, é **“o para vós”**, como é dito aqui com a mais lacônica reserva bíblica. Nesse breve e contido “para vós” concentra-se tudo: todo o amor que se entrega pelos culpados e perdidos, e todo o imenso ganho que resulta desse sacrifício, a eterna redenção dos perdidos. É por isso que Jesus consegue agradecer; e por essa razão sua igreja pode celebrar esse “partir do pão”, essa lembrança da entrega, paixão e morte como santa festa de alegria.

Nada é dito sobre a distribuição do pão, sobre receber e comer. Os participantes daquela ceia na última noite ficam completamente fora do foco. Unicamente o próprio Senhor e sua ação e fala preenchem tudo. No entanto, o pão foi “partido”, a fim de ser distribuído aos companheiros da ceia e comido por eles. Jesus não protagonizou uma ação simbólica, a fim de expor aos discípulos uma verdade de maneira figurada e compreensível, mas com o pão partido ele lhes deu seu corpo. Não um corpo místico, uma substância transfigurada e sobrenatural, mas justamente corpo terreno, partido por eles. Contudo, agora recebem verdadeiramente esse corpo com todo seu sentido de salvação e o “comem”, ou seja, acolhem-no para si com toda sua realidade.

Jesus não queria celebrar apenas essa uma ceia com seus discípulos e não queria conceder seu amor apenas a esse pequeno grupo. Ele olhou para a igreja de todos os tempos e por isso ordenou expressamente: **“Fazei isto em memória de mim.”** Desse modo a ceia não se torna mera “celebração memorial”. O “recordar” autêntico traz à presença. A igreja de fato tem necessidade de que toda a sua perdição e toda a magnitude da ação redentora de seu Senhor sejam expostas vivamente diante dela. Também o crente repetidamente começa a “esquecer” quem ele é e o que o Senhor fez por ele. Ao receber, tomar e comer no pão o corpo partido de seu Senhor, a igreja “recorda” toda a história da salvação de Deus em Cristo. Porém esse “recordar” não consiste apenas de “pensamentos” e recordações, mas de “fazer”, uma ação, um verdadeiro receber. De qualquer forma, o próprio Paulo estava convicto da “participação” real no corpo do Senhor, como já constatamos em **1Co 10.16**.

**“Do mesmo modo também o copo após a refeição”** [tradução do autor]. **“Do mesmo modo”** como com o pão, Jesus procedeu com o copo. Também o “tomou”, proferiu sobre ele a oração de graças, e o ofereceu aos participantes na mesa, como o pão. Fica explícito o quanto a “santa ceia” estava inserida na refeição toda e não representava um ato fechado em si próprio, como entre nós. A partição e distribuição do pão pelo dono da casa fazia parte do começo de uma refeição. Ela prosseguia até o final, e somente agora, “após a refeição”, bem depois da distribuição do pão, o copo é abençoado e oferecido.

De maneira mais clara que no caso do pão Jesus profere aqui todo o significado de salvação da dádiva: **“Esse copo é a nova aliança em meu sangue.”** A declaração torna singularmente perceptível para nós que apesar de toda a realidade da dádiva de modo algum se trata de quaisquer substâncias sagradas. De acordo com a própria palavra de Jesus, não está no copo propriamente “o sangue”, e sim “a nova aliança”, que por sua vez somente se concretiza “no sangue de Jesus”, por intermédio de seu sangue. Quem recebe e bebe esse copo não recebe por meio dele uma matéria celestial, mas participação na nova aliança. Deus a havia prometido através do profeta Jeremias (**Jr 31.31-34**). Agora a institui e realiza em Jesus. Essa instituição, porém, não é uma coisa simples, não uma mera declaração de propósitos. O perdão prometido e necessário para essa nova aliança somente pode tornar-se realidade pelo fato de que toda a carga de pecados é levada embora por aquele que é o Cordeiro imaculado e santo de Deus (**Jo 1.29**). Em decorrência, a instituição dessa aliança somente podia acontecer através do sangue e custou o alto preço da morte maldita do Filho de Deus.

**26** É disso que nos “lembra” toda celebração da ceia do Senhor. Por isso toda celebração da santa ceia se torna expressamente uma proclamação da morte do Senhor. **“Porque, todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice, anunciais a morte do Senhor, até que ele venha.”** É importante que sintamos a afirmativa central da frase com todo seu impacto. A “morte do Senhor” não é uma obviedade. Nossos hinos de Natal enaltecem o milagre: “Ele se fez pequeno menino, que a tudo sustém sozinho.” Contudo é muito mais inusitado que experimenta a morte aquele que, na verdade, é o kyrios, o divino Senhor do universo. A morte e tudo o que está relacionado com a morte encontram-se em tamanho contraste com o Deus vivo que o sumo sacerdote da antiga aliança nem sequer podia participar das exéquias de seus pais, para não entrar em contato com qualquer coisa que se chame morte. Afinal, a morte é “o salário do pecado” (**Rm 6.23**). Morte e pecado, morte e Satanás (**Hb 2.14**) têm a mais estreita relação entre si. E agora o verdadeiro Sumo Sacerdote, o “Senhor”, o Filho do próprio Deus, o Santo e sem pecados, deve não apenas tocar a morte, mas pessoalmente sofrer a morte! Isso é inconcebivelmente terrível e não obstante representa, por isso, nosso resgate da merecida morte. Por isso justamente o copo da alegria festiva deve recordar o inimaginável episódio, o sangue derramado. Por outro lado o sangue derramado e a morte amarga se tornam para nós uma alegria

profundamente grata. Toda celebração da ceia do Senhor unifica o que não pode ser unificado: a morte do Senhor e, por isso, maldição e bênção, juízo e graça, extrema humilhação e máxima exaltação.

Em decorrência a celebração da ceia do Senhor é também “palavra da cruz”. E essa palavra é proferida na celebração da ceia não apenas por mensageiros isolados, não apenas pelo dirigente litúrgico da cerimônia, mas por todos os participantes por meio de seu “fazer”, i. é, por seu comer e beber. **“Anunciais a morte do Senhor”**, diz Paulo a todos os membros da igreja em Corinto.

Essa proclamação na celebração da ceia acontece **“até que ele venha”**. Isso não visa somente constatar o óbvio, de que essa celebração termina com a vinda do Senhor, e tampouco visa apenas exortar que até lá não seja deixada de lado. Pelo contrário, o adendo deve apontar expressamente ao fato de que o “Senhor”, cuja morte está sendo anunciada, é o Senhor vivo e vindouro. Novamente mostra-se o elemento escatológico permanente de toda a fé e vida dos primeiros cristãos (cf. **1Co 1.7** e o que ali foi exposto). Também na “ceia do Senhor” o olhar não está apenas voltado para o passado, por mais que ela seja celebrada “em memória”. A ceia dirige o olhar para frente, rumo ao dia do Senhor, quando Jesus há de celebrar de maneira plena e consumadora o banquete festivo do reino com os seus, numa alegria inefável e eterna.

**27** Foi assim que o próprio Senhor instituiu a ceia. Nem Paulo nem os coríntios podem dispor dela. Quando, no entanto, uma igreja a celebrar, isso tem de acontecer de modo digno, de conformidade com sua instituição. Paulo o expressa iniciando a frase seguinte com um enfático “por isso”. **“Por isso, quem comer o pão ou beber o cálice do Senhor de uma maneira indigna torna-se culpado do corpo e do sangue do Senhor”** [tradução do autor]. Como a formulação é importante! A tradução conhecida de Lutero: “Quem, porém, come e bebe indignamente” quase nos obrigou a entender “quem come e bebe como um indigno”. Quantas pessoas não se torturaram amargamente com a pergunta se são “indignas” e se com sua participação na santa ceia estão pecando contra o corpo e sangue do Senhor! Desse modo foi-lhes infundido nos corações o medo da santa ceia, de maneira que atenderam ao convite do Senhor Jesus o mais raramente possível ou nunca. O texto grego diz inequivocamente: aquele que come e bebe **“de uma maneira indigna”**. Unicamente assim a frase também se encaixa no contexto da passagem. Paulo não critica os coríntios por virem à ceia do Senhor como pessoas indignas, mas por destruí-la através de um modo indigno de celebrá-la. Quando diante da mesa do Senhor há divisões dilacerando a igreja, quando um sofre fome e o outro está embriagado enquanto a morte inusitada do Kyrios por todos é proclamada, então isso constitui uma “maneira indigna”. Nesse caso, porém, ela não representa um defeito estético, mas possui um efeito terrível, que os coríntios precisam ter em mente. Desse modo tornam-se **“culpados do corpo e sangue do Senhor”**. Toda celebração da santa ceia é “participação” no corpo e sangue do Cristo com pleno realismo, independentemente de como ela é celebrada. Contudo, a questão é se essa participação salva e agracia ou se ela torna culpado e sentencia. Esse tornar-se culpado em Cristo corresponde ao “desprezar a igreja de Deus” (v. **22**), mas de forma aprofundada. Quem se comporta na ceia do Senhor da maneira como diversos coríntios não apenas despreza a igreja de Deus, mas ignora e despreza o próprio Senhor e seu amor sério e sacrificial, tornando-se assim “culpado de seu corpo e sangue”, que justamente haviam sido entregues para sua salvação. Encontramo-nos muito próximos de **Hb 10.28-31**.

**28** Diante dessa seriedade cresce a obrigação do “exame”. Paulo não elucidou mais detalhadamente sua exortação **“Examine-se, pois, o homem a si mesmo”**. Em parte alguma do **NT** se fala de uma “confissão” anterior à “santa ceia”. Cada um deve **“examinar-se a si mesmo”**. Uma vez que na frase seguinte, como no contexto do trecho todo, está em jogo “discernir o corpo”, ter a atitude correta perante a ceia do Senhor, bem como perante a irmandade da igreja, também o auto-exame deverá referir-se sobretudo a isso. Sem dúvida o reconhecimento do pecado tem importância. Afinal, a verdadeira “dignidade” para a mesa do Senhor Jesus reside unicamente na minha “indignidade” real e por mim mesmo confirmada. Jesus realizou a ceia no passado e a realiza ainda hoje unicamente com “pecadores”. Somente os “perdidos” têm necessidade do sacrifício salvador do corpo e sangue do Senhor. Nesse caso, porém, também estão cientes de toda a santa magnitude da ceia do Senhor e não a profanam por meio de uma celebração indigna. Estão plenos do amor do Cristo e por isso dispostos para a irmandade. Os abusos que se imiscuíram em Corinto são inconcebíveis para eles. Paulo aponta para esse alvo corretivo do “exame” por meio da palavra grega *dokimazein* que inclui o resultado positivo, à semelhança do que acontece também entre nós, quando falamos de um “motorista provado”. Por isso Paulo prossegue: **“E, assim, coma do pão e beba do copo”**. Agora, sabendo claramente o que busca na ceia do Senhor, a saber, não “seu próprio comer” (v. **21**), mas verdadeiramente essa grande dádiva do Cristo e a irmandade da igreja, **“assim”** o cristão pode e deve vir confiante e agradecido à mesa do Senhor.

**29** Mais uma vez, porém, Paulo salienta diante de uma igreja irresponsável toda a seriedade: **“Pois quem come e bebe, para si próprio come e bebe um juízo se não discernir o corpo.”** Como em **1Co 10.16s** temos de considerar que no “corpo” que alguém **“não está discernindo”** sempre ressoa também a idéia do “corpo de Cristo”, a igreja. Os que em Corinto se refestelavam tranqüila e opulentamente já não “discernem” no pão, dentre todos os demais alimentos, o corpo do Cristo entregue por eles. Mas tampouco “discernem” o corpo de Cristo, a igreja, de outras reuniões em que se podia contemplar com indiferença a fome de pessoas e

envergonhar os pobres. Contudo, nem mesmo agora seu comer e beber permanece ineficaz, apesar de sua indiferença contra o “corpo do Senhor”. Comem e bebem agora com a ceia do Senhor o juízo para si mesmos. Como em todas as situações Paulo leva a sério o corpo e os processos físicos! O corpo pertence ao Senhor, em nosso corpo glorificamos a Deus (1Co 6.13; 6.20). Nosso comer e beber nos leva à união real com os demônios ou com o corpo e sangue do Cristo (1Co 10.16,20). Pelo comer e beber honramos a Deus (1Co 10.31). Pelo comer e beber nos submetemos pessoalmente ao juízo de Deus. É isso que os coríntios, que acreditam, numa falsa “intelectualidade” e “liberdade”, não ter necessidade de se importar com os processos reais e corporais, precisam reconhecer.

- 30 Eles mesmos têm diante dos olhos que o “juízo” que eles comem e bebem para si não é mera palavra ou até mera ameaça do apóstolo. Não, esse juízo está sendo executado: **“Eis a razão por que há entre vós muitos fracos e doentes e não poucos que dormem.”** Pelo fato de que na celebração indigna da ceia se trata de comer e beber, a culpa também tem um efeito físico, em fraqueza e enfermidade, sim, ela até leva a falecimentos. Mais uma vez fica claro todo o realismo na compreensão paulina da santa ceia.
- 31 Será que agora os membros da igreja em Corinto estão assustados? Será que buscam o que poderão fazer? Paulo tem para eles uma resposta clara: **“Se nos julgássemos a nós mesmos (corretamente), não seríamos julgados.”** Deus age segundo a misericordiosa regra de que ele não realiza mais o seu julgamento quando uma pessoa sinceramente tenta obter clareza sobre si mesma e profere a sentença contra si mesma.
- 32 Entretanto, há mais a dizer. Novamente constatamos em Paulo (cf. acima, p. 166s) aquela peculiar guinada para o positivo, oriunda do fato de estar compenetrado do evangelho. Até mesmo aqueles em quem já se realizou um juízo, sobretudo aqueles “fracos e enfermos”, não precisam desesperar, porém podem ter a certeza: **“Julgados, porém, pelo Senhor, somos disciplinados, para não sermos condenados junto com o mundo”** [tradução do autor]. O sentido da frase não muda substancialmente quando combinamos as palavras “pelo Senhor” com “julgados” ou com “somos disciplinados”. O importante é que os juízos sobre o crente visam ser um auxílio genuíno, a fim de que escape do juízo sobre o mundo. Paulo sempre considerou esse juízo como terrivelmente sério, cf. Rm 2.5; 5.9; 1Ts 1.10. Nesse juízo sobre o mundo prevalece a ira. Se os juízos disciplinadores de Deus preservam o crente de **“ser condenado junto com o mundo”**, então ele poderá aceitar com grata submissão esses juízos disciplinadores.
- 33,34 Paulo conclui: **“Assim, pois, irmãos meus, quando vos reunis para comer, esperai uns pelos outros.”** Está claro que a pergunta incisiva do v. 22 não visa acabar com toda a maneira antiga de celebrar a ceia! Com certeza teria sido completamente inconcebível para Paulo e para uma igreja daquele tempo realizar a ceia do Senhor sem uma refeição conjunta! Tomar e partir o pão simplesmente fazia parte do começo de uma refeição. E somente “depois de comer” era possível oferecer o copo, de acordo com o exemplo de Jesus. No entanto, era possível evitar a pior degradação da ceia se pelo menos todos **“esperassem uns pelos outros”**. Era provável que a partilha equânime de alimentos acontecesse por si mesma se o abastado não estivesse pronto com sua refeição abundante quando o pobre chegava, já tarde, à reunião, após sua dura jornada de trabalho. No entanto, esperar não se torna problemático **“quando alguém tem fome”**? Pois bem, se essa for uma situação tão grave, que alguém não seja capaz de esperar, então **“coma em casa, a fim de não vos reunirdes para a condenação”**. Novamente ouve-se a dura palavra de juízo “condenação”, que paira sobre todo o trecho e que a rigor já estava sendo sugerida na frase introdutória, de que o encontro dos coríntios “não leva a favorecer, mas a prejudicar”. E mais uma vez Paulo aponta para o absurdo arrasador, de que o encontro de uma igreja de Jesus como tal, e ainda mais seu encontro para receber o corpo e sangue entregue para sua salvação, levam à sua condenação e perdição.

Havia ainda muitos detalhes a regulamentar. Mas Paulo não quer fazê-lo por carta, à distância. Perguntas e dificuldades concretas precisam ser debatidas e decididas no local. **“Quanto às demais coisas, eu as ordenarei quando for ter convosco.”** Na forma grega da conjunção da frase reside uma certa indefinição. Paulo ainda não consegue prometer com certeza sua vinda próxima. No encerramento da carta ele informa mais detalhes a respeito (1Co 16.5-9).

No presente trecho sobre a celebração da santa ceia dois aspectos chamam nossa atenção. Até mesmo aqui na administração dos sacramentos falta o “ministério”. Paulo não dirige ao ou aos “ministros” a solicitação de tomar providências para acabar com os abusos e observar a ordem apropriada. Dirige-se à igreja como um todo, porque ela mesma, como um todo, realiza a celebração. Ao que parece não existe uma “liturgia” definida, com a recitação das palavras da instituição como centro. Do contrário o apóstolo não teria tido a necessidade de anotar em detalhe a instituição da ceia, mas teria bastado lembrar a igreja de seu cabedal litúrgico diariamente repetido.

Não podemos elaborar aqui o que todo esse trecho significa para a igreja de hoje e para sua celebração da ceia do Senhor. Há, obviamente, uma certeza, de que a celebração eclesialística do “sacramento do altar”, que somente pode ser distribuída por ministros ordenados ou consagrados, não é a única maneira possível ou válida de celebrar a ceia de forma condizente com sua instituição. Cabe perguntar seriamente se não nos afastamos demais daquilo que na presente passagem Paulo afirma sobre a ceia do Senhor e sua realização

correta. Contudo, a celebração da santa ceia está indissolúvelmente ligada com toda forma da atual “vida eclesial”. Não é possível empreender um retorno ao Novo Testamento num ponto isolado. Se pelas enormes mudanças da época Deus fizer com que a igreja de Jesus torne a ser como no primeiro cristianismo, sua celebração da ceia por si mesma também se aproximará do quadro do Novo Testamento. Foi isso que Lutero já pensou no famoso prefácio à “missa alemã”. Na multidão daqueles “que com seriedade desejam ser cristãos” existiria, em lugar de “muita cantoria”, “uma bela maneira sucinta de celebrar o sacramento”. O “sacramento do altar” tornaria a ser a refeição da igreja na presença de seu Senhor, na qual todos anunciam a morte do Senhor, até que ele venha.

## Acerca dos efeitos do Espírito Santo

### 1. As características da atuação do Espírito, 12.1-11

- <sup>1</sup> **A respeito dos dons espirituais (ou: dos efeitos do Espírito, ou: dos dotados do Espírito), não quero, irmãos, que sejais ignorantes.**
- <sup>2</sup> **Sabeis que, outrora, quando éreis gentios, deixáveis conduzir-vos aos ídolos mudos, segundo éreis guiados.**
- <sup>3</sup> **Por isso, vos faço compreender que ninguém que fala pelo Espírito de Deus afirma: Anátema, Jesus! Por outro lado, ninguém pode dizer: Senhor Jesus!, senão pelo Espírito Santo.**
- <sup>4</sup> **Ora, os dons são diversos, mas o Espírito é o mesmo.**
- <sup>5</sup> **E também há diversidade nos serviços, mas o Senhor é o mesmo.**
- <sup>6</sup> **E há diversidade nas realizações, mas o mesmo Deus é quem opera tudo em todos.**
- <sup>7</sup> **A manifestação do Espírito é concedida a cada um visando a um fim proveitoso.**
- <sup>8</sup> **Porque a um é dada, mediante o Espírito, a palavra da sabedoria; e a outro, segundo o mesmo Espírito, a palavra do conhecimento;**
- <sup>9</sup> **a outro, no mesmo Espírito, a fé; e a outro, no mesmo Espírito, dons de curar;**
- <sup>10</sup> **a outro, operações de milagres; a outro, profecia; a outro, discernimento de espíritos; a um, variedade de línguas; e a outro, capacidade para interpretá-las.**
- <sup>11</sup> **Mas um só é o mesmo Espírito realiza todas estas coisas, distribuindo-as, como lhe apraz, a cada um, individualmente.**

- 1** Como em [1Co 7.1](#) e [8.1](#), Paulo também agora trata de uma interrogação dos coríntios. Sua resposta se revela muito minuciosa, preenchendo os capítulos [12-14](#), um sinal de que Paulo considera que este é um ponto essencial das mazelas da vida eclesial em Corinto. Também aqui se trata (como já no começo da carta) de discórdias e divisões, de “ciúmes e contendas”, que eclodiam precisamente na riqueza e multiformidade dos efeitos do Espírito. Por essa razão a preocupação de Paulo em todo o capítulo [12](#) é demonstrar poderosamente aos coríntios a unidade da fonte de toda a riquezas de “dons” e a unidade da igreja como um corpo com os muitos membros. O detalhe é que o primeiro enfoque do capítulo **“A respeito dos efeitos do Espírito”** [tradução do autor] indica que Paulo não precisa tratar apenas dos “carismas, os dons do Espírito”, mas que foi questionado de maneira mais abrangente a respeito de toda a atuação do Espírito. Também nessa questão seu interesse é que a igreja se torne sabedora e entendedora, que seja capaz de aquilatar ela mesma todos os fenômenos nessa área da vida espiritual. **“Acerca dos efeitos do Espírito (ou: dos dotados do Espírito) não quero, irmãos, que sejais ignorantes.”** Por isso Paulo inicia com uma afirmação fundamental que mostra aos coríntios a característica essencial da atuação do Espírito propriamente dita. Nem o mundo gentio nem o judaísmo possuem o Espírito Santo. Unicamente na igreja de Jesus, onde Jesus é confessado como o *kyrios*, o Espírito está atuando.
- 2** A frase sobre os gentios é lingüisticamente complicada e de difícil tradução. Não podemos abordar aqui os detalhes dessa dificuldade. A tradução forçosamente conserta um pouco a frase. **“Sabeis que, outrora, quando éreis gentios, deixáveis conduzir-vos aos ídolos mudos, segundo éreis guiados.”** Os coríntios conhecem a religião gentia de seu próprio passado. Sabem que naquele tempo possuíam apenas “ídolos mudos”. Embora não houvesse ali nenhuma palavra viva, nenhuma certeza interior que preenchesse e animasse todo o coração, ainda assim participavam ativamente do culto. Por que? De um ou outro modo deixavam-se “conduzir” e “guiar”. Toda a religião gentia constitui uma parcela ineludível da vida e do firme costume do povo. Nada se podia notar nela do Espírito de Deus que atua pela palavra e produz convicção própria. Seguiam irrefletidamente o costume vigente.
- 3** Entretanto, será que o judaísmo não era algo bem diferente? Nele não havia um Deus vivo que falava e, por isso, também um conhecimento claro e uma ordem consciente da vida? Diversos membros da igreja



provavelmente já olhavam com atenção para o judaísmo no tempo em que eram gentios. Agora em muitas igrejas perguntava-se se não teriam de pertencer a Israel para poderem pertencer corretamente a Jesus, o Messias de Israel. Justamente pelo fato de que para os antigos “gentios” era difícil opinar nesse ponto, **“por isso vos faço compreender que ninguém que fala pelo Espírito de Deus afirma: ‘Maldição sobre Jesus’.”** Também na sinagoga de Corinto ocorreram “blasfêmias” por ocasião da pregação de Paulo (**At 18.6**). Naquele tempo as exclamações “maldição sobre Jesus” ecoavam no recinto quando Paulo falava de Jesus. E também agora a sentença sobre Jesus está estabelecida em todas as sinagogas: Jesus é o blasfemador executado com razão no madeiro maldito. Isso, porém, constitui a evidência segura de que aqui não se pode encontrar o Espírito de Deus.

Porque a atuação do Espírito leva exatamente no sentido oposto, conduzindo ao testemunho: **“Senhor é Jesus.”** Sim, **“ninguém pode dizer: ‘Senhor é Jesus’, senão pelo Espírito Santo”**. Durante muito tempo, ao longo dos séculos de tradição cristã, isso obviamente parecia não estar correto. Contudo justamente na atualidade começamos a compreendê-lo novamente. Nenhuma “pessoa sensata” é capaz de reconhecer que um artesão judaico, que acabou indefeso na cruz, insultado pelas pessoas e abandonado por Deus, deva ser o *kyrios*, o Senhor do universo, o Juiz de todos os bilhões de pessoas. “Senhor é Jesus” – naquele que afirma isso com absoluta convicção atua o Espírito Santo. Porque precisamente essa é, conforme **Jo 16.14**, a obra mais própria e precípua do Espírito: glorificar a Jesus, mostrar Jesus com toda a sua glória. Por intermédio do Espírito Santo formula-se a confissão básica do cristianismo: **“Senhor é Jesus.”** Todas as demais “confissões” e “escritos confessionais” no cristianismo são apenas elaborações mais detalhadas e explicações dessa confissão fundamental. Ao mesmo tempo, porém, toda pessoa que for capaz de proferir essa confissão e ver no ser humano Jesus o *kyrios* tem o privilégio de, com gratidão e alegria, ter certeza de que o Espírito habita e atua em seu coração. E a igreja que vive nessa confissão é o lugar da presença do Espírito Santo (**1Co 3.16**).

- 4 Mas esse reconhecimento de Jesus como o *kyrios* não é o único efeito do Espírito. Também nessa questão não é correto estagnar no mero “reconhecer”, na mera teologia. Paulo sempre tem em vista a igreja e sua edificação. Em toda a carta sua preocupação não são pensamentos corretos por parte de cristãos isolados e solitários, mas a vida apropriada da igreja de Deus. Essa vida, porém, com toda a sua multiformidade e sua riqueza, é efeito e presente do Espírito.

- 5,6 É para esse aspecto que Paulo agora se volta, mostrando aos coríntios: **“Há distribuições de serviços, e (é) o mesmo Senhor; e há distribuições de efeitos, mas (é) o mesmo Deus que opera tudo isso em todos”** [tradução do autor] Como tudo está cheio de vida e atividade! Essa palavra coloca diante de nós uma realidade que nós, cristãos de hoje, temos de captar de maneira completamente nova.

Essa riqueza de vida da igreja é efeito do Deus vivo. As três frases de Paulo apontam para o Deus triúno, motivo pelo qual tampouco estão simplesmente justapostas, mas perfazem uma unidade coesa. O Espírito concede os “dons da graça”, mas ele os concede porque o Senhor concede “serviços”, para os quais carecemos dos apetrechos carismáticos. Os múltiplos “efeitos”, porém, nos “serviços” por meio dos “dons da graça” remontam ao mesmo Deus, **“que opera tudo isso em todos”**. O Espírito, portanto, não age autonomamente, mas está ligado ao Senhor e é o Espírito do Deus atuante.

Por essa razão Paulo é capaz de atestar a poderosa unidade por trás da multiformidade das **“distribuições”**. Nisso se explicita a preocupação do apóstolo. Toda a multiformidade acarreta o perigo de que se contraponha ou desvalorize uma coisa em detrimento da outra. Uma igreja como a de Corinto, com tanta inveja e ciúme, e tanta carência de amor, já sucumbiu parcialmente a esse perigo. De **1Co 14** podemos depreender que em Corinto a “língua” era considerada como dom privilegiado do Espírito, no qual a atuação do Espírito podia ser vista da maneira mais segura e poderosa. Outros dons menos vistosos, por sua vez, eram considerados inferiores. Talvez os grupos da igreja que se apegavam especialmente a Paulo tenham solicitado ao apóstolo o ensinamento **“a respeito dos efeitos do Espírito”** justamente em vista dessas confusões na igreja.

Inicialmente Paulo fundamenta a exposição com o fato de que **“o mesmo Espírito”** concede os mais diversos dons, e **“o mesmo Senhor”** atribui todos os serviços, e em ambos **“o mesmo Deus”** está, que **“opera tudo em todos”**. Nesse caso não é possível contrapor entre si os dons, serviços e efeitos. Originam-se todos do mesmo Deus. Entretanto, cada carisma, cada serviço possui seu próprio valor inviolável e é completamente imprescindível em seu lugar. Ao mesmo tempo a formulação “Deus opera tudo em todos” aponta para aqueles que recebem pessoalmente os diversos dons e serviços, os “dotados do Espírito”. Também eles não podem ser depreciados um em relação ao outro e tampouco podem “ensoberbecer-se em favor de um em detrimento do outro” (**1Co 4.6**). Deparamo-nos sempre com os mesmos danos em Corinto. Por meio deles é deturpada até mesmo a riqueza da doação divina mediante o Espírito Santo, tornando-se um meio para a briga e discórdia.

- 7 É contra isso que se dirige a sucinta frase seguinte, constatando de maneira fundamental que **“A cada um, porém, é concedida a revelação do Espírito para o proveito”** [tradução do autor]. Três aspectos são importantes nessa frase. “Cada um” é presenteado pelo Espírito que se revela. O Espírito não privilegia alguns “grandes”, mas visa equipar **“cada um”** de uma ou outra maneira. Por essa razão na verdade também precisa haver o espaço na igreja para **“cada um”**, para que o indivíduo de fato possa tornar este equipamento ativo.

Quando apenas um pequeno número de “ministros” acumula sobre si todos os “serviços”, tomando tudo nas próprias mãos, os dons concedidos a “cada um” não conseguem se desenvolver. Acontece que aquilo que o Espírito concede em sua revelação é realmente doação gratuita. Por isso desaparece qualquer motivo para nos engrandecermos a nós mesmos com um dom. Novamente, e com maior nitidez, surge diante de nós o texto de **1Co 4.7**. E, finalmente, todos os dons são concedidos **“para o proveito”**. Portanto, “carismas” são dons de *serviço* dados pelo Espírito Santo, que não existem para a felicidade e exaltação de alguns membros da igreja, mas devem ser “proveitosos” para os outros, a igreja toda. Em razão disso toda pessoa, todo grupo, todo movimento é condenado quando qualquer um dos dons do Espírito recebe destaque para o engrandecimento próprio. Portadores genuínos do Espírito *servem* e têm tanto a fazer nesse serviço que não lhes resta tempo para observar-se e enaltecer-se a si mesmos.

Na seqüência Paulo fornece uma primeira visão sobre os **“dons da graça”** (“carismas”). É uma abundância rica, sobre a qual Paulo no entanto não registra tudo meticulosamente. Na nova listagem no final do capítulo ele se desvia sem dificuldades dessa primeira visão geral. Afinal, trata-se de realidades simples, não de um “sistema” ou de exigências dogmáticas. De imediato obtemos uma vívida impressão disso quando colocamos ao lado do presente trecho a passagem correspondente da carta aos Romanos (**Rm 12.4-8**). Em Roma a situação dos serviços é diferente do que em Corinto. Porém Paulo não combate como excesso aquilo que havia em maior quantidade em Corinto do que em Roma, mas tampouco chama os romanos de pobres e atrasados porque entre eles não existem “línguas” ou “dons de cura”. Não é obrigatório que todas as igrejas tenham os mesmos dons, e de maneira alguma todas as igrejas precisam ter todos os dons. Trata-se de “distribuições” que competem à soberana deliberação do Espírito, e de “serviços” sobre os quais dispõe unicamente o Senhor. Como haveria, então, espaço para a crítica e a reclamação? É somente nisso que o apóstolo insiste, tanto em Roma quanto em Corinto, a saber, que os dons existentes sejam usados com dedicação **“para o proveito”**.

- 8 Tudo o que Paulo passa a citar são capacidades genuínas e “sobrenaturais”. Carismas não são apenas dons naturais santificados. Sem dúvida Deus também é capaz de colocar a seu serviço aptidões e capacidades naturais, santificando-as para isso. Porém não é isso que está em discussão. Trata-se de dons do Espírito Santo, que não têm nada a ver com dons naturais. Nesta questão é significativo que Paulo não coloque as línguas”, tão admiradas em Corinto, em primeiro lugar. Para ele importa acima de tudo o que serve à edificação de toda a igreja. A igreja, porém, precisa de **“sabedoria”**, ou seja, a capacidade de decifrar as tarefas práticas da vida, encontrando a partir de Deus os caminhos e as soluções apropriadas para elas. Contudo ela também precisa de **“conhecimento”**, da percepção profunda da verdade e do plano de salvação de Deus. Não precisa apenas da sabedoria e do conhecimento em si, mas sobretudo da **“palavra da sabedoria”** e da **“palavra do conhecimento”**, que comunicam essa sabedoria e esse conhecimento de maneira correta e útil à igreja. O Espírito é quem as concede: **“A um é dada, mediante o Espírito, a palavra da sabedoria, e a outro, segundo o mesmo Espírito, a palavra do conhecimento.”** No entanto é significativo que Paulo considere esses dois dons, tão próximos entre si, como distribuídos a diferentes membros da igreja.
- 9 Agora a “fé” aparece como um carisma especial. O termo não pode estar se referindo à fé na salvação, que cada um possui e precisa possuir, caso realmente queira pertencer à igreja. Aqui Paulo tem em mente a “fé” concedida de maneira singular a certas pessoas, embora obviamente “para o proveito” de toda a igreja. Nem todo membro da igreja tem, e tampouco precisa ter, a “fé” de A. H. Francke ou Georg Müller. Tais homens (e mulheres!) de fé demonstram de maneira especial a fidelidade de Deus em suas promessas, o poder da oração, a maravilhosa confiança de contar com Deus, fortalecendo assim a igreja em seu todo e ajudando em sua edificação.
- 9,10 **“Dons de curar” e “operações de milagres”** estão no plural. Isso deve apontar para o fato de que Paulo não está pensando que algumas pessoas sejam permanentemente equipadas com o poder de curar ou de efetuar milagres. Constantemente é concedido a cristãos que, pelo Espírito Santo, possam curar enfermos e realizar milagres em situações de aflição especial. Ou seja, não é “curadores de enfermos” e “realizadores de milagres” que o Espírito concede, mas sim “dons de curar” e “operações de milagres”. Em **2Co 12.12** Paulo arrola “sinais e prodígios” entre as necessidades de seu ministério apostólico. Nesse contexto ele não cita expressamente os “dons de curar”. De acordo com **Mc 16.18** há uma imposição de mãos por parte dos mensageiros de Jesus, sim, de todos os crentes, que cura, mas que não é necessariamente uma dotação com “dons de curar”, antes caracterizando a respectiva ação com fé. Isso conduz às instruções de **Tg 5.14**. Aqui fica muito claro que o enfermo não é remetido a presbíteros especiais com dons de cura, mas que ele pode esperar que simples “presbíteros da igreja” lhe tragam auxílio na aflição da enfermidade por meio da “oração da fé”.

Na seqüência são citadas a **“profecia”** e **“variedade de línguas”**. Em **1Co 14** ouviremos detalhadamente acerca dos dois dons. Importante, porém, é que ao lado de cada um desses dons é colocado um segundo; ao lado da “profecia” o **“discernimento de espíritos”**, ao lado da “variedade de línguas” a **“interpretação das línguas”**. Por que isso é necessário? Quem fala profeticamente demanda que a igreja o ouça e lhe obedeça.

Será que, assim, a igreja está simplesmente à mercê de toda afirmação profética? Aos tessalonicenses Paulo escreveu: “Não desprezeis as profecias. Julgai todas as coisas, retende o que é bom” (1Ts 5.20s). A própria igreja tem o Espírito, razão pela qual também sabe avaliar se aquilo que um profeta afirmou de fato procede do Espírito de Deus. Agora, com vistas aos coríntios, Paulo considera a situação como ainda mais grave. Ao lado dos “espíritos dos profetas” (1Co 14.32) existem também outros espíritos estranhos que podem se imiscuir. Por isso é muito necessário na igreja o dom especial do “discernimento dos espíritos”. De novo consta aqui o plural, a fim de indicar que não se trata de uma qualidade constante de alguns membros da igreja, mas de “distribuições” constantemente renovadas, que podem ser concedidas cada vez “a outro”. Tais membros da igreja não tiram da igreja como um todo o dever de examinar as profecias, porém lhe proporcionam um auxílio especial para isso.

Ao lado da “variedade de línguas” está a “interpretação das línguas”. Não sabemos o que Paulo realmente visa dizer com “variedades” de línguas, porque nem mesmo na análise detalhada do falar em línguas em 1Co 14 ele fornece um quadro concreto das “línguas” e de suas “variedades”. Não havia necessidade disso, os coríntios o conheciam de experiência própria. Pelo menos no começo de 1Co 13 somos informados de que há “línguas dos humanos” e “línguas dos anjos”. Contudo, independentemente de qual “espécie” de línguas se torna audível, a “língua” permanece ininteligível para todos os demais se não for “interpretada” ou “traduzida” para o idioma corrente. Por isso Paulo tolera o falar em línguas na reunião da igreja somente se for concedida também a “interpretação da língua” (1Co 14.27s).

- 11 Finalizando, Paulo torna a constatar: **“Mas um só e o mesmo Espírito realiza todas estas coisas, distribuindo-as, como lhe apraz, a cada um, a seu modo”** [tradução do autor]. Aqui Paulo atribui ao Espírito a mesma “atuação” que ele afirmou sobre Deus no v. 6. Acima de tudo, porém, ele enfatiza que por trás de toda a grande multiformidade dos dons mencionados está “um só e o mesmo Espírito”. Isso exclui qualquer supervalorização errada e qualquer menosprezo equivocado de um dom. E o Espírito aparece como o senhor completamente livre na “distribuição” dos dons. Concede-os **“a cada um a seu modo”** e **“como lhe apraz”**. De maneira alguma os dons da graça são merecidos, adquiridos por esforço ou conquistados. Muito menos pode-se associar a eles qualquer “glória”. Cabe glorificar unicamente o Espírito que livremente concede e dota os fiéis.

## 2. A igreja como “corpo de Cristo”, 12.12-31a

- 12 **Porque, assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, constituem um só corpo, assim também com respeito a Cristo.**
- 13 **Pois, em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um só Espírito.**
- 14 **Porque também o corpo não é um só membro, mas muitos.**
- 15 **Se disser o pé: Porque não sou mão, não sou do corpo; nem por isso deixa de ser do corpo.**
- 16 **Se o ouvido disser: Porque não sou olho, não sou do corpo; nem por isso deixa de o ser.**
- 17 **Se todo o corpo fosse olho, onde estaria o ouvido? Se todo fosse ouvido, onde, o olfato?**
- 18 **Mas Deus dispôs os membros, colocando cada um deles no corpo, como lhe aprouve.**
- 19 **Se todos, porém, fossem um só membro, onde estaria o corpo?**
- 20 **O certo é que há muitos membros, mas um só corpo.**
- 21 **Não podem os olhos dizer à mão: Não precisamos de ti; nem ainda a cabeça, aos pés: Não preciso de vós.**
- 22 **Pelo contrário, os membros do corpo que parecem ser mais fracos são necessários;**
- 23 **e os que nos parecem menos dignos no corpo, a estes damos muito maior honra; também os que em nós não são decorosos revestimos de especial honra.**
- 24 **Mas os nossos membros nobres não têm necessidade disso. Contudo, Deus coordenou o corpo, concedendo muito mais honra àquilo que menos tinha,**
- 25 **para que não haja divisão no corpo; pelo contrário, cooperem os membros, com igual cuidado, em favor uns dos outros.**
- 26 **De maneira que, se um membro sofre, todos sofrem com ele; e, se um deles é honrado, com ele todos se regozijam.**
- 27 **Ora, vós sois corpo de Cristo; e, individualmente, membros desse corpo.**
- 28 **A uns estabeleceu Deus na igreja, primeiramente, apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro lugar, mestres; depois, operadores de milagres; depois, dons de curar, socorros, governos, variedades de línguas.**

<sup>29</sup> Porventura, são todos apóstolos? Ou, todos profetas? São todos mestres? Ou, operadores de milagres?

<sup>30</sup> Têm todos dons de curar? Falam todos em outras línguas? Interpretam-nas todos?

<sup>31a</sup> Entretanto, procurai, com zelo, os melhores dons!

- 12 O “**porque**” no começo do novo bloco mostra que Paulo, em suas explanações sobre a atuação do Espírito e sobre a multiplicidade e unidade dos dons da graça, já visava a igreja e sua vida. Por que existem os muitos serviços diversificados que, não obstante, formam uma sólida unidade entre si no mesmo Espírito e sob o único Senhor? Pelo fato de que a igreja é o corpo uno com os muitos membros diferentes. **“Porque, assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros do corpo, sendo muitos, constituem um só corpo, assim também o Cristo.”**

Paulo não está fazendo nenhuma afirmação a respeito do “mistério” da igreja, “desde os séculos oculto em Deus, que criou todas as coisas” e “foi revelado aos seus santos apóstolos e profetas, no Espírito” (Ef 3.4,5,9). Contudo, ainda assim o mistério se descortina diante dos coríntios quando ele não conclui a frase da maneira como poderíamos esperar: **“assim também a igreja”**, mas arrisca uma formulação ousada: “assim também o Cristo”. Ou seja, como “corpo”, a igreja pertence completamente ao Cristo, é parte constitutiva inseparável de Cristo, e sem a igreja “o Cristo” não pode mais ser imaginado. Não vive um Cristo acima das estrelas e uma igreja independente, que se encontra numa determinada relação de fé com esse Cristo, na terra. Cristo tampouco é apenas o “cabeça” de um corpo, ao qual o corpo se opõe de maneira totalmente autônoma. Pelo contrário, o Cristo se corporifica na igreja, pelo Espírito Santo habita nela como em seu santuário. O Cristo não está no mundo apenas como “anunciado” na “palavra”, mas vive fisicamente em sua igreja entre os humanos, fala por intermédio da igreja, ama por seu intermédio, salva por meio dela, auxilia e cura por meio dela. Que grandeza, mas também que responsabilidade está posta, assim, sobre a igreja! É o que precisam reconhecer justamente os coríntios, que em sua busca por liberdade individual “menosprezam a igreja de Deus” (1Co 11.22), fazem perecer irmãos sem muitos escrúpulos (1Co 8.11) e permitem que na construção da igreja entre “madeira, feno, palha, junco”. Também os dons de serviço do Espírito Santo apenas serão corretamente valorizados quando os coríntios tiverem em vista a essência da igreja com toda a sua magnitude.

É fácil comprovar que a figura do “corpo” foi muito usada na Antigüidade para a vida comunitária humana. Porém apesar disso Paulo a usa de uma forma singular. Para ele não continua sendo apenas uma “figura” útil. Pelo contrário, o corpo do Cristo foi reconhecido por Paulo como uma realidade plena, sendo exposto como tal aos coríntios.

- 13 Como na passagem anterior, a preocupação de Paulo diante das tensões e cisões em Corinto é sobretudo a unidade desse corpo. Por isso a frase subsequente não visa responder à pergunta como chegamos a pertencer a esse corpo. Pelo contrário, enfatiza-se e destaca-se a unidade acima de toda a multiplicidade dos seres humanos dos quais a igreja é constituída. Em geral essa diversidade cria profundos contrastes e divisões no mundo. Naquele tempo a separação entre “judeu” e “grego” e “escravo” e “livre” era um obstáculo intransponível. Porém essas diferenças, que até então determinavam a tudo, perderam seu poder de separação quando judeus, gregos, escravos e livres passaram a formar a milagrosa constelação do corpo de Cristo. Em Cristo e em seu Espírito e sua vida judeus e gregos, escravos e livres agora estão mais próximos do que as pessoas jamais podem estar ligadas por quaisquer laços de raça, de nação, de parentesco de sangue, de cultura ou de amizade pessoal. Como isso se concretizou? Não através do esforço e do empenho das pessoas que lutaram por uma unidade dessas. A fim de excluir esse tipo de equívoco, Paulo recorre ao acontecimento do batismo, que unificou pessoas dos mais diferentes tipos unicamente a partir de Deus: **“Pois, em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um só Espírito.”** O “ter sido dado beber de um só Espírito” poderia – recordamos 1Co 10.4 – referir-se à ceia do Senhor. No entanto, nesse caso seria estranha a forma do pretérito em “a nós foi dado beber”. Por isso também essa declaração deve fazer parte do olhar lançado sobre o evento batismal. Paulo é tão real no entendimento do batismo como em sua concepção da ceia do Senhor. No batismo de fato acontece algo decisivo. No batismo processa-se uma atuação do Espírito com poder determinante para a vida. Dos muitos ela cria o corpo único, que está repleto do único Espírito e considera todos os seus membros como embebidos do mesmo Espírito.

- 14 Em seguida Paulo se volta para o outro lado da realidade que se torna explícita no único “corpo”. **“Porque também o corpo não é um só membro, mas muitos.”** O corpo vive somente pela multiplicidade de seus membros e de toda a pluralidade de suas funções. Portanto, a unidade do corpo de Cristo de forma alguma significa uniformização! Em vista disso Paulo também não fez nenhuma tentativa de adaptar entre si as condições de Roma e de Corinto em relação aos dons da graça, mas deixou cada igreja ficar com o que Deus lhe dava (cf. acima, p. 189s). É precisamente por isso que todas as igrejas, às quais ele escreveu, se mostram a nós com sua plena e livre peculiaridade. E por isso Paulo – apesar de se reportar ocasionalmente a “costumes” coincidentes, 1Co 11.16 – não fez nada para unificar na mesma organização “igreja” as comunidades eclesiais



fundadas por ele, concedendo-lhes uma direção unificada. Obviamente, porém, a unidade do corpo apenas pode ser mantida quando a multiplicidade de seus membros está bem ordenada. A capacidade vital do corpo reside no convívio dos membros com todas as suas diferenças.

- 15,16** Inicialmente Paulo vê esse bom convívio sendo ameaçado por “complexos de inferioridade”, abordando esse perigo nos v. **15-18**. Medindo-se nas capacidades e tarefas de outro membro, um membro pode considerar-se pequeno e insignificante, como se nem sequer pertencesse bem ao corpo. **“Se o pé dissesse: Porque não sou mão, não pertença ao corpo, nem por isso deixa de ser do corpo. E se o ouvido dissesse: Porque não sou olho, não pertença ao corpo, nem por isso deixa de ser do corpo”** [tradução do autor]. Essas frases também podem ser entendidas como pergunta: “Não pertence, apesar disso, ao corpo?” No texto grego ocorre uma dupla negação, que é difícil de traduzir. Teríamos de dizer algo como: “Ele por isso não é não pertencente ao corpo”. Está claro o que Paulo pretende dizer diante da situação de Corinto. O que era ali uma pessoa que tinha “apenas” uma “palavra de conhecimento”, quando havia o admirado falar em línguas ou o irmão com visões proféticas? Será que de fato era um membro autêntico do corpo de Cristo?
- 17,18** Contudo o olhar objetivo para um “corpo” o enxerga de maneira muito distinta. O pé certamente não é mão, e o ouvido não é olho; mas o pé e o ouvido são tão imprescindíveis para a vida do corpo quanto a mão e o olho. **“Se todo o corpo fosse olho, onde estaria o ouvido? Se todo fosse ouvido, onde, o olfato?”** Acima do corpo, porém, torna-se visível Deus: **“Mas Deus dispôs os membros, colocando cada um deles no corpo, como lhe aprouve.”** Será que diante dessa vontade de Deus ainda pode haver sentimentos de inferioridade e desânimo? Também o pequeno dom e o serviço pouco aparente se originam de Deus. Não temos de olhar para outros, a nosso ver mais ricamente dotados e que realizam algo muito maior. Muito menos empreender a tentativa vã de imitar os outros. Com gratidão podemos ser aquilo que somos, servindo assim com nosso empenho ao todo.
- 19,20** **“Se todos, porém, fossem um só membro, onde estaria o corpo? O certo é que há muitos membros, mas um só corpo.”**
- 21** Os sentimentos de inferioridade são despertados e aprofundados por meio de falsos sentimentos de superioridade de outros. Um membro também pode considerar-se o único importante. O corpo na verdade precisava ser constituído apenas deste membro importante e de outros iguais a ele. Quando há apenas os que falam em línguas ou quando apenas os mestres da igreja transmitem sua elevada sabedoria, a igreja possui tudo de que precisa para sua vida espiritual. Talvez vários grupos na igreja de Corinto pensem assim. Paulo se dirige contra essa supervalorização de si próprio. Novamente está em jogo a verdadeira unidade, arriscada pela autoprojeção dos “grandes”. **“Não podem os olhos dizer à mão: Não precisamos de ti; nem ainda a cabeça, aos pés: Não preciso de vós.”**
- 22,23** Cada membro, no entanto, até mesmo o mais delicado e importante, pode e deve reconhecer que necessita absolutamente de todos os demais membros – o olho precisa da mão, a cabeça dos pés. Sim, é preciso afirmar ainda mais: **“Pelo contrário, os membros do corpo que parecem ser mais fracos são necessários”**. E no cuidado com nossos membros expressamos pessoalmente essa valorização de cada um dos membros: **“E os que nos parecem menos dignos no corpo, a estes damos muito maior honra; também os que em nós não são decorosos revestimos de especial honra. Mas os nossos membros nobres não têm necessidade disso.”** Paulo deve estar pensando nos membros aos quais concedemos “especial honra” ao vesti-los e encobri-los. Nitidamente alude aos órgãos de nossa sexualidade. Eles permanecem completamente ocultos, porém que função elevada e imprescindível para a continuidade da humanidade eles receberam! Por consequência, também no corpo de Cristo, na igreja, não importa a visibilidade, a categoria de destaque que possuímos. A senhora idosa e humilde que secretamente for uma pessoa de oração com autoridade pode ser mais importante do que uma pessoa com atuação pública largamente conhecida.
- 24,25** O olhar eleva-se outra vez até Deus. **“Contudo, Deus coordenou o corpo, concedendo muito mais honra àquilo que menos tinha, para que não haja divisão no corpo; pelo contrário, cooperem os membros, com igual cuidado, em favor uns dos outros.”** Uma “divisão”: era exatamente isso que se descortinava no começo da carta (**1Co 1.10**) como preocupação para o apóstolo e que em **1Co 11.18s** já se mostrara como realidade ameaçadora. Os coríntios a haviam tolerado com tranquilidade e, ao ouvir a carta, talvez também considerassem a preocupação de seu apóstolo exagerada. Será que sua rica e ativa vida eclesial, com os dons do Espírito, de fato estava ameaçada por tais discórdias? No entanto, com auxílio da ilustração do corpo, o problema forçosamente torna-se claro para eles. **“Divisão”** num corpo – cada um sabe que isso significa grave deformação e talvez a morte. Como, porém, ela pode ser evitada? Unicamente quando como igreja seguimos os modos de agir de Deus, que “concedeu muito mais honra ao membro que menos tinha”; somente quando desse modo “os membros cooperam com igual cuidado, em favor uns dos outros”. Era isso que faltava em Corinto, onde os fortes ostentavam sua “liberdade” inescrupulosamente, e os especialmente dotados viviam para sua própria grandeza. Nesse ponto a igreja precisa arrepender-se, voltando para o “amor” que edifica.

26 O corpo é uma “mescla” bem colorida de grande diversidade. Contudo está construído de tal maneira que todos os membros pertencem uns aos outros, são imprescindíveis uns para os outros e cuidam uns dos outros. Por essa razão não representa uma exigência, mas a constatação de um fato: **“De maneira que, se um membro sofre, todos sofrem com ele; e, se um deles é honrado, com ele todos se regozijam.”** Nessa frase não nos cabe inserir a palavra “devem”, como gostamos de fazer inadvertidamente. No corpo humano é corriqueiro que a enfermidade de um membro consiga perturbar a função dos membros distantes e prejudicar o bem-estar de todo o corpo, assim como também a força de um membro saudável vem em benefício de todos os demais. Da mesma maneira, no convívio da igreja trata-se não de exigir sentimentos de alegria ou sofrimento com o outro, mas de fatos significativos de que precisamos tomar conhecimento. Paralisia e deformação da vida espiritual em determinados membros da igreja afeta involuntariamente a condição de toda a igreja; e toda força e animação de membros da igreja favorece também todos os demais e confere alegria a toda a igreja. A “liberdade” proclamada em Corinto, que não se preocupa com os outros e tranqüilamente deixa o irmão fraco sucumbir, não é apenas uma injustiça, mas também um erro de graves conseqüências. Se a cabeça não se importar com a infecção no dedo mínimo, ela própria terá de morrer com ele. Por outro lado, porém, igualmente os fracos e “insignificantes” na igreja podem alegrar-se sem inveja com os irmãos e irmãs de grandes dons e grande capacidade de realização. Eles mesmos participam disso na vida eclesial. Também aqui vale o “tudo é vosso” (1Co 3.21). Não somos o apóstolo Paulo; porém nós e inúmeras pessoas em todas as igrejas do mundo vivem daquilo que foi confiado a Paulo e que ele transmitiu a outros mediante árduos esforços e lutas.

27 Paulo aposta tudo no mostrar a vida do corpo com seus membros em toda a sua realidade. Nessa realidade encontram-se também os coríntios. **“Ora, vós sois corpo de Cristo; e, individualmente, membros desse corpo.”** Também aqui está em primeiro lugar o ser, a condição real concedida. Paulo obviamente também sabe que uma igreja como “corpo” não funciona por si mesma como o corpo humano. Na verdade não temos de primeiro constituir o corpo de Cristo nem “fazer” de nós membros. No entanto, podemos prejudicar ou até destruir o que nos foi concedido. É por isso que Paulo escreverá o capítulo 13 e dará no capítulo 14 instruções marcantes para a vida da igreja. Inicialmente, porém, sua preocupação é dizer aos coríntios: “Tudo o que agora lhes mostrei no corpo humano realmente existe; vocês são o corpo de Cristo, vocês são membros. Portanto vocês têm a unidade na multiformidade dos membros, dons, poderes e serviços e possuem toda essa riqueza na unidade da igreja.”

28 Na seqüência Paulo retorna ao que ele havia dito nos v. 7-11 sobre os carismas. Agora, no entanto, depois do ensinamento sobre a igreja como “corpo”, isso se pode tornar palpável aos coríntios ainda de outro modo. Agora Paulo acrescenta à plenitude dos dons de serviço, que são recebidos respectivamente por indivíduos na igreja, os três ministérios, que evidentemente não são dons variáveis, mas se tornam a firme “vocação” de determinadas pessoas. É por isso que agora ele não cita dons e poderes, mas pessoas, com uma contagem expressa de sua seqüência: **“A uns estabeleceu Deus na igreja, primeiramente, apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro lugar, mestres.”**

Nesse caso a palavra “igreja” não se refere isoladamente à congregação de Corinto, mas à igreja em si, à igreja em todos os lugares, que se forma pelo trabalho dos apóstolos e cujo surgimento é alvo específico justamente do serviço dos **“apóstolos”**. Contudo é significativo que a totalidade das “igrejas locais” não receba um nome diferente, assim como a igreja em Corinto por outro lado também não recebe a designação depreciativa de igreja “local”. Tudo é essencial e integralmente “igreja”, a multidão dos que crêem em Corinto e em outros locais, bem como a soma de todos os crentes na face da terra. A totalidade das igrejas não é mais importante nem “igreja” ou “denominação” num sentido superior do que a “igreja local” em Corinto, Filipos ou Icônio.

Ao serviço de fundação de igrejas pelos apóstolo agregam-se **“profetas”** e **“mestres”**. Desde já somos lembrados com clareza de que “ser profeta” é algo diferente do que ter os dons de “profetizar” que Paulo deseja com tanta insistência a todos os membros da igreja. Em 1Co 14 nos depararemos novamente com esse fato. O “profeta” recebe certeza sobre a vontade e os planos de Deus, comunica-os à igreja e, assim, dirige a igreja. A igreja, porém, de forma alguma depende unicamente de revelações proféticas renovadas. Ao lado do “profeta” está o **“mestre”**, que com base na palavra de Deus é capaz de mostrar à igreja de forma abundante o que Deus lhe concede e o que ele quer dela. Em conseqüência, na presente carta Paulo se apresenta de forma muito especial como “mestre”, que não anuncia à igreja oráculos proféticos, mas que a conduz para entender e captar verdade divina.

Diferentemente de Ef 4.11, não se mencionam aqui os “evangelistas” e os “pastores”. Ao falar dos “apóstolos” Paulo talvez esteja pensando não apenas nos apóstolos em sentido mais restrito, mas também nas pessoas que mais tarde serão especialmente citadas como “evangelistas”. Afinal, prosseguem o trabalho dos “apóstolos”, anunciam a mensagem salvadora de Jesus, a fim de fazer com que das pessoas salvas se forme a “igreja”, ou que uma igreja já existente cresça por meio delas. O “serviço pastoral” acontecia tanto por meio dos “apóstolos, profetas e mestres”, como também através do serviço recíproco dos membros da igreja (Cl

3.16; 1Ts 4.18; 5.11), e somente mais tarde se destacou como uma atividade própria conferida a determinados membros. A designação “pastores” também pode referir-se às pessoas que de resto são chamadas de “presbíteros” e que conforme At 20.28 têm de executar especialmente o serviço de “pastorear” a igreja. Lá Paulo os designa de “bispos”. No primeiro cristianismo tudo ainda é bastante livre e flexível, sem “cargos” instituídos.

Às pessoas singularmente vocacionadas de forma permanente agregam-se os “dons” concedidos aos respectivos membros da igreja para o serviço. Não são citadas outra vez a “palavra de sabedoria”, a “palavra do conhecimento” e a “fé”. Em contrapartida são acrescentados aos “poderes de milagre” [tradução do autor] e “**dons de curar**” ainda a “**assistência**” [TEB] e os “dons de direção”, que faltam nos v. 8-10. Para prestar assistência e para dirigir obviamente há também capacidades naturais, que não devem ser desprezadas na igreja. Contudo, considerando que uma “igreja” não é uma organização secular, e sim um organismo “pneumático” = espiritual, nesse caso, por natureza, nem mesmo a melhor aptidão natural será suficiente. Também toda “assistência” e “direção” carece de um “dom” que somente pode ser presenteado pelo Espírito Santo. No entanto é significativo que os “**dons de direção**” não se encontrem entre os primeiros, mas entre os últimos carismas. Ao mesmo tempo somos lembrados de que justamente também para os necessários cargos de direção não devemos buscar unilateralmente por pessoas com as respectivas aptidões inatas, mas que podemos rogar sinceramente pelos dons espirituais da “direção” e da “administração”. Do contrário, com quanta facilidade a igreja e suas obras se tornam mundanas por intermédio dos que por nascimento têm a natureza de comandar! Também agora as “**variedades de línguas**” são mencionadas em último lugar.

**29,30** Após essa listagem dos múltiplos serviços e dons necessários para a vida da igreja Paulo novamente se dedica a combater as mazelas em Corinto que – a partir de complexos de inferioridade e de arrogância – tolham a boa vida da igreja. Por essa razão ele cita outra vez os serviços e dons, agora, porém, perguntando se “**porventura todos**” na igreja detêm igualmente cada um desses serviços e possuem cada um desses dons espirituais. É evidente que aqui a resposta somente pode ser: “Não, obviamente que não.” Não é obrigatório que todos tenham e saibam tudo. Cada um pode servir em seu lugar com o seu dom. A igreja como um todo obviamente pode e deve ser rica em muitas forças e capacidades, serviços e efeitos. É isso que perfaz sua vitalidade. Porém ela é rica quando cada um de seus muitos membros possui algo dessa riqueza e a coloca a serviço do todo.

**31a** Causa surpresa e soa como uma contradição com o que acaba de ser dito (bem como com a exposição dos v. 14-26) que Paulo encerre o capítulo com a solicitação: “**Entretanto, buscai com zelo os maiores dons da graça**” [tradução do autor]. Logo existem, de fato, dons “maiores” e “menores”? Nesse caso os “pequenos” na igreja não deveriam desanimar (“eu e meu dom insignificante”), e os “grandes” se tornar orgulhosos (“nós e nossos dons especialmente grandes”)? Contudo, aqui Paulo não fala dos carismas que eles já possuem e que são todos necessários, mas dos dons do Espírito pelos quais todos podem se esforçar. Afinal, não se trata de aptidões naturais e capacidades humanas que simplesmente constituem um fato dado, mas de dons que o Espírito Santo “distribui”. Nesse ponto podemos e precisamos procurar por aquilo que é singularmente importante para a construção da igreja. Então cada um, até mesmo o pequeno e fraco, pode “buscar” esse dom. Em 1Co 14 Paulo há de mostrar de forma exaustiva e séria que precisamente os “**maiores dons**” não são aqueles que eram tidos como tais em Corinto (as “variedades de línguas”), mas que o “profetizar”, a palavra orientada e configurada pelo Espírito, é o “grande” dom pelo qual todos devem ansiar. Porém, aquilo que Paulo salienta no v. 11 faz parte das tensões necessárias e frutíferas da verdade viva, a saber, que o Espírito Santo soberanamente distribui os dons segundo a sua vontade, e, o que está enfatizando agora, que os dons podem e devem ser “**buscados com zelo**” por todos nós.

No final deste capítulo faremos bem em trazer novamente à nossa lembrança a forma como Paulo via a “igreja”. De forma alguma ela é uma organização e instituição. É por isso também que nada nela pode ser “feito” por seres humanos. Essa é uma constatação assustadora para nós, que, como pecadores caídos, trazemos tão profundamente no sangue a nossa própria capacidade e a determinação de criar. A igreja é um corpo vivo, que somente o Espírito Santo cria, preenchendo-a com sua vida. Como é duro para nós depender tão integralmente do Espírito de Deus! Sem dúvida também para Paulo já existem na igreja serviços fixos “de tempo integral”. Mas Paulo não afirma acerca das pessoas que realizam esses serviços que a igreja os escolheu e desenvolveu para si, mas que Deus os “estabeleceu”. Muito menos os membros da igreja (os “leigos”) podem ser “ensinados” naquilo que têm a fazer na igreja. Podem ser presenteados com a capacitação para o serviço, bem como com o serviço em si, mas apenas como incumbência do Senhor e como dom de serviço do Espírito.

Uma igreja assim, no entanto, não é uma igreja ideal “invisível”, que se manifesta nas igrejas reais apenas de forma oculta e insuficiente. Como “corpo” de Cristo, criação do Espírito Santo, a igreja, como Paulo a vê, está sempre física e realmente presente na igreja de Deus em Corinto e outros lugares. Ela é “construção de Deus”, edificada sobre o único alicerce, Jesus Cristo. Obviamente é possível que material ilegítimo seja introduzido nessa construção, sim, até mesmo que a construção seja terrivelmente “deturpada” (1Co 3.11-13;

3.17). Contudo isso apenas confirma que a verdadeira igreja concreta é a construção de Deus, o corpo de Cristo, a obra do Espírito.

### 3. O essencial agora e na eternidade é o amor, 12.31b–13.13

- <sup>31b</sup> E eu passo a mostrar-vos ainda um caminho sobremodo excelente (ou: Muito além disso eu vos mostro um caminho).
- <sup>1</sup> Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o bronze que soa ou como o címbalo que retine.
- <sup>2</sup> Ainda que eu tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e toda a ciência; ainda que eu tenha tamanha fé, a ponto de transportar montes, se não tiver amor, nada serei.
- <sup>3</sup> E ainda que eu distribua todos os meus bens entre os pobres e ainda que entregue o meu próprio corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me aproveitará.
- <sup>4</sup> O amor é paciente, é benigno; o amor não arde em ciúmes, não se ufana, não se ensoberbece,
- <sup>5</sup> não se conduz inconvenientemente, não procura os seus interesses, não se exaspera, não se ressentido do mal (ou: não cogita o mal; cf. [Zc 8.17](#));
- <sup>6</sup> não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade;
- <sup>7</sup> tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.
- <sup>8</sup> O amor jamais acaba; mas, havendo profecias, desaparecerão; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, passará;
- <sup>9</sup> porque, em parte, conhecemos e, em parte, profetizamos.
- <sup>10</sup> Quando, porém, vier o que é perfeito, então, o que é em parte será aniquilado.
- <sup>11</sup> Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, pensava como menino; quando cheguei a ser homem, desisti das coisas próprias de menino.
- <sup>12</sup> Porque, agora, vemos como em espelho, obscuramente; então, veremos face a face. Agora, conheço em parte; então, conhecerei como também sou conhecido.
- <sup>13</sup> Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três; porém o maior destes é o amor.

**31b** Em [1Co 12.31a](#) Paulo incentivou os coríntios a buscar com zelo os dons especialmente valiosos do Espírito. A essa solicitação ele poderia ter acrescentado sem problemas as explanações de [1Co 14](#). Pois ali fala do “valor” dos dons espirituais, mostrando porque “profetizar” é mais valioso e importante do que orar em línguas. No entanto, ele interrompe seu raciocínio para dizer aos coríntios algo decisivo. **“Muito além disso eu vos mostro um caminho”** [tradução do autor]. Não sabemos se o “muito além disso” deve ser ligado ao verbo, como em [2Co 1.8](#); [4.17](#) ou se pertence, como adjetivo, ao “caminho”. De acordo com a construção da frase ambas as alternativas são possíveis. Na primeira opção o próprio Paulo estaria sob a impressão de que neste momento sua instrução à igreja ultrapassa amplamente tudo o que disse até agora, atingindo aqui seu verdadeiro ápice. No segundo caso estaríamos sendo lembrados de que a expressão “caminho” – sobretudo em Atos – é usada para designar o cristianismo propriamente dito ([At 9.2](#); [24.14](#); mas também [13.10](#); [16.17](#); [18.25](#)). Paulo está mostrando aos coríntios em que consiste a essência do cristianismo e porque ele é um **“caminho”** tão inusitado, que sobrepuja a tudo.

Segue-se o “cântico dos cânticos sobre o amor”. Porém [1Co 13](#) não tem nada de efusão lírica! Esse capítulo não tem nada a ver com um “cântico”. Ele é um dos ensinamentos mais sérios exatamente diante das aflições da vida da igreja de Corinto. É uma poderosa palavra de condenação e ao mesmo tempo uma palavra sobre derradeiras e vívidas certezas.

Paulo escreve sobre o “amor”. Este é realmente o conceito central. Mas precisamente por isso Paulo tem um receio perceptível de falar a esse respeito. Parece até que ele já está vendo com que facilidade essa palavra pode ser mal-compreendida. Também na carta aos Romanos “o amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor” é a certeza definitiva e que sustenta a tudo. Porém Paulo seleciona primeiramente a dura palavra da “justiça de Deus”, fazendo com que todo o capítulo seja dominado por esse tópico, antes de colocar o amor de Deus diante da igreja em [Rm 5.5ss](#) e [Rm 8.35-39](#). De igual maneira ele mencionou o amor pela primeira vez na presente carta apenas em [1Co 8.1](#). E agora, em [1Co 13](#), ele o coloca no centro, obviamente com uma intensidade e determinação incomparáveis.

Como todo o [NT](#), ele escolhe o termo *agape* para “amor”, que praticamente não era usado no mundo em que vivia o cristianismo. Ele conhecia o eros, o amor desejoso, que obviamente no caso de alguém como Platão também podia conter o mais nobre anseio, mas que ainda assim não deixa de ser um amor desejoso, voltado para o próprio eu. Com *agape*, no entanto, o primeiro cristianismo designava a experiência maravilhosa que tivera a partir de Deus em Cristo: um amor que não quer nada para si, mas entrega e sacrifica tudo, especialmente para indignos, culpados, inimigos, para pessoas que não podem retribuir nada nem



agradecer realmente. Por isso esse *agape* é em primeiro lugar e em sua origem o amor de Deus (1Co 13.13; 1Jo 4.16), o amor de Cristo (2Co 5.14; Gl 2.20), o amor do Espírito (Rm 15.30). Ele não é uma possibilidade humana, não é a “maior virtude”. Muito menos ele é o que corriqueiramente entendemos por “amor”, até mesmo por “amor cristão”. Até mesmo o mundo é muito bem capaz de produzir, sem o cristianismo, um pouco de cordialidade e disposição para ajudar. O costumeiro “amor cristão” verdadeiramente ainda não seria o caminho para **“muito além disso”**. Ele ainda não é o “fazer a mais” de que Jesus falou em Mt 5.43-48. O *agape* somente pode ser proporcionado em Cristo por intermédio do Espírito Santo (Rm 5.5b) como uma realidade radicalmente nova, oposta à velha natureza egocêntrica. Assim, porém, ele é o que importa no ser cristão agora e na eternidade.

- 1 Desse amor, pois, é que Paulo fala, comparando-o com a coisa mais sublime e grandiosa que o cristão ainda pode possuir. Nessa comparação Paulo escolhe em primeiro lugar o dom do Espírito mais valorizado em Corinto, o falar em línguas. **“Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o bronze que soa ou como o címbalo que retine.”** Paulo agora não contrapõe genericamente o amor ao nosso “falar”, nem pensa que até mesmo o melhor discurso, sem amor, apenas retinirá. Não, esse começo sintoniza a situação em Corinto, onde se colocava acima de tudo o dom espiritual do falar em línguas e se enaltecia a variedade de línguas. Paulo, porém, contrapõe a isso tudo a possibilidade (cuja amarga realidade em Corinto ele conhece muito bem!), de que membros da igreja possuam o dom da “língua” em grande medida, mas que nisso careçam do amor. Qual é, pois, a situação? Temos de prestar atenção em cada palavra. As pessoas em Corinto que buscavam o falar em línguas, acreditavam que com isso teriam se “tornado alguém”. Paulo lhes assegura: vocês se tornaram “um bronze que soa ou um címbalo que retine” se não tendes *agape*. Dessa maneira Paulo não está desvalorizando o dom da “língua” em si. Ele mesmo na verdade fala muito em línguas e tampouco deseja tolher isso em Corinto (1Co 14.5,18,31). Contudo, por si mesmos e para a edificação da igreja os faladores em línguas sem amor são apenas instrumentos barulhentos, que na verdade não servem para nada. Assim o amor é “o caminho muito além disso”, até mesmo além da mais admirável dádiva do Espírito. Que grande condenação representa essa palavra!
- 2 No entanto Paulo não desfere um ataque unilateral apenas ao “falar em línguas”. Volta-se de imediato aos outros dons “maiores” do Espírito: **“dom da profecia, conhecimento, fé”**. Ele supõe novamente que os membros da igreja possuam esses dons em grau máximo, de modo que a visão profética e o conhecimento penetrem todos os mistérios e desenvolvam um maravilhoso conhecimento sobre as coisas divinas e a fé seja uma que **“transporta montes”**. Também agora é possível que o amor falte a esses membros da igreja. Paulo via isso como uma realidade precisamente em Corinto. Essa igreja tão rica em dons do Espírito era ao mesmo tempo tão assustadoramente pobre em amor. Os graves danos que Paulo tinha a mostrar nos capítulos anteriores da carta se resumiam todos, em última análise, à ausência do amor. O que, porém, será de pessoas com os mais preciosos e sublimes dons do Espírito se “não tiverem amor”? Será isso um defeito estético? Será uma lacuna considerável? A palavra de condenação do apóstolo é muito mais contundente: **“Ainda que eu tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e toda a ciência; ainda que eu tenha toda a fé, a ponto de transportar montes, se não tiver amor, não sou nada.”** De forma alguma Paulo pode estar menosprezando os grandes dons em si. Depois desse capítulo Paulo solicitará mais uma vez à igreja (em 1Co 14.1) que se esforce com zelo pelos efeitos do Espírito, destacando então todo o valor da “profecia”. Por essa razão ele também agora formula novamente de maneira bem pessoal. Não são os sublimes e grandes dons que são “nada”. Eu é que **“não sou nada”** se tiver apenas esses dons, e não o amor. Tão extraordinário é o valor do amor.

Nesse ponto somos especialmente atingidos, porque como pessoas do mundo ocidental trazemos todos em nós esse anseio “faustiano” por conhecimento: “Que eu conheça o que conserva unido o cerne do mundo.” Se eu de fato pudesse solucionar todos os problemas, se como cristão construísse um sistema de idéias inatacáveis, tendo Deus como ápice, uma visão de mundo cristã irrefutável, na qual cada pergunta tivesse uma resposta, eu não teria chegado, então, ao alvo almejado? Quem realizasse isso no cristianismo não seria o maior e mais abençoado ser humano? Paulo nos diz que ele não seria “nada” se não tiver o amor! A teologia é uma boa coisa, precisamos do claro discernimento teológico, e uma teologia “profética” é preciosa. Contudo justamente o teólogo precisa saber que ele não é nada quando carece do amor.
- 3 Então, no final das contas, Paulo tem em vista um “cristianismo prático”, um “cristianismo da ação”? Fora com todo o fardo dogmático, fora com as muitas pregações e discursos, vamos à singela ação de ajuda! Será que é isso que se tem em mente com “amor”, que seria a grande questão principal? Novamente Paulo delinea esse cristianismo do engajamento prático em sua perfeição máxima: **“E se distribuo todos os meus bens”** [tradução do autor]. Paulo imagina que um membro da igreja não apenas auxilie várias pessoas em dificuldades da forma costumeira, mas que ele entregue tudo o que tenha para aliviar a miséria. Isso não é grandioso e digno de admiração? Até pode ser. Também pode significar um valioso auxílio para muitas pessoas. O que, porém, isso significa para “mim”? Se eu não faço isso a partir daquela verdadeira *agape*, do amor desinteressado e doador, **“nada disso me aproveitará”**. Paulo sabe que todo o “fazer” em si, mesmo o

fazer exteriormente muito grandioso e admirável, ainda não revela a motivação que o origina. Quanto o “eu” pode engrandecer-se por trás de um aparente sacrifício de si mesmo!

Paulo conhece isso muito bem de sua própria vida com vistas a todo o empenho para Deus. Que incansável entrega para a honra de Deus parecia estar em sua atividade como jovem fariseu! Ainda assim, à luz da cruz de Jesus tudo isso em verdade não passava de egoísmo e pecado. É por isso que ele também é capaz de nos confrontar com a aterradora possibilidade no engajamento para Deus: **“E se distribuo todos os meus bens e se entrego meu corpo, para que eu seja queimado, porém não tenho amor, isso nada me aproveitará”** [tradução do autor]. Paulo descreve a morte de mártir em sua modalidade mais dura, a morte na fogueira, que naquele tempo raramente acontecia. Contudo, ainda que seja a morte na fogueira, até mesmo ela pode não acontecer em límpido amor. Quantos pensamentos egoístas mais tarde estavam de fato subjacentes a muitas insistências para chegar ao martírio! Então posso ser celebrado por pessoas e pela igreja, porém desse modo **“nada disso me aproveitará”**.

Que condenação representa esse começo do capítulo 13 sobre a vida rica e orgulhosa da igreja (1Co 4.4; 5.2; 8.1) em Corinto! Que juízo sobre nós! O cristianismo tomou várias afirmações de Paulo muito a sério e lutou ferrenhamente pela “reta doutrina” contida nelas. No entanto, será que o cristianismo jamais levou igualmente a sério o juízo desses três versículos com toda a sua gravidade: “címbalo que retine”, “nada”, “inútil”? Será que toda a história da igreja não teria um aspecto completamente diferente se o cristianismo tivesse feito isso e tivesse se “ajustado” a essas afirmações, no duplo significado da palavra?

**4-7** Na seqüência Paulo descreve o “amor”. Talvez fiquemos decepcionados lendo suas frases nos v. 4-7. Será que não se poderia dizer coisas muito mais “profundas” sobre o amor? Afinal, o que consta nesses versículos parece tudo bastante “simples”. Além disso, depois de apenas duas declarações positivas, ouvimos oito constatações sobre o que o amor não é. Isso deve ser uma ajuda para nós? No entanto, Paulo não é um filósofo que tem o propósito de definir a natureza do amor de forma geral. Ele sabe que tais definições genéricas de conceitos não têm valor, porque o *agape*, como já vimos, não é uma “virtude”, uma possibilidade humana. Na realidade não se pode propriamente descrevê-lo, mas apenas podemos ser conquistados por ele através de Cristo pela palavra da cruz. Então unicamente é possível dar referências indicativas: isso o amor faz, e aquilo por outro lado não faz. Esses indicativos se orientam segundo a constituição e condição daquele a quem são dados. Paulo, afinal, não está escrevendo um livro, mas escreve uma carta a determinadas pessoas. Também agora ele tem em vista os coríntios e suas mazelas, elaborando seu raciocínio diante dessas dificuldades, tão certo como ao mesmo tempo pensa no ser humano que conheceu em todos os lugares. É precisamente esse olhar para as carências práticas em Corinto que determinam as afirmações negativas de Paulo. Ao constatar tudo o que o amor não faz, elas mostram aos coríntios e a nós do que o amor nos redime e liberta.

**4** Por natureza nossos relacionamentos com outros são determinados por simpatia e antipatia, que se alternam rapidamente. Em pouco tempo não queremos ter mais nada a ver com algumas. Rapidamente nossa paciência se esgota. O genuíno amor, porém, **“é longânime”**. Também poderíamos traduzir: “Não perde o fôlego”. Ele **“é benigno”**, não vive a partir do outro, mas se doa a partir da própria riqueza. Ele não é “amor absorvente”, que se incendeia nas qualidades amáveis do outro, mas “amor jorrante”, que abraça o outro também com todas as suas dificuldades e incompatibilidades.

Em seguida são precisamente os coríntios, com seus acerbos ciúmes mútuos, sua presunção, sua jactância, que precisam ouvir: **“O amor não é ciumento, o amor não se ufana, não se ensoberbece”**. Se os coríntios aprenderem a amar, ficarão livres dessas deturpações que destroem sua vida eclesial.

**5** A palavra seguinte não é fácil de traduzir. Literalmente ela diz: “O amor não se comporta mal”, mas provavelmente não haveria necessidade de afirmar tal coisa. Ou será que Paulo pensava nos embriagados na ceia do Senhor e nas mulheres sem véu (1Co 11.21; 11.13)? Importante, porém, seria, até mesmo no contexto cristão, que o amor **“não é impertinente”**. Ele confere até mesmo à pessoa mais simples uma admirável sensibilidade, tão benéfica para toda a convivência e tão necessária para todo empenho para ganhar os outros. **“Ele não procura o que é seu”**, como Paulo também teve de asseverar seriamente aos filipenses (Fp 2.4; 2.21). Quanto maior era a necessidade de dizê-lo em Corinto! (cf. 1Co 10.24,33). **“Não se deixa irritar”**, “agitar-se”. Isso é verdade. Ainda assim temos de recordar que a mesma palavra “agitar-se” é usada por Lucas para descrever o estado emocional de Paulo quando viu os inúmeros templos e imagens de deuses em Atenas: “o seu espírito se revoltava” (At. 17.16). Com certeza Lucas não pretendia criticar o apóstolo nem defini-lo como pessoa sem amor. Não, precisamente para o verdadeiro amor os dois aspectos valem ao mesmo tempo: não se deixa irritar e se agita profundamente. Não consegue ver sem profunda consternação a miséria e os descaminhos dos humanos. Nesse ponto evidencia-se particularmente que não existe uma descrição objetiva e genericamente válida do “amor”. Aos coríntios, com sua flagrante tendência para a briga exasperada e julgamentos contundentes, é preciso declarar: se vocês tivessem amor, essa maléfica “agitação” entre vocês desapareceria.

A respeito da frase subsequente não sabemos com precisão o sentido que Paulo queria conferir-lhe. É uma citação de Zc 8.17, onde se fala nitidamente de “pensar o mal contra o próximo”. Nesse caso a frase seria

equivalente à constatação de [Rm 13.10](#): “O amor não pratica o mal contra o próximo”, com a diferença de que aqui Paulo dava atenção ao processo interior, que precede toda a “prática” do mal: o amor “não cogita em praticar o mal”. Quanto secreto “cogitar” do mal existe em nosso maldoso coração! Como é necessária a boa notícia de que o amor liberta disso! Talvez, porém, Paulo apenas tenha tomado as palavras de [Zc 8.17](#) e lhes dado o sentido muito diferente: “**Não leva em conta o mal**” [tradução do autor]. O amor é capaz disso: ver e sentir o mal que é cometido contra ele, mas então simplesmente não contabilizá-lo, tratando-o como não acontecido.

- 6 O amor nos liga com os outros, fazendo com que partilhemos cordialmente a vida deles. Porém o amor “não se alegra com a injustiça” entre eles. Pelo contrário, “**alegra-se com a verdade**”, com tudo o que é verdadeiro e, por consequência, salutar e bom na vida dos outros. Portanto, justamente o amor no sentido do *agape* não é “cego”. Não tem nada a ver com a atitude pusilânime de enfeitar e encobrir, que muitas vezes consideramos como “amor cristão”. Pelo fato de se importar verdadeiramente com o outro, ele também visa ajudá-lo de verdade e se encontra numa sólida aliança com a verdade. Em vista disso o amor de Deus em Jesus desvelou radicalmente a verdade das pessoas, isso é, até os desejos mais ocultos do coração, a fim de realmente poder trazer ao ser humano a ajuda redentora. As abruptas frases de Jesus no Sermão do Monte fazem parte inseparável de sua inusitada misericórdia para com os pecadores. “A palavra da cruz” é uma verdade tão penetrante quanto o amor pleno. Por essa razão vale também para o amor cristão na igreja: “**Ele se alegra com a verdade.**”

- 7 Paulo finaliza essa descrição do amor, que em muitos aspectos nos parecia quase simples demais, com uma frase magnífica. Nessa frase Paulo usa sua linguagem radical por meio da palavra “tudo”, da qual ele tanto gostava. Quatro vezes ela foi anteposta enfaticamente: “**Tudo ele sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.**” Agora o amor se torna grandioso, completamente diferente dos meros modos gentis, amáveis e benignos que com frequência já chamamos de “amor” e confundimos com o amor.

O amor não pode ser detectado com segurança nas grandiosas obras, [p. ex.](#), na “distribuição de todos os bens”. Ele se torna visível no “**suportar**”. Obviamente cabe ponderar se Paulo não empregou aqui o termo *stegein* em seu sentido original de “guardar consigo, cobrir com silêncio”. Nesse caso fica ainda mais clara a diferença com o “**tudo ele suporta**”. E se considerarmos a dificuldade que temos para “guardar silêncio”, a rapidez com que falamos justamente dos problemas, pecados e culpas dos outros, então se torna um fato grandioso que o amor “cobre tudo com silêncio”. No entanto, também “agüentar” seria algo diferente do que “suportar”. “Suportar” é “permanecer por baixo” dos fardos que são impostos ao amor ou de que ele próprio se incumbe. Essa é uma atitude silenciosa, passiva, porém muito necessária. Paulo a coloca de forma completamente irrestrita. O amor não suporta “muitas coisas” para depois negar-se a carregar os grandes fardos durante longo tempo; ele “suporta tudo” irrestritamente. “Agüentar” é algo bem mais ativo. O amor avalia os custos, vê claramente as lutas, aquilata os ataques e as tribulações, porém depois fala com plena disposição: de tudo isso eu me encarrego, “**tudo isso eu agüento**”. Novamente ele não tem restrições nem seleção alguma. Como a cruz de Jesus brotou imperiosamente de seu amor por esse mundo de pecado, assim também entre nós neste mundo e época o amor não pode ser separado do sofrimento. O amor pode acontecer aqui e agora somente mediante dores. Neste mundo o amor sempre tem a forma da cruz.

Nas duas frases do meio o amor é conectado à fé e à esperança. Isso é importante para o entendimento do versículo 13, onde junto com o amor também a fé e a esperança são designadas de “permanentes”. “**Tudo o amor crê.**” Portanto, será ele crédulo e de fácil confiança? Paulo jamais abusou da grande palavra “crer”, como nós infelizmente estamos acostumados a fazer em nosso idioma. Para ele “crer” é contar com as promessas de Deus, os feitos de Deus, o coração de Deus. E de igual maneira o amor “crê”, mostrando ao outro até nos casos mais desesperados a ajuda ilimitada exterior e interior de Deus. É por isso que também se pode esperar “tudo” da fé que intercede e arrisca. Nesse ponto torna-se evidente porque a “fé” especialmente poderosa em [1Co 12.9](#) faz parte dos “dons de serviço”, dos quais justamente o amor precisa.

Uma vez que essa expectativa com fé por parte do amor se dirige ao futuro, ela se torna “esperança”. Contudo, em Paulo isso não é um desejo ou sonho vago, com o qual nos iludimos sobre a gravidade do tempo presente. Precisamente o verdadeiro amor não é cego e despreza todas as ilusões e consolações inverídicas. Mas ele conhece pela fé aquele “esperar onde não há nada a esperar”, como Lutero traduziu [Rm 4.18](#) para o alemão. Porque ele conhece Deus, “que vivifica os mortos e chama à existência as coisas que não existem” ([Rm 4.17](#)). Por amar de verdade e não querer nem poder desistir do outro, essa sua “esperança contra toda a esperança” também é integral, incondicional, incessante: “**Tudo ele espera.**” Enquanto estiver amando, jamais poderá desistir de algo como sendo “sem esperança”. Todo fardo do outro é pessoalmente assumido, permanecendo com fé e esperança debaixo dele. Por isso o “**tudo ele suporta**” se liga tão genuinamente ao “**tudo ele espera**”. Justamente fazendo sua a carga alheia, e sentido-a assim com todo o seu peso, o amor não tem outra saída do que esperar com toda a sua esperança o fim dessa carga.

Depois dessa descrição do amor Paulo ainda não conclui seu capítulo. Ainda tem coisas admiráveis a proferir acerca do amor, a fim de explicitar sua extraordinária importância e magnitude que a tudo excede. O

que Paulo passa a escrever faz parte do mais sublime que já expressou. E é bastante assustador que a teologia e a igreja acolheram e se apropriaram de muito pouco dessa grandiosa verdade. Teve consequências nefastas que esse capítulo tenha sido considerado como “cântico dos cânticos”, ao qual se devotavam ouvidos comovidos, mas que por essa razão também não foi levado muito a sério na teologia e na vida.

- 8 **“O amor jamais cai”** – esta é a tradução literal. No entanto, a partir de nosso linguajar religioso e moral nós poderíamos entender o “cair” de forma equivocada. Mas quando cantamos o hino matinal “O sol fulgente”, de Paul Gerhardt [HPD 271]: “Todo bem há de ruir e cair”, então a frase de Paulo refulge com brilho total: “O amor jamais cai.” Em sentido exato e precípuo ele é a única coisa duradoura. **“O amor jamais acaba.”** Ele é a substância da eternidade. Se quiseses obter a eternidade em vida, então ama. Recordamos o que afirmávamos no começo do capítulo sobre o *agape*. Na verdade Paulo não está falando no presente trecho do amor de Deus, mas do nosso amor, que precisa poder ser encontrado em nós do mesmo modo como a profecia, o falar em línguas e o conhecimento. Por outro lado esse amor se origina de Deus e é a própria vida divina. Por isso ele é algo fundamentalmente diferente do que os “dons” igualmente presenteados por Deus. Deus não é profecia, Deus não é conhecimento, Deus não é fé, mas “Deus é amor” (1Jo 4.16). É por isso que o amor não acaba, assim como também o próprio Deus eterno não acaba.

Todo o resto não permanece! De novo Paulo se dirige ao mais sublime daquilo que os dons do Espírito nos concedem. Não são apenas as coisas “terrenas” que desaparecem, nem o pensamento próprio dos humanos, nem as meras formas da devoção. Nessas coisas nós rápida e prontamente concordaríamos com ele. Não, qual golpes de marreta a afirmativa atinge os coríntios (e a nós), com a mais dura concisão da expressão: **“Dons de profetas – serão descartados; línguas – elas cessarão; conhecimento – será descartado”** [tradução do autor]. Dom de profetas, línguas, conhecimento, afinal, se originam do Espírito de Deus. Pois era essa a maravilhosa riqueza da igreja, que a distingue diante de tudo o que existia no mundo em torno dela, até mesmo nos ápices intelectuais da humanidade. E até mesmo isso deve **“ser descartado – cessar – ser descartado”**? Agora compreendemos de maneira nova porque uma pessoa com a plenitude perfeita dos mais preciosos dons de serviço do Espírito de fato não é “nada” se não tem amor. Ela é literalmente “nada”, porque toda a sua posse um dia será aniquilada.

- 9,10 Mas por que isso é assim? **“Porque em parte conhecemos.”** Como é bom que um homem como Paulo diga isso, que se situa de igual para igual ao lado dos grandes pensadores da humanidade! Não há espaço para suspeitar que as uvas seriam declaradas verdes apenas porque estão fora do nosso alcance. Que plenitude do conhecimento encontramos em Paulo! Como ele se empenhou em conduzir as igrejas que lhe foram confiadas para um auto-reconhecimento fundamentado! Não obstante Paulo afirma agora: **“Em parte conhecemos.”** Ele não deprecia o que nossa percepção atual nos revelou. Do contrário, como teria se empenhado com tanta seriedade apaixonada pelo conhecimento por parte dele mesmo e da igreja? Tampouco pode simplesmente apagar o que declarou em 1Co 2.6-16 sobre o conhecimento de Deus no Espírito Santo. Realmente temos o privilégio de “saber o que nos foi graciosamente doado por Deus”. Além disso, podemos e precisamos falar disso “não em palavras ensinadas pela sabedoria humana, mas ensinadas pelo Espírito” (1Co 2.12s). Contudo o conhecimento de que dispomos agora na presente era do mundo é “em parte”. No reconhecimento atual meu relacionamento com o Deus vivo ainda é insuficiente. Paulo ainda o elucida melhor por meio da metáfora do “espelho” (v. 12): **“Agora vemos como em espelho, obscuramente; então, veremos face a face. Agora, conheço em parte; então, conhecerei como também sou conhecido.”** Quando vier esse “conhecer integral” “face a face”, “definitivo”, então nosso atual conhecimento “em parte” será “descartado” apesar de sua origem no Espírito de Deus. Precisamos suportar a viva tensão de que nosso conhecimento de Deus é uma verdade concedida pelo próprio Espírito de Deus, pela qual tão somente podemos agradecer com admiração (1Co 2.14-16). Ao mesmo tempo, porém, é algo “em parte”, que terá de ceder lugar ao definitivo e integral.

Não é diferente o caso do **“profetizar”**, da visão e do falar orientado pelo Espírito de Deus. Também agora não é admissível que Paulo deprecie o que os profetas disseram. Afinal, argumenta constantemente e com toda a determinação em favor da palavra profética. É verdade que na igreja atual o falar profético precise ser examinado, mas ele é altamente valorizado por Paulo. Não, também no presente caso o veredicto **“em parte”** se refere à profecia como um todo e como tal. Ela **“será descartada”** [tradução do autor], não porque seja errada, mas porque na realidade definitiva a visão da presença direta de Deus e de sua criação consumada tornará desnecessárias todas as visões proféticas.

Notamos que Paulo não foi capaz de formular algo idêntico acerca das “línguas”: “em parte” falamos em línguas. Por essa razão ele também explica com vistas às **“línguas”** apenas que **“cessarão”**. O falar em línguas, portanto, não é uma antecipação do linguajar da eternidade ou do novo mundo, como várias pessoas em Corinto poderiam pensar. Talvez tenhamos de deduzir da presente passagem que no v. 1 Paulo apenas falara das “línguas dos anjos” no sentido que os coríntios pensavam, mas que pessoalmente não pensava em anjos que falassem em línguas. Do contrário de fato haveria “línguas” que não acabam. Contudo, nem mesmo o maior orador em línguas não consegue falar a autêntica linguagem angelical.



Será que o “ser descartado” da profecia também vale para a profecia bíblica, **p. ex.**, para o Apocalipse de João? Não podemos restringir a palavra do apóstolo. Quando tiver chegado o definitivo, a realidade será completamente diferente do que todas as figuras do Apocalipse. Porém, é exatamente isso que o próprio Apocalipse diz por meio de suas ilustrações “impossíveis” e “inconcebíveis”. Com toda a certeza não avistaremos um cordeiro real “imolado com sete chifres e sete olhos” no trono de Deus, e a nova cidade de Deus não terá portões literalmente feitos de uma única pérola gigantesca. Então todo o mundo figurado será “descartado”, não porque tivesse sido errado, mas porque foi “cumprido” e nós estaremos diretamente dentro da realidade da qual falavam as figuras da profecia.

- 11 No entanto, será que nesse caso toda a visão profética e também todo o conhecimento perdem de fato seu valor? Paulo nos fornece uma comparação bastante útil. **“Quando eu era criança, falava como uma criança, pensava como uma criança, refletia como uma criança; quando me tornei um homem, descartei o que fazia parte da criança”** [tradução do autor]. Algumas traduções conhecidas, que sugerem “infantilidade”, não reproduzem corretamente o sentido do texto e depreciam erroneamente a vida da criança. Pelo contrário, Paulo visa nos dizer justamente que é natural que uma criança fale, planeje e reflita da forma como as crianças fazem, e nem sequer é capaz de fazer de outro modo. De maneira alguma isso é falso ou de pouco valor. O ser humano não consegue queimar a etapa da infância porque como homem um dia será completamente diferente. Ele pode e deve viver integral e plenamente a infância. Consequentemente também nós precisamos conhecer e profetizar na medida de nossa vida atual, presenteados pelo Espírito Santo, ainda que seja apenas “em parte”. Obviamente, porém, precisamos saber e considerar que isso tem uma característica de parcialidade passageira, assim como a criança, apesar da intensidade e da seriedade infantil de suas brincadeiras, sabe ao mesmo tempo que ela não é um verdadeiro capitão ou piloto. Quando a criança se torna adulta, ela descobrirá que o trabalho real e a responsabilidade do capitão de um navio e a condução real de um avião são incomparavelmente diferentes do que era capaz de imaginar na mais envolvente brincadeira. Agora o ser humano precisa “descartar” – usa-se a mesma palavra como há pouco na locução “será descartado” – o que tinha razão de ser somente na infância. Da mesma forma, a realidade da consumação vindoura há de superar a tudo o que agora, com necessidade provisória, conhecemos e vemos profeticamente, por mais sério que seja. Entre o “definitivo” e o que fazemos “em parte” não existe apenas uma diferença quantitativa, mas qualitativa.
- 12 É precisamente isso que Paulo expressa com uma segunda figura e comparação, a saber, a comparação entre a “imagem no espelho” e a visão direta face a face. **“Porque, agora, vemos como por um espelho, em contornos enigmáticos; então, veremos face a face”** [tradução do autor]. Precisamos considerar o espelho no mundo antigo, que era feito apenas de uma lâmina polida de metal, e não reproduzia mais do que os contornos, e de forma bastante obscura. Contudo, a diferença entre ver outra pessoa apenas pelo “espelho” ou de fato **“face a face”** não é apenas uma diferença de nitidez e claridade, mas uma diferença essencial de todo o acontecimento. Porque somente então, olho no olho, a tenho “realmente”. Por isso cumpre gravar em nosso “conhecimento” atual seu caráter parcial. Ainda não nos encontramos face a face diante de Deus. Vemos Deus apenas “pelo espelho” de seus atos, “pelo espelho” de sua palavra. De forma análoga **Lv 12.6-8** mostra o que distingue o próprio Deus do encontro extraordinário concedido a Moisés, com todo o conhecimento apenas “profético” que este tinha de Deus. Paulo deve ter se lembrado dessa passagem, que na tradução grega não corresponde mais às palavras de Paulo neste texto. No entanto, será que na Nova Aliança não nos foi dado, por meio do Espírito de Deus que em nós habita, tanto ou mais do que a alguém como Moisés? Será que a presente passagem não é uma contradição com o que nos foi prometido em **1Co 2.6-16**? Isso não é possível. Pelo contrário, a palavra de Paulo indica o limite daquilo que **1Co 2.6-16** nos concedeu. Afinal, agora recebemos apenas “primícias do Espírito”. E também quando o próprio Espírito de Deus nos permite olhar para dentro do coração de Deus, isso sempre ainda acontece “pelo espelho” da cruz, onde a glória de Deus aparece em “fraqueza e loucura”. Cada cristão sabe de forma suficientemente dolorosa, justamente quando conhece de forma séria e verdadeira, como os contornos vislumbrados podem permanecer tão enigmáticos. Por essa razão Paulo também havia dado uma formulação reticente ao trecho de **1Co 2.6-16**, afirmando sobre a atuação do Espírito de Deus em nossos corações apenas que podemos saber “o que por Deus nos foi dado graciosamente”. Deus não é “completamente diferente” do que nosso conhecimento de Deus no Espírito Santo nos revela, assim como o ser humano tampouco tem aparência “completamente diferente” do que aparece no espelho antigo. Porém “ver pelo espelho” e “encontrar face a face” são por si mesmas coisas essencialmente diferentes. Ao “vermos no espelho” prevalece que “andamos por fé e não pelo que vemos” (**2Co 5.7**).
- Ao comparar as diversas passagens, no entanto, também notamos que a descrição viva da vida cristã não consegue subsistir sem a vigência simultânea de frases aparentemente contraditórias. Isso nos leva a almejar aquele “então”, no qual tudo será diferente. **“Então”** virá aquele **“face a face”** que transforma tudo completamente. **“Então, porém, conhecerei cabalmente como também fui cabalmente conhecido.”** Fui completamente conhecido por Deus. Isso se mostra pelo fato de que amo a Deus. Pelo Espírito Santo Deus desde já me concedeu participação em seu conhecimento. Por essa razão vejo minha perdição perante Deus e vejo que sou inconcebivelmente amado por aquele que não se engana a meu respeito, mas me perscruta até os últimos abismos de meu coração. No entanto, também isso continua sendo algo “em parte”. Todos nós

notamos isso com suficiente clareza. Mas quando o invisível para o qual já “olhamos” agora (2Co 4.18) se tornar definitivamente visível, então o conhecimento pleno da parte de Deus será correspondido com um conhecimento igualmente pleno de nossa parte. Então estarão diante de nós não apenas “contornos enigmáticos no espelho”, que agora obviamente representam um bem inestimável para nós e nos mostram a verdade, não a ilusão e o engano. Então se cumprirá o anseio que já compelia alguém como Moisés: “Rogo-te que me mostres a tua glória” (Êx 33.18). De forma misteriosa é concedido a Moisés que seja o único a poder ir além do mero ver no espelho e ao menos experimentar um “falar face a face” por parte de Deus (Êx 33.11; Lv 12.8). Contudo aquela visão integral de Deus, para a qual fomos originalmente criados e que perdemos na queda do pecado, continua negada até mesmo a alguém como Moisés (Êx 33.20). No entanto, o anseio por essa visão é inextinguível pela natureza do ser humano e “então” será satisfeito. Porém “então” não haverá mais o que agora é “conhecer” e “profetizar”.

- 13 Será que, portanto, não temos nada “permanente”? Paulo volta a testemunhar isso outra vez no final do presente capítulo: permanece algo essencial de nossa vida cristã. **“Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três.”** A respeito de conhecer, de orar em línguas e de profetizar Paulo teve de declarar: serão descartados, acabam. Mas ele não afirmou isso em relação ao “crer” e “esperar”! É verdade que não se situam simplesmente de forma equivalente ao lado do amor. O amor é e continua sendo **“o maior destes”** ou “maior do que estes”. No entanto, do v. 7 já sabemos com que solidez a fé e a esperança estão unidas ao amor. Por isso não “caem”, como tampouco o próprio amor cai. Isso pode ser entendido de duas maneiras. Paulo pode estar dizendo simplesmente: quando o que o amor crê for visualizado em plena realidade e o que ele espera for atingido com glória, “permanecerão” a fé e a esperança, ainda que estando cumpridas. Para nossa vida cristã significa muitíssimo que possamos saber que, ainda que todo o resto tenha apenas uma importância provisória e um dia acabe, minha fé e minha esperança não serão “descartadas” assim, elas “permanecem”, e nelas abracei de fato algo eterno. Por outro lado Paulo também pode estar pensando que ao amor ao Deus reconhecido “face a face” sempre ficará conectado um “crer”, uma confiança obediente.

Igualmente jamais cessará o ato de dar e criar por parte do Deus eternamente rico. Por isso também no “definitivo” o amor constantemente terá de aguardar e “esperar” o que Deus ainda tem preparado para ele. Nunca Deus dirá que agora toda a sua riqueza está esgotada e que não tem mais nada para dar. Por isso o amor ficará eternamente ligado à “fé” e à “esperança”. Essa concepção também será a interpretação mais correta pelo fato de que em todo o trecho Paulo sempre fala das atividades como tais, ou seja, do “conhecer” e “profetizar”, mas não de seus resultados. Em decorrência, tampouco dirá agora que aquilo foi crido e esperado “permanece”, mas que permanece o crer e esperar como ação nossa, do mesmo modo como não “permanece” o que é amado por nós, mas sim o próprio amar.

Todavia, ainda que o crer e esperar “permaneçam” juntos com o amar, o amor é **“o maior destes”**. A. Schlatter fundamentou isso de forma muito bela: “O amor é maior que o crer porque se relaciona com ele como o todo com a parte, como a consumação com o começo, como o fruto com a raiz. Se o crer fundamenta o receber, então o amor fundamenta o dar; se o primeiro é o despertar da vida em nós, então o segundo é sua confirmação. Através dele o amor de Deus atinge seu alvo em nós; com ele existe a boa vontade que é configurada de acordo com a vontade divina e o torna instrumento. Através dele o crer é alçado acima do perigo de apenas saber a verdade de Deus, mas não praticá-la, de desejar o amor de Deus e apesar disso torná-lo inútil. Ele é a aceitação irrestrita da graça divina; porque desse modo ela perpassa todo o nosso querer” (A. Schlatter, *Der Glaube im NT* [A Fé no NT], 3ª ed., p. 373).

Paulo via o perigo mortal em Corinto. “Não têm amor”, era essa sua dor em vista de muitos membros da igreja. Apesar disso não expressou palavra alguma sobre como podemos aprender a amar e chegamos ao amor. Sua vida descortinava isso com suficiente poder perante todos que quisessem ver. O sério, devoto, correto e, pela lei, justo Saulo de Tarso não teria sido capaz de escrever nenhuma linha deste capítulo. Era um mundo estranho para ele. De forma idêntica ficarão perplexos e cegos diante deste capítulo também hoje todos os moralistas, todos os devotos legalistas. Agora, porém, podemos constatar em Paulo a realidade plena: “Se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas” (2Co 5.17). Agora Paulo escreve 1Co 13, agora essa é sua palavra maior e decisiva, agora ele vive nesse amor, do qual dá testemunho. Como isso aconteceu? Aconteceu no encontro com Jesus, e precisamente com o Jesus no madeiro maldito, odiado por Paulo e que o deixava indignado. Quando Deus lhe abriu os olhos e lhe revelou seu Filho (Gl 1.13-16), ele passou a ver no Jesus fustigado, ensanguentado, expulso e moribundo não mais o blasfemo de Deus, aquele que foi maldito com razão. Então reconheceu o amor que sofre tudo, crê tudo, espera tudo, suporta tudo. Então ruiu toda a sua devoção própria, autojustificadora, fria e sem amor. Todo o Saulo de Tarso anterior havia deixado de existir. Nele agora vivia Cristo, o Filho de Deus, que o amou e a si mesmo se ofertou por ele. Na fraqueza e loucura de Deus na cruz ele via o inconcebível amor de Deus, do qual nada mais podia separá-lo e ao qual ele, porém, tinha de pertencer e servir, portanto, com cada batimento do coração. Agora ele estava consciente: “Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o bronze que soa ou como o címbalo que retine. Ainda que eu tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e toda a ciência; ainda que eu tenha toda a fé, a ponto de transportar montes, se não tiver amor, não

sou nada. E se distribuo todos os meus bens e se entrego meu corpo, para que eu seja queimado, porém não tenho amor, isso nada me aproveitará.”

#### 4. Do “falar em línguas” e do “falar profético”, 14.1-19

- <sup>1</sup> Segui o amor e procurai, com zelo, os dons espirituais, mas principalmente que profetizeis.
- <sup>2</sup> Pois quem fala em outra língua não fala a homens, senão a Deus, visto que ninguém o entende, e em espírito fala mistérios.
- <sup>3</sup> Mas o que profetiza fala aos homens, edificando, exortando e consolando
- <sup>4</sup> O que fala em outra língua a si mesmo se edifica, mas o que profetiza edifica a igreja.
- <sup>5</sup> Eu quisera que vós todos falásseis em outras línguas; muito mais, porém, que profetizásseis; pois quem profetiza é superior ao que fala em outras línguas, salvo se as interpretar, para que a igreja receba edificação.
- <sup>6</sup> Agora, porém, irmãos, se eu for ter convosco falando em outras línguas, em que vos aproveitarei, se vos não falar por meio de revelação, ou de ciência, ou de profecia, ou de doutrina?
- <sup>7</sup> É assim que instrumentos inanimados, como a flauta ou a cítara, quando emitem sons, se não os derem bem distintos, como se reconhecerá o que se toca na flauta ou cítara?
- <sup>8</sup> Pois também se a trombeta der som incerto, quem se preparará para a batalha?
- <sup>9</sup> Assim, vós, se, com a língua, não disserdes palavra compreensível, como se entenderá o que dizeis? Porque estareis como se falásseis ao ar (ao vento).
- <sup>10</sup> Há, sem dúvida, muitos tipos de vozes no mundo; nenhum deles, contudo, sem sentido.
- <sup>11</sup> Se eu, pois, ignorar a significação da voz, serei estrangeiro para aquele que fala; e ele, estrangeiro (literalmente: um bárbaro) para mim.
- <sup>12</sup> Assim, também vós, visto que desejais dons espirituais (literalmente: espíritos), procurai progredir (ou: ter em plenitude), para a edificação da igreja.
- <sup>13</sup> Pelo que, o que fala em (outra) língua deve orar para que a possa interpretar.
- <sup>14</sup> Porque, se eu orar em (outra) “língua”, o meu espírito ora de fato, mas a minha mente fica infrutífera.
- <sup>15</sup> Que farei, pois? Orarei com o espírito, mas também orarei com a mente; cantarei com o espírito, mas também cantarei com a mente.
- <sup>16</sup> E, se tu bendisseres apenas em espírito, como dirá o indouto o amém depois da tua ação de graças? Visto que não entende o que dizes;
- <sup>17</sup> porque tu, de fato, das bem as graças, mas o outro não é edificado.
- <sup>18</sup> Dou graças a Deus, porque falo em (outras) línguas mais do que todos vós.
- <sup>19</sup> Contudo, prefiro falar na igreja cinco palavras com o meu entendimento, para instruir outros, a falar dez mil palavras em (outra) língua.

**1** “Correi atrás do amor” [tradução do autor]. Na seqüência Paulo pensa naqueles irmãos em Corinto que não têm nenhum amor ou amor insuficiente. No entanto, sua palavra também se refere à igreja toda. “Amor” não é uma “posse”, que “possuímos” seguramente de uma vez por todas. Precisamente quando penso ter amor suficiente já não tenho mais amor verdadeiro. No amor continuamos incessantemente “devedores”, para amar sempre mais e com maior veracidade (Rm 13.8). O texto de 1Ts 4.9s é característico: pelo fato de terem amor fraternal, os tessalonicenses podem e devem transbordar ainda mais nele. Assim é que cumpre sempre “correr atrás” do amor. Essa metáfora aponta, do mesmo modo como a figura do “vestir-se” (Cl 3.14), para a circunstância de que não conseguimos produzir o amor por nós mesmos, mas que ele tampouco cai facilmente em nosso colo; antes temos de agarrá-lo e nos apropriar dele por meio de plena atividade pessoal.

O capítulo 13 nos mostra a importância singular do amor também diante dos mais elevados dons do Espírito. Contudo isso não significa que esses dons sejam sem valor. Não, “procurai com zelo os efeitos do Espírito” [tradução do autor]. Quando o amor deseja ajudar verdadeiramente, ele carece da força e da capacidade que tornariam essa ajuda eficaz. Apesar de todos os dons do Espírito não sou “nada” sem amor; mas sem os efeitos do Espírito permaneço ineficaz com meu amor. Conseqüentemente, porém, o valor de cada dom do Espírito e a hierarquia dos dons também são determinados pelo amor. É nítida a intenção de Paulo de não acrescentar 1Co 14 diretamente a 1Co 12. Somente a partir do *agape* é possível julgar corretamente os dons do Espírito. Por trás das exposições de 1Co 14 está a lucidez de 1Co 13. Cabe entender 1Co 14 a partir de 1Co 13.

No final de 1Co 12 Paulo havia dito de forma bem genérica: “Procurai os maiores dons.” É o que ele agora detalha com clara determinação por meio do convite: “Mas principalmente que profetizeis.” Chegou, assim,

à questão realmente concreta que estava em jogo em Corinto. Qual é o dom do Espírito “mais valioso”, essencial e “maior”? Ao que parece, muitos em Corinto declaravam: é o falar com a “língua”. Paulo discorda com persistente seriedade, opondo ao “falar com língua” o “falar profético” como o efeito do Espírito singularmente importante. É isso que está em jogo em todo o presente trecho. Agora temos de mantê-lo diante de nós como um todo, a fim de penetrar num território que se tornou completamente estranho para nós.

- 2,3** Inicialmente Paulo apresenta os dois dons com sua diferença essencial um em relação ao outro: **“Pois quem fala em línguas não fala a pessoas, mas a Deus; porque ninguém o ouve, e em espírito ele fala mistérios. Quem fala profeticamente fala a pessoas edificação, exortação e consolo”** [tradução do autor]. Não descreve nem o falar em línguas nem o falar profético em si. Nem há necessidade para isso. Os coríntios conhecem ambos de sobra. A nossa situação é outra.

Ainda que o “falar em línguas” aconteça novamente em círculos mais amplos e não apenas em “seitas”, irrompendo também em “igrejas”, ele não obstante é algo desconhecido da maioria dos leitores atuais da primeira carta aos Coríntios. Para nós a expressão “língua” causa dificuldades. Com toda a certeza não está sendo mencionado o órgão do corpo. Todos nós precisamos dele para falar, também das coisas mais comuns. A palavra *glossa* também pode significar “idioma”. É assim que Lucas a usa na História de Pentecostes em **At 2.11**: “Ouvimo-los falar em nossas próprias línguas as grandezas de Deus!” Será que também em Corinto se trata de falar num idioma estrangeiro? Porém já no dia de Pentecostes foi preciso que se agregasse ao falar o “milagre do ouvir”, a “tradução” por meio do Espírito Santo, para que o falar em línguas pelos discípulos fosse entendido como dialeto da terra natal. Porque para aqueles que permaneceram em atitude de rejeição tiveram a impressão de ouvir “bêbados”. A situação em Corinto deve ter sido ainda mais dramática. Nessa questão o v. 23 se reveste de importância: estranhos que entram numa igreja com pessoas que falam em línguas, não apenas os considerariam como embriagados, mas como loucos. Nós, porém, não consideraríamos ninguém bêbado ou demente por repentinamente falar turco ou japonês, nem mesmo se não compreendêssemos nenhuma palavra desses idiomas. Contudo, a palavra grega *glossa*, que nosso idioma acolheu no estrangeirismo “glosa”, também pode designar justamente a expressão ininteligível. Talvez seja por isso que o falar enigmático indecifrável seja uma “glossolalia”, um “falar com línguas”. Por outro lado, é possível que simplesmente tenha sido registrado o fato que também Paulo destaca de forma especial, de que aqui não é mais a razão que comanda a fala, mas a “língua” da pessoa está entregue a si mesma e movida por um poder estranho. Aqui não é a cabeça ou coração da pessoa, mas somente sua “língua” que se torna órgão do Espírito.

De qualquer forma está claro que se trata de um falar completamente ininteligível. **“Ninguém o ouve”** no sentido de que ninguém entende. Quem fala em línguas pode estar proferindo a mais bela oração de gratidão, mas ninguém consegue dizer amém para ela, por não saber o que disse aquele que falou em línguas (v. 16). Nos v. 7-9 Paulo chega a compará-lo com uma música e um sinal de trombeta sem distinção clara dos tons, que permanecem incompreensíveis e ineficazes. Nos v. 10s ele explicita a mesma situação com base num idioma estrangeiro, cujo significado desconhecemos. Além disso, o trecho todo deixa transparecer que no falar em línguas não se trata de comunicação com pessoas, mas de um falar voltado para Deus, de oração em suas múltiplas formas. **“Pois quem fala em outra língua não fala a homens, senão a Deus.”** Na seqüência, nos v. 14-17, Paulo também mencionará expressamente a oração, o louvor, o bendizer, o agradecer, que são todas formas da oração. Por isso deveríamos falar mais precisamente do “orar em línguas” em lugar do “falar em línguas”. Dessa maneira seriam evitados muita confusão e muitos equívocos.

- 3** O que significa, em contraposição ao “falar em línguas”, o *propheteuein*, o “falar profético”? **“Quem fala profeticamente fala a pessoas edificação, exortação e consolo”** [tradução do autor]. Essa sucinta frase revela de imediato que não se trata de um “profetizar” no sentido corrente de predizer o futuro, como nós costumamos falar de “previsão do tempo” e coisas semelhantes. A palavra como tal aponta para os “profetas” da Antiga Aliança. Contudo entenderemos esses personagens de forma equivocada se os considerarmos tão somente como anunciadores de acontecimentos futuros. Em primeiro lugar sua tarefa era confrontar povo, sacerdotes e rei com todo o seu fracasso, toda a sua culpa. Deviam conclamar ao arrependimento. Precisavam chamar atenção para a santa vontade de Deus, ensinar, exortar e consolar. Unicamente no contexto dessa grande incumbência geral eles também precisam apontar para o futuro e ameaçar ou confrontar mediante determinadas revelações sobre o futuro. Quem, pois, falava como “profeta” na igreja não apenas tinha de prenunciar, como Ágabo, uma carestia, mas cuidar, como declara expressamente também o v. 3, da “edificação” por meio da “exortação e do consolo”.

O “falar profético” refere-se, pois, a um falar inteligível em palavras simples, dirigido e plenificado pelo Espírito de Deus, e por isso atingindo coração e consciência de pessoas. Seu conteúdo pode variar muito, de acordo com a incumbência de Deus. Porém seu objetivo sempre é a edificação da igreja como corpo de Cristo.

- 4,5** Agora Paulo pode salientar claramente a diferença, decisiva para ele, entre “falar em línguas” e “falar profético”. **“O que fala em línguas a si mesmo se edifica, mas o que fala profeticamente edifica a igreja”** [tradução do autor]. O termo “edificação” não possui a conotação de “edificante”, mas é entendido de maneira



bem real como aquele “construir” de que falava **1Co 3**. Não se trata de sentimentos, sobre os quais um falar ininteligível em línguas até pudesse causar uma forte impressão. Trata-se de fomentar, fortalecer e purificar a vida real da igreja. Disso resulta a formulação: **“Maior, porém, é o que fala profeticamente do que o que fala em línguas.”** Com essa afirmação se coaduna a declaração de desejo do apóstolo à igreja: **“Eu quisera que vós todos falásseis em línguas, muito mais, porém, que falásseis profeticamente.”** Também o falar em línguas não deixa de ser uma boa dádiva do Espírito Santo, que Paulo deseja a toda a igreja. Declara expressamente à parcela reticente da igreja que não deve tolher o falar em línguas (v. 39). Essa é a parte grandiosa em toda essa passagem, e paradigmática para nós, que Paulo não usa nenhum tom “polêmico”, que ele não faz qualquer tentativa de depreciar de algum modo o falar em línguas, a fim de atingir seus adversários em Corinto, que usavam o falar em línguas também contra a pessoa dele, com menções negativas. Paulo persiste em sua maravilhosa objetividade. Contudo, sem dúvida é muito mais importante o dom do “falar profético”. Somente uma exceção é possível, pela qual também aquele que fala em línguas recebe o mesmo valor na igreja: **“Salvo se interpretar, para que a igreja receba edificação.”** Novamente torna-se explícito o ponto de vista decisivo: a edificação da igreja.

- 6 De imediato Paulo visa concretizar a idéia por meio de um exemplo prático. A igreja está aguardando a visita de seu apóstolo. Paulo ilustra essa visita à igreja. **“Agora, porém, irmãos, se eu for ter convosco falando em outras línguas, em que vos aproveitarei, se vos não falar por meio de revelação, ou de ciência, ou de profecia, ou de doutrina?”** A igreja não terá proveito algum da visita de seu apóstolo se ele vier apenas como alguém que fala em línguas. A possibilidade da “interpretação” não está sendo levada em conta por Paulo; ao que parece, ela é um dom raro, com o qual não se pode contar. Até mesmo se ele ocorresse, a igreja não receberia aquilo de que precisa pela presença de seu apóstolo, “revelação, ciência, profecia, doutrina”, porque não é questão da “língua”, e sim do “falar profético”. Pois o Deus santo e vivo não é tão estranho que traga em sons ininteligíveis para a igreja aquilo que pode lhe dizer em palavras claras e nítidas.
- 7-11 O interesse de Paulo é que a igreja chegue a uma conclusão própria. Por essa razão ele exemplifica as circunstâncias por meio de ilustrações simples. Somente pela diferença dos tons na altura e no ritmo é que se forma a verdadeira música (v. 7). Um sinal de trombeta não põe ninguém em movimento se não for nitidamente inteligível como um sinal definido (v. 8). Do mesmo modo acontece com todo o falar na igreja: **“Assim, vós, se, com a ‘língua’, não disserdes palavra compreensível, como se entenderá o que dizeis? Porque estareis como se falásseis ao ar (ao vento).”** Novamente a “interpretação” da “língua”, como flagrante caso de exceção, não está sendo levada em conta. Do falar ininteligível em língua Paulo olha para a essência da “fala” propriamente dita. Seu sentido e alvo são precisamente a inteligibilidade. Aquele que falava um idioma incompreensível fora do latim oficial e do grego erudito era chamado, no Império Romano, de “bárbaro”. Quando não conseguimos entender o idioma um do outro qualquer fala que visa servir à comunhão resulta na impotente constatação: “bárbaro”. **“Existem incontáveis idiomas no mundo, e nada é sem idioma. Se eu, pois, desconhecer o significado do idioma, serei para o que fala um estrangeiro** (literalmente: bárbaro) **e o que fala será para mim um estrangeiro** (literalmente: bárbaro).” Então se perderá todo o sentido da linguagem.
- 12 Em seguida Paulo chega à conclusão de suas exposições: **“Assim, também vós, visto que buscais zelosamente poderes espirituais** (literalmente: espíritos), **procurai, para a edificação da igreja, que tenhais em plenitude”** [tradução do autor]. Paulo não quer tolher nem amenizar, na igreja de Corinto, a “busca zelosa de poderes espirituais”. É bom que os coríntios sejam **“zelosos por espíritos”**. Paulo deseja de coração que eles **“tenham em plenitude”**. Ele emprega um termo que gosta de usar: *perisseuein* (“transbordar”). Paulo não é um defensor da precariedade na vida divina da igreja. Contudo a partir do amor é preciso que nessa riqueza de bens um só ponto de vista domine tudo **“para a edificação da igreja”**. O dom que me foi concedido não deve servir à minha satisfação, à minha grandeza, à minha fama, mas aos outros, aos irmãos, à igreja e à sua construção.
- 13 Mais uma vez o apóstolo olha para o que fala em línguas, que em Corinto era tido em tão alto conceito. Traz-lhe o conselho insistente: **“Pelo que o que fala em língua deve orar para que ele também** (possa) **interpretar.”** Naquele que fala em línguas precisa prevalecer a vontade de servir à igreja. Então essa vontade se concretiza na oração insistente pelo raro dom da interpretação.
- 14 Os versículos subseqüentes demonstram que o conteúdo de todo falar em línguas genuíno é totalmente a “oração”. “Orar”, “louvar”, “bendizer”, “agradecer” – é somente disso que se fala. Porém nesse caso a “interpretação” da oração em línguas é impreterivelmente necessária se essa oração visa envolver a igreja toda, tornando-se assim eficaz para a edificação da igreja. **“Porque, se eu orar com a ‘língua’, o meu espírito ora de fato, mas a minha mente fica infrutífera.”** Não é na exposição de um conhecimento ou uma revelação e profecia, que na verdade visam ser o mais inteligíveis possível, mas na “oração com a língua” que a “razão” do ser humano é desligada, e quem ora é “meu espírito” com sons e palavras que não são acessíveis nem a meu próprio entendimento nem aos outros. Por isso, nessa situação **“minha mente”** permanece **“infrutífera”**.

- 15** O que deve suceder, pois, em Corinto? Ambas as coisas devem ter espaço: **“Orarei com o espírito, mas também orarei com a mente; cantarei com o espírito, mas também cantarei com a mente.”** No entanto, as duas coisas não estão justapostas de forma equivalente e com importância igual com vistas à edificação da igreja. Uma vez que o que importa na igreja é o outro, a pessoa que ora em línguas precisa levar em consideração:
- 16** **“Se tu bendisseres apenas em espírito, como dirá o (que toma o lugar do) indouto o amém depois da tua ação de graças? Visto que não entende o que dizes?”** O outro “toma o lugar do indouto” porque ele não sabe o que o orador em línguas está dizendo, motivo pelo qual não é capaz de dizer amém, secundando a oração. Vemos que também agora Paulo assumiu nas igrejas de Jesus um costume da congregação judaica, de que os reunidos confirmam com um amém em alta voz a oração de cada membro da igreja, transformado-a assim em sua própria oração.
- 17** É somente dessa maneira que a oração do indivíduo ajuda a edificar os outros. Do contrário **“certamente proferes uma bela oração de gratidão, mas o outro não é edificado”** [tradução do autor].
- 18** Paulo assumiu as conseqüências dessa atitude básica para si mesmo. Por um lado ele constata: **“Dou graças a Deus, porque falo em línguas mais do que todos vós.”** Essa foi uma informação surpreendente para os coríntios! Raramente ou nunca haviam ouvido seu apóstolo orar em línguas. Por isso os grupos da igreja entusiasmados e animados pela oração em línguas talvez tenham dito diversas palavras críticas sobre Paulo e seu preparo espiritual, uma vez que ele não possuía, ou apenas de forma insignificante, o maior dom, o indício mais seguro do Espírito, a “língua”. Agora são obrigados a ouvir que o homem desconsiderado por eles fala mais em línguas do que todos eles.
- 19** Por outro lado, Paulo acrescenta, após sua constatação, um poderoso “contudo”: **“Contudo, prefiro falar na igreja cinco palavras com o meu entendimento, para instruir também outros, a falar incontáveis palavras em ‘língua’”** [tradução do autor]. É assim que opina, é assim que age o “amor”, que não pensa em si mesmo, mas nos outros, e que tem em vista o ganho deles, não o próprio. Exclusivamente a partir do amor a igreja chegará à valoração correta dos efeitos do Espírito. O amor concede a cada um o dom da “língua” para seu relacionamento de oração com Deus. Porém para a edificação da igreja ele busca outros dons, sobretudo o falar profético.

Com isso chegamos ao ponto decisivo e ao que realmente estava em jogo para Paulo. Por isso ele alicerçou a discussão do presente capítulo, que poderia ter sido conectado diretamente a **1Co 12**, tão exaustivamente sobre o capítulo **13**. É isso que os coríntios devem apreender: Está em jogo a igreja e sua edificação. Eles não chegarão a nenhuma decisão clara em toda a questão do falar em línguas enquanto apenas virem e admirarem cada cristão isoladamente com seus dons. Porém não se trata do que cada qual possui para si mesmo e o que é singularmente grandioso e admirável nisso. Os dons do Espírito não podem ser valorados “em si” nem se pode descobrir diferenças de valor neles mesmos. Somente a partir do olhar para a igreja é que resulta uma clara hierarquia.

Parece que Paulo esclareceu para a igreja apenas uma questão isolada. Na realidade está sendo tomada uma decisão de grande alcance e de importância abrangente. O que é realmente grande na igreja? O que é verdadeiramente divino? Será o “chocante, enigmático, tempestuoso”? É aquilo que desliga o ser humano e sua razão? Muitos em Corinto pensavam assim, admiravam os que oravam em línguas na reunião da igreja, ainda que não entendessem nenhuma palavra. Acreditavam que ali Deus estaria presente. O que teria sido da igreja, de todo o cristianismo, se esse modo de pensar tivesse prevalecido? Paulo havia obtido da cruz de Cristo, do amor salvador de Deus com sua loucura e fraqueza, um critério completamente diferente. Repetidamente ao longo da carta ele havia aplicado esse critério à vida da igreja em Corinto com seus graves danos. Em **1Co 13** ele havia mostrado aos coríntios o próprio critério com desvelada clareza. Agora ele o aplica às questões dos dons do Espírito, ligando assim o capítulo **14** firmemente com toda a carta. Também nós recebemos assim uma instrução de validade permanente sobre como precisamos aquilatar e usar os dons e as forças na igreja e que posição devem ocupar também hoje o falar em línguas, a oração em línguas. Não haverá “problema” ou “dificuldade”, se formos inspirados pela mesma vontade, conduzida pelo amor, que inspirava também a Paulo: **“Prefiro falar na igreja cinco palavras com meu entendimento, para instruir também outros, a falar inúmeras palavras em ‘língua’.”**

## **5. O efeito dos dois dons do Espírito sobre os incrédulos, 14.20-25**

- <sup>20</sup> **Irmãos, não sejais meninos no juízo; na malícia, sim, sede crianças; quanto ao juízo, sede homens amadurecidos.**
- <sup>21</sup> **Na lei está escrito: Falarei a este povo por homens de outras línguas e por lábios de outros povos, e nem assim me ouvirão, diz o Senhor.**
- <sup>22</sup> **De sorte que as línguas constituem um sinal não para os crentes, mas para os incrédulos; mas a profecia não é para os incrédulos, e sim para os que crêm.**

- <sup>23</sup> Se, pois, toda a igreja se reunir no mesmo lugar, e todos se puserem a falar em outras línguas, no caso de entrarem indoutos ou incrédulos, não dirão, porventura, que estais loucos?
- <sup>24</sup> Porém, se todos profetizarem, e entrar algum incrédulo ou indouto, é ele por todos convencido e por todos julgado;
- <sup>25</sup> tornam-se-lhe manifestos os segredos do coração, e, assim, prostrando-se com a face em terra, adorará a Deus, testemunhando que Deus está, de fato, no meio de vós (ou: em vós).

**20** No primeiro trecho Paulo opôs todo o valor de falar e orar “com o entendimento” ao misterioso, porém ininteligível, orar em línguas. Agora, no entanto, ele sintetiza tudo num princípio que se reveste de grande importância justamente por ser dito por ele: **“Irmãos, não sejais crianças segundo o entendimento, mas diante da malícia sede crianças, porém segundo o entendimento sede pessoas maduras”** [tradução do autor]. Em **1Co 1** e **2** Paulo rejeitou bruscamente a “sabedoria do mundo”, a “inteligência dos entendidos”, a “sabedoria deste éon”: ela não reconhece a Deus e será descartada por Deus. O entendimento e a sabedoria, porém, não estão nessa condição pelo fato de serem “inteligência” e “sabedoria”, mas porque apresentam um aspecto carnal, de modo que não alcançam a Deus. Com isso não se depreciam o pensamento e a razão em si, nem são excluídos do cristianismo. Não foi galgado à esfera verdadeiramente divina da vida o que é “irracional”, enigmático e ininteligível. Pelo contrário! Paulo espera dos cristãos que **“segundo o entendimento sejam pessoas maduras”**. No entanto, devem ser **“crianças”**, incapazes, apenas **“diante da malícia”**. Como esse princípio é importante e determinante até os dias atuais!

Um quadro estranhamente contraditório se apresenta a nossos olhos. Os coríntios veneravam a “sabedoria” e sentiam falta dela na pregação de Paulo, mas ao mesmo tempo ficavam entusiasmados com o falar ininteligível em línguas, vendo nele da maneira mais nítida o agir do Espírito de Deus. Ao mesmo tempo eram muito inventivos e espertos para uma série de maldades. Paulo, no entanto, rejeitava a “sabedoria” e se empenhava pela “loucura” da proclamação, mas ao mesmo tempo foi justamente ele que preferia “dizer cinco palavras com o entendimento a falar inúmeras palavras em língua”, dando alto valor à razão madura no cristão. Para ele, Espírito Santo e razão não são opostos. O Espírito de Deus atua na edificação da igreja precisamente por intermédio da razão amadurecida.

**21,22** Paulo estava se recordando de uma palavra que Deus falou pelo profeta Isaías (**Is 28.11**): **“Falarei a este povo por homens de outras línguas e por lábios de outros povos, e nem assim me ouvirão, diz o Senhor.”** Se Israel não quer ouvir a palavra clara e inteligível da boa mensagem, então Deus pode e há de falar um dia de maneira completamente diferente com ele. No entanto isso apenas conduzirá ao endurecimento. Paulo agora não está perguntando pelo sentido “histórico” do dito do profeta. Para ele está em jogo o que é fundamental. Deus é capaz de erigir um “sinal” especial ao falar em linguagem ininteligível. Deus o faz agora na igreja por meio do dom do falar em línguas. Para os incrédulos, porém, isso não é um falar que conduz à fé, mas um “sinal” que causa rejeição e endurecimento. **“De sorte que as línguas constituem um sinal não para os crentes, mas para os incrédulos; mas a profecia não é para os incrédulos, e sim para os que crêm.”**

**23** Paulo mostra num exemplo prático de grande importância para nós o que pretende afirmar com isso: **“Se, pois, toda a igreja se reunir no mesmo lugar, e todos se puserem a falar em outras línguas, no caso de entrarem indoutos ou incrédulos, não dirão, porventura, que estais loucos?”** Paulo distingue com muita precisão os **“crentes”**, os **“indoutos”**, os **“incrédulos”**. Quem ainda não conhece de fato o evangelho, quem nunca ouviu a mensagem de tal maneira que se encontrasse diante da decisão de sua vida, é um idiota, um “indouto”, um “leigo”. Nesse caso não se pode falar de “incredulidade”. A “incredulidade” no verdadeiro sentido é uma atitude ativa e consciente. É dizer não à mensagem ouvida e entendida. Somente quando o “indouto” ouve e rejeita a clara proclamação ele se torna um “incrédulo”. A narrativa de Paulo, porém, revela que com isso a decisão definitiva da vida dessa pessoa ainda não foi necessariamente tomada. Dificilmente Paulo nos confrontará com uma mera hipótese. Pelo que se depreende, acontecia com frequência que vinham pessoas à reunião da igreja que primeiro desejavam conhecer o cristianismo, mas que também pessoas que inicialmente o rejeitaram não conseguiam se livrar da mensagem e tornavam a procurar a igreja. Em todos os casos a igreja tinha uma porta bem aberta para todos que quisessem ouvir, e tampouco excluía nem mesmo “incrédulos”.

Agora Paulo imagina que toda a igreja **“falaria em línguas”**. Qual será o impacto sobre os visitantes? Por acaso quem até então rejeitava será vencido e conquistado? Será que o indouto reconhece a glória que reside em ser cristão? Não, ele terá a impressão de ter caído no meio de uma multidão de dementes. Nesse sentido as línguas são um “sinal” para “incrédulos”, a saber, uma ação de Deus que repele e assusta.

**24,25** Completamente diversa é a situação quando toda a igreja **“fala profeticamente”**. Agora Paulo antepõe enfaticamente, aos visitantes que entram, o “incrédulo”. Porque nesse momento acontece algo precioso. Até a pessoa que até então rejeitava a fé **“é por todos convencida, por todos julgada, tornam-se-lhe manifestos os segredos do coração, e, assim, prostrando-se com a face na terra, adorará a Deus, testemunhando que Deus está, de fato em (ou: entre) vós”**. Paulo imagina o “falar profético” não como um sem-número de

misteriosos oráculos proféticos e visões extáticas do futuro. Isso jamais teria exercido o impacto sobre o “incrédulo”, descrito por Paulo. Os que “falam profeticamente” falam também agora “com seu entendimento” e eles proferem “edificação, exortação e consolo” (v. 3). Fazem-no “com” sua razão e por isso em linguagem simples e inteligível. Não o fazem “a partir” de sua razão, mas a partir do Espírito Santo e sob a condução do Espírito. É por essa razão que o fazem de tal modo que o visitante seja atingido na consciência e ele veja seu íntimo descoberto e revelado, ficando diante da onipresença de Deus. Com certeza Paulo não imagina isso de tal forma que toda a igreja que profetiza “ataca” os dois visitantes com suas falas. Pelo contrário, a igreja realiza sua reunião para sua própria edificação. Porém, “falando todos profeticamente” acontece sem intenção deles e sem seu conhecimento e determinação diretos, que tudo o que é dito atinja o coração dos visitantes estranhos, levando a se prostrarem perante Deus. Agora compreendemos porque Paulo considera esse “falar profético” o dom mais importante e precioso do Espírito Santo. Unicamente esse dom é capaz de vencer os indoutos e até incrédulos, conquistando-os para Deus, acrescentando-os à igreja e “edificando” nesse sentido peculiar a igreja.

Justamente esse dom da graça do Espírito, por ser imprescindível, também foi preservado para a igreja em todos os tempos. Ainda que outros dons impressionantes, como cura de enfermos e falar em línguas, tenham retrocedido muito ou quase tenham desaparecido, a igreja constantemente e em todos os lugares teve homens e mulheres com “falar profético”. Por essa razão também sempre aconteceu, sob as mais diversas circunstâncias e das maneiras mais multiformes, aquilo que Paulo nos descreve nos presentes versículos. Debaixo da palavra conduzida pelo Espírito houve pessoas que se descobriam escrutinadas até nas coisas mais ocultas de seu coração e sua vida e expostas à luz, experimentando a presença do Deus onisciente no Espírito Santo e chegando à fé.

Ao referir o testemunho do visitante interiormente vencido: **“Deus está, de fato, em vós, no meio de vós”** Paulo tinha em mente, involuntária ou muito conscientemente, textos bíblicos como [1Rs 18.39](#); [Dn 2.47](#); [Is 45.14](#); [Zc 8.23](#). O que naquele tempo acontecia em episódios especiais repete-se agora, quando o Espírito está presente com seus dons, na igreja de Jesus. Nela isso se torna praticamente normal. Quando “todos” profetizam, acontece aquilo que Paulo descreve, podendo acontecer dessa forma diariamente.

## 6. Instruções para as reuniões da igreja, [14.26-33a](#)

- <sup>26</sup> **Que fazer, pois, irmãos? Quando vos reunis, um tem salmo, outro, doutrina, este traz revelação, aquele, outra língua, e ainda outro, interpretação. Seja tudo feito para edificação.**
- <sup>27</sup> **No caso de alguém falar em outra língua, que não sejam mais do que dois ou quando muito três, e isto sucessivamente, e haja quem interprete.**
- <sup>28</sup> **Mas, não havendo intérprete, fique calado na igreja (o que fala em línguas), falando consigo mesmo e com Deus.**
- <sup>29</sup> **Tratando-se de profetas, falem apenas dois ou três, e os outros julguem.**
- <sup>30</sup> **Se, porém, vier revelação a outrem que esteja assentado, cale-se o primeiro.**
- <sup>31</sup> **Porque todos podereis profetizar, um após outro, para todos aprenderem e serem consolados (exortados).**
- <sup>32</sup> **Os espíritos dos profetas estão sujeitos aos próprios profetas;**
- <sup>33a</sup> **porque Deus não é de confusão, e sim de paz.**

**26** Esse texto traz a descrição de um “culto comunitário a Deus” em Corinto. Ele diverge totalmente do que hoje caracteriza o encontro de culto a Deus numa igreja. A esse respeito Schlatter destaca especialmente que “o pregador instruído pelo ‘reitor’ não aparece na lista dos que tornam o culto frutífero”. Muito menos ele é aquele que no essencial “dirige o culto” sozinho. Pelo contrário, é característica da reunião da igreja que “todos” tenham algo e contribuam para a vida da igreja. **“Quando vos reunis, um tem salmo, outro, doutrina, este traz revelação, aquele, outra língua, e ainda outro, interpretação: Seja tudo feito para edificação!”** Se aqui primeiramente é citado um “salmo”, a idéia não é que alguém recite um salmo do Antigo Testamento. O Espírito Santo sempre concede novos cânticos que são acolhidos pela igreja e contribuem para a construção da igreja. Também a **“doutrina”** não é assunto dos diversos “ministros”; qualquer um pode ser presenteado com uma **“doutrina”** e transmiti-la à igreja. Paulo, porém, também cita a **“revelação”**, a **“língua”** e sua **“interpretação”**. É isso que acontece na igreja em Corinto. Uma riqueza tão viva de manifestações na reunião da igreja é um presente. Contudo reside nela o perigo de que leve à desordem.

**27,28** Em vista disso Paulo intervém estabelecendo a ordem. De imediato destaca novamente o ponto de vista que não é determinado por um princípio de ordem como tal, mas pelo amor. **“Seja tudo feito para edificação.”** Que a igreja seja edificada, essa é a única coisa que importa, a esse objetivo é que tudo precisa servir e levar. Na seqüência Paulo fornece instruções diversas para esse fim, começando com os que **“falam**



**em língua**". Ao que parece, eles eram em maior número e haviam ocupado o espaço principal em Corinto, orando também ao mesmo tempo. Paulo não os exclui do culto da igreja quando existirem "intérpretes", um "tradutor". Contudo também nesse caso devem ser no máximo **"dois ou quando muito três"**, e devem orar um após o outro. Se não houver intérprete **"fique calado na reunião** (o que fala em línguas)". Então o silêncio oculto de sua vida de oração deve ser o lugar em que ele **"fala consigo mesmo e com Deus"** e "a si mesmo se edifica" (v. 4).

- 29,31** A compreensão da frase seguinte não é fácil. Parece haver uma contradição entre a ordem de que **"profetas devem falar apenas dois ou três"** e a asserção **"todos podereis falar profeticamente, um após outro"** [tradução do autor]. A contradição somente se soluciona se considerarmos os "profetas" como pessoas distintas dos membros da igreja que "falam profeticamente". Em vista desse "falar profético" Paulo podia conceber como uma situação desejada que **"todos profetizem"**, incentivando por isto os membros da igreja irrestritamente a buscar o dom do "falar profético". Nesse caso não pode deixar que apenas dois ou três façam uso da palavra. Não, evidentemente existem "profetas" num sentido próprio, que por isso também aparecem na listagem de **1Co 12.28** como permanentemente incumbidos. Desse grupo definido, dois ou três devem usar da palavra em cada reunião da igreja. Reparamos na diferença entre os v. **27** e **29**. Sobre o falar em línguas e sua manifestação Paulo fala apenas de maneira condicional: **"No caso de alguém falar em línguas"** e se houver a presença de um intérprete. Essas condições não ocorrem nos **"profetas"**. Eles foram concedidos à igreja com toda a certeza, motivo pelo qual estão presentes e **"devem"** falar. Obviamente também deles falem apenas dois ou três, **"e os outros julguem** (o que é dito)". Na palavra "outros" pensamos em primeiro lugar em todos os demais "profetas", além daquele que está falando no momento; são especialmente convocados para um julgamento assim. **1Ts 5.20s** revela, porém, que Paulo considera a igreja toda fundamentalmente autorizada e comprometida, pelo Espírito Santo que nela habita, a "examinar" os profetas e suas afirmações. Por conseqüência, é possível que também na presente passagem Paulo entenda por "outros" os membros da igreja em si. Nessa instrução não é mencionado o dom especial do "discernimento dos espíritos". Tudo está sendo visto de maneira bastante livre e viva, sem uma fixação sistemática.
- 30** Entretanto também é possível que a um profeta ou um membro da igreja que **"esteja assentado"** e ouve, **"venha uma revelação"**. Nesse caso o respectivo não deve esperar até que o profeta que está falando termine, mas deve aceitar como sinal que o Senhor que concede a revelação quer que essa nova palavra seja dita naquele instante. Então **"cale-se o primeiro"**. Será que conseguirá fazê-lo? Será que não é tão "impelido" pelo Espírito que precisa continuar falando sem vontade própria? Não é assim que Paulo considera a atuação do Espírito Santo.
- 32** **"Os espíritos dos profetas estão subordinados aos profetas"** [tradução do autor]. Paulo está conjugando – como já fez no v. **12** – o plural de espírito, uma conotação que para nós a princípio soa estranha. Paulo não quer dizer que o Espírito Santo se dissolve numa pluralidade de "espíritos", mas que ele, em sua atuação, se doa a cada pessoa de tal maneira que passa a ser "espírito dela". Tanto mais surpreendente torna-se a afirmação de que o Espírito, que segundo **1Co 12.11** distribui soberanamente seus dons como quer, agora se **"subordina"** a pessoas. Como isso é possível?
- 33a** A razão é que **"Deus não é de confusão, e sim de paz"**. Conseqüentemente, seu Espírito tampouco causa desordem, fazendo com que vários profetas falem ao mesmo tempo uns contra os outros. O próprio Espírito está disposto a silenciar no primeiro orador, se desejar levantar sua voz em outro. Por isso o profeta também é capaz de se calar e não tem de continuar a falar desenfreadamente. Na formulação da frase justificativa é bonito que Paulo não chama o Deus vivo de "Deus da ordem", mas que designe o contrário da **"confusão"** como **"paz"**. Para Deus não interessa a ordem como tal. Porém todo seu objetivo é a comunhão entre as pessoas, a cooperação de todos os membros em plena paz.
- 31** Retomemos agora a frase, que parece estar em contradição com o v. **29**, por causa do "porque" que lhe dá início: **"Porque podeis falar profeticamente um após o outro"**. Esse "porque" apenas poderá ser compreendido se o número dos "profetas" que profetizam for restrito dessa maneira justamente para que, se possível, "todos" os membros da igreja possam exercer o "falar profético" tão essencial. Novamente a finalidade é **"que todos aprendam e sejam exortados"** [tradução do autor]. O falar conduzido pelo Espírito deve jorrar com tanta abundância e multiformidade para que cada pessoa na igreja receba aquilo de que ela precisa para sua vida de fé em termos de ensinamento e exortação.

## **As mulheres devem se calar na reunião da igreja, 14.33b-36**

<sup>33b</sup> Como em todas as igrejas dos santos,

<sup>34</sup> conservem-se as mulheres caladas nas (reuniões das) igrejas, porque não lhes é permitido falar; mas estejam submissas como também a lei o determina.

<sup>35</sup> Se, porém, querem aprender alguma coisa, interroguem, em casa, a seu próprio marido; porque para a mulher é vergonhoso falar na (reunião da) igreja.

<sup>36</sup> Porventura, a palavra de Deus se originou no meio de vós ou veio ela exclusivamente para vós outros?

**33b,34** Chegamos a um trecho singularmente difícil do capítulo. Difícil no conteúdo, porque contradiz as declarações do bloco **1Co 11.2-16**. Lá foi ordenado à mulher que, ao orar e falar profeticamente em público, use o “véu”. A oração e o falar profético como tal não lhe foram proibidos. Agora é imposta à mulher uma ordem absoluta de silêncio na (reunião da) igreja. **“Como em todas as igrejas dos santos, conservem-se caladas as mulheres nas reuniões das igrejas. Porque não lhes é permitido falar, mas estejam submissas como também a lei determina.”** A informação de que **1Co 11.2-6** não tratava do falar da mulher na reunião da igreja, mas na vida doméstica ou em cultos em casas não nos ajuda. A “oração” podia certamente acontecer em casa, porém o “falar profético” carece de ouvintes para que faça sentido. E será que Paulo teria empenhado argumentos para exigir que, ao orar em sua própria casa, a mulher usasse um véu?

**35** Igualmente difícil no conteúdo é a instrução positiva: **“Se, porém, querem aprender alguma coisa, interroguem, em casa, a seu próprio marido.”** Será que Paulo se esqueceu do que disse em **1Co 7.13** acerca das mulheres que têm maridos incrédulos? O que farão essas mulheres? Ao mesmo tempo notamos nessa frase o sentido absoluto da proibição de falar: nem mesmo perguntas as mulheres podem levantar na reunião. Porém, se Paulo acabou de comentar que todos deveriam aprender por meio do falar profético de todos, será que a mulher que prestava atenção não “aprendia” algo também? Será que precisava “perguntar” primeiro para poder “aprender” algo?

Contudo também chama atenção a diferença em toda a maneira de escrever. Como é ampla a abordagem em **1Co 11.2-16**, como tudo é exaustivamente analisado! Quanto se luta pela compreensão dos próprios coríntios, embora aqui apenas esteja em jogo o “véu”! Em contraposição, agora, quando se trata de toda a posição da mulher na vida da igreja, é-lhe imposto de forma sucinta e rude o silêncio total. E como fundamentação é colocada, ao lado da referência ao costume uniformizado “em todas as igrejas dos santos”, somente a afirmação: **“porque para uma mulher é uma vergonha falar numa (reunião da) igreja.”** Igualmente precisa chamar a atenção a referência à “lei” num escrito do apóstolo que em **Rm 6.17; 7.4; Gl 5.18** diz aos cristãos com tanta determinação que não se encontram mais sob a lei.

A isso se agregam dificuldades formais. Em sua forma atual a primeira frase é mal-formulada: **“Como em todas as igrejas dos santos conservem-se caladas as mulheres nas igrejas.”** Na realidade a frase deveria ser: “Como em todas as igrejas dos santos devem também em vossa igreja as mulheres manter-se caladas.” No entanto, sem qualquer dificuldade o v. **37** se conectaria diretamente ao v. **33a**. Consequentemente, por razões de conteúdo e forma, cabe indagar se todo esse trecho não é uma inclusão que entrou no texto apenas mais tarde e que não foi escrito por Paulo. Também a evidência dos manuscritos pode corroborar essa suposição. Uma série deles traz o presente trecho somente após o v. **40**. Mas não é possível trazer uma “prova” irrefutável de que esses versículos sejam um adendo posterior. E será de fato que não há também outras possibilidades de entender o presente trecho? Por um lado evidentemente se trata da esposa, não da mulher em geral. Será que para Paulo era intolerável que uma esposa começasse a falar numa reunião na presença do marido, colocando-se assim ao lado ou até acima do marido, de um modo impossível para aquela época? (A esse respeito, cf. **1Tm 2.12**). Paulo acabou de refletir preocupadamente sobre a “confusão” na rica vida da igreja dos coríntios. Será que ali mulheres, em sua maneira apressada e facilmente emotiva, contribuíram para cenas agitadas? Será que o apóstolo agora estava sendo movido mais uma vez por todo o senso de sua época? Talvez a solução da dificuldade também esteja no fato de que o presente trecho se refere especialmente ao diálogo doutrinário. É o que sugere a menção do “aprender”. A mulher pode orar e falar profeticamente na reunião da igreja, quando o Espírito a conduz para isso. Como Paulo poderia proibir o que é um efeito do Espírito de Deus? Porém “ensinar” e usar da palavra de forma soberana, isso ela não deve fazer. Essas idéias se aproximam de **1Tm 2.12**, onde o apóstolo impede expressamente a mulher de “ensinar”. Considera-o como “elevar-se acima do homem”. Todavia, também por esse caminho não conseguimos ir além de um “talvez”. Afinal, o texto ordena à mulher o “silêncio” total. Como tantas vezes, também aqui não sabemos o suficiente para alcançar uma conclusão definitiva a respeito do que Paulo quis dizer concretamente nesses versículos e como coadunou suas afirmações daqui com as de **1Co 11.2-16**.

O fato de que Paulo, ao proibir que a mulher falasse, não traz outra fundamentação do que unicamente o costume uniforme das igrejas e a decisão do sentimento, de que seria **“uma vergonha para uma mulher falar na (reunião da) igreja”**, facilita o nosso posicionamento hoje. O que Paulo declara nessa questão aos coríntios tinha toda a razão de ser e pleno peso naquele tempo. O grande escritor grego Plutarco sentencia: “Não apenas o braço, mas nem sequer a palavra da mulher disciplinada deve ser pública, e ela deve temer a voz como um desnudamento e vigiá-la entre as pessoas de fora.” A partir da sinagoga Paulo igualmente conhecia a mulher calada como algo bem óbvio. Será que o jovem cristianismo deveria romper o costume da época, ferir o senso de decência entre gentios e judeus e aumentar o perigo da desordem em suas reuniões? De

acordo com o sentimento daquela época também teriam sido do mesmo modo impossíveis, uma visão intolerável (uma “vergonha”), a professora, a médica, a tratorista, a ministra. Acontece que a preocupação de Paulo é que a igreja de Jesus não fira essa forte percepção da época. Não é admissível que se obstrua o caminho do evangelho pelo fato de que comece a circular a informação de que as mulheres cristãs perdem a vergonha e publicamente fazem uso da palavra, falando competitivamente com os homens. Acima de tudo não é admissível que uma igreja isolada como a de Corinto rompa arbitrariamente um comportamento que é observado claramente em todas as igrejas dos santos.

- 36 Nessa situação Paulo tem de perguntar aos coríntios: **“Porventura, a palavra de Deus partiu de vós? Ou será que veio exclusivamente para vós?”** O ponto de vista do apóstolo, quando escreveu o presente trecho em sua carta, é simplesmente o seguinte: a igreja de Jesus não pode nem deve conceder à mulher uma posição que ela já não possua na vida pública e que contradiga o sentimento ético da época. Então, porém, isso significa para nós hoje: a igreja de Jesus não pode nem deve negar à mulher uma posição que ela já possui na vida pública e que corresponde a todo o sentimento óbvio da época! Assim como naquele tempo a mulher que falasse em público representaria uma estranha extrapolação, assim seria hoje com a mulher condenada ao silêncio. Simplesmente não vale mais para nós a frase de Paulo: **“É uma vergonha para uma mulher falar na igreja”**. Nenhum de nós terá essa sensação, e hoje nem Paulo poderia escrever mais essa frase a uma igreja. Obviamente até hoje é primordial – como também no trecho a respeito do “véu” – que a mulher permaneça total e autenticamente “mulher”. A igreja dos santos zelará seriamente para que isso aconteça em seu âmbito. Porém o que é “autenticamente feminino” e onde passa o limite para o que seria “não-feminino” será percebido e aquilatado de formas muito distintas nas diversas épocas. Quando distintas e nobres mulheres discursam no púlpito do parlamento, a mulher no púlpito da igreja não pode ser subitamente uma “vergonha”.

### Uma palavra de síntese sobre os dons espirituais, 14.37-40

- 37 **Se alguém se considera profeta ou espiritual, reconheça ser (mandamento) do Senhor o que vos escrevo.**
- 38 **E, se alguém o ignorar, será ignorado (por Deus) (ou: se alguém não o reconhecer, que não reconheça).**
- 39 **Portanto, meus irmãos, procurai com zelo o dom de profetizar e não proibais o falar em outras línguas.**
- 40 **Tudo, porém, seja feito com decência e ordem.**

- 37 Paulo chega ao final de toda a análise, fazendo mais uma vez um retrospecto. O v. 37 está diretamente conectado às instruções dos v. 26-33 e diz, com vistas às regras ali estabelecidas: **“Se alguém está convicto de ser um profeta ou portador do Espírito, reconheça que é (mandamento) do Senhor o que vos escrevo”** [tradução do autor]. Ao analisar as questões matrimoniais Paulo distinguiu com muita clareza entre aquilo que o próprio Senhor ordena e o que é seu conselho apostólico (cf. 1Co 7.10,12). Agora, ao ordenar a reunião da igreja, ele está convicto de que defende o mandamento do Senhor. Não devemos supor que Paulo possuía uma palavra de Jesus a esse respeito que tenha sido perdida antes de chegar a nós. Porém, ao posicionar o capítulo 13 no centro de todas as ponderações, Paulo fez do amor o critério último, cunhando a partir daí a regra básica “tudo para edificação da igreja”. O amor, porém, é inequívoca e seguramente o mandamento do Senhor. Provavelmente, porém, o grupo de manuscritos que aqui nem mesmo traz a palavra “mandamento” possui a versão mais original do texto. É muito mais fácil de entender uma inclusão posterior dessa palavra após o simples genitivo “do Senhor” do que sua exclusão quando já fazia parte do texto. Nesse caso Paulo nem mesmo estaria argumentando com um “mandamento” específico do Senhor, mas apenas estaria dizendo que suas instruções não se originam do arbítrio pessoal, mas são provenientes do Senhor e correspondem a toda a “mente de Cristo” (1Co 2.16). Isso é algo que justamente o profeta e todos os demais autênticos portadores do Espírito, inclusive o verdadeiro orador em línguas, hão de, e têm de, reconhecer, sujeitando-se por isso à regra do apóstolo.

- 38 No entanto, Paulo também prevê a discordância de “portadores do Espírito” que não querem permitir que lhes seja tirado o falar incontrolado no “impulso” ou pela “coação” irresistível do Espírito. Nesse caso Paulo somente pode chegar a uma conclusão: **“Mas, se alguém não (o) reconhecer, não será reconhecido (por Deus).”** Esse “alguém”, apesar de sua presunção de estar singularmente repleto do Espírito de Deus, não é verdadeiramente propriedade de Deus, motivo pelo qual age de forma arbitrária sob “impulsos” que justamente não se originam do Espírito de Deus.
- 39 Novamente se torna explícito que na prática em Corinto estavam em jogo apenas o falar em línguas e o profetizar. Em torno dos inúmeros outros “dons” não há controvérsia. São valorizados em Corinto sem que seja atribuída uma posição de destaque a um deles, p. ex., ao dom de curar. Na mais sumária formulação tudo

o que foi exposto é assim sintetizado: **“Portanto, meus irmãos, procurai com zelo o falar profético e não impeçais o falar em línguas”** [tradução do autor]. Notamos que havia grupos na igreja que tinham fortes reservas em relação ao falar em línguas e que teriam gostado de “impedi-lo”. Talvez esses grupos tenham esperado da parte de Paulo, como resposta à sua pergunta (1Co 12.1), uma proibição apostólica para o falar em línguas. Agora ouvem que o próprio Paulo ora mais do que todos os demais em línguas. E como Paulo proibiria o que o Espírito de Deus efetua? Apenas diz que o orar em línguas não deve ser especialmente procurado, uma vez que não tem valor para a edificação da igreja. A “busca zelosa” dirige-se ao dom decisivo do profetear, do “falar profético”.

- 40 A exigência incondicional é que nada aconteça em confusão descontrolada e que não se atue de forma egoísta e sem amor, mas que **“tudo seja feito com decência e (boa) ordem”**. Isso, porém, também já é o bastante. O apóstolo não prescreve uma “ordem” determinada, que seria a única correta por motivos dogmáticos ou litúrgicos. Vale a livre atuação de Deus pelo Espírito Santo. Como ele poderia ser capturado em ordens prescritas? Com toda a certeza, porém, “o Deus da paz” deseja conduta conveniente e boa ordem. Tudo que é desregrado, descontrolado e impulsivo é caracterizado de antemão como não-divino. Na frase final do grande bloco destaca-se mais uma vez o que ficou explícito para nós acima, p. 228s, sobre a importância abrangente da decisão de Paulo na questão dos dons do Espírito.

### O cerne fundamental do evangelho, 15.1-11

- <sup>1</sup> Irmãos, venho lembrar-vos o evangelho que vos anunciei, o qual recebestes e no qual ainda perseverais;  
<sup>2</sup> por ele também sois salvos, se retiverdes a palavra tal como vo-la preguei, a menos que tenhais crido em vão (ou: – com que palavra eu vo-la evangelizei, se a guardastes, ou será que chegastes à fé em vão?).  
<sup>3</sup> Antes de tudo, vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras,  
<sup>4</sup> e que foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras.  
<sup>5</sup> E apareceu a Cefas e, depois, aos doze.  
<sup>6</sup> Depois, foi visto por mais de quinhentos irmãos de uma só vez, dos quais a maioria sobrevive até agora; porém alguns já dormem.  
<sup>7</sup> Depois, foi visto por Tiago, mais tarde, por todos os apóstolos  
<sup>8</sup> e, afinal, depois de todos, foi visto também por mim, como por um nascido fora de tempo.  
<sup>9</sup> Porque eu sou o menor dos apóstolos, que mesmo não sou digno de ser chamado apóstolo, pois persegui a igreja de Deus.  
<sup>10</sup> Mas, pela graça de Deus, sou o que sou; e a sua graça, que me foi concedida, não se tornou vã; antes, trabalhei muito mais do que todos eles; todavia, não eu, mas a graça de Deus comigo.  
<sup>11</sup> Portanto, seja eu ou sejam eles, assim pregamos e assim crestes.

Será que Paulo concluiu a abordagem de tudo o que era necessário aos coríntios? Respondeu a todas as suas perguntas, considerou todas as aflições da vida eclesial. Agora, porém, defronta-se com uma questão que alcança o alicerce da fé e compromete o centro da própria mensagem. Paulo soube que: “Afirmam alguns dentre vós que não há ressurreição de mortos” (v. 12). Isso desafia o apóstolo, ele precisa posicionar-se diante disso. Considerando que já nas questões isoladas da vida eclesial ele fazia uma abordagem ampla, a fim de ajudar a igreja a alcançar uma opinião fundamentada, nessa questão ele precisa proporcionar uma instrução ainda mais sólida e abrangente. Por isto a presente carta apresenta o magnífico capítulo 15. Também esse capítulo acerca da ressurreição dos mortos não é o capítulo de um manual de dogmática, mas é a seção de uma carta que reage a determinadas idéias, concepções e objeções dos destinatários da carta. Porém justamente esse capítulo evidencia ao mesmo tempo porque Paulo se chama de “mestre dos gentios na fé e na verdade” (1Tm 2.7).

- 1 Justamente nesse ponto Paulo lança um fundamento bem firme. É seu objetivo mostrar aos coríntios que na questão da ressurreição não se trata de “opiniões” que podem ser divergentes ou de um tópico isolado da doutrina, no qual se poderia tranquilamente pensar de outro modo. Aqui está em jogo o evangelho propriamente dito. Por isso Paulo começa com esse mesmo evangelho: **“Anuncio-vos, porém, irmãos, o evangelho que vos evangelizei”** [tradução do autor]. Por mais doutrina que possa conter, o evangelho em si não é uma doutrina a ser aprendida, mas é “poder de Deus para a salvação” (Rm 1.16), “loucura de Deus” para a redenção dos “que crêem” (1Co 1.21).



**1,2** É por isso que ele traz consigo imediatamente a ligação plenamente subjetiva com os coríntios: **“o qual também aceitastes e no qual ainda permaneceis, e pelo qual também sois salvos”** [tradução do autor]. O evangelho não é apenas aprendido e decorado, mas **“aceito”** pessoalmente. É um fundamento de vida sobre o qual **“permanecemos”**, e não um interessante objeto de conhecimento, mas o único meio da **“redenção”** da perdição eterna. Será que podemos, então, mudar algo desse evangelho, subtrair-lhe algo? No entanto, aqui não se trata de um **“algo”** qualquer sendo subtraído do evangelho, e tampouco do evangelho em geral e como um todo. Paulo não pretende falar com os coríntios sobre o evangelho em si, mas dirige-se a um ponto bem definido que se tornou questionável em Corinto ou está sendo até mesmo negado. Isso se expressa pela construção da frase, que desde cedo já convidou para alterações e simplificações. Paulo coloca diante dos coríntios o evangelho, asseverando-lhes que eles o aceitaram e que nele permanecem e por meio dele são salvos. Agora, porém, ele lhes dirige pergunta: **“Com que palavra em vo-la evangelizei?”** Porventura **“guardastes”** o que eu vos testemunhei? Não percebestes que no evangelho eu vos anunciei precisamente a tal ressurreição dos mortos que agora começais a negar? Ou será que no final de contas **“chegastes à fé em vão”**, apesar de que há pouco assegurei a vós que estais nesse evangelho? Então teria acontecido algo de cuja real gravidade os coríntios precisam conscientizar-se. Ter chegado à fé em vão, não ter guardado o evangelho em seu inteiro teor significaria não ter sido salvo! De forma enfática, Paulo explicitará isso objetivamente nos vv. 14-19.

**3** Agora, porém, ele apresenta mais uma vez o próprio evangelho aos coríntios, sendo que toda a ênfase recai cada vez mais sobre a **“ressurreição”**. **“Antes de tudo, vos transmiti o que também recebi.”** O evangelho é uma rica mensagem, porém existe nele um **“acima de tudo”**, um centro que a tudo domina. E esse **“acima de tudo”** não é um *centrum Paulinum*! Paulo, que na carta aos Gálatas é capaz de enfatizar (Gl 1.12) que ele **“não o recebeu [o evangelho], nem o aprendeu de homem algum, mas mediante revelação de Jesus Cristo”**, emprega aqui propositadamente os termos técnicos dos rabinos sobre o aprender de outros que lhe são familiares desde a juventude: **“receber – transmitir”**. Os coríntios não devem ter nenhuma possibilidade de esquivar-se de suas colocações com a desculpa de que se trata apenas de uma opinião particular de Paulo. Não, o apóstolo se encontra de maneira plena e integral no fluxo da tradição geral e não está reproduzindo seus próprios pensamentos. Isso não é uma contradição com Gl 1.12. A palavra do Senhor ressuscitado a Saulo de Tarso às portas de Damasco é tão sucinta quanto possível: **“Eu sou Jesus a quem persegues.”** A revelação direta de Jesus tornou certeza para quem até então o perseguia, somente esse único fato, de que aquele Jesus pregado à cruz está verdadeiramente vivo e é o *kyrios*. Todo o resto, todos os detalhes, todas as correlações históricas de Jesus tiveram de ser aprendidas daqueles que estiveram desde o início com Jesus.

Em seu encontro com Paulo Jesus nem mesmo havia falado do sentido e da finalidade de seu sofrimento e morte. Com certeza foi por meio do próprio Espírito Santo que resplandeceu para o convertido Paulo a solução básica do enigma escandaloso, isto é, por que o Messias Jesus, expulso por Israel, teve de morrer como maldito (Gl 3.13) no madeiro: **“que Cristo morreu pelos nossos pecados”**. Porque ele de imediato anunciou a Jesus e somente três anos mais tarde visitou Pedro em Jerusalém. Ao mesmo tempo, porém, foi da maior importância para ele que ele ouvisse de Pedro e da primeira igreja a mesma coisa: **“Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras.”**

Estamos tão acostumados com essa frase curta que podemos ouvi-la sem ficarmos singularmente abalados. Contudo, quanto ela diz! Como devem ser terríveis os nossos pecados se tornaram essa terrível morte maldita do Messias necessária para a nossa salvação. Como é certa, porém, nossa redenção, nossa posição limpa perante Deus, se Deus realizou esse ato extremo em favor de nós! Nesse ponto Paulo é completamente unânime com a tradição do primeiro cristianismo. Não obstante toda a riqueza de palavras e feitos de Jesus relatados, os evangelhos são acima de tudo **“história da paixão”** e correm em direção da cruz. O que Jesus realizou curando enfermidades, libertando pessoas endemoninhadas, consertando vidas humanas, tudo está de antemão alicerçado em sua morte por nossos pecados e selado por essa morte. Com toda a razão e com plena convicção Paulo por isso estava decidido a **“nada saber senão a Jesus Cristo e este crucificado”** (1Co 2.2). Também nisso tinha certeza da concordância com **“as Escrituras”**. Agora não precisava fornecer aos coríntios diversas provas da Escritura. De suas cartas depreendemos que Paulo constantemente aponta para o que está escrito ao fazer suas exposições. Seu interesse não reside num sistema teológico do Antigo Testamento, mas sempre em palavras isoladas decisivas que representam para ele a voz convincente das **“Escrituras”**.

**4** Paulo acrescenta expressamente: **“e que foi sepultado”**. Esse **“sepultar”** contém a realidade plena e a seriedade total da morte. As mulheres, os discípulos, os amigos têm de passar pelo terror da morte quando esse **“Vivo”**, que foi tão poderosamente atuante entre eles, agora jaz diante deles com olhar apagado e o corpo inerte. Isso, porém, para Paulo também se revestia de importância com vistas à morte igualmente real do velho ser humano com seus pecados. **“Fomos sepultados com ele na morte pelo batismo”** (Rm 6.4). **“Fostes sepultados, juntamente com ele, no batismo”** (Cl 2.12). Ao mesmo tempo, esse tópico da proclamação era importante para cortar de antemão todos os boatos que tentavam enfraquecer a mensagem da ressurreição com

ilações a uma eventual morte aparente. Jesus esteve realmente morto e foi deitado numa sepultura definida e conhecida. Contudo sua sepultura também ficou realmente vazia.

Acontece, porém, que a notícia sobre Jesus não acaba no “morto, sepultado”. Do contrário não haveria “cristianismo”. Na sequência vem a mensagem de que ele **“foi ressuscitado no terceiro dia, segundo as Escrituras”** [tradução do autor]. Será que com isso as afirmações de [1Co 1.18](#) e [2.2](#) evidenciam-se como redução do evangelho? Será que o cristianismo não é muito mais “palavra da ressurreição” do que “palavra da cruz”? Será que Paulo não precisava estar determinado, justamente em Corinto, a conhecer e anunciar “unicamente Jesus Cristo, e esse como Ressuscitado”? No trecho subsequente Paulo ainda exporá que de fato a cruz perderia todo o seu significado para nós se Cristo não tivesse sido ressuscitado. Não obstante, a ressurreição de Jesus não acrescenta nada de novo e mais sublime à decisiva e redentora palavra da cruz **“morreu pelos nossos pecados”**, mas apenas torna essa palavra válida e eficaz. Também essa ressurreição do Messias foi testemunhada previamente pelas “Escrituras”. Igualmente nesse caso Paulo não cita referências específicas. Para ver esse testemunho prévio da ressurreição de Jesus nas Escrituras, era necessário ter o novo olhar aberto por Deus. “Pois ainda não tinham compreendido a Escritura, que era necessário ressuscitar ele dentre os mortos”, diz João a respeito dos discípulos ([Jo 20.9](#)). Para o israelita Paulo, porém, era decisivamente importante que ele podia saber que essa mensagem estava em consonância com as Escrituras.

- 5 No entanto a ressurreição do Senhor Jesus não é uma “doutrina” que se possa ou precise “demonstrar” a partir das Escrituras. Ela é a mensagem de uma realidade que foi **“vista”** e por isso pode ser testemunhada. Por isso é que repercute, agora, por todos os versículos seguintes o “visto, visto, visto”. Não a ressurreição em si foi vista, mas sim o Senhor ressuscitado. Sua ressurreição, assim como sua morte por nossos pecados, simplesmente são fatos. Aconteceu algo que transformou completamente a situação entre Deus e os humanos. Não foram idéias e opiniões sobre Deus que mudaram, mas o incrível peso da culpa da humanidade e da minha culpa foi anulado. Não “na idéia”, e sim “de fato”. O agir de Deus ao ressuscitar o Crucificado confirma a ação de Jesus na sua morte e nos presenteia eternamente com nosso Redentor em uma viva atualidade. No entanto, os atos e os fatos deles resultantes podem e precisam ser “vistos” e testemunhados como tais por determinadas testemunhas. Por isso Paulo fornece aos coríntios essa lista exata das testemunhas que o “viram”.

A lista de testemunhas que Paulo faz desfilar diante de nós não é encontrada dessa forma nos relatos da Páscoa nos evangelhos. O fato de não mencionar as mulheres que viram Jesus em primeiro lugar ([Mt 28.9s](#); [Mc 16.9](#); [Jo 20.11ss](#)) de maneira alguma denota que Paulo não tenha conhecido essas primeiras testemunhas da ressurreição. Porém naquela época elas não servem como testemunhas “oficiais”. No entanto, dos relatos da Páscoa não depreenderíamos, nessa formulação, **“que ele foi visto por Cefas e, depois, pelos doze”**. De maneira alguma **Pedro** aparece claramente nos relatos dos evangelhos como a pessoa que viu o Senhor em primeiro lugar. Em Mateus ([Mt 28.16s](#)) imediatamente depois das mulheres vêm os “onze”, em Marcos ([Mc 16.12](#)) ainda aparecem antes os dois discípulos no caminho de Emaús. Apenas em Lucas ([Lc 24.34](#)) é dito aos discípulos que voltaram de Emaús “que o Senhor de fato ressuscitou e apareceu a Simão”. Também em João Pedro é destacado especialmente somente nas revelações posteriores no lago de Tiberíades. Os **“doze”** – os evangelhos são mais precisos ao falar de “onze” após a traição de Judas – constituem em seguida também nos evangelhos o círculo que experimenta sobretudo a maravilhosa presença do Ressuscitado (atravessando portas fechadas, [Jo 20.14](#)).

- 6 Não há como situar o evento que Paulo cita em terceiro lugar pelos relatos dos evangelhos: **“Depois, foi visto por mais de quinhentos irmãos de uma só vez, dos quais a maioria sobrevive até agora; porém alguns já dormem.”** Somos obrigados a imaginar esse episódio na Galiléia, visto que em Jerusalém dificilmente seria possível encontrar um recinto para uma reunião dessas. Não é possível duvidar da verdade desse evento. Paulo observa justamente aqui que desses quinhentos a maioria ainda vive e pode ser questionada sobre esse fato. É particularmente grande a força de argumento de um encontro desses com o Ressuscitado, proporcionado ao mesmo tempo a um grupo considerável.
- 7 **“Depois, foi visto por Tiago.”** Os evangelhos não relatam nada sobre esse reencontro entre Jesus e seu irmão Tiago. Não obstante, deve ter sido uma experiência arrasadora para Tiago, considerando sua posição anterior frente a Jesus (cf. [Jo 7.3-5](#); [Mc 3.21,31](#)). Ao mesmo tempo o encontro teve conseqüências de longo alcance para a história da primeira igreja. Por fim Tiago se tornou o líder de fato em Jerusalém (cf. [At 12.17](#); [15.13](#), confirmado por [Gl 2.9](#)). Ao acrescentar ainda **“mais tarde, por todos os apóstolos”**, Paulo evidentemente faz distinção entre o círculo maior dos emissários de Jesus e os “doze”, que significava para ele, porém, ao mesmo tempo uma grandeza determinada e delimitada. Uma igreja gentio-cristã como Corinto tinha conhecimento desse **“todos os apóstolos”** em sentido mais amplo, de modo que Paulo – infelizmente! – não tinha motivos para mencionar seu número e caracterizar o fundamento de sua vocação. Houve quem pensasse nos “setenta” ([Lc 10.1](#)). É notório que justamente Lucas, que estava ligado a Paulo, os mencione em seu evangelho. Porém, será que nesse caso Paulo não teria igualmente falado dos “setenta”, como um paralelo com os “doze”?

Para nós, pois, permanecem abertas muitas perguntas importantes. Não estamos em condições de reconstruir um quadro completo e inequívoco dos eventos da Páscoa. Uma das razões é que o primeiro cristianismo desconhecia essa necessidade tipicamente moderna de obter um quadro desses, nem aqui nem em outras situações. Isso é o indício da plena e poderosa certeza sobre a questão em si. Há abundância de testemunhos, e isso lhe basta. Contudo, no presente texto podemos ser especialmente gratos pela palavra de Paulo. Também em sentido “histórico” ela é muito valiosa. Aqui uma pessoa que se tornou cristã pouco tempo depois dos acontecimentos constata com o visível empenho pela exatidão as testemunhas principais do Ressuscitado.

**8,9** Por fim, Paulo cita também a si mesmo como “testemunha da ressurreição” (**At 1.22**). **“Afinal, depois de todos, foi visto também por mim, como por um nascido fora de tempo. Porque eu sou o menor dos apóstolos, que mesmo não sou digno de ser chamado apóstolo, pois persegui a igreja de Deus.”** Se de fato for um verdadeiro “apóstolo”, Paulo também precisa constar do rol de testemunhas. Nisso, porém, ele é apenas algo como um “nascimento falho” ou “o aborto” de um apóstolo. Porque a tarefa de um apóstolo é a edificação fundamental da “igreja de Deus”. Paulo, porém, **“perseguiu a igreja de Deus”**, tentando aniquilá-la (**Gl 1.13**). Por isto ele era – de modo completamente diferente do que todos os demais “apóstolos” com todas as suas falhas – em si mesmo o exato oposto de um apóstolo. Ele não é **“digno de ser chamado apóstolo”**, e por conseqüência é **“o menor dos apóstolos”**.

**10** Uma vez que apesar de tudo ele é apóstolo, precisamos reconhecer nisso a graça soberana de Deus com todo o seu poder. **“Mas, pela graça de Deus, sou o que sou.”** Que Deus convoque para ser apóstolo justamente esse “aborto”, esse perseguidor, essa pessoa impossível, é “graça de Deus” com toda a sua soberania e glória. Talvez Paulo se lembre do que Deus falou acerca da eleição de Israel em **Êx 16.4-6**. A graça constantemente se revela como “graça” justamente pelo fato de ter compaixão com o mais miserável e com o pior. Paulo mostrou isso à igreja de Corinto em **1Co 1.26ss** com base em sua própria composição. De forma peculiar, porém, tem a ver consigo mesmo. A “graça” do Deus vivo, no entanto, é ao mesmo tempo a coisa mais eficaz que existe, e também “não se tornou vã” no caso de Paulo. E por que não? Em sua resposta Paulo não menciona sua felicidade interior, não as suas revelações e dons do Espírito, nem mesmo os sucessos de sua atuação. Cita apenas uma coisa: **“Trabalhei muito mais do que todos eles.”** A graça ativa, a graça dá poder e capacita para o engajamento, a dedicação, o trabalho e o sofrimento. Para Paulo seu “serviço” não era um adendo amargo à doce graça, ambos os quais desejasse usufruir, porém representava justamente o auge da própria graça e a profundidade máxima da misericórdia experimentada (cf. **2Co 4.1**; **1Tm 1.12-14**). Por isso ele considera como unidade total o que nós com tanta facilidade separamos e lançamos uma contra a outra: “graça” e “trabalho”, límpida humildade e autoconsciência objetiva. Com toda a convicção ele se considera o menor dos apóstolos, e não obstante não diminui em nada o fato de que seu empenho como apóstolo supera o trabalho de todos os demais. Porque também esse fato é pura “graça”. Novamente somos remetidos à circunstância de que a magnitude e a glória de Deus consistem justamente em que sua atuação não descarta a atuação do próprio ser humano, mas o cria e fortalece (cf. acima, p. 83). A humildade autêntica não se rebaixa artificialmente a si mesma, porque com isso também rebaixaria a graça de Deus. Pelo contrário, ela confessa, nessa peculiar ligação de humildade e olhar verdadeiro para a própria obra de vida: “Pela graça de Deus sou o que sou.” Involuntariamente Paulo já deve estar respondendo aos que em Corinto lançam suspeitas sobre seu apostolado, colocando-o muito abaixo dos demais, os autênticos e verdadeiros apóstolos. No capítulo **11** da segunda carta aos Coríntios ele aborda essa questão exaustivamente. O trecho de **2Co 11.21-33** é a poderosa ilustração da sucinta frase do presente texto: **“Trabalhei muito mais do que todos eles.”** Ele concorda plenamente com seus adversários em Corinto: ele viu a Jesus “depois de todos”; apenas um “aborto de apóstolo”, o menor de todos, inútil para ser chamado de apóstolo. Têm razão os que nem sequer o querem reconhecer como apóstolo e elevam alguém como Pedro muito acima dele. Paulo fez todas as afirmações no tempo verbal do presente, não falando de sua incapacidade para ser apóstolo como de um passado superado. Agora, porém, os coríntios precisam se cuidar para não lutar contra a graça de Deus, que apesar de tudo o convocou para apóstolo. Se compararem o engajamento, o trabalho, o sofrimento de sua vida apostólica com os dos outros, não poderão negar a predominância disso em Paulo.

Será que Paulo visa gloriar-se a si mesmo? Não, ele imediatamente acrescenta: **“Todavia, não eu, mas a graça de Deus comigo.”** Paulo sublinha mais uma vez a relação da eficácia de Deus com a atuação do ser humano, que não pode ser captada pela lógica humana usual. Logicamente poderiam ter trabalhado tanto apenas Paulo ou a graça de Deus. Paulo está reproduzindo a realidade viva e misteriosa: ele mesmo trabalhou, realizou, sofreu, e sem seu empenho total não teria acontecido toda a obra apostólica que agora se descortina perante os coríntios. Ainda assim, ao mesmo tempo tudo foi graça. Paulo não pode atribuir nada a si mesmo e não tem nenhuma participação percentual na obra da graça que pudesse reclamar para si.

**11** Paulo encerra toda essa fundamentação para seu diálogo com os coríntios a respeito da ressurreição com a constatação: **“Portanto, seja eu ou sejam eles, assim estamos anunciando e assim o aceitastes com fé”** [tradução do autor]. Ainda que haja importantes diferenças entre ele e os apóstolos de Jerusalém no

entendimento do evangelho, ele tem certeza de estar unido com todos eles na proclamação do evangelho como tal. Não apresenta um evangelho “paulino” próprio, nem deseja fazê-lo. Ele é o “arauto” que proclama a mensagem do Rei com severa fidelidade. Por isso é que no fundo está dizendo a mesma coisa que Pedro, João e Tiago. Os coríntios não podem se esquivar da mensagem dele recorrendo a outros apóstolos. Também para nós é importante saber que existe o evangelho uno e inequívoco, diante do qual todas as diferenças entre os mensageiros perdem importância. A igreja de Jesus fica em grave perigo quando seus pregadores não conseguem mais dizer unânimes: **“Seja eu ou sejam eles, assim estamos anunciando e assim o aceitastes com fé!”**

### As consequências de negar a ressurreição de Jesus, 15.12-19

- <sup>12</sup> **Ora, se é corrente pregar-se que Cristo ressuscitou dentre os mortos, como, pois, afirmam alguns dentre vós que não há ressurreição de mortos?**
- <sup>13</sup> **E, se não há ressurreição de mortos, então, Cristo não ressuscitou.**
- <sup>14</sup> **E, se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, e vã, a vossa fé;**
- <sup>15</sup> **e somos tidos por falsas testemunhas de Deus, porque temos asseverado contra Deus que ele ressuscitou a Cristo, ao qual ele não ressuscitou, se é certo que os mortos não ressuscitam.**
- <sup>16</sup> **Porque, se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou.**
- <sup>17</sup> **E, se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda permaneceis nos vossos pecados.**
- <sup>18</sup> **E ainda mais: os que dormiram em Cristo pereceram.**
- <sup>19</sup> **Se a nossa esperança em Cristo se limita apenas a esta vida, somos os mais infelizes de todos os (demais) homens.**

- 12** Paulo confrontou a igreja com a mensagem fundamental que todos os apóstolos anunciam concordemente e que também os próprios coríntios aceitaram e crêem. A partir daí investe contra as dúvidas que se manifestaram em Corinto com vistas à ressurreição dos mortos. A partir da posição firme e clara da proclamação e da fé ele dirige a pergunta aos coríntios: **“Ora, se é corrente pregar-se que Cristo ressuscitou dentre os mortos, como, pois, afirmam alguns dentre vós que não há ressurreição de mortos?”**

Paulo não deixa transparecer em que sentido e com que justificativa a ressurreição era negada em Corinto. Não se detém para analisar e refutar razões dos adversários. No entanto, fica claro que se trata apenas de inícios de uma perigosa deturpação. Apenas **“alguns dentre vós”** afirmam: **“Ressurreição de mortos não existe.”** Os que afirmavam isso não avançaram a ponto de negar a ressurreição de Jesus, e de forma alguma assumiam as consequências de sua afirmação. Paulo combate o erro incipiente demonstrando as consequências inevitáveis e apontando para o fato da ressurreição do Senhor. Paulo evidentemente teme que o erro possa penetrar mais na igreja e causar graves danos. De tudo isso resulta que os referidos coríntios sem “razões” especiais e reflexões mais profundas simplesmente acompanhavam o pensamento e sentimento “gregos”, para os quais a “ressurreição de mortos” era um assunto constrangedor ou ridículo. Cf. **At 17.32**. Será que era necessário onerar o cristianismo com este fato que era um escândalo para seu contexto de vida, quando na verdade se possuía grandes experiências atuais como, **p. ex.**, o “falar em línguas” ou os profundos pensamentos da “sabedoria” cristã, que podiam impressionar os próprios fiéis e ao mesmo tempo também os de fora da igreja? Em vista de uma atitude interior como a descrita em **1Co 4.8**, era possível que se abrisse mão da esperança da ressurreição. Quem não sofre profundamente a dura limitação da salvação atual facilmente perderá a ansiosa “expectativa” da salvação vindoura (**1Co 1.7; Fp 3.20; 1Ts 1.10**). Para nós é importante ouvir as exposições subseqüentes de Paulo com vistas ao que nossa própria época nega ou modifica na mensagem da ressurreição. Então notaremos que a rejeição da ressurreição, por trás das múltiplas e variáveis “justificativas”, em última análise possui sempre a mesma razão verdadeira. A mensagem da ressurreição dos mortos é o ataque mais acirrado contra toda a nossa autoconfiança terrena, justamente também em seu verniz religioso. Ela é também a ruptura e anulação de qualquer visão de mundo fechada, independentemente de ser uma visão “grega” ou “gnóstica” ou “moderna”.

- 13** Para Paulo interessa sobretudo que os coríntios vejam a contradição em que estão caindo contra sua própria fé e contra a mensagem que a sustenta. Não se pode negar a ressurreição de mortos e ao mesmo tempo sustentar que Jesus Cristo foi ressuscitado. As pessoas em Corinto que hoje rejeitam a ressurreição como tal amanhã também terão de riscar de sua mensagem a ressurreição de Jesus dentre os mortos. **“E, se não há ressurreição de mortos, então, Cristo não ressuscitou.”** Paulo espera que os adversários reconheçam essa consequência. Contudo, espera também que declarem: ainda que esse ponto isolado da mensagem tenha de ser cortado ou modificado em nome da coerência, será que isso altera algo no ser cristão em si? Nesse ponto inicia toda a discordância do apóstolo. Todo seu empenho é mostrar a toda a igreja a corrente das inevitáveis



consequências que resultam da negação da ressurreição. Não foi retirada uma pedra isolada do edifício, da qual se possa prescindir sem problemas, sim, que até poderia parecer um estorvo para o prédio.

- 14 Pelo contrário, aqui rui todo o edifício. Paulo o demonstra inicialmente nas duas circunstâncias fundamentais que ainda vigoram em Corinto (v. 11): a **“proclamação”** e a **“fé”**. Afinal, será que os coríntios – e nós com eles! – não notam que ambas as coisas podem ainda existir formalmente, mas que se tornam **“vãs”**, apenas invólucros vazios, formas vazias, quando eliminamos a ressurreição? **“E, se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, e vã, a vossa fé.”** Em última análise a proclamação possui apenas um único conteúdo: Jesus, o Cristo. No entanto, se esse Jesus está “morto” e hoje não vive e não age mais, então a mensagem dele é oca e todo falar sobre ele fica sem sentido. Com isso, porém, acaba também toda a fé cristã. Porque “fé” não é um sistema de pensamentos sobre Deus, mas é relacionar-se pessoalmente com Jesus, é apegar-se confiante e obedientemente a ele, é contar com seu poder eficaz e sua graça. O que restará se Jesus não ressuscitou? “Crer” num morto é algo inconsistente e por isso sem sentido.
- 15 Contudo os coríntios também precisam levar em consideração que sentença estão decretando não apenas sobre Paulo, mas sobre todos os mensageiros do evangelho. **“E somos tidos por falsas testemunhas de Deus, porque temos asseverado contra Deus que ele ressuscitou a Cristo, ao qual ele não ressuscitou, se é certo que os mortos não ressuscitam.”** Agora Paulo emprega o mesmo “nós” do v. 11, pelo qual ele se une a todos os apóstolos para o testemunho do evangelho apesar de todas as diferenças menores. Pedro, João e Tiago serão “testemunhas de mentira” assim como ele. Aqui se explicita de modo especial o quanto o evangelho é proclamação de “fatos” que surgiram por meio dos “atos” de Deus. Não se trata de idéias a respeito de Deus sobre as quais o pensador pudesse se enganar, porque errar é humano. Trata-se do testemunho daquilo que Deus realizou. Nesse caso, testemunhar atos de Deus **“contra Deus”**, que Deus jamais realizou, não seria um equívoco desculpável, mas a mais alta blasfêmia. Diante dessas frases de Paulo é surpreendente a rapidez e facilidade com que repetidamente se atribuiu aos apóstolos a disseminação de invenções próprias, afirmações sem fundamento, lendas baratas.
- 16 Mais uma vez Paulo instrui os coríntios a captar as consequências que a negação da ressurreição precisa ter para toda a vida de fé. Ele sublinha a irrefutável consequência do v. 13: **“Porque se os mortos não são ressuscitados, também Cristo não foi ressuscitado”** [tradução do autor]. Simplesmente não se pode negar a ressurreição dos mortos e confessar a ressurreição de Jesus numa mesma frase.
- 17 No entanto, se a ressurreição de Jesus cair por terra, **“será debalde a nossa fé”** [tradução do autor]. Paulo repete a afirmação do v. 14, somente substituindo agora a palavra “vazia” pela palavra “debalde”. Os coríntios podem continuar tentando “crer” em Jesus, mas essa tentativa é “debalde”. Já não chegam mais a Jesus por sobre o abismo da morte. Somente quando Jesus nos é presenteado com nova vida por meio de sua ressurreição por Deus nossa fé de fato pode alcançar e agarrá-lo.
- Paulo aponta mais uma decorrência assustadora: **“E ainda permaneceis nos vossos pecados.”** Ainda que Jesus não tivesse realmente ressuscitado dentre os mortos, será que não existiria ainda “a palavra da cruz”? Não foi ali na cruz que aconteceu nossa redenção? Será que o sangue de Jesus não nos purifica de todos os pecados? Não, não é “a cruz” que nos salva como um instrumento objetivo e impessoal, nem é a substância “sangue de Jesus” que nos purifica. Paul Humburg disse, de forma muito acertada: “Não temos um remédio contra o pecado, temos um mediador da salvação. Tudo depende da comunhão com Jesus, o Reconciliador e Redentor. Tudo é bem pessoal. É somente da mão de Jesus que podemos obter a graça eterna de Deus!” Todo o fardo de nosso pecado ainda pesa sobre mim se a gélida mão de Jesus não puder mais me oferecer essa graça salvadora.
- 18 Essa situação se torna grave quando está em jogo nosso destino eterno. Através da anteposição e da ênfase do **“por conseguinte”** Paulo está mostrando que no v. 18 ele chega a uma última e mais importante conclusão das consequências acima citadas: **“Por conseguinte também os que adormeceram em Cristo estão perdidos”** [tradução do autor]. Como assim? Será que sem “ressurreição” não existe mesmo um “viver após a morte”, ao qual se pode tranquilamente entregar os irmãos que adormeceram em Cristo? Paulo não afirma que sem a ressurreição de Jesus aqueles que adormeceram não existam mais, e que sem a ressurreição de Jesus tudo teria acabado com a morte. No entanto, afirma algo infinitamente mais terrível do que qualquer apagar da vida pela morte: os que adormeceram **“estão perdidos”**. Estão perdidos justamente *porque* continuam existindo, agora como pessoas não-redimidas, ainda oneradas com seus pecados, sujeitas à ira de Deus. Na verdade adormeceram “em Cristo”. Isso os coríntios presenciaram no leito de morte deles. Porém isso foi apenas um terrível engano. Esse Cristo em que confiaram ao morrer na realidade não existe. Caem no vazio, na escuridão do reino dos mortos e, sem o perdão de seus pecados, estão perdidos sob a ira de Deus.
- 19 Paulo sintetiza: o que será de todo o cristianismo sem a ressurreição de Jesus? Como cristãos seremos **“nada mais do que pessoas que esperaram em Cristo nesta vida”**. Justamente as esperanças terrenas, porém, não são cumpridas por Cristo. Aquele que foi crucificado neste mundo oferece aos seus apenas a cruz. Por causa dele precisam assumir penúria e renúncias, perseguição e sofrimento, como Jesus lhes disse de antemão.

Contudo, se não existir ressurreição dos mortos e tampouco a ressurreição de Cristo, eles o farão realmente em troca de nada. Então são **“mais dignos de pena do que todas as (demais) pessoas”**. Muito melhor será a sorte daqueles milhões de pessoas que nem sequer conhecem esse Cristo, que não sofrem nem renunciam por ele, mas aproveitam sem ele, da melhor maneira que podem, sua vida terrena e não se iludem com esperanças vãs.

Esse bloco de **1Co 15.1-19** é percorrido por uma linha homogênea. É a linha de um realismo claro e sóbrio. Os coríntios corriam o risco de sucumbir ao que também nós conhecemos bem demais. Também entre nós, para muitos membros da igreja, o “cristianismo” parece ser formado de “idéias” e “opiniões”, que podemos ouvir de maneiras muito distintas do púlpito e da cátedra, e sobre as quais depois traçamos os nossos próprios pensamentos. Se algumas dessas opiniões são plausíveis, adotamo-las; se outras, como **p. ex.**, a idéia da “ressurreição”, permanecem estranhas para nós, riscamo-las. Apesar disso não deixamos de ser “cristãos”, porque decididamente aceitamos outros pensamentos cristãos. Paulo viu o perigo mortal que se projeta justamente dessa maneira sobre a realidade de toda a nossa existência. Na vida cristã não se trata de opiniões, mas de fatos pelos quais nossa vida é determinada agora e na eternidade. Se riscarmos a ressurreição, não será riscada com isso uma idéia que pudesse ser substituída por pensamentos diferentes, mas terá sido tirada a base de toda a nossa salvação. Proclamação vazia, fé vazia, apóstolos carimbados como profetas de mentiras, fardo permanente do pecado, adormecidos perdidos, miséria sem esperança da existência cristã – esses são os escombros que a pessoa inteligente causou com o que ela imagina ser uma operação mental inofensiva – num ponto da doutrina que lhe é incômodo.

### **A importância universal da ressurreição de Jesus, 15.20-28**

- <sup>20</sup> **Mas, de fato, Cristo ressuscitou dentre os mortos, sendo ele as primícias dos que dormem.**  
<sup>21</sup> **Visto que a morte veio por um homem, também por um homem veio a ressurreição dos mortos.**  
<sup>22</sup> **Porque, assim como, em Adão, todos morrem, assim também todos serão vivificados em Cristo.**  
<sup>23</sup> **Cada um, porém, por sua própria ordem: Cristo, as primícias; depois, os que são de Cristo, na sua vinda.**  
<sup>24</sup> **E, então, virá o fim, quando ele entregar o reino ao Deus e Pai, quando houver destruído todo principado, bem como toda potestade e poder.**  
<sup>25</sup> **Porque convém que ele reine até que haja posto todos os inimigos debaixo dos pés.**  
<sup>26</sup> **O último inimigo a ser destruído é a morte.**  
<sup>27</sup> **Porque todas as coisas sujeitou debaixo dos pés. E, quando diz que todas as coisas (lhe) estão sujeitas, certamente, exclui aquele que tudo lhe subordinou.**  
<sup>28</sup> **Quando, porém, todas as coisas lhe estiverem sujeitas, então, o próprio Filho também se sujeitará àquele que todas as coisas lhe sujeitou, para que Deus seja tudo em todos (ou: em tudo).**

**20** Paulo mostrou o campo de destroços que se forma quando se nega a ressurreição. E agora, justamente diante desses destroços, ele constata frente a todas as perguntas, dúvidas e negações de modo triunfante o fato de que: **“Agora, porém, Cristo foi ressuscitado dentre os mortos, como as primícias dos que adormeceram”** [tradução do autor]. Não se trata de soluções de problemas ou de controvérsias intelectuais, mas exclusivamente da realidade: “Cristo foi ressuscitado.” Porque a realidade não é determinada por nossos pensamentos, mas nossos pensamentos precisam se guiar pela realidade. Conduzido pelo Espírito Santo, Paulo formula desde já a constatação dessa realidade de tal forma que ela não continua sendo um fato isolado e desconexo, não uma mera parte da história de Jesus como tal. Com sua ressurreição Jesus é as **“primícias dos que adormeceram”**. A palavra “primícias” não apenas designa a anterioridade cronológica em relação a outros, mas aponta para uma correlação e fundamentação interiores. Às “primícias” seguem-se necessariamente outras coisas. Por exemplo, as **“primícias”** são as primeiras espigas do grande campo a ser colhido, que assinalam o começo da própria colheita e por isso precisam ter por consequência a abundância das espigas restantes. Com isso Paulo se volta de maneira especial contra a idéia dos coríntios, que não negavam a ressurreição de Jesus em si, mas a consideravam uma exceção singular, sem relação com nosso próprio futuro na morte. Que Jesus, o Filho de Deus, tenha emergido do reino dos mortos com nova vitalidade e com novo corpo! Isso, no entanto, ainda não significava nada para os cristãos comuns, em cuja ressurreição não queriam crer! Paulo, porém, mostra que as “primícias” são apenas o começo de uma série que forçosamente lhes segue e que, por isso, a ressurreição de Jesus começa um movimento que se expande cada vez mais. Em consequência, esse acontecimento da manhã da Páscoa tem a ver diretamente com os coríntios (e nós!), incluindo a ressurreição deles mesmos (e a nossa!). Com a fé na ressurreição de Jesus eles ao mesmo tempo estão afirmando seu próprio futuro, sim, o futuro de toda a criação. É o que Paulo há de desdobrar diante de nós com sucinta densidade, mas também com ímpeto poderoso.

Para tanto precisamos, mais do que os coríntios, de uma mudança interior de nosso pensamento. Buscamos pelo “sistema”, pela exposição cabal, pelas respostas a todas as nossas perguntas e problemas. Paulo, porém, sabe que está limitado pelo que ele havia pessoalmente descrito em **1Co 13.9** como parcialidade característica de toda a profecia. Por isso Paulo não nos fornece detalhes na descrição subsequente, extremamente resumida, e não nos diz muitas das coisas que gostaríamos de saber. Exibe tão somente as grandes linhas da imagem do futuro, porém obviamente com toda a clareza e certeza. Evidentemente tudo aquilo que nós agora ainda não podemos saber não causa dificuldades a Paulo, não refutando nem depreciando o que se pode e se precisa afirmar acerca do futuro. É esse modo bíblico de pensar que nós precisamos reaprender completamente.

Acima de tudo, porém, cabe-nos livrar-nos de nosso individualismo, a quem importa apenas a “bem-aventurança” de cada um. Paulo decididamente não fala disso no presente trecho. Paulo vê diante de si a humanidade em suas grandes correlações, que determinam a sorte de cada indivíduo. A primeira coisa que ele afirma acerca dessas correlações determinantes é que elas não se formam por intervenções externas artificiais da parte de Deus, mas que são criadas na própria humanidade **“por um homem”**. Isso vale também em relação à pergunta com que Paulo unicamente se ocupa na presente passagem, à fatalidade de que a humanidade é mortal, e ao rompimento dela por ocasião da ressurreição dos mortos. **“Visto que a morte (veio) por um homem, também por um homem (vem) a ressurreição dos mortos.”** **“Por um homem”** acontecem as grandes decisões. Em decorrência, essas pessoas são “primícias” que como seres humanos pertencem integralmente à humanidade, mas que ao mesmo tempo determinam o destino de incontáveis pessoas, para a morte ou para a vida, com poder contínuo. Por isso é tão importante que também Jesus seja “um homem” e como tal pertença totalmente à humanidade, porque unicamente assim consegue tornar-se “as primícias” dentro dela.

- 22 Na sequência Paulo mostra quem são os dois “homens” dos quais emanam efeitos tão poderosos. **“Porque, assim como no Adão todos morrem, assim também todos serão vivificados no Cristo”** [tradução do autor]. Um dos homens é “o Adão”, ou seja, aquele que se chama expressamente de “Adão” (“ser humano”). O artigo definido evidencia que aqui não se menciona uma pessoa em particular, que tem esse nome apenas por acaso, mas a cabeça efetiva da humanidade, pela qual toda ela foi onerada com a inevitável morte. Por isso Paulo formula que **“no Adão todos morrem”**. E a ele se opõe **“o Cristo”**. Também ele é membro da humanidade. Contudo, como mostra seu título de Cristo, ele é integralmente a cabeça determinante e criadora que leva a vida para dentro da humanidade moribunda. **“No Cristo todos serão vivificados.”** Paulo não aborda aqui (como em **Rm 5.12-21**) a questão da culpa de Adão e a correspondente anulação da culpa por intermédio de Cristo como pressuposto da concessão da vida. Até-se rigorosamente ao tema que agora lhe está colocado pela negação da ressurreição em Corinto. Tampouco seu olhar se volta agora ao fato de que a dependência da humanidade “do Adão” e “do Cristo” é essencialmente diferente e que, por consequência, a palavra “todos” nas duas metades da frase, apesar de sua igualdade formal, possui um conteúdo diferente. **“No Adão”** de fato morrem **“todas”** as pessoas sem exceção, porque todas, por natureza e sem exceção, estão **“no Adão”**, são filhos de Adão, “carne”. **“No Cristo”** obviamente também foi concedida a **“todos”** sem exceção a possibilidade de chegar à vida. Na realidade, porém, de forma alguma **“todas”** as pessoas estão **“no Cristo”**. Nele estão apenas todos aqueles que aceitaram a fé em Cristo e se tornaram propriedade de Jesus. Contudo **“serão vivificados no Cristo”** no verdadeiro sentido. A palavra “ser vivificado” contém aquela expressão para “vida” (zoe) que por si só pode designar no NT, até mesmo sem a adição de “eterna”, a vida verdadeira, genuína, que não é refém da morte. Também os “perdidos” precisam “continuar vivendo” após sua morte física, porém essa vida “lá fora” (**Ap 22.15**) nas “trevas” (**Mt 8.12; 22.13; 25.30**), “banidos da face do Senhor e da glória de seu poder” (**2Ts 1.9**) não é verdadeira “vida”, e sim morte eterna.

- 23 Entretanto uma verdade que precisa ser bem observada tanto por nós quanto pelos coríntios é: nem na “obra” do Cristo nem na do Adão estão em jogo almas individuais, que como tais recebem a vida por meio de Jesus de forma desconexa. Pelo contrário, trata-se da revelação do grande plano de Deus até o último alvo que abarca o universo. Está em jogo o “vivificar” de grandes dimensões, que liberta a própria criação dos poderes da morte, trazendo-a à gloriosa liberdade dos filhos de Deus (cf. **Rm 8.21**). Esse plano de Deus, porém, é concretizado em etapas. Dessa forma surgem “divisões” [batalhões], dentro das quais os indivíduos obtêm participação na nova vida trazida por Cristo: **“Cada um, porém, em sua própria divisão: Cristo, as primícias; depois, os que são de Cristo, na sua parusia”** [tradução do autor].

A primeira “divisão” dessa vivificação e nova criação já entrou em campo. Ela é o próprio Cristo que, como “primícias”, é o iniciador e garantidor de tudo o que vem depois. Ele é seguido pelos **“que são do Cristo** (literalmente: “os do Cristo”, a “gente do Cristo”) **na sua parusia”**. Paulo pode se limitar a essa breve constatação, porque já apresentou tudo isso detalhadamente aos coríntios, assim como aos tessalonicenses (cf. **2Ts 2.5; 1Ts 4.13-18; 5.1-11**), por ocasião de sua proclamação oral. Para nós, porém, se confirma por meio dessa breve frase também nessa carta “clássica” de Paulo que a “parusia” de Jesus a princípio vale apenas para a sua igreja e leva seus mortos a ressuscitar, arrebatando e aperfeiçoando a igreja como um todo.

**24** Somente depois disso acontecem os impactantes eventos do “fim”, nos quais a igreja unificada para sempre com seu cabeça tem plena e direta participação. Portanto, segundo a clara proclamação do apóstolo existe uma ressurreição e vivificação dos que crêem antes dos acontecimentos finais, ou seja, também antes do juízo final. **“Então o fim”** [tradução do autor]. A fim de manter rigorosamente a metáfora das divisões, houve quem tentasse traduzir a palavra “to telos” com “o resto”. Essa tradução, porém, não é possível de acordo com nosso conhecimento do idioma grego daquele tempo. Também em termos de conteúdo levaria a consequências impossíveis. Será que depois da ressurreição do “pequeno rebanho” Paulo designaria toda a humanidade remanescente de “resto”? Acima de tudo, será que ele, que falou com tamanha seriedade da perdição e da necessária salvação através de Cristo, repentinamente também atribuiria com uma única frase, sem mais nem menos, “o ser vivificado no Cristo” a esse “resto”, i. é, a toda a humanidade remanescente? Isso é impossível. O próprio Paulo não usa a metáfora das “divisões” com tanto rigor, mas visa apenas caracterizar a execução do plano de salvação por etapas. Porque já as “primícias”, o próprio Cristo, não são propriamente um “batalhão”.

O “fim” novamente se refere ao “alvo final”, ao último desfecho que coroa toda a obra de Jesus, como a frase imediatamente subsequente, que já antecipa o versículo final (v. 28): **“Quando ele entregar o reino ao Deus e Pai.”** A concretização desse alvo, porém, é necessariamente antecedida por feitos soberanos de Jesus ou também do próprio Deus, somente agora arrolados por Paulo: **“Quando tiver aniquilado todo principado, bem como toda potestade e poder”** [tradução do autor]. Para qualquer um dos mais simples cristãos, que ora o Pai Nosso com sinceridade, é muito evidente que agora no mundo não se santifica o nome de Deus, não se faz a boa e santa vontade de Deus e por isso o reino de Deus não vem. Qual é a razão disso? Em sua explicação do Pai Nosso Lutero fala de “todo mau desígnio e vontade que não santificam o nome de Deus nem querem permitir que venha seu reino, como, por exemplo, a vontade do diabo, do mundo e de nossa carne”. Na oração do Pai Nosso rogamos que Deus “quebre e impeça” todo esse mau desígnio e vontade. Desde já temos o privilégio de experimentar diversas respostas a essa prece. Porém nosso insistente anseio é para que tudo o que se opõe ao senhorio pleno de Deus seja completamente **“aniquilado”**. É exatamente isso que nos está sendo assegurado aqui. Para quem sofre com o curso deste mundo e vê toda a enxurrada de múltiplos temores, aflições e sofrimentos que onera e destrói a vida de incontáveis pessoas, a mensagem imprescindível e bem-aventurada será que em Cristo Deus há de **“aniquilar todo principado bem como toda potestade e poder”** de natureza hostil a Deus. Somente seu aniquilamento abre caminho para a nova plenitude de vida da criação na soberania de Deus. Por mais estranho que seja para nós a idéia de que atualmente nem mesmo Deus governa esse seu mundo, mas alguém completamente diferente é o “príncipe deste mundo” (Jo 12.31), sim “o deus deste mundo” (2Co 4.4), ela corresponde tanto à realidade que experimentamos quanto à característica básica do próprio evangelho. “O reino de Deus está próximo”, essa é a proclamação fundamental de João Batista e também do próprio Cristo. “Venha teu reino” constitui por isso a prece central na oração dos discípulos. Se Deus já fosse desde sempre e agora aquele que governa soberanamente no mundo, por que seria necessário anunciar e rogar isso?

**25** Na seqüência Paulo se revela como “quiliasta”. Obviamente não está mencionando o período de mil anos de senhorio do Cristo. Tanto agora como em todos os pormenores Paulo é extremamente reservado, mas atesta um domínio real de Jesus “depois” de sua parusia e depois da ressurreição e do aperfeiçoamento da igreja crente. Esse é o senhorio de Jesus que o primeiro cristianismo considerou como profetizado no SI 110.1. **“Porque convém que ele reine ‘até que haja posto todos os inimigos debaixo dos pés’.”** Nessa frase, quem é o sujeito da segunda afirmação? É o próprio Cristo que submete todos os seus inimigos durante esse seu domínio real? O retrospecto ao v. 24 inicialmente sugere essa idéia. Contudo, também o v. 24 já poderia estar indicando tacitamente uma troca de sujeito. Aquele que “aniquilou todo o principado, bem como toda potestade e poder” bem poderia ser o Deus e Pai, ao qual Cristo entrega a soberania. Por exemplo, em Ef 1.20s o próprio Deus é aquele que age, que fez Cristo “sentar à sua direita nos lugares celestiais, acima de todo principado, e potestade, e poder, e domínio”. É o que, por coerência, igualmente corresponde ao que diz o próprio SI 110.1. Contudo a ação de Deus não torna o Filho necessariamente inativo. Também a reconciliação é obra do próprio Deus (2Co 5.19) e, apesar disso, acontece apenas pelo empenho extremo do próprio Jesus. Por isso justifica-se pelo próprio assunto que a pergunta pelo sujeito das afirmações do v. 25b não pode ser inequivocamente respondida. O hino da igreja atesta que “Deus põe tudo debaixo de seus pés”. Ao mesmo tempo, porém, o próprio Jesus é aquele que “soberanamente governa”, que calca seus inimigos debaixo dos pés e somente então entrega o reino ao Pai.

**26** **“Como último inimigo é aniquilada a morte”** [tradução do autor]. Isso não precisa ter o sentido de que a morte em si é “o último inimigo”, o maior e pior de todos eles. No entanto é muito necessário que nós reconheçamos o caráter hostil da morte. Assim como entre nós, cristãos, estamos acostumados a sem maiores problemas ver o mundo atual como reino e mundo de Deus, assim também aceitamos a morte como uma parte da ordem natural, sim, até a transformamos em “amiga”, numa contradição expressa com a Escritura. Na verdade ela é e continua sendo o “inimigo”, até mesmo para o cristão redimido, cujo corpo está “morto por causa do pecado” (Rm 8.10) e que por isso precisa passar por aquele “despir”, o desmonte do “tabernáculo”,



diante do qual também uma pessoa como Paulo sentia medo (2Co 5.4). De acordo com Hb 2.14 o diabo está por trás da morte como o verdadeiro poderoso. Sua queda no charco de fogo (Ap 20.10) é o episódio mais decisivo porque com isso foram aniquiladas a cabeça e a origem de toda a rebelião contra Deus. No entanto, também de acordo com a exposição do Apocalipse, segue-se então, em Ap 20.14: “A morte e seu reino foram lançados ao charco de fogo.” A própria morte precisa sofrer agora a morte, a morte eterna. Assim ela é o “último” de todos os poderes hostis que são expulsos do mundo de Deus. Por meio da expressão “como último inimigo” Paulo visa dizer que a morte somente pode ser aniquilada depois que forem destruídos todos os demais inimigos, em cujo séquito a morte realizou sua entrada na criação de Deus.

27 Por essa razão Paulo enfatiza justamente no presente local, com palavras do Sl 8.6: **“Porque todas as coisas sujeitou debaixo dos pés.”** Todo o território inimigo tornou-se irrestritamente a propriedade do Rei Jesus. Agora o espaço está livre para um novo mundo, um mundo sem Satanás e pecado e por isso também sem morte e sofrimento, um mundo em que o tabernáculo de Deus pode permanecer entre seus seres humanos (Ap 21.3s). Porém Paulo não traz nada de uma descrição dessas. Ele fixa o seu e o nosso olhar unicamente no próprio Deus. Para isso Paulo recorre ao termo “sujeitar”, que designa fundamentalmente o alvo que Deus havia visado de antemão. Tudo deve ficar subordinado ao Filho amado. **“Porque todas as coisas sujeitou debaixo dos pés.”** Esse alvo será atingido um dia porque o Deus onipotente quer que seja alcançado. Tudo está subordinado a Jesus. Cada joelho se dobra diante dele, e toda língua confessa que Jesus Cristo é o Senhor, para a honra de Deus, o Pai (Fp 2.11). Como será, portanto? Será que o Filho se deleita nesse triunfo de seu senhorio? Será que agora apesar de tudo considera uma usurpação ser igual a Deus? Acaso está preservando com boas razões o domínio que o próprio Pai lhe deu? Não! “Tudo” que Deus colocou sob os pés de Jesus não inclui o próprio Deus vivo. **“E, quando diz que todas as coisas (lhe) estão sujeitas, certamente, exclui aquele que tudo lhe subordinou.”**

28 Em seguida Jesus se mostra integralmente como o “Filho”, cujo coração está cheio de apenas uma coisa: “Pai, teu nome... teu reino... tua vontade.” Agora esse ardente amor do Filho pelo Pai realiza seu mais elevado e extremo ato de amor: **“Quando, porém, todas as coisas lhe estiverem sujeitas, então, o próprio Filho também se sujeitará àquele que todas as coisas lhe sujeitou, para que Deus seja tudo em todos (ou: em tudo).”**

Agora fica definitivamente claro que a sujeição a Deus não é perda, limitação ou mesmo “vergonha”. Esse pensamento somente podia ser obra da peçonha satânica em nosso sangue. Não, para o Filho é prazer e honra, vida e felicidade eterna estar sujeito ao Pai com tudo o que Deus lhe havia concedido. No entanto, também a criação e humanidade renovadas e purificadas têm seu prazer e sua vida verdadeira no fato de que **“Deus é tudo em tudo”**. Toda a sua “vaidade”, toda a sua aflição e toda a sua perdição se originaram quando se afastou de Deus. Agora, porém, a criação reflete em tudo com límpida clareza a glória de Deus. Agora chegou ao alvo a prece pela santificação do nome de Deus. Em tudo o que existe e vive o nome de Deus pode ser lido com clareza. Toda a criação passa a exaltar exclusivamente o nome dele. Não existe mais uma busca por Deus. Cumpriu-se a prece pela vinda do reino. Deus governa em todos os lugares, concretizando assim a terceira prece, que sua vontade aconteça na terra como acontece no céu. A vontade de Deus acontece sistematicamente em todo o universo, e por isso agora tudo está bem.

Onde, porém, ficou a “minha bem-aventurança”? Ela está encerrada nesse “Deus tudo em tudo”. A salvação estará garantida para mim quando o Espírito do Filho habitar em meu coração e eu me tornar por meio dele uma pessoa verdadeiramente redimida, cujos anseios, como os do Filho, têm por alvo a soberania do Pai, e que como Filho considera a sujeição a Deus como o sentido e o deleite de sua vida.

Não obstante, será que, apesar de tudo, esse final aponta para uma “reconciliação universal”? **“Deus tudo em tudo”** – haverá ainda espaço para qualquer coisa além de Deus? Mas Paulo não falou de uma *conquista* finita de “todo o principado, potestade e poder” para Deus, mas de seu *aniquilamento*. E até mesmo ao ser aniquilada ele ainda cita a morte expressamente como o “último inimigo”. Paulo não nos informa nada sobre onde esses inimigos se encontram agora, que aspecto tem sua existência. E não nos cabe querer saber mais do que nos é dado na palavra. Muito menos Paulo nos descreve nessas frases extremamente sucintas algo sobre o destino das pessoas que não chegaram à fé em Jesus. No entanto, com isso ele não revoga que os santos julgarão o mundo (1Co 6.2) e que o último juízo da ira de Deus é terrivelmente sério (Rm 2.5; 5.9; 1Ts 1.10). Todas as doutrinas singulares e heresias surgem sempre daquele abuso da Escritura que retira dela referências isoladas e as ajusta a um sistema, sem levar em conta a plenitude de afirmações diferentes. Nosso objetivo é ouvir e absorver todo o presente trecho em sua magnitude plena e com toda a sua riqueza, assim como ele nos foi dado no Espírito Santo por intermédio de Paulo. Haveremos de levar uma vida cristã vigorosa, clara e determinada, se permaneceremos em suas poderosas linhas. Ele nos mostra o que significa sermos “renascidos para uma viva esperança pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos” e por isso estar desde já no meio da morte e do sofrimento com fé na “indizível e gloriosa alegria” (1Pe 1.3,8). Seremos agradecidos na medida em que outros textos da Escritura forem capazes de responder as perguntas que Paulo deixa em aberto. No

entanto, todas as questões específicas hão de perder o interesse falso para nós na medida em que nós mesmos aprendermos a orar as três primeiras preces do Pai Nosso no espírito filial de Jesus.

### **A importância da ressurreição para a atitude pessoal na vida, 15.29-34**

- <sup>29</sup> **Doutra maneira, que farão os que se batizam por causa dos mortos? Se, absolutamente, os mortos não ressuscitam, por que se batizam por causa deles?**
- <sup>30</sup> **E por que também nós nos expomos a perigos a toda hora?**
- <sup>31</sup> **Dia após dia, morro! Eu o protesto, irmãos, pela glória que tenho em vós outros, em Cristo Jesus, nosso Senhor.**
- <sup>32</sup> **Se, como homem, lutei em Éfeso com feras, que me aproveita isso? Se os mortos não ressuscitam, comamos e bebamos, que amanhã morreremos.**
- <sup>33</sup> **Não vos enganeis: as más conversações (ou: convívios) corrompem os bons costumes.**
- <sup>34</sup> **Tornai-vos à sobriedade, como é justo, e não pequeis; porque alguns ainda não têm conhecimento de Deus; isto digo para vergonha vossa.**

**29** Paulo não falou da “bem-aventurança” do indivíduo. Mas passa a falar agora do que significa a certeza da ressurreição ou sua negação para a vida e o engajamento de cada um. Escreve a esse respeito como um realista muito sóbrio, que se distancia de todas as falas idealistas.

Na verdade a primeira frase representa grande dificuldade para nosso entendimento. **“Doutra maneira, que farão os que se batizam pelos mortos? Se, absolutamente, os mortos não são ressuscitados, por que se batizam por eles?”** [tradução do autor]. Será que havia em Corinto o costume de que membros da igreja se deixavam batizar vicariamente por familiares já falecidos, no intuito de propiciar também a eles, desse modo, a salvação? Foi o que os exegetas deste versículo repetidamente supuseram. Contudo é justamente contra isso que se levantam dúvidas. Será que Paulo teria tolerado uma deformação dessas de sua mensagem em Corinto? Afirma-se que, na realidade, referindo-se aqui a ele, Paulo ainda não concordava com um costume desses. Não estaria se posicionando nem positiva nem negativamente diante dele, mas utilizando-o apenas como recurso na demonstração. No entanto Paulo se afligiu tanto com o véu que as mulheres em Corinto haviam retirado da cabeça que fala detidamente sobre ele, e agora teria permanecido impassível diante do fato de que na igreja a ele confiada se expandisse um entendimento tão grotesco do evangelho? Tentou-se diminuir as dificuldades recorrendo à explicação de que, no caso, se tratava de falecidos que já haviam chegado à fé, mas que pela morte haviam sido impedidos de obter o batismo. Um caso desses, porém, podia ter sucedido na igreja numericamente pequena (cf. acima, p. 224) apenas em casos muito excepcionais. Nessa hipótese Paulo não teria podido falar dos “que se deixam batizar pelos mortos” como de um grande grupo.

No entanto, tais perguntas e dúvidas quanto à substância não podem ter a última palavra para o entendimento de uma passagem. Afinal, poderia ter sido possível o que pelo conteúdo parece completamente impossível. A certeza somente pode ser obtida pelo próprio teor da passagem. Por isso cumpre-nos olhá-la com atenção. Se a frase de Paulo se referisse a um costume desses, como é aceito pela exegese corrente, então Paulo deveria ter escrito: “Do contrário, que farão os que se deixam batizar por mortos?” No entanto, ele formula **“pelos mortos”**, e não pode estar se referindo com “os” mortos a familiares específicos falecidos de membros da igreja. Igualmente seria impossível explicar a forma da pergunta que ele dirige a esse grupo: “Que farão?”, em lugar de uma indagação como: “Que fizeram?” ou: “Que fazem?” Completamente incompreensível seria o nexos estabelecido por Paulo com a frase seguinte por meio de um “também”: **“Por que também nós nos expomos a perigos a toda hora?”** O que teria o risco de vida de Paulo a ver com o costume de batismos vicários por falecidos? A primeira frase ficaria estranha e desconexa diante do conjunto das exposições seguintes.

O presente trecho fala da atitude de vida dos cristãos. Trata-se de sua disposição para o engajamento, para sofrer e morrer. Então também a primeira frase desse trecho precisa ter desde já um sentido correspondente. Acontece que de fato o próprio Jesus já havia designado sua paixão e morte como um “batismo”: **Mt 20.22; Lc 12.50**. Como é plausível que, por isso, também se entenda e designe agora a morte por martírio em sua igreja como um “batismo”. Por isto a igreja antiga falou por longo tempo do “batismo de sangue” dos mártires. Por sua vez Paulo destacou no batismo justamente o ser morto e sepultado como um processo essencial (**Rm 6.3-5; Cl 2.12**). Por isso também podia agora inversamente chamar a morte como um “ser batizado pelos mortos”. Nesse caso, o presente texto começa diretamente com a pergunta decisiva: o que será do martírio se não houver ressurreição? **“Do contrário, que farão os que se deixam batizar pelos mortos?”** Na verdade a igreja de Corinto ainda vive em segurança e grande estilo. Contudo esse “batismo pelos mortos”, para o qual os discípulos de Jesus precisam estar preparados, pode sobrevir-lhes com bastante rapidez também em Corinto. O que **“farão então?”** Será que renunciarão em vão ao bem-estar e à vida? Acaso aprenderão com

profunda decepção que se tornam reféns da morte sem salvação? Nesse caso, qualquer martírio não se torna absurdo? **“Se, absolutamente, os mortos não são ressuscitados, por que se deixam batizar por eles?”**

Será que podemos dar mais um passo, como também faz A. Schlatter, e tomar ao pé da letra a formulação “pelos mortos” (“em favor dos mortos”)? Entre os “doze” o apóstolo Tiago já havia sofrido o batismo de sangue (At 12.2). Será que um apóstolo podia e devia morrer? Será que ele não era urgentemente necessário para a atuação de que o próprio Jesus havia incumbido os Doze? Contudo para o próprio Senhor a morte, a trajetória para o mundo dos mortos, havia trazido uma poderosa nova atuação (1Pe 3.19s). Porventura não poderia acontecer também com o discípulo que sua morte prematura violenta viesse em benefício dos mortos e das inúmeras multidões no mundo dos mortos que nunca haviam ouvido o evangelho, trazendo-lhes agora a mensagem da vida? Então a morte de uma pessoa como Tiago, a morte dos mensageiros de Jesus em geral, era verdadeiramente um “ser batizado pelos mortos”.

30 Na seqüência o raciocínio prossegue logicamente: **“E por que também nós nos expomos a perigos a toda hora?”** Paulo pessoalmente ainda não sofreu a morte pelo martírio. Contudo a cada hora sua vida está ameaçada, em cada hora pode ser proporcionado também a ele o “ser batizado pelos mortos”. Já em 1Co 4.9 ele se havia designado junto com os demais apóstolos como um lutador destinado à morte na arena do mundo. De nossa parte vemos em geral apenas o “grande apóstolo”, o missionário de sucesso, o fundador da igreja européia, o autor de poderosas cartas. Com demasiada facilidade isso nos leva a esquecer que vida de sofrimento e constante perigo de morte ele viveu.

31 Por isso também é benéfico para nós que ele agora assegure aos coríntios: **“Dia após dia, morro!”** Isso não tem o sentido “espiritual” e “edificante” que entendemos e distorcemos com predileção pela falta de verdadeiro perigo de vida num cristianismo que goza da proteção estatal. Paulo levava de forma muito real e prática “sempre no corpo o morrer de Jesus” (2Co 4.10) e tampouco desejava uma situação diferente (Fp 3.10). Entretanto, como isso se tornaria absurdo se não existisse a ressurreição.

Os coríntios não gostam de ouvir essas frases. Constantemente se irritaram com os sofrimentos do apóstolo. Poderiam ver agora nessa frase do morrer diário um exagero constrangedor. Por isso Paulo acrescenta uma asserção: **“Tão certo como sois minha glória, irmãos, que possuo em Cristo Jesus, nosso Senhor!”** [tradução do autor]. A frase diz literalmente: “Pelo vosso (nosso) gloriar, irmãos, que eu tenho em Cristo Jesus, nosso Senhor.” De acordo com essa formulação Paulo também poderia ter dito que apesar de tudo os coríntios se gloriam dele e que por isso ele pode recorrer à fama de que goza em Corinto. Será que essa fama se teria formado se ele não tivesse vivido essa vida do engajamento constante? Contudo a formulação de que Paulo “possui” esse gloriar dos coríntios não deixa de ser um linguajar pesado. E no idioma grego “vosso gloriar” pode significar sem problemas um “gloriar de vós”. Em todos os casos, porém, independentemente de Paulo se gloriar dos coríntios ou os coríntios se gloriarem de seu apóstolo, Paulo **“possui”** esse gloriar apenas **“em Cristo Jesus, nosso Senhor”**. Nunca é uma fama pessoal, baseada sobre si mesma e conquistada por ele mesmo. Retorna agora concretamente o “Todavia, não eu, mas a graça de Deus comigo”, do v. 10 do presente capítulo. Vemos de que modo abrangente e cabal toda a vida de Paulo acontecia “em” Cristo Jesus, como tudo em sua vida era determinado a partir de Cristo.

32 Nesse contexto Paulo se recorda de um episódio de perigo singularmente grave em Éfeso. **“Se, à maneira humana, superei em Éfeso uma luta com feras, que me aproveita isso?”** [tradução do autor]. É vão identificar essa experiência com certos acontecimentos que nos são conhecidos, p. ex., com a rebelião dos ourives (At 19.23ss). Esse empreendimento também terá um valor apenas insignificante, uma vez que seu êxito apenas completaria nosso conhecimento, porém não acrescentaria nada ao entendimento substancial do presente trecho. No entanto é certo que a palavra sobre “superar uma luta com feras” tem sentido figurado e não literal. Se em Éfeso Paulo de fato tivesse sido condenado à luta com feras na arena, ele não teria deixado de mencionar um sofrimento tão singular em 2Co 11.33ss. E será que ele não teria tentado evitar uma condenação dessas, à semelhança da situação em Jerusalém, mencionando sua cidadania romana? Ademais, por meio da locução “lutar à maneira humana com bestas” ele não evoca condenados, mas gladiadores profissionais que se arriscavam na luta contra feras por dinheiro e fama. Sob essa ótica essa frase se insere de maneira peculiar na presente passagem. Ó sim, seguramente existem pessoas que arriscam a vida também sem certeza da ressurreição, como fazem os gladiadores. Contudo, ao fazê-lo, visam **“à maneira humana”** seu ganho real e terreno. Mas dessa maneira Paulo não consegue trilhar seu caminho de sofrimentos. Não adquiriria nele nem riqueza nem honras mundanas. Tampouco anseia por isso. De que lhe “aproveitariam”? Todo o seu incessante empenho da vida somente pode **“aproveitar-lhe”** se existir a ressurreição dos mortos.

O fato de que Paulo menciona um perigo de vida especial de Éfeso tem como razão primeira o fato de que sua carta foi escrita em Éfeso. No entanto, tanto a menção de Paulo em 2Co 1.8 como a narrativa de At 21.27-29 mostram que o ódio judaico contra Paulo na “Ásia”, cuja capital é Éfeso, era singularmente ferrenho e perigoso. Uma vez que Trófimo era um efésio, é flagrante que também se localizavam em Éfeso os “judeus da Ásia” que com feroz paixão perseguiam Paulo nessa cidade.

Na seqüência, com uma palavra de **Is 22.13**, Paulo chega à sóbria inferência: **“Se os mortos não ressuscitam, ‘comamos e bebamos, que amanhã morreremos’.”** É isso que está em jogo para Paulo em todo o capítulo, a saber, que os “pensadores” em Corinto compreendessem as graves conseqüências que suas operações mentais tão facilmente elaboradas possuem na realidade. Em termos “intelectuais” é possível riscar a ressurreição facilmente, acreditando que com isso se eliminaram escândalos desnecessários para a pessoa moderna em Corinto. No entanto, que conseqüência essa eliminação acarreta justamente para a configuração prática da vida! Se realmente estaremos mortos amanhã e nada mais existirá, então resta para cada pessoa de raciocínio sóbrio e realista preencher esse breve tempo de vida terrena. E por fim consistirá em “comer e beber”, até mesmo quando as refeições podem estar temperadas com toda sorte de “prazeres intelectuais”. Também na igreja de Jesus esse sentido precisa se impor de maneira conseqüente quando a certeza da ressurreição regride ou desaparece completamente.

- 33** Por isso Paulo adverte contra a sedução aqui existente: **“Não vos deixeis seduzir!”** Ele expressa o perigo que vê para Corinto por meio de um verso do poeta grego Menandro. Esse verso deve ter sido conhecido em Corinto como “palavra corrente”, assim como também nós conhecemos muitas palavras de poetas como frases proverbiais, sem que precisemos ter lido o próprio poeta em questão. **“O mau convívio corrompe (ou: más conversações corrompem) os bons costumes.”**

A “sedução” em Corinto não era oriunda da própria igreja. Vinha de um “mau convívio”, provavelmente de um contato mantido de maneira errada com os concidadãos gentios. Evidentemente a busca por esse contato com pessoas incrédulas e moralmente deturpadas havia sido uma preocupação da igreja. Enquanto Paulo precisa corrigir por carta, em **1Co 5.9ss**, um mal-entendido de afirmações suas anteriores, agora sente-se que havia na igreja um ponto melindroso: os membros não queriam permitir que antigos relacionamentos amigáveis na cidade lhes fossem proibidos. Queriam permanecer “livres” e “abertos ao mundo”, porque se sentiam suficientemente ricos e superiores (**1Co 4.8**). Agora, porém, vinha de amigos e conhecidos gregos para a igreja toda a incompreensão sobre essa absurda fé na ressurreição. Os coríntios poderiam desculpar-se dizendo: estamos mantendo apenas “diálogos”. Afinal, é possível abordar essas idéias ocasionalmente. Não, replica Paulo, tais “diálogos” e abordagens não ficam sem conseqüências perigosas. “Idéias” se fixam em nós e depois determinam cada vez mais nossa posição interior e nossa conduta real de vida. **“O mau convívio corrompe (ou: más conversações corrompem) os bons costumes.”** Também nessa questão nossa “liberdade” fundamental como cristãos sofre uma restrição necessária.

- 34** Paulo conclui com a surpreendente solicitação: **“Tornai-vos integralmente sóbrios.”** A nós a esperança da ressurreição nos parece – como para tantos cristãos do helenismo autêntico em Corinto – algo “não-sóbrio”, e uma vida de permanente perigo de morte e de morrer diário parece “exagerada” e tola. Paulo vê a questão de forma exatamente inversa. Parte dos fatos de que fala o evangelho. Fato é a ressurreição de Jesus dentre os mortos. Fato é o poderoso plano de Deus, que Jesus executará até o alvo derradeiro. Fato é, por conseqüência, também nossa ressurreição dentre os mortos. Não contar com esses portentosos fatos, viver longe deles, perdendo assim a verdadeira vida – isso é falta de “sobriedade”, isso é sonho irresponsável. Por isso os coríntios precisam despertar de toda a brincadeira intelectual na questão da ressurreição e pisar sobriamente no solo dos fatos que eles, afinal, ouviram e aceitaram (v. 1), pois do contrário “pecam”. Toda a vida fora dos grandes fatos divinos leva à desobediência, à conduta arbitrária e determinada pelo eu e, por conseguinte, ao pecado. Por meio de uma frase severa que encerra o presente trecho Paulo expressa como são profundas as decorrências do mau convívio e de brincar com “idéias” contrárias aos fatos divinos: **“Porque alguns são cativos do desconhecimento de Deus; isto digo para vergonha vossa”** [tradução do autor]. Esse veredicto atinge duramente esses “alguns” e toda a igreja. Porque os coríntios se orgulhavam justamente de seu “conhecimento” (**1Co 8.1**), e o próprio Paulo havia dado graças no começo da carta pelo fato de serem ricos em todo o conhecimento. Muito além da sabedoria de Paulo, precária demais para eles, eles acreditavam ter atingido em Corinto alturas muito maiores do conhecimento de Deus. Agora Paulo lhes diz essa palavra sobre seu **“desconhecimento de Deus”**. É exatamente a mesma acusação que o próprio Jesus levanta em **Mt 22.29** contra os saduceus, e é também exatamente a mesma questão que está em jogo no caso de Jesus e aqui no de Paulo. Porventura não se evidencia também aqui novamente a influência da palavra de Jesus sobre Paulo? Quem, no entanto, nega a ressurreição por motivos racionais não conhece a Deus e tenta enquadrar a ação do Deus vivo nos estreitos limites de sua pequena razão. Deus não é conhecido a partir de nossas opiniões, e sim dos fatos que ele mesmo gerou na história da salvação. É sobre isso que os coríntios devem refletir, é a isso que a repreensão vexatória de seu apóstolo deve conduzi-los.

## O corpo espiritual, **15.35-49**

<sup>35</sup> Mas alguém dirá: Como ressuscitam os mortos? E em que corpo vêm?

<sup>36</sup> Insensato! O que semeias não nasce, se primeiro não morrer;



37 e, quando semeias, não semeias o corpo que há de ser, mas o simples grão, como de trigo ou de qualquer outra (semente).

38 Mas Deus lhe dá corpo como lhe aprouve dar e a cada uma das sementes, o seu corpo apropriado.

39 Nem toda carne é a mesma; porém uma é a carne dos homens, outra, a dos animais, outra, a das aves, e outra, a dos peixes.

40 Também (há) corpos celestiais e corpos terrestres; e, sem dúvida, uma é a glória dos celestiais, e outra, a dos terrestres.

41 Uma é a glória do sol, outra, a glória da lua, e outra, a das estrelas; porque até entre estrela e estrela há diferenças de esplendor.

42 Pois assim também é a ressurreição dos mortos. Semeia-se o corpo na corrupção, ressuscita na incorrupção.

43 Semeia-se em desonra, ressuscita em glória. Semeia-se em fraqueza, ressuscita em poder.

44 Semeia-se corpo natural, ressuscita corpo espiritual. Se há corpo natural, há também corpo espiritual.

45 Pois assim está escrito: O primeiro homem, Adão, foi feito alma vivente. O último Adão, porém, é espírito vivificante.

46 Mas não é primeiro o espiritual, e sim o natural (ou: o psíquico); depois, o espiritual (ou: Mas não é primeiro o [corpo] espiritual, e sim o psíquico, depois o espiritual).

47 O primeiro homem, formado da terra, é terreno; o segundo homem é do céu.

48 Como foi o primeiro homem, o terreno, tais são também os demais homens terrenos; e, como é o homem celestial, tais também os celestiais.

49 E, assim como trouxemos a imagem do que é terreno, devemos trazer também a imagem do celestial.

35 Paulo é um mestre metódico e amoroso. Não se contenta em ter estabelecido o fato da ressurreição e ter mostrado sua importância tanto para o futuro de toda a criação quanto para o engajamento da vida de cada cristão. Cede agora espaço para as perguntas que eclodiram na igreja e das quais a negação da ressurreição obtém seu vigor. **“Mas alguém dirá: Como ressuscitam os mortos? E em que corpo vêm?”** É característico para todo o pensamento de Paulo e uma importante orientação para nosso pensamento que ele somente agora admita e aborde essas perguntas. Quando *começamos* com nossas perguntas e problemas, não conseguimos mais encontrar outra vez a saída do labirinto da incerteza e obstruímos nosso próprio olhar para as realidades. Fatos e realidades são o fator primeiro e decisivo. Uma vez que os reconhecemos com clareza podemos também lhes dirigir nossas indagações. O “teólogo” não pode trabalhar de forma diferente dos pesquisadores da natureza. Todo físico observa inicialmente com toda a exatidão os acontecimentos reais, tentando depois descobrir como eles surgem e como eles são “possíveis”. Em consonância, também Paulo expôs aos coríntios primeiro a verdade da ressurreição. Somente agora, depois dessa instrução fundamental ele acolhe suas *perguntas*.

Seria uma indagação autêntica que realmente visa saber? Ou será que a crítica ou rejeição apenas se revestem da forma de uma pergunta? A interpelação **“insensato!”** mostra que Paulo no mínimo percebia que motivos falsos se imiscuíam nas perguntas dos coríntios: “Não conseguimos imaginar como deve acontecer a ressurreição dos mortos, logo não pode haver ressurreição. Não somos capazes de ter uma concepção do novo corpo que os ressuscitados deverão ter, logo tampouco conseguimos crer na ressurreição.” Quanto esse tipo de “lógica” também domina o nosso pensamento! Essa “lógica”, porém, é “insensata”. Não leva em conta que toda a realidade em torno de nós está repleta de processos muito espantosos que na verdade não nos explicam o milagre da ressurreição dos mortos, porém seguramente poderão torná-lo compreensível. Ocorre que no caso de Paulo não se trata de meras “comparações” que visam explicitar coisas de difícil compreensão por meio de figuras. Paulo visa mais do que isso. Nesses processos espantosos em torno de nós atua o Deus vivo, demonstrado neles sua infinita energia criadora. É para esse Deus e essa infinita energia criadora que o “tolo” deve dirigir seu olhar, a fim de depois considerar absolutamente concebível que esse Deus também seja capaz de ressuscitar mortos e apresentá-los com um corpo novo e completamente diferente.

36 **“Insensato! O que tu mesmo semeias não é vivificado se não morrer”** [tradução do autor]. Pelo “tu” especialmente enfatizado no grego, o “tu mesmo”, o apóstolo conduz os que perguntam em Corinto até suas próprias experiências e descobertas. É “insensato” aquele que, apesar de sua inteligência crítica, não aproveita tais experiências e descobertas. Cada vez que semeamos, vemos que a semente não permanece o que ela é, mas o grão precisa acabar e “morrer” para que se transforme em algo novo, uma planta de aspecto completamente diferente. Não semeamos a própria planta que há de ser.

- 37,38** “E o que semeias – não semeias o corpo que há de ser, mas um grão nu, por exemplo, o trigo ou de um dos outros (vegetais)” [tradução do autor]. Agora acontece o milagre: “Mas Deus lhe dá um corpo como lhe aprouve, e a cada uma das sementes seu próprio corpo” [tradução do autor]. Essa é a repercussão constante das instruções fundamentais da criação em Gn 1.11s.
- 39** É precisamente a partir desse ponto de vista que Paulo olha para a grande abundância e multiformidade da criação. Pessoas, gado, pássaros, peixes, todos eles são “carne”. Porém, como é distinta sua “carne”. **“Uma é a carne dos homens, outra, a do gado, outra, a das aves, outra, a dos peixes.”** A palavra “carne” justamente não está se referindo ao que hoje entendemos pelo termo, a substância de seu corpo, mas toda sua maneira de existir na terra e a natureza de seu ser. A criação terrena em torno de nós com plantas, animais e seres humanos não é pobre e monótona, mas mostra uma riqueza inconcebível, uma imensa multiformidade de configurações.
- 40** Ademais a criação de Deus não acaba no limite do visível. Há também o “céu”, i. é, todo o mundo invisível do além. Isso ainda multiplica a maravilhosa diversidade daquilo que Deus chamou à existência. **“E (há) corpos celestiais e corpos terrestres, mas uma é a glória dos celestiais, outra a dos terrestres.”** O mundo celestial não é um espaço vazio. Ali vivem os exércitos de anjos, mas também as multidões de justos aperfeiçoados na cidade do Deus vivo (Hb 12.22s). Não vivem “na carne”, mas também eles possuem um “corpo”, assim como também o ser humano possui na terra um “corpo” que não pertence simplesmente à transitoriedade, mas ao Senhor (1Co 6.13-15). No entanto, como é diversa a “glória” dos corpos celestiais e terrenos.
- 41** Quanta abundância e diversidade de brilho e glória nos são reveladas toda vez que olhamos para o firmamento: **“Uma é a glória do sol, outra, a glória da lua, e outra, a das estrelas; porque até entre estrela e estrela há diferenças de esplendor.”**
- 42** De tudo isso Paulo extrai a conclusão: **“Assim é também com a ressurreição dos mortos.”** Mais uma vez notamos que o objetivo de Paulo não são meras ilustrações ou símbolos. A realidade da ressurreição dos mortos tem características reais que já podemos assimilar a partir da ação de Deus no mundo em torno de nós e que por isso também fazem com que consideremos a ressurreição não apenas como algo inexplicável e inacreditável. A ação criadora de Deus em volta de nós também já abrange a mais diversificada riqueza e magníficos contrastes. Em lugar algum Deus é pobre e monótono, em lugar algum está limitado em seu criar e agir infinitos. Maravilha após maravilha se descortinam para nós na natureza. E será que não confiaríamos que esse Deus também é capaz de contrapor à velha existência terrena dos humanos uma nova existência e vitalidade sobrenaturais? Não, “assim”, ou seja, em plena correspondência com a ação do Deus vivo em sua imensa criação, **“é também com a ressurreição dos mortos”**. Nela se processa um acontecimento semelhante ao semear do “grão nu” e ao brotar da planta viva.
- 42,43** **“Semeia-se em transitoriedade, é ressuscitado em não-transitoriedade; semeia-se em desonra, é ressuscitado em glória; semeia-se em fraqueza, é ressuscitado em poder”** [tradução do autor]. Com “semeiar” Paulo não se referiu ao sepultar. Em seu contexto o “enterrar”, que nós podemos entender como um “semeiar”, não era muito usado. Pelo contrário, “semeiar” abrange toda a dádiva de nossa existência terrena. Não apenas ao morrer, mas em toda a nossa vida nossa existência por isso também é marcada por **“transitoriedade, desonra, fraqueza”**. Carecemos da glória de Deus (Rm 3.23), que era destinada ao ser humano como imagem de Deus. Também agora Paulo novamente não está refletindo sobre a queda do pecado e o próprio pecado, por meio do qual nossa vida obteve a “desonra”, bem como a “transitoriedade” e “fraqueza”. Simplesmente cita esses fatos de nossa existência que cada pessoa conhece e precisa admitir. Em consonância, o ser humano agora se compara com a “semente nua”. Por essa razão, porém, também não somos obrigados a permanecer nessa condição. Assim como a semente “morre” e, atravessando essa morte, torna-se uma planta viva, à qual Deus concede o novo corpo, assim também acontece conosco. Atravessando a morte, recebemos de Deus a nova maneira de existir, caracterizada por **“não-transitoriedade, glória, poder”**. O “morrer” não refuta a possibilidade do ressuscitar, mas é justamente a condição prévia para sua concretização. Não deveríamos nos alegrar, ao invés de questionar com atitude de crítica e rejeição? Será que não deveríamos tomar sobre nós com disposição os “sofrimentos do éon atual”, que na verdade “não valem a glória a ser revelada em nós” (Rm 8.18), e deixando-nos confiantemente “batizar pelos mortos”, se Deus preparou algo tão grande para nós?
- 44** Paulo sintetiza: **“Semeia-se corpo psíquico, é ressuscitado corpo espiritual.”** Trata-se do “corpo”. Para o realista Paulo era inconcebível uma existência sem corpo. Tudo o que vive precisa do corpo como expressão e órgão de sua vitalidade, motivo pelo qual também possui um corpo. Esse nosso corpo, porém, agora é “psíquico”, porque o próprio ser humano é por natureza uma “pessoa psíquica” (1Co 2.14). Nosso corpo atual é “psíquico” porque é dominado por nossa “psique” e serve para cumprir as necessidades dela. Agora, porém, ao crermos, fomos presenteados por Jesus com o Espírito. “Ora, nós não temos recebido o espírito do mundo, e sim o Espírito que vem de Deus” (1Co 2.12). Desse modo penetra em nossa vida o profundo conflito

descrito tanto em [Rm 8.10](#) como, sobretudo, em [Gl 5.17](#). Por isso percebemos nosso corpo “psíquico” como “corpo de humilhação” ([Fp 3.21](#)), e justamente como pessoas que obtiveram a dádiva das primícias do Espírito ansiamos pela “redenção de nosso corpo” ([Rm 8.23](#)). Como “pessoas do Espírito” carecemos de um corpo completamente diferente. Paulo o chama de “corpo espiritual”, não porque ele consiste de “Espírito” como de uma substância fina (apesar de todo seu realismo o apóstolo não imaginou o Espírito Santo como “substância”), mas porque ele é configurado e governado pelo Espírito Santo. Esse corpo já não é um empecilho para a vida plena do Espírito, mas está à disposição do agir dele com “não-transitoriedade, glória e poder”.

O ser humano em que habita o Espírito de Deus precisa necessariamente de um “corpo espiritual”, por intermédio do qual nossa atual existência dividida encontra o fim pelo que anseia. Contudo, será que também o obteremos com toda a certeza? **“Se há corpo psíquico, há também espiritual”** [tradução do autor]. Por meio dessa inferência final Paulo exercita uma “lógica” autêntica. A “psique” da pessoa recebeu de Deus o corpo que combina com ela e corresponde às suas necessidades. Agora Deus concedeu seu Espírito ao coração das pessoas. Por isso ele também criará e concederá um corpo que corresponde ao Espírito e serve a seus impulsos como instrumento dócil e equivalente. Como Deus seria “ilógico” se criasse para a “psique” o órgão necessário, porém negasse a seu próprio Espírito um órgão assim! É “insensatez” não admitir a lógica de Deus apenas porque nossas atuais possibilidades de imaginação são insuficientes.

**45** Ao mesmo tempo Paulo remete à Escritura. Ele próprio está consciente de que não consegue demonstrar sua argumentação simplesmente de forma textual pela Escritura. Por isso formula: “Dessa maneira” ou **“nesse sentido”** está escrito: **“O primeiro homem, Adão, foi feito psique vivente. O último Adão, porém, Espírito vivificante”** [tradução do autor]. Paulo acolhe [Gn 2.7](#), ampliando um pouco o texto original. Igualmente, independentemente da queda do pecado, o **“primeiro homem”** foi apenas uma **“psique vivente”**, uma “pessoa psíquica”, porém não mais do que isso, por mais grandioso que seja ser “humano” e “psique vivente”. A esse Adão é oposto aqui, como no v. [22](#), o Cristo, que no entanto não é designado pelo seu título de Messias, e sim é chamado de imagem oposta à “primeira pessoa”, como o **“último Adão”**. Também ele é um “Adão”, um ser humano, e o iniciador de uma linhagem humana. Contudo em sua essência é algo completamente diferente do que aquele Adão, não uma “psique vivente”, mas “Espírito vivificante”. Para afirmar isso Paulo não se apóia numa passagem específica da Escritura como, [p. ex.](#), [Is 11.2](#). Toda a realidade desse “último Adão” está nitidamente diante da igreja, que por meio do Espírito Santo reconhece em Jesus o *kyrios* ([1Co 12.3b](#)) e recebeu do próprio o Espírito com a plenitude de seus dons. A própria igreja, como cada cristão individualmente, é a prova viva do “último Adão” como “Espírito vivificante”.

**46,47** O enigma do ser humano, sua origem, sua natureza, seu alvo, moveu necessariamente o pensamento das pessoas desde a Antigüidade. Pensou-se que seria possível encontrar e formular a solução do enigma em mitos, religiões e filosofias. No Oriente era amplamente difundida a idéia de um ser humano de origem celestial, que um dia desceria do céu, cuidaria do ser humano desfigurado no mundo e faria dele novamente a verdadeira pessoa. Filósofos judaicos combinavam com essa idéia os dois relatos da Bíblia sobre a criação do ser humano. Em [Gn 1.27](#) eles viam o ser humano originário apresentado com sua glória divina e em [Gn 2.7](#) o ser humano atual com sua maneira de ser terrena e sua limitação. É bem provável que Paulo tenha conhecido essas especulações, referindo-se aqui expressamente a elas e voltando-se contra elas, ao estabelecer agora: **“Mas não é primeiro o espiritual, e sim o psíquico, depois o espiritual (Ou: Mas não o [corpo] espiritual é o primeiro, e sim o psíquico, depois o espiritual). O primeiro homem é da terra, é terreno; o segundo é do céu.”** A verdade é exatamente contrária ao que os pensadores judaicos ensinam.

Para Paulo o ser humano de [Gn 2.7](#) não é outro do que aquele de [Gn 1.27](#). Ambas as passagens tratam da mesma pessoa real, que é destinada a ser imagem de Deus e que também alcançará essa imagem por meio de Cristo ([Rm 8.29](#)), que Deus, porém, fez “da terra”, de sorte que ele traz em si a maneira “terrena” ou “terrosa”, terrestre. Justamente o **“primeiro homem”**, o ser humano semelhante à terra, é que vive nessa sua condição durante os séculos da história, até que o **“segundo homem”**, Jesus, viesse apenas na plenitude do tempo. Ele é **“do céu”**. Por meio dessa afirmação acerca da passagem Paulo não deve estar pensando muito na preexistência de Jesus no céu. Visa caracterizar aqui a diferença de natureza entre os dois homens, seu caráter terreno e seu caráter celestial. Por isso Paulo afirma literalmente que o segundo homem é “de céu” (não “do céu”), assim como o primeiro é **“de terra”**. Do mesmo modo o próprio Jesus em [Jo 8.23](#) também visou enfatizar com as expressões “de cima” e “de baixo” não tanto o lugar de sua origem, mas a característica de sua essência.

**48,49** Os dois “Adãos” não continuam sendo personagens solitários que apenas se contrapõem em sua diferença de naturezas. Justamente como “Adãos” eles existem para gerar uma humanidade que os tem como fonte para sua existência e para formar sua essência. Por isso Paulo prossegue: **“Como o terreno, assim também os terrenos, e como o celestial, assim também os celestiais”** [tradução do autor]. Por essa razão existem desde a vinda desse “último Adão” duas linhagens profundamente diferentes de humanidades. Por natureza todos nós fazemos parte da primeira humanidade terrena e **“trazemos”** de nascença **“a imagem da (pessoa)”**

**terrena**". Contudo, quando nos tornamos crentes, acontece uma mudança de existência em nós. O NT acumula as metáforas para expressá-la. Para ficar apenas com o próprio Paulo: em Cristo já somos "uma nova criação" (2Co 5.17); "revestimo-nos da nova pessoa criada segundo Deus" (Ef 4.24; Cl 3.10); "ressuscitamos com Cristo" (Cl 3.1); "somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem" (2Co 3.18); "fomos assentados com Cristo no mundo celestial" (Ef 2.6). Por isso vale para nós desde já: **"Como o celestial, assim também os celestiais."** Em Cristo já somos "pessoas do céu". Obviamente persistem ao mesmo tempo o aspecto inacabado e o conflito que acabamos de constatar em Rm 8.10 e Gl 5.17. Essa estranha condição intermediária é expressa por Paulo com sua afirmação acerca de nossa participação na humanidade terrena e de nosso condicionamento pelo Adão terreno, na forma verbal do pretérito, não na forma do presente: **"Assim como trouxemos a imagem do terreno"**. No entanto, ele não é capaz de declarar que já trazemos agora a imagem do celestial. Portanto é obrigado a dizer: **"Assim traremos também a imagem do celestial."** No presente capítulo ele não está pensando, da mesma forma como naquelas passagens citadas, naquilo que o Espírito já cria interiormente em nós, mas em nosso corpo, que ainda "está morto por causa do pecado" e por isso é um "corpo de humilhação" e somente na ressurreição será "igual ao corpo de sua glória" (Fp 3.21). Somente quando isso tiver acontecido, "nós trazemos" plena e integralmente e sem restrições "a imagem do celestial". Contudo está claro: para Paulo isso não é mera asserção infundada. Afinal, os dois Adãos estão aí! O "último Adão" é diferente e precisa de uma humanidade que corresponda à sua natureza. Ele realizou sua obra redentora, começou sua obra de transformação pelo Espírito Santo. Precisa e há de concluir essa obra. Diante dessa obrigatoriedade e lógica consequência as perguntas pela "viabilidade" da ressurreição e pela modalidade da nova forma corporal perdem sua força impeditiva. Agora realmente é "insensato" quem, estando na igreja de Jesus, não quer reconhecer isso e acolhê-lo em seu coração.

## O evento da ressurreição dos mortos, 15.50-58

- <sup>50</sup> **Isto afirmo, irmãos, que a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus, nem a corrupção herdar a incorrupção.**
- <sup>51</sup> **Eis que vos digo um mistério: nem todos dormiremos, mas transformados seremos todos,**
- <sup>52</sup> **num momento, num abrir e fechar de olhos, ao ressoar da última trombeta. A trombeta soar, os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados.**
- <sup>53</sup> **Porque é necessário que este corpo corruptível se revista da incorruptibilidade, e que o corpo mortal se revista da imortalidade.**
- <sup>54</sup> **E, quando este corpo corruptível se revestir de incorruptibilidade, e o que é mortal se revestir de imortalidade, então, se cumprirá a palavra que está escrita: Tragada foi a morte pela vitória.**
- <sup>55</sup> **Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?**
- <sup>56</sup> **O aguilhão da morte (é) o pecado, e a força do pecado (é) a lei.**
- <sup>57</sup> **Graças a Deus, que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo.**
- <sup>58</sup> **Portanto, meus amados irmãos, sede firmes, inabaláveis e sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que, no Senhor, o vosso trabalho (de fato) não é vão.**

**50** Paulo respondeu às perguntas e objeções dos coríntios. Precisava fazê-lo como mestre e pai da igreja. Mas ele também sente o perigo sempre presente quando se atende a perguntas e dúvidas. Quando tentamos tornar compreensíveis as coisas divinas e as tornamos palpáveis para os outros, elas podem perder sua característica estranha, seu impacto e sua magnitude, tornando-se fáceis e compreensíveis demais. Por isso a preocupação de Paulo é verbalizar mais uma vez, no final deste capítulo, a forma pela qual a mensagem da ressurreição dos mortos irrompe em nossa vida, abalando tudo e destruindo toda a mentalidade terrena. **"Isto afirmo, irmãos, que a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus."** A vida na ressurreição não é continuação da existência terrena para todo o sempre. Não existe a preservação de hábitos de vida terrenos e confortáveis a que nos apegamos. A essa forma de existência bem egocêntrica e terrena Paulo chama, segundo o uso terminológico da Bíblia, de "carne e sangue". A locução não se refere apenas ao nosso corpo em si, embora também faça parte dela, mas a todo o nosso ser atual, incluindo nosso pensar e nossa "espiritualidade". Essa nossa natureza egocêntrica por demais conhecida não tem lugar onde Deus governa e é "tudo em tudo". Por sua característica ela **"não pode"** herdar o reino de Deus. Isso é expresso no texto grego pelo fato de que não apenas "carne e sangue", mas também "reino de Deus" aparece sem artigo. Algo como "reino de Deus" não pode de forma alguma ser herdado por algo como "carne e sangue". "Carne e sangue" e "reino de Deus" são diametralmente opostos. Por essa razão ninguém em Corinto pode esperar que seja capaz de levar consigo sua maneira de ser natural para dentro do reino de Deus. Se apesar dos elevados dons espirituais os coríntios ainda continuam tão "humanos" e "carnais", como Paulo precisou mostrar-lhes em 1Co 3.1-4, então não cabem no reino vindouro, no novo mundo de Deus. A "ressurreição" não é a restauração da vida infelizmente destruída e



interrompida pela morte! Paulo acrescenta que **“nem a transitoriedade herda a não-transitoriedade”**. Isso é importante para nossa própria clareza nessa questão. A transitoriedade não **“herda”** a perenidade, pois do contrário resultaria uma distorcida “transitoriedade intransitória”. Isso não seria apenas uma contradição lógica, mas também algo insuportável ao nível da experiência. Como crianças certamente desejamos que “sempre fosse Natal”. Mas esse foi um desejo infantil, cujo cumprimento rapidamente teria prejudicado nossa vida. Obviamente ansiamos por sair de toda essa constante mudança e de toda inconstância de nossa vida, para chegar ao “não-transitório”, ao “reino inabalável” (Hb 12.28). Contudo até mesmo as coisas mais belas e preciosas de nossa vida não seriam capazes de suportar essa “imobilidade”, essa duração eterna. É preciso que aconteça uma completa “transformação” conosco e nossa vida para que possamos suportar a não-transitoriedade. No entanto, podemos lembrar que conforme 1Co 13.8 Paulo conhecia algo em nossa vida que permanece assim como é, mesmo na eternidade: o amor, que faz parte da essência de Deus e vive em nós por intermédio do Espírito de Deus.

Simultaneamente essas frase de Paulo respondem aos que negam a ressurreição justamente porque rejeitam com razão uma continuidade eterna da existência terrena e por isso também um mero reavivamento dos corpos terrenos. A esperança judaica pela ressurreição podia assumir essa forma questionável no farisaísmo. A mensagem de Paulo poderia ter sido mal-entendida de forma análoga por diversos membros da igreja em Corinto. Já o próprio Jesus viu esse equívoco farisaico da ressurreição dar certa razão à crítica zombeteira dos saduceus. Se realmente “carne e sangue” pudessem herdar o reino de Deus, de fato caberia levantar a pergunta, a quem então pertenceria a mulher que havia sido consecutivamente desposada pelos irmãos no levirato. Jesus rejeitou essa pergunta, mas com ela igualmente todo o mundo imaginário que a acompanhava. “Na ressurreição nem casam, nem se dão em casamento; são, porém, como os anjos no céu” (Mt 22.30). A questão é vista por Paulo de forma idêntica. Justamente os cristãos sinceros não devem pensar que ele espera que creiam em cadáveres redivivos e na continuação da vida terrena para toda a eternidade.

51 Na seqüência ele apresenta à igreja a contrapartida positiva para a rejeição de concepções errôneas. Ela é um “mistério” que, apesar de todas as explicitações nos v. 35-49, não se deixa dissolver de modo simples. Paulo conhece muitos desses “mistérios” e sabe que a fé vive de mistérios. O agir do Deus vivo precisa ser e permanecer sempre misterioso aos humanos. Por isto Paulo também precisa comunicar um mistério à igreja com vistas à ressurreição dos mortos: **“Eis que vos digo um mistério: nem todos dormiremos, mas transformados seremos todos.”** O “eis” ocorre na Bíblia sempre quando a intervenção de Deus está próxima e demanda nossa atenção total. Até agora Paulo havia falado da ressurreição dos mortos e, por consequência, também pressupôs a morte dos membros da igreja. Contudo, será que “todos” morrerão? Paulo nega isso. No entanto, mesmo que uma (grande) parcela da igreja não experimente a parusia de Jesus ainda aqui na terra, esses cristãos não ingressarão simplesmente, assim como estão, no reino de Deus. Não, **“todos serão transformados”**. Portanto, é imprescindível que cada pessoa que realmente tem esperança da eternidade saiba com muita clareza: não se trata de “continuar vivendo” após a morte ou após a parusia, trata-se daquela transformação radical de que Paulo já falara com vistas aos falecidos nos v. 42s. Somente através de nossa concordância com essa misteriosa transformação nossa esperança se torna genuína e viva.

Por um lado essa “transformação” é um mistério, por outro não é um enfeitiçar enigmático em algo completamente desconhecido. A palavra do “corpo espiritual” já nos declarou algo indubitavelmente compreensível. Por meio dessa “transformação” teremos um corpo que é configurado e governado completamente pelo Espírito de Deus e que não contrapõe resistência e limites ao Espírito de Deus como o atual corpo “morto” (Rm 8.10). E se o “amor” permanece (1Co 13.8), a nova existência será inteiramente repleta do amor. A última “transformação” final aperfeiçoa tão somente aquele “ser transformado na imagem de Jesus”, que agora já acontece em nós de forma inicial (2Co 3.18). De forma nítida e unânime todo o testemunho do Novo Testamento nos apresenta como alvo final “a transformação” para a igualdade com Jesus: Rm 8.29; 1Jo 3.2; Fp 3.21. Na verdade isso é inusitadamente misterioso e transcende tudo o que podemos imaginar, e apesar disso não é simplesmente inconcebível para o cristão que crê e vive em santificação.

Por essa razão também podemos agarrá-lo de todo o coração como alvo e nos alegrar com essa perspectiva. Como essas breves afirmações do apóstolo são significativas para todo o nosso pensar e viver como cristãos. Elas são assustadoras e arrasadoras para todos que ainda estão apegados a “carne e sangue” e por isso temem a interrupção da existência terrena e desejam que a eternidade apenas lhes traga a garantia e o prolongamento daquela. Quem, no entanto, debaixo da palavra da cruz reconheceu sua pecaminosidade e perdição e agarrou sua salvação na cruz, quem a partir disso aprendeu a “odiar” sua vida neste mundo (Jo 12.25), há de sentir com alegria, apesar de todo o susto, **“que carne e sangue não podem herdar o reino de Deus, nem a transitoriedade herdar a não-transitoriedade”**. E quem ama a Jesus acima de todas as coisas, quem recebeu o Espírito Santo e, através do Espírito, o amor e a incipiente transformação na imagem de Jesus, esse anseia pela transformação completa que o iguala com o Senhor até em seu corpo. Para ele isso se torna – não obstante o estremecimento de carne e sangue, que também ainda vivem nele – o auge do doce evangelho: **“Todos seremos transformados”**.

- 52 A transformação, porém, não será mais uma mudança cotidiana ou um processo de crescimento, mas ela acontece **“num instante, num abrir e fechar de olhos”**. Quando ela sucede? **“Ao ressoar a última trombeta.”** É inevitável que diante dessa palavra olhemos para as sete trombetas do Apocalipse. Também ali existe uma “última trombeta”, em cujo toque o céu rejubila pelo fato de que agora “o reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará pelos séculos dos séculos” (Ap 11.15). Notamos o que também precisamos levar em conta muitas outras vezes, que a proclamação de Paulo era muito mais rica e multiforme do que seu registro nas cartas é capaz de nos mostrar. Por isso é insensato deduzir do silêncio das cartas que Paulo não conhecia determinadas doutrinas e concepções. Sua escatologia deve ter sido muito mais semelhante à do Apocalipse do que a teologia freqüentemente supôs. Na palavra sobre a trombeta também precisamos lembrar de 1Ts 4.16. A trombeta ali mencionada, durante cujo ressoar Jesus desce do mundo celestial, igualmente será a “última”, ainda que Paulo não a chame expressamente assim naquele texto.
- “Porque soarão trombetas, e os mortos serão ressuscitados como não-transitórios, e de nossa parte seremos transformados”** [tradução do autor]. Esse é evento poderoso e conclusivo na história da igreja, do qual também falam 1Ts 4.13-18 e Fp 3.20s e que já havia sido mencionado brevemente nos v. 22s do presente capítulo. Nesse caso se trata tão-somente da igreja, daqueles “que pertencem a Cristo”. A repercussão desse acontecimento diante do mundo sucede apenas no aniquilamento de todas as forças de perdição hostis a Deus (v. 24-28); agora Paulo não torna a falar disso.
- 53 Em contrapartida ele incute mais uma vez na igreja, para que seja claramente captado por ela e não restem esperanças falsas e abreviadas: **“Porque é necessário que este transitório se revista do não-transitório, e que este mortal se revista da imortalidade”** [tradução do autor]. Como isso é grandioso! No presente conhecemos apenas a existência cuja característica são a transitoriedade e a mortalidade. Karl Heim explicitou de modo singular como isso está baseado na forma da existência de todo o mundo atual. É necessária uma transformação básica, inimaginável agora, de toda essa forma de existir, para que de fato possa haver não-transitoriedade e imortalidade. Precisamos esperar por algo inteiramente novo, que ao mesmo tempo nos assusta e nos deixa felizes. Paulo está enfatizando a necessidade incondicional desse acontecimento. Ao fazê-lo, emprega aquela palavra “é necessário” que já nos lábios de Jesus designava a inevitabilidade de um acontecimento necessário a partir de Deus e que também foi empregado nessa acepção por Paulo (Mt 16.21; 24.6; 26.54; Jo 3.14; 20.9; 1Co 11.19; 15.25; 2Co 5.10).
- 54 O grande evento já foi prenunciado na palavra profética. Inicialmente Paulo coloca diante de nós Is 25.8: **“Tragada foi a morte em vitória.”** Em nossas traduções e também no texto hebraico lemos essa passagem de maneira diferente: “Ele trará a morte para sempre.” Não conseguimos mais precisar onde Paulo encontrou a forma textual utilizada por ele. Isso tampouco é decisivo. De um ou outro modo a palavra contém as poderosas afirmações sobre o fim da morte, que já consideramos no v. 26. Que glória por haver esse fim da morte e por podermos aguardá-lo com alegria!
- Quando esse prenúncio profético se tornar realidade, quando **“este transitório se revestir de não-transitoriedade e este mortal se revestir de imortalidade, então se concretizará a palavra que está escrita: Tragada foi a morte em vitória”** [tradução do autor]. É sinal de nossa leviandade ao lidar com a palavra e de nossa arbitrariedade na proclamação da mensagem, quando nosso discurso edificante com freqüência faz de conta que essa palavra já se cumpriu, p. ex., por meio do acontecimento da Páscoa. Não, Paulo afirma expressamente “então” ela se concretizará, remetendo-nos nitidamente para o futuro. Cumpre-nos levar isso em consideração, do contrário nosso discurso edificante adquire um caráter irreal, que retirará a seriedade para o ouvinte mesmo quando atestar uma verdade genuína. Na verdade a morte agora ainda não foi **“tragada em vitória”**. Ela festejou triunfos inéditos nas guerras mundiais. E já existem meios de extermínio com que ela poderia acabar com a vida em toda a terra. A vitória de Jesus, porém, em sua parusia, há de engolir a morte triunfante na vitória e cumprir Is 25.8.
- 55 Paulo combina com a passagem de Isaías uma palavra de Os 13.14. Também essa palavra aparece em Oséias (nas traduções que temos, mas também na tradução textual [de Elberfeld]) de uma forma diferente do que Paulo usa aqui. Ele está escrevendo: **“Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?”**. Novamente não podemos verificar de onde Paulo tirou a sua formulação da palavra citada, e novamente isso deixa de ser importante diante da própria afirmação.
- 56 Entretanto o interesse de Paulo não se concentra apenas no triunfo que reside nessas perguntas de desafio à morte. Pelo contrário, ele aponta para o fundo grave que se torna visível nessas perguntas. A morte de fato possui um **“ferrão”**. Aqui, em At 5.5 e também de maneira idêntica em Is 9.3 o autor deve estar pensando na vara pontuda com que o animal de tração era “aguilhado” e que também era usado contra prisioneiros e escravos. Esse **“aguilhão da morte (é) o pecado”**. Agora Paulo diz bem sinteticamente algo que não mencionou em todo o capítulo, no intuito de apenas se ater rigorosamente ao tema. A morte tem poder sobre nós porque somos pecadores! Ela manuseia nossa culpa como uma vara com que nos força a entrar em seu caminho rumo ao reino dos mortos, por mais intensamente que estejamos nos opondo a isso. Por que o pecado, por sua vez, possui esse poder? **“E a força do pecado (é) a lei.”** Nessas poucas palavras Paulo

resume todo seu ensinamento acerca da lei, conforme exposto em detalhes na carta aos Romanos. Paulo pode se limitar a essa breve observação. Os coríntios a compreendem imediatamente, porque também em Corinto Paulo ensinou aquilo que desenvolve na carta aos Romanos, sobretudo em **Rm 7**. Por isso essas pequenas frases contêm o que Paulo considera dado pela lei. É o “serviço da condenação” e por isso o “serviço da morte” (**2Co 3**). Ela profere a sentença de morte sobre o pecado e o pecador. Unicamente por isso a morte consegue usar nosso pecado como seu agulhão em direção da morte. Contudo a formulação aponta igualmente para o segundo e terrível fato de que o pecado usa justamente o mandamento como ponto de ataque em nós, tornando vivo o pecado anteriormente “morto” e potenciando o pecado até sua força plena (**Rm 5.20; 7.13**). É assim que justamente a lei serve à morte, colocando em suas mãos esse terrível ferrão e fazendo da morte uma necessidade inevitável e aterradora para nós. Em contrapartida, como, a partir dessa condição, é grande o júbilo da gratidão!

**57** “Graças (seja) a Deus, que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo.” Não é por meio de uma simples palavra ou demonstração de poder de Deus que a salvação pode nos ser proporcionada. Interpõe-se a isso a própria lei de Deus. Deus concedeu o agulhão pessoalmente à morte e agora não pode tirá-lo novamente de maneira arbitrária. Não, Jesus Cristo precisou tornou-se ser humano, nascido de mulher e posto sob a lei. Teve de tornar-se obediente até a morte, sim, até a morte na cruz. Ainda mais: teve de tornar-se uma maldição por nós, comprando desse modo nossa liberdade da maldição da lei com santa justiça. Unicamente assim, unicamente “por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo”, e por isso também unicamente àqueles que têm Cristo Jesus como seu “Senhor” Deus pôde dar a vitória sobre a morte. Que gratidão indelével paira por isso sobre a vida de cada cristão! Uma gratidão que ainda há de preencher a eternidade com adoração, louvor e exaltação.

**58** Na seqüência Paulo encerra esse magnífico capítulo. Esse final é surpreendente e, não obstante, “paulino” e genuinamente bíblico. Não é na mera gratidão em si que Paulo prende a igreja. Instrui-a não para ilustrar repetidamente o grandioso futuro. Sua conseqüência, seu “por isso”, é completamente diferente. Ele a remete à atualidade justamente a partir do incrível futuro, enviando-a no presente para a luta, o sofrimento e o trabalho. “Por isso, meus amados irmãos, sede firmes, inabaláveis, sempre transbordantes na obra do Senhor, sabendo que nosso trabalho (de fato) não é vão no Senhor” [tradução do autor].

Paulo tem grandes preocupações, infelizmente justificadas, em relação aos coríntios. Agora, porém, com vistas ao futuro que com sua glória há de aperfeiçoar a tudo, sua palavra a eles se torna calorosa. Chama-os “meus amados irmãos”. Vê-os no alvo, junto consigo, como a grande irmandade em torno do primogênito irmão Cristo. Tudo o que ameaça e deforma será passado. Assim ele abraça a todos eles em Corinto com renovado amor.

Entretanto o amor não é cego. Paulo vê que justamente esses ativos coríntios são “volúveis” demais. Aquilo que Paulo mais tarde escreve aos efésios vale também para os coríntios. Não mais devem ser “meninos, agitados de um lado para outro e levados ao redor por todo vento de doutrina, pela artimanha dos homens, pela astúcia com que induzem ao erro” (**Ef 4.14**). Será que não se tornarão finalmente “firmes, inabaláveis”? Paulo pede-lhes isso. Essa posição firme e inabalável está enraizada justamente também na grande esperança. De forma análoga Paulo diz aos colossenses ameaçados por uma heresia: “Se é que permaneceis na fê, alicerçados e firmes, não vos deixando afastar da esperança do evangelho” (**Cl 1.23**). Igualmente a carta aos Hebreus exorta uma igreja ameaçada e vacilante: “Guardemos firme a confissão da esperança, sem vacilar, pois quem fez a promessa é fiel” (**Hb 10.23**). A partir do grande alvo determina-se e configura-se tudo. Se não se deixarem “demover” da mensagem neste ponto, todo o resto também ficará bem. Cumpre à igreja ficar “firme, inabalável” não apenas diante das concepções falsas em seu próprio meio. Ela precisa ficar igualmente “firme, inabalável” em todas as lutas e sofrimentos que mais cedo ou mais tarde hão de sobrevir-lhe tanto quanto às demais igrejas. Ainda que os coríntios estejam expostos a perigos a toda hora e ainda que tenham de morrer dia após dia (v. **30s**), eles serão capazes disso somente se “guardarem firmes, até ao fim, a ousadia e a exultação da esperança” (**Hb 3.6**).

Essa constância e imutabilidade, no entanto, não tem nada a ver com enrijecimento. Paulo ao mesmo tempo deseja à igreja que seja “sempre transbordante na obra do Senhor”. Nossa palavra “transbordar” representa uma reprodução apropriada do termo grego *perisseuein*, pelo fato de que traz as duas conotações do conceito grego: a abundância da riqueza e o crescimento nela. Quando uma vasilha se enche de modo constantemente crescente, ela por fim transborda. É assim que Paulo deseja ver a igreja: “transbordante na obra do Senhor”. A respeito de Timóteo ele dirá em **1Co 16.10** que está atuando na obra do Senhor como também ele, o próprio Paulo. Contudo para Paulo está completamente afastada a idéia de que somente eles, recursos humanos “de tempo integral” com títulos eclesiásticos, estejam nessa obra, enquanto a igreja seria apenas o objeto passivo de seu serviço. É verdade que ele não ignora a tarefa insubstituível dos que foram chamados por Deus para fundar igrejas: “Porque de Deus somos cooperadores; lavoura de Deus, edifício de Deus sois vós” (**1Co 3.9**). Mas se, portanto, a igreja como “lavoura de Deus e edifício de Deus” também pode ser objeto do serviço apostólico, ela ao mesmo tempo não deixa de ser integralmente sujeito do trabalho para Deus e

participante vivo da “obra do Senhor”. Não deve prestar apenas auxílio ocasional às pessoas dirigentes, mas participar de forma abundante e sempre crescente na obra do Senhor. Novamente é preciso que entendamos o genitivo como de objeto e de sujeito. A “obra do Senhor” é aquilo que nós fazemos para o Senhor e lhe oferecemos como engajamento e trabalho. No fundo, porém, ela é a atuação do próprio Senhor, no qual ele envolve a nós e sua igreja. É o trabalho contínuo do amor salvador de Jesus, que nos toma como instrumentos e que chega aos outros por meio de nós. Por isso Paulo também não precisa dizer em detalhe aos coríntios o que agora lhes cabe fazer “na obra do Senhor” como “colaboradores de Deus”. Como membros vivos do corpo de Cristo eles reconhecerão isso pessoalmente em várias outras ocasiões. E as pessoas com o dom profético em seu meio os ajudarão nisso. Diante do magnífico futuro a igreja não tentará apenas realizar penosamente uma ou outra coisa, mas “transbordará” no incansável engajamento de corações ardentes pela grande causa de Deus em Corinto, na Grécia, em todo o mundo.

Obviamente isso não é mero prazer. Para o próprio Jesus a “obra do Senhor” significou suportar os mais pesados fardos, significou suor de sangue e intenso trabalho de cruz. Em consonância, também a nossa participação em sua obra demanda empenho total e trabalho duro. Não é uma bela atividade secundária para enriquecimento de nossa própria vida. É preciso *kopos*, ou seja, esforço, desgaste, laboriosidade. A isso se agrega também a tribulação que o profeta já conhecia (**Is 49.4**) e que tampouco era desconhecida do próprio Paulo (**Fp 2.16**): será que todo o nosso empenho é em vão? Não experimentamos decepção após decepção? Não, os coríntios podem “saber”, precisamente a partir da ressurreição, **que seu trabalho** (de fato) **não é vão no Senhor**. Está chegando a grande colheita que recompensa todo o trabalho. Porque seu engajamento não visa sucessos temporais, transitórios, como acontece em todos os trabalhos na terra. Pelo fato de que a ressurreição é real, o esforço deles pode obter resultados não-transitórios, eternos. Nesse mais profundo sentido ele “**não é vão no Senhor**”.

### Instruções sobre a arrecadação de dinheiro para Jerusalém, 16.1-4

- <sup>1</sup> **Quanto à coleta para os santos, fazei vós também como ordenei às igrejas da Galácia.**
- <sup>2</sup> **No primeiro dia da semana, cada um de vós ponha (algo) de parte, em casa, conforme a sua prosperidade, e vá juntando, para que se não façam coletas quando eu for.**
- <sup>3</sup> **E, quando tiver chegado, enviarei, com cartas, para levarem as vossas dádivas a Jerusalém, aqueles que aprovardes.**
- <sup>4</sup> **Se convier que eu também vá, eles irão comigo.**

- 1 A “obra do Senhor”, em que a igreja deve “transbordar”, leva Paulo a se lembrar de um serviço especial que ele espera de todas as suas igrejas e, por conseguinte, também de Corinto. **“Quanto à coleta para os santos, fazei vós também como ordenei às igrejas da Galácia.”** Talvez a formulação **“quanto à coleta para os santos”**, como um paralelo a **1Co 7.1,25; 8.1; 12.1**, aponte para o fato de que os próprios coríntios perguntaram por essa coleta de dinheiro e pela possibilidade de sua concretização. Trata-se de uma **“coleta para os santos”**, ou seja, para a primeira igreja em Jerusalém. Na realidade todos os cristãos são “santos chamados” (**1Co 1.2**); porém **“os santos”** num sentido peculiar são os membros da primeira igreja em Jerusalém. Foi daquela igreja que partiu o evangelho que agora está salvando pessoas em todo o mundo, também em Corinto, incorporando-as à igreja de Cristo. Por isso cabe a todas as igrejas agradecer à primeira igreja e socorrê-la em sua situação precária. É o que ficou expressamente acertado no concílio dos apóstolos (**Gl 2.10**), motivo pelo qual Paulo, como apóstolo de Jesus e como israelita, o trazia em seu coração (**Rm 15.25ss**). “Porque, se os gentios têm sido participantes dos valores espirituais dos judeus, devem também servi-los com bens materiais” (**Rm 15.27**). Agora Paulo planeja realizar uma coleta especial em todas as igrejas que se formaram a partir de seu trabalho apostólico. Nas **“igrejas da Galácia”** Paulo já deu “instruções” a respeito, as quais agora também devem valer para Corinto. Não sabemos o que Paulo “ordenou às igrejas da Galácia”, mas podemos deduzi-lo sem problemas do v. 2. Ao que parece, a arrecadação em si já é do conhecimento dos coríntios. No entanto, na prática ainda não aconteceu nada a este respeito em Corinto. Também em sua segunda carta Paulo terá de relembrar essa causa de maneira ampla e insistente.
- 2 Não se deve arrecadar contribuições nas reuniões da igreja. Ao que parece ainda não havia “ofertas” nos cultos como as entendemos hoje. Pelo contrário, em cada **“primeiro dia da semana cada um de vós ponha (algo) de parte, em casa”**. O primeiro dia da semana poderia ser mencionado pelo fato de que de qualquer maneira um dia determinado deveria lembrar as pessoas da coleta. Isso acontecia melhor logo no primeiro dia de cada semana. No entanto, considerando que de modo geral o primeiro dia da semana começou a se destacar nas igrejas (cf. **At 20.7**), é provável que também essa instrução de Paulo esteja apontando para a constituição do “domingo” nas igrejas.

O essencial, porém, é que Paulo não está pensando numa arrecadação única, mas prolongada durante um bom tempo. Não indica a razão disso. Contudo, se pensarmos na constelação da igreja de acordo com **1Co**



1.26ss, fica evidente que uma igreja dessas não tinha condições para fazer uma grande oferta única. Somente pela coleta de muitas pequenas quantias semana após semana podia ser reunido um montante para Jerusalém que valesse a pena. Logo, a instrução visa facilitar a doação da igreja.

Esse dado é ainda mais importante porque para Paulo, o homem da liberdade e autenticidade, nessa arrecadação também importava de fato a doação espontânea e voluntária. É o que ele enfatizará peculiarmente na segunda carta (2Co 8.8ss). Contudo, também aqui ele indica como parâmetro para cada doador:

**“poupando tanto quanto porventura conseguir”** [tradução do autor]. Ninguém deve ser sobrecarregado pela coleta, mas o indivíduo não deve deixar de verificar do que poderá dispor para a necessidade da primeira igreja. Liberdade e ordem, espontaneidade e compromisso estão firmemente combinados nessa instrução. Não se deveria doar por coação, mas tampouco por mero capricho.

- 3 Pelo fato de que uma igreja pobre consegue reunir uma dádiva de amor somente aos poucos, **“não se façam coletas (somente) quando eu for”**. Então isso se tornaria um empreendimento precipitado e difícil. Paulo gostaria de encontrar o dinheiro disponível quando chegasse em Corinto. Então deverá ser levado para Jerusalém. Membros da própria igreja de Corinto devem acompanhar a dádiva e entregá-la em Jerusalém, a fim de expressar pela oferta a comunhão pessoal e agradecida de igreja para igreja. A primeira igreja não deve ver apenas o dinheiro de Corinto, mas discípulos do Messias Jesus em Corinto. A própria igreja deve escolher essas pessoas, e Paulo então **“enviará, com cartas, para levarem as vossas dádivas a Jerusalém, aqueles que aprovardes”**. As “cartas” podem ter sido aquelas “cartas de recomendação” (2Co 3.1), como já eram usuais nas congregações judaicas e agora também eram necessárias nas igrejas de Jesus, porque simplesmente atendiam a uma necessidade. As pessoas de Jerusalém tinham de saber quem vinha até elas e que essas pessoas de fato eram autorizadas pela igreja de Deus em Corinto. A rigor, consta aqui *“mediante cartas”*, o que torna singularmente plausível essa interpretação das cartas. Paulo não apenas munia a delegação “com” cartas que ela deveria entregar, mas os autorizava “mediante” cartas em seu envio. Contudo Paulo também pode ter aproveitado a oportunidade para enviar cartas pessoais à primeira igreja e aos irmãos dirigentes em Jerusalém.
- 4 Os próprios planos de viagem do apóstolo, dos quais falará em seguida, ainda estão indefinidos. Porém já começou a pensar até mesmo naquela viagem que depois trará conseqüências tão graves para ele. **“Se, porém, valer a pena que eu também vá pessoalmente, eles viajarão junto comigo”** [tradução do autor]. As ofertas das demais igrejas se tornaram tão significativas (2Co 8.1-5) que “valeu a pena”. Paulo viajou pessoalmente para Jerusalém. Em Corinto a coleta foi tão pequena que não encontramos nenhum coríntio na delegação que fará a entrega da dádiva de amor (At 20.4). Isso não aconteceu por acaso! A falta de disposição dos coríntios para participar do auxílio aos pobres em Jerusalém está firmemente relacionada com as mazelas e dificuldades de que tratou toda a presente carta. Nosso dinheiro nunca é uma questão “secular” separada de nossa vida “espiritual”. Ele sempre assinala implacavelmente a condição de nossa vida espiritual. Cristãos envolvidos em demandas judiciais mútuas pelos seus bens, que se saciam na ceia do Senhor da igreja enquanto ao lado deles outros passam fome, que ardem em partidarismo uns contra os outros e que se admiram de si mesmos por causa de dons vistosos, naturalmente tinham pouca vontade de tomar sobre seu coração as necessidades da distante Jerusalém. Em sua riqueza espiritual não reconheciam por que deveriam ser especialmente “gratos” à igreja em Jerusalém. Pensavam possuir diretamente por si mesmos tudo o que tornava sua vida eclesial tão grandiosa.

### O plano de viagem do apóstolo e a visita de Timóteo, 16.5-12

- 5 Irei ter convosco por ocasião da minha passagem pela Macedônia, porque devo (apenas) percorrer a Macedônia.
- 6 E bem pode ser que convosco me demore ou mesmo passe o inverno, para que me encaminheis nas viagens que eu tenha de fazer.
- 7 Porque não quero, agora, ver-vos apenas de passagem, pois espero permanecer convosco algum tempo, se o Senhor o permitir.
- 8 Ficarei, porém, em Éfeso até ao Pentecostes;
- 9 porque uma porta grande e oportuna para o trabalho se me abriu; e (há) muitos adversários.
- 10 E, se Timóteo for, vede que esteja sem receio entre vós, porque trabalha na obra do Senhor, como também eu;
- 11 ninguém, pois, o despreze. Mas encaminhai-o em paz, para que venha ter comigo, visto que o espero com os irmãos.
- 12 Acerca do irmão Apolo, muito lhe tenho recomendado que fosse ter convosco em companhia dos irmãos, mas de modo algum era a vontade dele (ou: de Deus) ir agora; irá, porém, quando se lhe deparar boa oportunidade.

- 5 Paulo havia falado de sua vinda para Corinto (1Co 11.34; 16.2). Esperavam-no ali. Quando virá ele? Sua resposta por carta às perguntas da delegação de Corinto já mostra que tão já não lhe será possível visitar pessoalmente a igreja. Por que não? Paulo sente as indagações desconfiadas. Assim como todo seu relacionamento com a igreja se tornou tenso, assim também se via com suspeita justamente seus planos de viagem. Essa desconfiança se torna patente na segunda carta aos Coríntios, de modo que Paulo precisa abordá-la exaustivamente (cf. 2Co 1.15ss; 2.1-4; 2.13s). Seus adversários já celebram o triunfo de que ele nem sequer teria coragem de vir a Corinto (1Co 4.18). Tanto mais seus amigos devem ter ansiado por sua visita imediata. Por isso haviam sido enviados três homens da igreja até Paulo com perguntas orais e escritas (1Co 16.17). Paulo sabia quantos problemas e dificuldades havia em Corinto. Porventura não era necessária a sua presença? Será que não tinha de vir pessoalmente o mais cedo possível?
- 5-7 Paulo respondeu a essas perguntas: **“Chegarei até vós quando eu tiver passado pela Macedônia.”** Da mesma forma como com Corinto precisava conceder às igrejas da Macedônia a segunda visita que considerava necessária em todas as igrejas reunidas por ele (At 15.36). Obviamente podia viajar diretamente de Éfeso para Corinto, partindo de lá para a Macedônia. Então, porém, veria os coríntios **“apenas de passagem”**. Mas não deseja isso. Devem receber uma visita longa e exaustiva. Desse modo na verdade terão sua vez mais tarde do que os macedônios, porém serão de fato privilegiados. **“Porque devo (apenas) percorrer a Macedônia, e bem pode ser que convosco me demore ou mesmo passe o inverno.”** Os coríntios deverão **“encaminhá-lo”** adiante. Em geral a palavra é traduzida aqui, como também em Rm 15.24, por “acompanhar”. Isso, porém, leva a equívocos. Nem os romanos nem os coríntios devem “acompanhá-lo”. Paulo segue viagem sozinho. No entanto, podem realizar algo importante para ele. O pronome pessoal “vós”, que novamente ocorre de forma enfática no sentido de “vós mesmos”, ou “justamente vós”, revela que também nesse ponto o apóstolo concede uma preferência aos coríntios. Precisamente a igreja de Corinto e nenhuma outra deve ser aquela que o prepara para a viagem e o abastece de todas as coisas necessárias. Um “encaminhar” desses era muito importante naquela época, ainda mais que cada viagem era demorada e penosa. Devem **“encaminhá-lo para onde quer que deva viajar”** [tradução do autor]. Agora Paulo ainda não está em condições de dizer para onde deverá seguir a viagem, quando a navegação for reaberta depois do inverno em Corinto. Há muito seu olhar já se voltava para Oeste. Planeja visitar Roma e depois levar a mensagem até a Espanha (Rm 1.8-12; 15.23s). No entanto, igualmente é possível que ele tenha de levar pessoalmente a grande dívida de amor de suas igrejas até Jerusalém e que parta de Corinto para lá. Foi o que de fato aconteceu (At 20.1-3). Agora, porém, Paulo ainda não consegue defini-lo. Afinal, seu plano não está simplesmente em sua mão. Acima dele está o Senhor, de quem é mensageiro obediente. Também pode prometer que permanecerá mais tempo em Corinto unicamente mediante a ressalva **“se o Senhor o permitir”**. Os coríntios cheios do Espírito e seguros de si nunca compreenderam isso. Imaginavam Paulo de acordo com seu próprio modo de ser e consideravam a organização de seus planos de viagem uma arbitrariedade senhorial (2Co 1.17).
- 8,9 Paulo comunicou o itinerário e sua justificativa. Quando, porém, partirá finalmente de Éfeso? Quando é a época aproximada em que os coríntios poderão esperar por ele após atravessar a Macedônia? **“Ficarei, porém, em Éfeso até ao Pentecostes. Porque uma porta grande e oportuna para o trabalho se me abriu; e (há) muitos adversários.”** É provável que Paulo esteja escrevendo a carta no tempo da quaresma (cf. acima, p. 101ss, 1Co 5.6-8). Contudo não consegue se soltar imediatamente de seu grande trabalho em Éfeso (At 19). Por um lado ele ainda tem ali ricas possibilidades de atuação. Para isso ele utiliza a ilustração da “porta aberta”, a qual pode atravessar. Ela é **“grande e oportuna”**. Em Éfeso há a possibilidade de alcançar muitas pessoas. É isso que ele precisa aproveitar. Porém seu engajamento frutífero trouxe à cena **“muitos adversários”**. Precisamos situá-los sobretudo entre os judeus. Paulo não pode nem quer ceder diante deles agora. Nessa conjuntura a jovem igreja ainda precisa muito da presença do apóstolo. Paulo ainda precisa permanecer até a festa do Pentecostes. Esse período já era bastante curto. Vemos vividamente diante de nós como uma pessoa como Paulo vivia sob pressão. Corinto tem necessidade dele, os macedônios esperam por ele, e simultaneamente Éfeso o mantém atarefado com seu trabalho promissor e sua jovem igreja atribulada.
- 10,11 Tanto mais ele se alegra pelo fato de que tem colaboradores que pode enviar numa situação dessas. Ele próprio não tem condições de viajar simplesmente para Corinto. Mas Timóteo já está a caminho e em breve chegará àquela cidade, ainda que somente depois da carta, que os três emissários da igreja levaram por via direta para Corinto. Mas, ao ver diante de si justamente no final da carta todas as mazelas e tensões com que Timóteo terá de lidar em Corinto, Paulo fica preocupado. Por isso não se contenta em anunciar o envio de Timóteo em 1Co 4.17, mas retoma agora o assunto, pedindo à igreja: **“Mas quando chegar Timóteo, vede que ele possa estar convosco sem temor; porque promove a obra do Senhor do mesmo modo como também eu; portanto ninguém o menospreze”** [tradução do autor]. Paulo conta com uma onda de decepções em Corinto. Paulo não vem pessoalmente, mas nos envia apenas o jovem Timóteo? Há, portanto, o perigo de que se receba Timóteo com menosprezo. Por um lado ele era conhecido devido ao trabalho evangelístico fundador de Paulo. Porém naquele tempo, como o mais jovem, fazia parte da equipe também em último lugar (2Co 1.19). Agora lhe competia ordenar a penosa situação em Corinto? Se o próprio Paulo já podia esperar

contrariedade e rebeldia, Timóteo não se depararia ainda mais com resistência? Então permaneceria em Corinto com **“temor”** e teria medo de que sua incumbência fracassaria, ainda mais que parece ter sido por natureza uma pessoa um pouco temerosa e doente (1Tm 5.23; 2Tm 1.6-8; 1Tm 4.12). Os coríntios devem levar em consideração que Timóteo **“promove a obra do Senhor do mesmo modo como também Paulo”**. Não estão lidando com Timóteo em si, mas com o Senhor, que promove a sua causa por meio de seus servos Paulo e Timóteo. Cabe-lhes ouvir a fala e a exortação do Senhor quando Timóteo estiver falando com eles. Nesse sentido Timóteo está em plena posição de igualdade ao lado de Paulo. Como era necessário esse pedido insistente de Paulo justamente numa igreja em que “um se ensoberbece contra o outro” (1Co 4.6) e em que se haviam formado grupos ciumentos em torno de alguns homens! Na seqüência a igreja deve cuidar da viagem de retorno de Timóteo: **“Mas encaminhai-o em paz, para que venha ter comigo.”** Justamente se o envio de Timóteo fosse bem-sucedido a igreja poderia desejar mantê-lo mais tempo junto de si. Mas Paulo o **“espera com os irmãos”**. Timóteo é imprescindível na equipe de trabalho do apóstolo.

- 12 A decepção com Timóteo poderia ser bem maior porque a própria igreja estivera esperando e havia convidado mais outra pessoa: Apolo. Não foi seu próprio grupo que o havia chamado, mas a igreja como tal o havia convidado por meio da delegação, contando para isso com o parecer favorável de Paulo. Depreendemos disso que a formação de partidos em Corinto estava somente no começo, de sorte que ainda era possível uma ação unitária da igreja. Por essa razão a carta de Paulo sempre se dirigia à igreja em si. Ao que parece a igreja também sabia que apesar do ciúme dos adeptos não existiam tensões pessoais entre Paulo e Apolo. Ela espera que Paulo tenha influência sobre Apolo e naturalmente fará uso dessa influência para motivar Apolo a realizar uma visita em Corinto. Apolo estava agora com Paulo em Éfeso, atuado ali em conjunto com ele. Por isso Paulo também podia apontar pessoalmente para sua comunhão com Apolo, colocando-a como exemplo para a igreja (1Co 3.5-7; 4.6). Paradigmático é também agora seu comportamento. Embora conheça o grupo em Corinto que considera muito mais a Apolo do que a ele, não deixou de **“muito recomendar”** a Apolo, **“que fosse ter convosco em companhia dos irmãos”**. Paulo não se preocupava com sua própria reputação. Não tentava temerosamente manter qualquer outra influência distante de Corinto. Corinto não era igreja “sua”, mas “igreja de Deus” (1Co 1.1) com toda a autonomia. Ao que parece, ele pessoalmente também teria considerado correto e bom se Apolo tivesse viajado de imediato “em companhia dos três irmãos” de Corinto para lá. Esperava confiante que também Apolo apoiaria tudo o que Paulo visava alcançar por meio de sua carta, e que sua presença em Corinto poderia ser uma ajuda substancial para consertar a igreja. Desde já a autoridade de Apolo era maior em Corinto do que a de Timóteo.

Porém **“de modo algum era a vontade que viesse agora”**. A vontade de quem não o deixou ir? Do próprio Apolo? É assim que nós, pessoas obstinadas, involuntariamente lemos a frase. Nesse caso, porém, seria expressão de pura teimosia por parte de Apolo. Não é assim que devemos imaginar os homens do primeiro cristianismo! Nesse caso Paulo também teria escrito no lugar de **“a vontade”** claramente “sua vontade”. A palavra absoluta “a vontade” somente pode designar a vontade de um único: a vontade de Deus. Nos diálogos de Paulo com Apolo (e provavelmente também com os irmãos) ficou claro para todos que Deus agora ainda precisava de Apolo em Éfeso e ainda não o queria em Corinto. Ele ainda era mais necessário na conjuntura de Éfeso do que em Corinto. Porém sua vinda não foi definitivamente cancelada com isso: **“Ir, porém, quando se lhe deparar boa oportunidade.”** Também agora a questão não fica dependente da preferência ou da arbitrariedade de Apolo, pois não é dito: “quando lhe convier.” No entanto, é preciso que Deus dê e mostre o momento certo para sua visita em Corinto.

Permanece algo estranho que Paulo não envie uma saudação de Apolo no final da carta, assim como tampouco o citou como co-responsável por sua missiva no cabeçalho da carta. Será, portanto, que de fato há dificuldades entre Apolo e partes da igreja em Corinto? Será que a comunicação acerca de Apolo era uma saudação suficiente? Ou será que Apolo esteve temporariamente ausente de Éfeso quando a carta foi concluída e enviada? Sabemos tão pouco a esse respeito!

## O reconhecimento de colaboradores engajados, 16.13-18

- 13 Sede vigilantes, permaneço firmes na fé, portai-vos varonilmente, fortalecei-vos.  
14 todos os vossos atos sejam feitos com amor.  
15 E agora, irmãos, eu vos peço o seguinte (sabeis que a casa de Estéfanos são as primícias da Acaia e que se consagraram ao serviço dos santos):  
16 que também vos sujeiteis a esses tais, como também a todo aquele que é cooperador e obreiro.  
17 Alegro-me com a vinda de Estéfanos, e de Fortunato, e de Acaico; porque estes supriram o que da vossa parte faltava (ou: a falta de vossa presença).  
18 Porque trouxeram refrigério ao meu espírito e ao vosso. Reconhecei, pois, a homens como estes.

**13,14** Paulo precisa adiar por bastante tempo sua ida a Corinto e também insistiu em vão com Apolo para atender ao convite dos coríntios. Ainda que Timóteo lembrasse a igreja “dos caminhos de Paulo em Cristo” (1Co 4.17), ela mesmo assim teria de solucionar tudo sozinha. Paulo também acredita que ela tem condições para isso. Obviamente precisa ser **“vigilante”**. Precisa desvencilhar-se de sonolência despreocupada ou sonhos especulativos. Encaminha-se a seu grande alvo da ressurreição ou transformação, não sem sofrer ameaças e perigos de dentro e de fora. A despreocupação a levaria a errar esse alvo. O texto de 1Co 4.8 revela a falsa segurança justamente da igreja de Corinto. Precisa “ver que não caia” (1Co 10.12). Contudo pode **“permanecer firme na fé”**. Como tantas vezes, a palavra grega em tem aqui um sentido instrumental. Não apenas devem ficar firmes na defesa de sua fé, mas justamente por meio de sua fé é que conseguem de fato “estar em pé”. Não é por sua própria constância e fidelidade que permanecerão firmes e lúcidos. Mas, quando “crêem”, isso é, quando olham para Jesus com confiança obediente e em qualquer situação, eles **“permanecem firmes”**.

Paulo acrescenta duas exortações: **“sede varonis, sede fortes”**, que parecem remeter ao heroísmo puramente humano, em contraposição ao “permanecer na fé”. No entanto, apesar de sua conotação “grega”, são provenientes do AT. Em 2Sm 10.12 o general Joabe dirige esse duplo estímulo a seu irmão Abisai; e os Sl 27.14; 31.24 o acolhem a seu modo. Justamente aquele que crê não é frouxo, mas **“varonil”**, não fraco, mas **“forte”**. A causa de uma igreja de Jesus não é esquivar-se cautelosamente ou recuar medrosamente, mas desenvolver forte hombridade por meio da fé. Ainda assim não constitui um contraste diante disso o fato de que Paulo acrescenta: **“Tudo entre vós aconteça em amor!”** [tradução do autor]. Porque o verdadeiro “amor” não é debilidade, complacência ou apaziguar e enfeitar com covardia. Com toda a seriedade e empenho ele visa a vida genuína do outro. Por outro lado também toda a hombridade perderia o valor se o amor não governasse “tudo”. O que Paulo deixou cristalinamente claro em 1Co 13 ressoa agora outra vez em sua breve frase. Os coríntios serão uma igreja vigilante, firme, varonil e forte quando permitirem que realmente “tudo” entre eles “aconteça em amor”.

**15,16** Paulo esperou da igreja como um todo que ela “transborde na obra do Senhor”. Essa é uma vocação preciosa. Já não precisa viver a vida árida pela regra “comamos e bebamos, porque amanhã estaremos mortos.” Porém Paulo igualmente sabe que até mesmo numa igreja viva há pessoas que se destacam, que são singularmente **“cooperadores e laboriosos”**. Também aqui, assim como em 1Co 3.7, o “sucesso” é novamente determinante. Cumpre valorizar o empenho e o esforço (cf. 1Co 3.8s). Os demais, que não passam a agir com toda essa determinação como demandam as tarefas, devem **“sujeitar-se”** a eles. Nessa instrução Paulo lembra especialmente de **“Estéfanos”** e sua “casa”. Ela é bem conhecida dos coríntios. **“Sabeis que a casa de Estéfanos são as primícias da Acaia.”** “Acaia” é o nome oficial romano da província do Sul da Grécia. Na realidade Dionísio, membro do Areópago, é o primeiro homem dessa província que “chegou à fé” conforme At 17.34. Porém nem mesmo é certo que Paulo o transformara em membro da igreja pelo batismo, e de qualquer forma sua adesão ao evangelho não trouxe conseqüências visíveis. Por isso Paulo não menciona a ele, mas a Estéfanos como **“primícias da Acaia”**. Paulo batizou pessoalmente a ele e sua casa (1Co 1.16). Estéfanos e sua casa compreenderam que tornar-se cristão não significa apenas a salvação pessoal, mas vocação para o serviço (cf. acima, p. 45). Por isto, os da casa de Estéfanos a si mesmos “se consagraram ao serviço dos santos”. Com quanta facilidade essa disposição para servir é mal-interpretada numa igreja dividida e ciumenta, como se pessoas estivessem tentando impor-se à igreja e ter importância dentro dela! Por isso Paulo **“exorta”** seus irmãos: **“que também vos sujeiteis a esses tais.”**

Nesse ponto também nós vemos, de um modo importante, como uma ordem eclesial autêntica se forma de maneira viva. Estéfanos e os seus não são incumbidos por Paulo de forma autoritária com quaisquer “cargos”. Tampouco foram eleitos ou chamados pela igreja. Não obtêm títulos nem direitos, nem mesmo uma instrução de serviço. Eles próprios **“se consagraram ao serviço”**. Tudo se encontra num movimento livre e vivo. Estéfanos e sua casa viam o que precisava ser feito na igreja e alegremente atacavam o trabalho. Os demais, porém, agora precisam inserir-se e sujeitar-se à ação deles de maneira igualmente voluntária. Nesse exemplo se concretiza o que Paulo disse de modo fundamental em 1Co 12 sobre a igreja como “corpo”. Quando um “membro” possui dons e forças especiais, exercendo por meio deles sua função, ele serve à vida de todo o corpo, tendo assim sua posição no conjunto do corpo. É assim que uma igreja de Jesus deve edificar-se a si mesma na força do Espírito Santo e por meio dos dons de serviço que o Espírito concede. Isso de fato também sempre acontece onde vive a igreja autêntica. O enfático recurso à constituição eclesiástica e ou à lei da igreja constitui uma tentativa de substituir artificialmente a vida perdida ou pelo menos diminuída. A genuína vida no Espírito Santo na realidade funciona também em igrejas e congregações constituídas da forma como vemos diante de nós no presente texto.

**17** Estéfanos se encontrava com Fortunato e Acaico junto de Paulo em Éfeso. A igreja enviou esses três homens até o apóstolo com uma carta (1Co 7.1) e talvez também com perguntas verbais. Como enviados eles talvez não quisessem falar justamente sobre várias mazelas na igreja. Paulo não foi informado por eles acerca das divisões na igreja, mas pelos da casa de Cloe (1Co 1.11). Paulo se alegra com sua **“presença”**, **“porque eles**



**supriram a vossa falta**". A expressão muito sucinta visa dizer que na verdade a igreja toda deveria visitar seu apóstolo, informá-lo e falar com ele. Como gostaria de tê-los todos consigo! Porém, isso de fato é impossível. Agora esses três enviados suprem essa **"falta"**.

- 18 "Porque trouxeram refrigério ao meu espírito e ao vosso."** Novamente chama nossa atenção a linguagem breve e condensada de Paulo. Trouxeram refrigério a "seu espírito". Ouviu deles informações exatas sobre Corinto, com eles conseguiu ventilar todas as suas preocupações com a amada igreja. Que alívio isso significou para ele! Contudo também para os coríntios representou um auxílio interior saber que esses enviados estavam com Paulo e que poderiam esperar pelo esclarecimento total de todas as perguntas. Por isso também devem **"reconhecer"** com gratidão tais homens, que assumiram todo o esforço de uma viagem dessas, todos os sacrifícios de tempo e energias, a fim de prestar esse serviço à sua igreja, bem como a seu apóstolo.

### Saudações finais, 16.19-24

- <sup>19</sup> **As igrejas da Ásia vos saúdam. No Senhor, muito vos saúdam Áqüila e Priscila e, bem assim, a igreja que está na casa deles.**  
<sup>20</sup> **todos os irmãos vos saúdam. Saudai-vos uns aos outros com ósculo santo.**  
<sup>21</sup> **A saudação (escrevo-a eu), Paulo, de próprio punho.**  
<sup>22</sup> **Se alguém não ama o Senhor, seja anátema. Maranata!**  
<sup>23</sup> **A graça do Senhor Jesus (seja) convosco.**  
<sup>24</sup> **O meu amor seja com todos vós, em Cristo Jesus.**

- 19** Como diversas vezes no final de suas cartas Paulo agora também transmite saudações. Saúdam inicialmente **"as igrejas da Ásia"**. O termo "a Ásia" não designa "Ásia" nem sequer a "Ásia Menor" como um todo. A "Ásia" é apenas o nome da província romana na costa oeste da Ásia Menor com suas numerosas cidades prósperas. Para nós é importante descobrir por meio dessa saudação que pelo trabalho de Paulo não apenas surgira uma igreja de Jesus na capital Éfeso, mas que já havia igrejas que podiam saudar de outras cidades. Não são citados nomes. No entanto, devemos ter em mente sobretudo Colossos e Laodiceia, de cuja ligação com Paulo temos conhecimento (Cl 4.15s). Uma saudação singularmente cordial é enviada pelo casal **"Áqüila e Priscila"**. "Prisca", citada aqui como em geral por Paulo com essa forma abreviada de seu nome, ao que parece é muito ativa na igreja, juntamente com o marido. Para Corinto o casal tinha uma importância especial. Ofereceu alojamento e possibilidade de trabalho para Paulo quando chegou à cidade desconhecida (At 18.1-3) e, por isso, a base material para seu serviço. Provavelmente Áqüila e Priscila já eram crentes em Jesus quando vieram de Roma. Se tivessem sido convertidos por intermédio de Paulo o fato certamente não deixaria de ser mencionado. Como agora em Éfeso, eles também devem ter colaborado intensamente na igreja em Corinto. Por isto sentem-se especialmente ligados aos coríntios e saúdam **"muito"**. Contudo, o aspecto caloroso de sua saudação não é simplesmente pessoal. Eles **"saúdam no Senhor"**. Sua ligação com os coríntios está alicerçada "em Jesus", não em simpatias pessoais.

Com eles saúda **"sua igreja caseira"**. No início do cristianismo a "casa" tinha importância. O incipiente cristianismo não possuía "igrejas" ou "centros comunitários". Sem dúvida ela tinha locais especiais de reunião em casas alugadas com grande cômodos ou até numa "escola" (At 18.7; 19.9). Contudo em Jerusalém aconteceu naturalmente que eles "partiam pão de casa em casa" (At 2.46). Do mesmo modo a igreja em Trôade se congregou na celebração de despedida com Paulo no "recinto superior" de uma casa (At 20.7s). Áqüila e Priscila possuíam um empreendimento artesanal de maior porte e devem ser imaginados como pessoas relativamente abastadas. Em vista disso, sua casa oferecia espaço para encontros, e toda uma "igreja caseira" se reunia regularmente em sua casa. Quem aceitou a fé por meio dos dois freqüentava com predileção a casa deles, para obter crescimento na fé e na vida de oração. Tais "igrejas" em diferentes casas não significavam divisões da única igreja de Deus em Corinto. Pelo contrário, nelas essa igreja vivia concretamente na estreita e viva comunhão de muitos de seus membros. No entanto, compreendemos agora, porque Paulo fala de maneira especial em 1Co 14.23 da reunião da "igreja toda no mesmo lugar". Essa não era sempre a forma natural da vida da igreja. As pessoas também se congregavam em **"igrejas caseiras"**.

- 20** Uma igreja doméstica dessas na casa de Áqüila e Priscila envia suas saudações com a carta. Entretanto, saúdam também **"todos os irmãos"**. Devem ser os irmãos que estão em torno de Paulo no grande trabalho em Éfeso. Ao ser ditada a carta, devem ter ouvido diversas coisas. Em todos os casos estavam envolvidos igualmente pela situação de uma igreja grega tão importante como a de Corinto. Por isso também saúdam, mostrando assim simultaneamente aos coríntios que essa carta não vem de uma pessoa isolada e as opiniões apenas desta, mas de toda uma irmandade que apóia o que Paulo escreve. A esse respeito, cf. também Gl 1.2.

A igreja, porém, tem a receber não apenas saudações de fora. Eles têm o privilégio de também **“saudar-se uns aos outros com ósculo santo”**. A carta na verdade será lida numa reunião da igreja. Todos a ouviram. Diz respeito a todos eles. Agora podem reforçar sua comunhão uns com os outros em Cristo apesar de todas as aflições e tensões, dando-se mutuamente o beijo fraterno. É um beijo **“santo”** porque expressa uma coesão que se fundamenta unicamente no santo Senhor e seu santo amor. O beijo entre homens não era tão incomum no mundo antigo como entre nós (cf. [Lc 7.45](#)). Diferentemente de um mero costume de saudação, porém, o beijo na igreja de Jesus deve ser “santo”, preenchido a partir do amor do Senhor, e selo para a unidade dos membros no corpo do Cristo.

**21** Até aqui Paulo ditou a carta. Não devemos imaginar Paulo sentado à mesa e escrevendo. Sem dúvida Paulo sabia escrever, porém na Antigüidade a redação de cartas mais longas era tarefa de “escrivães” especiais. Por isso também nesse caso um membro da igreja versado em escrever assumiu o grande trabalho de desenhar letra por letra da longa carta de acordo com o ditado do apóstolo. Na seqüência, porém, Paulo acrescenta de próprio punho suas saudações pessoais. **“A saudação, com minha, de Paulo, mão.”** Isso autentica a carta como legítima (cf. [2Ts 3.17s](#)). No entanto, certamente foi uma necessidade interior do apóstolo, dar essa forma às suas “saudações”, à sua ligação com a igreja.

**22** Obviamente é uma palavra muito séria e dura que ele acrescenta agora pessoalmente ao final da carta. **“Se alguém não ama o Senhor, seja maldito.”** Paulo não amaldiçoa o mundo, não aqueles que nem sequer conhecem a Jesus. Mas quando pessoas são cristãs, quando até desempenham um papel na igreja, quando possuem dons notáveis do Espírito e apesar disso não se apegam ao Senhor com o grato amor de pessoas salvas, então são alvo do “anátema”, pela maldição.

Essa frase possui enorme importância para nós. Com quanta facilidade nos preocupamos com a “fé”! Desde que alguém observe a fé correta, profira com os outros a confissão de fé e defenda a reta doutrina, então está tudo bem. Imediatamente “amar” o Senhor torna-se algo suspeito de “sentimentalismo”. Porém, justamente quando profere um último “anátema”, Paulo não fala de crer, e sim de “amar”. Não deixa de levar a sério o capítulo [13](#) da carta como centro de tudo o que ele tem a dizer. Por exemplo, na hora decisiva o próprio Senhor não examinou Pedro para ver se ele também tinha a concepção certa a respeito dele e cria corretamente nele. Também ali a única pergunta foi: “Simão, filho de João, tu me amas?” ([Jo 21.17](#)). Essa é a principal das demandas de seu serviço. Por isto, também nós somos confrontados assim, e com dupla gravidade, quando ocupamos um “cargo” da igreja.

O “anátema”, porém, (“ele seja maldito”) não é um impulso sentimental no coração do apóstolo. É a ruptura da comunhão e a exclusão real da igreja ([1Co 5.3-5](#)). Agora é que a frase toda de fato se torna significativa para nós e uma crítica vexatória à história da igreja. Com freqüência a igreja proferiu o “anátema”, de forma não menos freqüente nas igrejas territoriais evangélicas do que na igreja de Roma. Muitas pessoas foram pressionadas a sair das igrejas. Será que sofreram isso porque amavam o Senhor? Será que o anátema era justificado com esse argumento? Não, nem sequer se perguntou por isso! Sempre esteve em jogo aquilo de que Paulo justamente não está falando, questões de “doutrina”. Está na hora de retirarmos a sucinta frase de Paulo de seu esconderijo no final, raramente lido, da carta e a engrandecermos em todas as nossas igrejas e comunidades eclesiais: **“Se alguém não ama o Senhor, seja anátema.”**

Paulo acrescenta uma exclamação que nessa forma original aramaica também era do conhecimento das igrejas gregas, assim como o *Talita kumi* ou o *ephata*. A exclamação poder ser entendida ou como *Maran atha* (“nosso Senhor veio”) ou como *Marana tha* (“Vem, nosso Senhor!”). Também no primeiro caso ela possui um bom sentido no atual contexto. “Nosso Senhor veio”; por isso ele é uma realidade inevitável. Cada pessoa precisa posicionar-se diante dele, precisa amá-lo ou há de desprezá-lo. Quem, porém, despreza esse Senhor que já veio está sob a maldição que o próprio Deus determinou e que Paulo apenas expressa. Mais provável, porém, é a outra interpretação: **“Marana tha”** (“Vem, nosso Senhor!”). A mensagem de que Jesus veio não precisava ser dita em aramaico numa igreja grega. Ao contrário, é bem provável que uma exclamação de oração aramaica do primeiro cristianismo, que ecoava repetidamente nos encontros dessa igreja, tenha encontrado seu caminho também até Corinto. A igreja grega dessa cidade também devia aderir à primeira igreja no ardente chamado pela vinda do Senhor, que aniquilará todos os poderes da destruição e morte e criará o novo mundo da verdadeira vida.

**23** A carta é finalizada por uma última asserção e certificação: **“A graça do Senhor Jesus convosco!”** Não se deverá acrescentar, nem aqui nem no próximo versículo, um “seja”. Não se trata de um desejo incerto, mas de um anúncio claro. A graça do Senhor Jesus está com a igreja. Poderíamos acrescentar o que o Paulo ouviu pessoalmente ([2Co 12.9](#)) de Jesus: “A minha graça te basta!” De que mais necessita uma igreja? Se tiver essa graça e viver dela, então tudo já estará bem.

**24** Pelo fato de Paulo estar ciente disso, de que a graça de Jesus está ininterrupta e inalteravelmente com a igreja em Corinto, ele também pode assegurar à igreja, depois de tudo que escreveu e teve de escrever: **“Meu amor com todos vós em Cristo Jesus.”** Isso acontece apenas em Cristo Jesus. Nosso amor não tem essa força incondicional dentro de si. Porém em Cristo Jesus, agora todos em Corinto, podem saber, até mesmo aqueles

que Paulo teve de criticar dura e seriamente, e também aqueles que por sua vez se opõem criticamente a Paulo, que estão e permanecem no amor de seu apóstolo. Esse amor ainda terá de passar por duras provas. Contudo em Cristo Jesus ele é aquele amor a respeito do qual o próprio Paulo testemunhou: “Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta” (1Co 13.7). Leremos toda a carta corretamente se a lermos a partir dessa frase final como uma luta pela igreja por meio desse amor.

## INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

Quem visa conhecer os comentários científicos sobre 1Coríntios encontrará os dados necessários em:

H. Lietzmann. 1/2 Korintherbrief. **Handbuch zum NT**, vol. 9, 1933 3ª ed., complementado por W. G. Kümmel 1949. Essa obra também propicia ao que domina o idioma grego uma abundância de materiais lingüísticos e históricos sobre a carta.

Na série de Comentários de Zahn 1Coríntios foi interpretada por P. Bachmann, Leipzig, 1909, 2ª ed. (reedição em 1936). A obra é uma exegese bem-fundamentada, cuja leitura ainda hoje vale a pena.

A. Schlatter, “*Paulus, der Bote Jesu*” [Paulo, o mensageiro de Jesus], Stuttgart 1962, 3ª ed., também proporcionará grande proveito ao “leigo”, apesar das freqüentes citações de termos gregos.

Aos que procuram uma explicação sucinta, a fim de conhecer e compreender inicialmente a carta como um todo, indicamos a explicação de D. E. Stange em “*Bibelhilfe für die Gemeinde*” [Auxílios bíblicos para a igreja] (Evangelische Verlagsanstalt, Berlim).

Na conhecida série “Das Neue Testament Deutsch” H. D. Wendland traduziu e comentou 1Coríntios no vol. 9.

As conhecidas e muito apreciadas “*Erläuterungen zum Neuen Testament*” [Explicações sobre o Novo Testamento] de

A. Schlatter tratam das cartas aos Coríntios no vol. 6.

1

---

<sup>1</sup>Boor, W. d. (2004; 2008). *Comentário Esperança, Primeira Carta de Paulo aos Coríntios; Comentário Esperança, 1 Coríntios* (2). Editora Evangélica Esperança; Curitiba.